Orígenes

Os Princípios

VALDEMAR TEODORO EDITOR
Niterói - Rio de Janeiro - Brasil

Orígenes

Os Princípios

Tradução: Souza Campos, E. L. de

VALDEMAR TEODORO EDITOR
Niterói - Rio de Janeiro - Brasil

2026

Créditos

De Ante-Nicene Fathers. Vol. 4. Editado por Alexander Roberts, James Donaldson e A. Cleveland Coxe. (Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co., 1885).
Traduzido por Frederick Crombie.

Tradução, edição e notas suplementares: Souza Campos, E. L. de
© 2026 Valdemar Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.
Toda cópia e divulgação são permitidas, desde que citada a fonte.

Os Princípios

Orígenes

Prefácio

Abordagens dos temas a serem tratados

01

Todos os que creem e têm a certeza de que a graça e a verdade foram obtidas por meio de Jesus Cristo e que sabem que Cristo é a Verdade, de acordo com a Sua própria declaração: *Eu sou a verdade*[1], obtêm o conhecimento que incita as pessoas a uma vida boa e feliz, de nenhuma outra fonte senão das próprias palavras e ensinamentos de Cristo.

E, pelas palavras de Cristo, não nos referimos apenas àquelas que Ele proferiu quando se fez humano e habitou na carne entre nós, pois, antes disto, Cristo, o Verbo de Deus, estava em Moisés e nos Profetas, pois, sem o Verbo de Deus, como eles poderiam ter sido capazes de profetizar sobre Cristo?

---

[1] João 14: 6.

E, se não fosse nosso propósito confinar o presente tratado aos limites da brevidade possível, não seria difícil demonstrar, como prova desta afirmação, a partir das Sagradas Escrituras, como Moisés e os Profetas falaram e realizaram tudo o que fizeram por estarem cheios do Espírito de Cristo.

Portanto, creio ser suficiente citar este testemunho de Paulo na Epístola aos Hebreus, no qual ele diz: *Pela fé, Moisés, quando já era adulto, recusou ser chamado filho da filha do faraó, preferindo ser maltratado com o povo de Deus a desfrutar dos prazeres passageiros do pecado. Considerou a humilhação por amor a Cristo como riqueza maior do que os tesouros dos egípcios*[2].

Ademais, depois de ascender aos céus, Cristo falou por meio dos Apóstolos e Paulo demonstra isto nestas palavras: *Vocês procuram alguma prova de que Cristo fala por meu intermédio?*[3]

[2] Hebreus 11: 24-26.
[3] 2 Coríntios 13: 3.

A regra de fé e a doutrina da Igreja

02.

Visto que muitos daqueles que professam crer em Cristo divergem entre eles, não apenas em questões pequenas e triviais, mas também em assuntos da mais alta importância, como, por exemplo, a respeito de Deus, do Senhor Jesus Cristo ou do Espírito Santo e não apenas a respeito destes, mas também a respeito de outras existências criadas, a saber, as Potestades e as santas Virtudes, parece, por esta razão, necessário, antes de tudo, fixar um limite definido e estabelecer uma regra inequívoca a respeito de cada um destes pontos e então passar à investigação de outros pontos, pois, assim como deixamos de buscar a verdade (apesar das declarações de muitos entre gregos e bárbaros de torná-la conhecida) entre todos os que a reivindicavam como opiniões errôneas, depois que passamos a crer que Cristo era o Filho de Deus e nos convencemos de que devíamos aprendê-la d'Ele, assim também, visto que há muitos que pensam que compartilham as opiniões de Cristo e, ainda assim, alguns destes pensam diferente de seus predecessores, embora o ensinamento da Igreja, transmitido em sucessão ordenada desde os Apóstolos e que permanece nas

Igrejas até os dias de hoje e ainda se conserva, somente ele deve ser aceito como verdade, pois não difere em nada da tradição eclesiástica e apostólica.

O que é necessário crer e o que é necessário acreditar

03.

Ora, é preciso saber que os santos Apóstolos, ao pregarem a fé em Cristo, se expressaram com a máxima clareza sobre certos pontos que consideravam necessários a todos, mesmo àqueles que pareciam um tanto lentos na investigação do conhecimento divino, deixando, porém, os fundamentos de suas afirmações para serem examinados por aqueles que merecessem os excelentes dons do Espírito e que, especialmente por meio do próprio Espírito Santo, obtivessem o dom da linguagem, da sabedoria e do conhecimento, enquanto que, sobre outros assuntos, se limitavam a declarar o fato de que as coisas eram assim, mantendo silêncio quanto à maneira ou origem de sua existência, claramente para que os mais zelosos de seus sucessores, que seriam amantes da sabedoria, tivessem um tema de exercício no qual demonstrar o fruto de seus talentos. Essas pes-

soas, quero dizer, que se preparassem para serem receptoras aptas e dignas da sabedoria.

Os pontos essenciais da fé sobre Deus Pai, Cristo e o Espírito Santo

04.

Os pontos específicos claramente transmitidos nos ensinamentos dos Apóstolos são os seguintes:

Em primeiro lugar, que há um só Deus, que criou e organizou todas as coisas e que, quando nada existia, chamou todas as coisas à existência. Deus desde a primeira criação e fundação do mundo, o Deus de todos os justos —de Adão, Abel, Sete, Enós, Enoque, Noé, Sem, Abraão, Isaac, Jacó, os doze Patriarcas, Moisés e os Profetas — e que este Deus, nos últimos dias, como havia anunciado previamente por meio de seus Profetas, enviou nosso Senhor Jesus Cristo para chamar, em primeiro lugar, Israel a si mesmo e, em segundo lugar, os gentios, após a infidelidade do povo de Israel. Este Deus justo e bom, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, deu a Lei, os Profetas e o Evangelho, sendo também o Deus dos Apóstolos e do Antigo e Novo Testamentos.

Em segundo lugar, que o próprio Jesus Cristo, que veio ao mundo, nasceu do Pai antes de todas as criaturas;

que, depois de ter sido servo do Pai na criação de todas as coisas — pois, por Ele, *tudo foi feito*[4] — Ele, nos últimos tempos, se esvaziando de Sua glória, se tornou humano e se encarnou, embora Deus e, enquanto feito humano, permaneceu o Deus que era; que assumiu um corpo semelhante ao nosso, diferindo apenas neste aspecto: nasceu de uma Virgem e do Espírito Santo; que este Jesus Cristo nasceu verdadeiramente, verdadeiramente sofreu e não suportou a morte comum ao ser humano apenas na aparência, mas verdadeiramente morreu, verdadeiramente ressuscitou dos mortos e, após a sua ressurreição, conversou com os seus discípulos e foi elevado ao céu.

Em terceiro lugar, os Apóstolos relataram que o Espírito Santo estava associado, em honra e dignidade, ao Pai e ao Filho. Mas, no caso dele, não se distingue claramente se ele deve ser considerado nascido ou inato ou também como Filho de Deus ou não, pois estes são pontos que precisam ser investigados a partir das Sagradas Escrituras, de acordo com a nossa capacidade e que exigem uma análise cuidadosa. E que esse Espírito inspirou cada um dos santos, sejam Profetas ou Apóstolos e que não havia um Espírito nas pes-

[4] João 1: 3.

soas da antiga aliança e outro naquelas que foram inspiradas na vinda de Cristo, isto é ensinado com muita clareza em todas as Igrejas.

A alma e sua liberdade

05.

Além destes pontos, o ensinamento apostólico é que a alma, tendo substância e vida próprias, após sua partida do mundo, será recompensada de acordo com seus méritos, estando destinada a obter uma herança de vida eterna e bem-aventurada, se suas ações a tiverem alcançado ou a ser entregue ao fogo e castigos eternos, se a culpa de seus crimes a tiver levado a isto e também que haverá um tempo de ressurreição dentre os mortos, quando este corpo, que agora *é semeado em corrupção, ressuscitará em incorrupção* e aquele que *é semeado em desonra ressuscitará em glória*[5].

Isto também é claramente definido no ensinamento da Igreja: que toda alma racional possui livre-arbítrio e vontade; que ela trava uma luta contra o demônio e seus anjos e influências opostas, porque estes se esforçam para sobrecarregá-la com pecados, mas que, se vivermos reta e sabia-

mente, devemos nos empenhar para nos libertar de tal fardo.

Daí se depreende também que entendemos que não estamos sujeitos à necessidade, de modo a sermos compelidos por todos os meios, mesmo contra a nossa vontade, para fazer o bem ou o mal, pois, se somos nossos próprios senhores, algumas influências podem nos impelir ao pecado e outras nos ajudarem à salvação.

Não somos forçados, porém, por nenhuma necessidade a agir corretamente ou incorretamente, como pensam aqueles que dizem que os cursos e movimentos das estrelas são a causa das ações humanas, não apenas daquelas que ocorrem além da influência do livre-arbítrio, mas também daquelas que estão ao nosso alcance.

Mas, com relação à alma, se ela deriva da semente por um processo de transdução, de modo que sua razão ou substância possa ser considerada como situada nas próprias partículas seminais do corpo ou se tem outro início e esse início, em si, seja por nascimento ou não, seja concedido ao corpo de fora ou não, não é distinguido com suficiente clareza no ensinamento da Igreja.

[5] 1 Coríntios 15: 42 e 43.

O Diabo e seus anjos

06.

Quanto ao demônio e seus anjos e às influências opostas, o ensinamento da Igreja estabeleceu que esses seres de fato existem, mas o que eles são ou como existem, não foi explicado com clareza suficiente. No entanto, a opinião mais difundida é a de que o demônio era um anjo e que, tendo se tornado um apóstata, ele levou o maior número possível de anjos a se rebelarem com ele e estes, até os dias de hoje, são chamados de seus anjos.

A criação do nada no tempo

07.

Isto também faz parte do ensinamento da Igreja: que o mundo foi criado e teve seu início em um determinado momento e será destruído por causa de sua maldade. Mas o que existia antes deste mundo ou o que existirá depois dele, não se tornou conhecido com certeza por muitos, pois não há nenhuma declaração clara a respeito disto no ensinamento da Igreja.

As Escrituras inspiradas divinamente

08.

Finalmente, as Escrituras foram escritas pelo Espírito de Deus e possuem um significado, não apenas aquele que é aparente à primeira vista, mas também outro que escapa à percepção da maioria, pois as palavras escritas são expressões de certos mistérios e imagens de coisas divinas.

A respeito disto, há uma única opinião em toda a Igreja: que toda a Lei é, de fato, espiritual, mas que o significado espiritual que a Lei transmite não é conhecido por todos, mas apenas por aqueles a quem a graça do Espírito Santo é concedida na palavra de sabedoria e conhecimento.

O termo *ἀσώματον* (*asómaton*), isto é, “incorpóreo”, está em desuso e é desconhecido, não apenas em muitos outros escritos, mas também em nossas próprias Escrituras. E se alguém o citasse do pequeno tratado intitulado **A Doutrina de Pedro**, no qual o Salvador parece dizer aos seus discípulos: “Eu não sou um demônio incorpóreo”, eu teria que responder, em primeiro lugar, que esta obra não está incluída entre os livros eclesiásticos, pois podemos demonstrar que ela não foi composta nem por Pedro nem por qualquer outra pessoa inspirada pelo Espírito de Deus.

Mas, mesmo que este ponto fosse admitido, a palavra *ἀσώματον* (*asómaton*) ali não transmite o mesmo significado que é pretendido pelos autores gregos e gentios quando a natureza incorpórea é discutida pelos filósofos, pois, no pequeno tratado mencionado, foi usada a expressão “espírito incorpóreo” para denotar que aquela forma ou contorno do corpo espiritual, seja qual for, não se assemelha a este nosso corpo grosseiro e visível, mas, de acordo com a intenção do autor do tratado, se deve entender que significa que ele não tinha um corpo como este.

Os espíritos têm um corpo naturalmente fino e delicado, como se fosse feito de ar e, por esta razão, ele é considerado ou chamado por muitos de “incorpóreo”, mas ele tinha um corpo sólido e palpável.

Ora, segundo o costume humano, tudo o que não é desta natureza é chamado de incorpóreo pelos simples ou ignorantes, como se alguém dissesse que o ar que respiramos é incorpóreo porque não é um corpo de uma natureza tal que possa ser agarrado e segurado ou que possa oferecer resistência à pressão.

O tema da incorporeidade de Deus

09.

Investigaremos, porém, se aquilo que os filósofos gregos chamam de *ἀσώματον* (*asómaton*) ou "incorpóreo", é encontrado nas Sagradas Escrituras sob outro nome, pois também será objeto de investigação como o próprio Deus deve ser compreendido — se como corpóreo e formado segundo alguma forma ou de natureza diferente dos corpos — um ponto que não está claramente indicado em nosso ensinamento. E as mesmas investigações devem ser feitas a respeito de Cristo e do Espírito Santo, bem como a respeito de toda alma e de tudo o que possui natureza racional.

Os anjos, ministros de Deus para a salvação humana

10.

Também faz parte, do ensinamento da Igreja, que existem certos anjos de Deus e certas influências benéficas que são seus servos na realização da salvação humana. Quando estes, porém, foram criados ou de que natureza são ou como existem, não é claramente declarado. Quanto ao sol, à lua e às estrelas, se são seres vivos ou não, não há uma afirmação clara.

Portanto, todos devem utilizar elementos e fundamentos dessa natureza, segundo o preceito: *Iluminai-vos com a luz do conhecimento*[6], se desejarem formar uma série coerente e um corpo de verdades de acordo com a razão de todas essas coisas, para que, por meio de afirmações claras e necessárias, possam averiguar a verdade a respeito de cada tópico individual e formar, como dissemos, um corpo de doutrina, por meio de ilustrações e argumentos, sejam aqueles que descobriram nas Sagradas Escrituras, seja aqueles que deduziram analisando cuidadosamente as consequências e seguindo um método correto.

---

[6] Oséias 10: 12. Orígenes de Alexandria (185-253) utilizava a Septuaginta. A Vulgata seria preparada por São Jerônimo (347-420) algum tempo depois.

Livro 1

Capítulo 1. Sobre Deus.

Deus não tem corpo em nenhum sentido

01.

Sei que alguns tentarão dizer que, mesmo segundo as declarações das nossas próprias Escrituras, Deus é um corpo, porque nos escritos de Moisés encontram a afirmação de que *o nosso Deus é um fogo consumidor*[7] e no Evangelho de João, que *Deus é Espírito e os que o adoram devem adorá-lo em espírito e em verdade*[8].

Fogo e espírito, segundo eles, não devem ser considerados nada além de um corpo. Ora, gostaria de perguntar a essas pessoas o que elas têm a dizer a respeito da passagem onde se declara que *Deus é luz*, como João escreve na sua Epístola: *Deus é luz e n'Ele não há trevas nenhumas*[9]. Verdadeiramente, Ele é a *luz* que ilumina todo o entendimento daqueles que são capazes de receber a verdade, como se diz

[7] Deuteronômio 4: 24.
[8] João 4: 24.
[9] 1 João 1: 5.

no Salmo trinta e cinco: *Na tua luz veremos a luz*[10]. Pois que outra coisa de Deus pode ser dito que alguém vê a *luz*, senão a virtude de Deus, pela qual o ser humano, sendo iluminado, ou vê completamente a verdade de todas as coisas, ou chega a ela; conhecer o próprio Deus, que é chamado de Verdade?

Tal é o significado da frase: *Na tua luz veremos a luz*, isto é, na tua Palavra e Sabedoria, que é o teu Filho e n'Ele mesmo veremos a Ti, o Pai.

Por ser chamado de *luz*, se deve supor que Ele tenha alguma semelhança com a luz do sol? Ou como poderia haver o menor fundamento para imaginar que, a partir dessa luz corpórea, alguém pudesse derivar a causa do conhecimento e chegar à compreensão da verdade?

Deus é fogo consumidor no sentido moral e espiritual

02.

Se, então, eles concordarem com nossa afirmação, que a própria razão demonstrou, a respeito da natureza da luz e reconhecerem que Deus não pode ser compreendido como

[10] Salmo 035: 010.

um corpo no sentido em que a luz o é, raciocínio semelhante se aplicará à frase: *um fogo consumidor*, pois, o que Deus consumirá, sendo Ele *fogo*? Deve-se pensar que Ele consome substância material, como madeira, feno ou palha? E o que, nesta perspectiva, pode ser considerado digno da glória de Deus, se Ele for *um fogo* que consome materiais deste tipo?

Mas, reflitamos que Deus de fato consome e destrói completamente; que Ele consome malignos pensamentos, ações perversas e desejos pecaminosos quando estes encontram seu caminho para as mentes dos crentes e que, habitando com Seu Filho aquelas almas que se tornam capazes de receber Sua Palavra e Sabedoria, segundo Sua própria declaração: *Eu e o Pai viremos e faremos morada nele*[11], Ele as torna, depois que todos os seus vícios e paixões forem consumidos, santas, um templo, digno dele mesmo.

Além disto, àqueles que, por causa da frase: *Deus é Espírito*, pensam que Ele é um corpo, devem ser respondidos, creio eu, da seguinte maneira. É costume das Sagradas Escrituras, quando desejam designar algo oposto a este corpo grosseiro e sólido, chamá-lo de espírito, como na fra-

[11] João 14: 23.

se: *A letra mata, mas o espírito vivifica*[12], onde não pode haver dúvida de que por *letra* se entendem coisas corporais e por *espírito* coisas intelectuais, que também chamamos de espirituais.

O Apóstolo, além disto, disse: *Até hoje, quando se lê Moisés, o véu está sobre o coração deles, mas, quando se converterem ao Senhor, o véu será retirado e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade*[13], pois, enquanto alguém não se converter a um entendimento espiritual, um *véu* é colocado sobre o seu coração, com o qual, isto é, um entendimento grosseiro, se diz ou se pensa que a própria Escritura está coberta e este é o significado da afirmação de que um *véu* foi colocado sobre o rosto de Moisés, quando falava ao povo, isto é, quando a Lei era lida publicamente em voz alta.

Mas, se nos voltarmos para o Senhor, onde também está a Palavra de Deus e onde o Espírito Santo revela o conhecimento espiritual, então o *véu* é retirado e, com o rosto descoberto, contemplaremos a glória do Senhor nas Sagradas Escrituras.

[12] 2 Coríntios 3: 6.
[13] 2 Coríntios 3: 15-17.

O Espírito Santo não é um corpo

03.

E, visto que muitos santos participam do Espírito Santo, Ele não pode, portanto, ser entendido como um corpo que, dividido em partes corpóreas, é compartilhado por cada um dos santos, mas Ele é manifestamente um poder santificador, do qual, todos que mereceram ser santificados por Sua graça participam.

E, para que o que dizemos seja mais facilmente compreendido, tomemos uma ilustração com algo muito diferente. Há muitas pessoas que participam da ciência ou arte da medicina; devemos, portanto, supor que aqueles que o fazem tomam para si as partículas de algum corpo chamado medicina, que lhes é apresentado e, desta forma, participam dele? Ou não devemos entender, invés disto, que todos aqueles que, com mentes ágeis e treinadas, chegam a compreender a própria arte e disciplina, podem ser considerados participantes da arte de curar?

Mas estes exemplos não devem ser considerados totalmente paralelos numa comparação entre a medicina e o Espírito Santo, pois foram apresentados apenas para demonstrar que este não deve, necessariamente, ser conside-

rado um corpo, cuja participação é compartilhada por muitos indivíduos. O Espírito Santo difere amplamente do método ou ciência da medicina, visto que o Espírito Santo é uma existência intelectual e subsiste e existe de uma maneira peculiar, enquanto que a medicina não é de natureza semelhante.

Deus é espírito

04.

Mas devemos passar à linguagem do próprio Evangelho, no qual se declara que *Deus é Espírito* e onde temos que mostrar como isto deve ser entendido de acordo com o que afirmamos, pois vamos investigar em que ocasião estas palavras foram proferidas pelo Salvador, diante de quem Ele as proferiu e qual era o assunto da investigação.

Descobrimos, sem dúvida alguma, que Ele falou estas palavras à mulher samaritana, que pensava, de acordo com a visão samaritana, que Deus deveria ser adorado no Monte Gerizim, pois a samaritana, acreditando que o Senhor fosse judeu, estava lhe perguntando se Deus deveria ser adorado em Jerusalém ou neste monte e suas palavras foram: *Todos*

os nossos pais adoraram neste monte e você diz que em Jerusalém é o lugar onde devemos adorar[14].

A esta opinião da samaritana, portanto, recai a ideia de que Deus era menos corretamente ou devidamente adorado, de acordo com os privilégios das diferentes localidades, seja por judeus em Jerusalém ou samaritanos no monte Gerizim, o Salvador respondeu que aquele que quisesse seguir o Senhor deveria deixar de lado qualquer preferência por lugares específicos e assim se expressou: *A hora está chegando em que, nem em Jerusalém nem neste monte, os verdadeiros adoradores adorarão o Pai. Deus é Espírito, e é necessário que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade*[15].

E observem como logicamente Ele uniu o *espírito* e a *verdade*: chamou Deus de *Espírito*, para distingui-lo dos corpos e o chamou de *Verdade*, para distingui-lo de uma sombra ou imagem, pois aqueles que adoravam em Jerusalém não adoravam a Deus nem *em verdade* nem *em espírito*, estando sujeitos à sombra ou imagem das coisas celesti-

[14] João 4: 20.
[15] João 4: 23-24.

ais e o mesmo acontecia com aqueles que adoravam no monte Gerizim.

Deus é incompreensível e incomensurável

05.

Tendo refutado, então, da melhor maneira possível, toda noção que pudesse sugerir que devêssemos pensar em Deus como algo corpóreo, passamos a dizer que, segundo a estrita verdade, Deus é incompreensível e incapaz de ser medido, pois, qualquer que seja o conhecimento que sejamos capazes de obter de Deus, seja pela percepção ou pela reflexão, devemos, necessariamente, crer que Ele é, em muitos graus, muito superior ao que percebemos, pois, como se víssemos alguém incapaz de suportar uma faísca de luz ou a chama de uma lâmpada muito pequena e desejássemos apresentar a essa pessoa, cuja visão não pudesse admitir um grau de luz maior do que o que mencionamos, o brilho e o esplendor do sol, não seria necessário lhe dizer que o esplendor do sol é indizivelmente e incalculavelmente melhor e mais glorioso do que toda essa luz que ela vê?

Assim, nosso intelecto, quando aprisionado pelos grilhões da carne e do sangue e tornado, por conta de sua par-

ticipação em tais substâncias materiais, mais obtuso e embotado, embora, em comparação com nossa natureza corpórea, seja considerado muito superior, ainda assim, em seus esforços para examinar e contemplar coisas incorpóreas, mal se compara a uma faísca ou lâmpada.

Mas, dentre todos os seres inteligentes, isto é, incorpóreos, o que é tão superior a todos os outros — tão indizivelmente e incalculavelmente superior — quanto Deus, cuja natureza não pode ser compreendida ou vista pelo poder de qualquer intelecto humano, mesmo o mais puro e brilhante?

Deus é homogêneo e indivisível

06.

Mas não parecerá absurdo se empregarmos outra analogia para tornar a questão mais clara.

Nossos olhos frequentemente não conseguem contemplar a natureza da luz em si, isto é, a substância do sol, mas quando contemplamos seu esplendor ou seus raios entrando, talvez, por janelas ou pequenas aberturas que admitem a luz, podemos refletir quão grande é a fonte e o suprimento de luz do corpo.

Assim, de maneira semelhante, as obras da Divina Providência e o plano de todo este mundo são como raios, por assim dizer, da natureza de Deus, em comparação com Sua verdadeira substância e ser. Portanto, como nosso intelecto é incapaz, por si só, de contemplar o próprio Deus como Ele é, ele conhece o Pai do Mundo pela beleza de Suas obras e pela formosura de Suas criaturas.

Deus, portanto, não deve ser pensado como sendo um corpo ou existindo em um corpo, mas como uma natureza intelectual não composta, que não admite em Si mesmo qualquer acréscimo de qualquer tipo, de modo que não se pode crer que Ele possua, nele mesmo, uma parte maior e uma menor, mas Ele é de uma maneira tal, que é, em todas as partes, *Μονάς* (*Monas*) "mônada" e, por assim dizer, *Ενάς* (*Enás*) "hénade"; a mente e a fonte da qual toda a natureza intelectual ou mente tem seu início.

Mas a mente, para seus movimentos ou operações, não precisa de espaço físico, nem de magnitude sensível, nem de forma corpórea, nem de cor, nem de quaisquer outros destes atributos que são propriedades do corpo ou da matéria. Portanto, essa natureza simples e inteiramente intelectual não pode admitir atraso ou hesitação em seus movimentos ou operações, para que a simplicidade da natu-

reza divina não pareça ser circunscrita ou, de alguma forma, prejudicada por tais atributos e para que aquilo que é o princípio de todas as coisas não se revele composto e diverso e aquilo que deveria estar livre de toda mistura corpórea, em virtude de ser a única espécie da Divindade, por assim dizer, não se revele, invés de uno, composto de muitas coisas.

Além disto, a observação da nossa própria mente demonstra que ela não necessita de espaço para realizar seus movimentos de acordo com sua natureza, pois, se a mente permanece dentro de seus próprios limites e não sofre nenhum dano de qualquer outra coisa, ela permanece dentro de seus próprios limites, pois, por conta da diversidade de situações, ela jamais será prejudicada no desempenho de suas funções e nem, por outro lado, ganha qualquer acréscimo ou aumento de mobilidade pela natureza de lugares específicos.

E aqui, se alguém objetasse, por exemplo, que entre aqueles que estão no mar, sacudidos por suas ondas, a mente é consideravelmente menos vigorosa do que costuma ser em terra, devemos acreditar que ela se encontra nesse estado não pela diversidade de situações, mas pela comoção ou perturbação do corpo ao qual a mente está ligada, pois pa-

rece ser contrário à natureza, por assim dizer, que um corpo humano viva no mar e, por esta razão, parece, por uma espécie de desigualdade própria, iniciar suas operações mentais de maneira desleixada e irregular e executar os atos do intelecto com um sentido mais embotado, em tanto grau quanto aqueles que em terra estão prostrados pela febre.

Com relação a quem é certo de que, se a mente não desempenha suas funções tão bem quanto antes, em consequência do ataque de uma doença, a culpa não deve ser atribuída ao local, mas à enfermidade física, pela qual o corpo, estando perturbado e desordenado, presta à mente seus serviços habituais sob condições que não são de modo algum as conhecidas e naturais, pois nós os seres humanos somos animais compostos pela união de corpo e alma e somente desta maneira foi possível vivermos na Terra.

Mas Deus, que é o princípio de todas as coisas, não deve ser considerado um ser composto, para que não se descubram elementos anteriores ao próprio princípio, dos quais tudo é composto, seja lá o que for que se chame de composto.

A mente também não requer tamanho corpórea para realizar qualquer ato ou movimento, assim como o olho se dilata ao contemplar corpos maiores, mas se comprime e se

contrai para ver objetos menores. A mente, na verdade, requer tamanho de natureza intelectual, porque não cresce como o corpo, mas como a inteligência, pois a mente não se expande, juntamente com o corpo, por meio de acréscimos corporais, até os vinte ou trinta anos de idade, mas o intelecto é aguçado por exercícios de aprendizado e as faculdades implantadas nele para fins intelectuais são despertadas e ela se torna capaz de maiores esforços intelectuais, não sendo aumentada por acréscimos corporais, mas cuidadosamente aprimorada por exercícios aprendidos. Mas ela não pode receber isto imediatamente na infância ou no nascimento, porque a estrutura dos membros que a mente emprega como órgãos para se exercitar é frágil e debilitada e é incapaz de suportar o peso de suas próprias operações ou de demonstrar capacidade para receber treinamento.

A mente como imagem intelectual de Deus

07.

Se ainda houver quem pense que a própria mente e a alma constituem um corpo, gostaria que me respondessem como ela recebe razões e afirmações sobre assuntos de tamanha importância, de tamanha dificuldade e sutileza? De

onde deriva a capacidade de memória? E de onde vem a contemplação das coisas invisíveis? Como o corpo possui a faculdade de compreender existências incorpóreas? Como uma natureza corpórea investiga os processos das diversas artes e contempla as razões das coisas? Como, também, é capaz de perceber e compreender verdades divinas, que são manifestamente incorpóreas?

A menos que, de fato, alguém seja da opinião de que, assim como a própria forma e estrutura corpórea das orelhas ou dos olhos contribuem de alguma forma para a audição e para a visão e como os membros individuais, formados por Deus, possuem alguma adaptação, mesmo a partir da própria qualidade de sua forma, ao fim para o qual foram naturalmente designados, assim também, ele pode pensar que a forma da alma ou da mente deve ser entendida como se tivesse sido criada propositalmente e intencionalmente para perceber e compreender coisas individuais e para ser posta em movimento por impulsos vitais.

Não consigo vislumbrar, porém, quem será capaz de descrever ou afirmar qual é a cor da mente em relação ao seu ser mente e ao seu agir como uma existência inteligente. Além disto, em confirmação e explicação do que já avançamos a respeito da mente ou alma — no sentido de que ela é

superior a toda a natureza corpórea — podem ser acrescentadas as seguintes observações. Subjacente a cada sentido corpóreo está uma certa substância sensível peculiar, sobre a qual o sentido corpóreo se exerce. Por exemplo, cores, forma e tamanho são a base da visão; vozes e sons, o sentido da audição; odores, bons ou ruins, o do olfato; sabores, o do paladar; calor ou frio, dureza ou maciez, aspereza ou suavidade, o do tato. Ora, dentre os sentidos enumerados acima, é manifesto a todos que o sentido da mente é de longe o melhor. Como então, não deveria parecer absurdo que, sob os sentidos inferiores, tenham sido colocadas substâncias sobre as quais exercer seus poderes, mas que, sob este poder, que é muito superior a qualquer outro, isto é, o sentido da mente, nada da natureza de uma substância seja colocado, mas que um poder de natureza intelectual seja um acidente ou consequência dos corpos?

Aqueles que afirmam isto, sem dúvida, o fazem para menosprezar essa substância superior que está dentro deles. Aliás, ao fazerem isto, chegam a ofender o próprio Deus, quando imaginam que Ele possa ser compreendido por meio de uma natureza corpórea, de modo que, segundo a sua visão, Ele seja um corpo e aquilo que pode ser compreendido ou percebido por meio de um corpo e não querem

que se entenda que a mente guarda uma certa relação com Deus , de quem a própria mente é uma imagem intelectual e que, por meio dela, ela pode chegar a algum conhecimento da natureza da divindade, especialmente se for purificada e separada da matéria corpórea.

A diferença entre ver e conhecer Deus

08.

Mas talvez essas declarações pareçam ter menos peso para aqueles que desejam ser instruídos nas coisas divinas pelas Sagradas Escrituras e que buscam provas, a partir desta fonte, de como a natureza de Deus transcende a natureza dos corpos.

Veja, portanto, se o Apóstolo não diz a mesma coisa quando, falando de Cristo, declara que *Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação*[16]. Não, como alguns supõem, que a natureza de Deus seja visível para alguns e invisível para outros, pois o Apóstolo não diz que *a imagem de Deus é invisível* às pessoas ou *invisível* aos pecadores, mas, com constância invariável, se pronuncia so-

[16] Colossenses 1: 15.

bre a natureza de Deus nestas palavras: *a imagem do Deus invisível*.

Além disto, João, em seu Evangelho, ao afirmar que *ninguém jamais viu a Deus*[17], declara manifestamente a todos os capazes de entendimento que não há natureza à qual Deus seja visível. Não como se Ele fosse um ser visível por natureza, que apenas escapasse ou confundisse a visão de uma criatura mais frágil, mas é porque, por natureza, Deus é invisível. Devido à natureza do Seu ser, é impossível vê-Lo.

E, se me perguntarem qual é a minha opinião a respeito do Unigênito, se a natureza de Deus, que é naturalmente invisível, não seria visível nem mesmo para Ele, que tal pergunta não lhes pareça, de imediato, absurda ou ímpia, pois daremos uma razão lógica.

Uma coisa é ver e outra é conhecer. Ver e ser visto são propriedades dos corpos; conhecer e ser conhecido são atributos do ser intelectual. Portanto, tudo o que é propriedade dos corpos não pode ser atribuído nem ao Pai nem ao Filho, mas, o que pertence à natureza da divindade é comum ao Pai e ao Filho.

[17] João 1: 18.

Finalmente, Ele mesmo, no Evangelho, não disse que ninguém viu o Pai senão o Filho, nem ninguém viu o Filho senão o Pai, mas as Suas palavras são: *Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; nem ninguém conhece o Pai, senão o Filho*[18]. Com isto, fica claramente demonstrado que tudo o que, entre as naturezas corporais, é chamado de ver e ser visto é denominado, entre o Pai e o Filho, conhecer e é ser conhecido, por meio do poder do conhecimento e não pela fragilidade do sentido da visão.

Porque então, nem ver nem ser visto podem ser propriamente aplicados a uma natureza incorpórea e invisível, não se diz, no Evangelho, que o Pai é visto pelo Filho e nem o Filho pelo Pai, mas sim que um é conhecido pelo outro.

Deus é visto e conhecido pela mente

09.

Aqui, se alguém nos apresentasse a passagem onde se diz: *Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus*[19], desta mesma passagem, em minha opinião, nossa posição encontraria força adicional, pois, o que mais seria

[18] Mateus 11: 27.
[19] Mateus 5: 8.

ver a Deus no coração, senão, segundo nossa exposição acima, compreendê-Lo e conhecê-Lo com a mente?

Os nomes dos órgãos dos sentidos são frequentemente aplicados à alma, de modo que se pode dizer que ela vê com os olhos do coração, isto é, que realiza um ato intelectual por meio do poder da inteligência. Assim também se diz que ela ouve com os ouvidos quando percebe o significado mais profundo de uma declaração. Assim também dizemos que ela usa os dentes quando mastiga e come *o pão vivo que desceu do céu*[20]. De maneira semelhante, também se diz que ela emprega os serviços de outros membros, que são transferidos de suas denominações corporais e aplicados às faculdades da alma, segundo as palavras de Salomão: *Descobrirás o conhecimento de Deus*[21]. Ele já sabia que há em nós dois tipos de sentidos: um mortal, corruptível, humano e outro imortal e intelectual, que ele agora denominou *conhecimento de Deus*.

Por este sentido *de Deus*, portanto, não dos olhos, mas de um coração puro, que é a mente, Deus pode ser visto por aqueles que são dignos, pois certamente você encontrará,

[20] João 6: 51.
[21] Provérbios 2: 5.

em todas as Escrituras, tanto antigas quanto novas, o termo "coração" usado repetidamente em vez de "mente", isto é, o poder intelectual.

Desta maneira, portanto, embora muito abaixo da dignidade do assunto, falamos da natureza de Deus, como aqueles que a compreendem sob a limitação do intelecto humano. Em seguida, vejamos o que significa o nome de Cristo.

Capítulo 2. Sobre Cristo.

O exame da natureza de Cristo, Filho Unigênito de Deus

01.

Em primeiro lugar, devemos observar que a natureza da divindade que está em Cristo, em relação ao fato de Ele ser o Filho Unigênito de Deus, é uma coisa e a natureza humana que Ele assumiu nestes últimos tempos para os propósitos da dispensação da graça é outra. Portanto, precisamos primeiro determinar o que é o Filho Unigênito de Deus, visto que Ele é chamado por muitos nomes diferentes, de acordo com as circunstâncias e perspectivas individuais, pois Ele é chamado de Sabedoria, segundo a expres-

são de Salomão: *O Senhor me criou, no princípio dos seus caminhos e entre as suas obras, antes de fazer qualquer outra coisa, ele me fundou antes dos séculos. No princípio, antes de formar a terra, antes de fazer brotar as fontes das águas, antes que os montes fossem fortalecidos, antes de todos os outeiros ele me gerou*[22].

Ele também é chamado de Primogênito, como declarou o Apóstolo: *Que é o primogênito de toda a criação*[23]. *O primogênito*, porém, não é, por natureza, uma pessoa diferente da Sabedoria, mas sim a mesma.

Finalmente, o Apóstolo Paulo diz que *Cristo é a Força de Deus e a Sabedoria de Deus*[24].

Cristo não foi gerado no tempo, mas na eternidade

02.

Que ninguém, porém, imagine que nos referimos a algo impessoal quando O chamamos de *Sabedoria de Deus* ou suponha, por exemplo, que O entendemos não como um ser vivente dotado de sabedoria, mas como algo que torna as pessoas sábias, se doando e se implantando nas mentes

[22] Provérbios 8: 22-25.
[23] Colossenses 1: 15.

daqueles que são capacitados a receber Suas virtudes e inteligência.

Se então, uma vez corretamente compreendido que o Filho Unigênito de Deus é a Sua Sabedoria existindo hipostaticamente, não sei se nossa curiosidade deveria ir além disto ou nutrir qualquer suspeita de que essa *ὑπόστασις (hypóstasis)* ou "substância" contenha algo de natureza corpórea, visto que tudo o que é corpóreo se distingue por forma, cor ou tamanho.

E quem, em sã consciência, jamais buscou forma, cor ou tamanho na sabedoria, em razão de ela ser sabedoria? E quem, capaz de nutrir pensamentos ou sentimentos reverentes a respeito de Deus, pode supor ou acreditar que Deus Pai em algum momento existiu, mesmo que por um instante, sem ter gerado essa Sabedoria?

Neste caso, teria que dizer que Deus era incapaz de gerar a Sabedoria antes de criá-la, de modo que, posteriormente, trouxe à existência aquela que antes não existia ou que Ele possuía o poder, mas — o que não se pode dizer de Deus sem impiedade — não quis usá-lo.

---

[24] 1 Coríntios 1: 24.

Ambas as suposições, é evidente para todos, são igualmente absurdas e ímpias, pois equivalem a isto: ou Deus passou de uma condição de incapacidade para uma de capacidade ou que, embora possuísse o poder, o ocultou e atrasou a geração da Sabedoria.

Por isto, sempre sustentamos que Deus é o Pai de Seu Filho Unigênito, que nasceu d'Ele e d'Ele deriva o que Ele é, mas sem qualquer princípio. Não apenas um princípio que possa ser medido por quaisquer divisões de tempo, mas até mesmo algo que somente a mente pode contemplar em si mesma ou avistar, por assim dizer, com as faculdades do intelecto.

Portanto, devemos acreditar que a Sabedoria foi gerada antes de qualquer princípio que possa ser compreendido ou expresso. E, visto que todo o poder criativo da criação vindoura estava contido nesta própria existência da Sabedoria (tanto das coisas que têm uma origem quanto daquelas que têm uma existência derivada), tendo sido formada e organizada antecipadamente pelo poder da presciência, por conta dessas mesmas criaturas que foram descritas, por assim dizer e prefiguradas na própria Sabedoria, a Sabedoria afirma, nas palavras de Salomão, que foi criada como o princípio dos caminhos de Deus, na medida em que conti-

nha nela mesma os princípios, as formas ou as espécies de toda a criação.

Cristo, Verbo revelador de Deus

03.

Ora, da mesma forma que entendemos que a Sabedoria foi o princípio dos caminhos de Deus e que é dita ter sido criada, formando de antemão e contendo nela mesma as espécies e os primórdios de todas as criaturas, devemos entendê-la como a Palavra de Deus, por revelar a todos os outros seres, isto é, à criação universal, a natureza dos mistérios e segredos contidos na sabedoria divina e, por isto, ela é chamada de Palavra, porque é, por assim dizer, a intérprete dos segredos da mente.

Portanto, a linguagem encontrada nos **Atos de Paulo**, onde se diz que "aqui está a Palavra, um ser vivente", me parece apropriada. João, porém, com mais sublimidade e propriedade, diz, no início de seu Evangelho, ao definir Deus, com uma definição especial, como sendo *a Palavra*: *A Palavra estava junto de Deus e a Palavra era Deus*[25].

[25] João 1: 1.

Que aquele que atribui um início à Palavra ou à Sabedoria de Deus tome cuidado para não ser culpado de impiedade contra o próprio Pai não gerado, visto que nega que Ele sempre foi Pai, que gerou a Palavra e que possuía sabedoria em todos os períodos precedentes, sejam eles chamados de tempos, eras ou qualquer outro nome que possa ser atribuído a eles.

Cristo é a razão de tudo o que existe

04.

Portanto, este Filho é também *a Verdade* e *a Vida* de todas as coisas que existem. E com razão, pois, como poderiam viver as coisas criadas, a menos que derivassem seu ser da Vida? Ou como poderiam existir verdadeiramente as coisas que são, a menos que descendessem da Verdade? Ou como poderiam existir seres racionais, a menos que a Palavra ou a Razão tivessem existido previamente? Ou como poderiam ser sábios, a menos que houvesse a Sabedoria?

Mas, visto que alguns também se afastariam da Vida e atrairiam a morte sobre eles mesmos, por sua decadência — pois a morte nada mais é do que um afastamento da Vida — e como não se seguiria que os seres que foram criados por

Deus para o desfrute da vida perecessem completamente, era necessário que, antes da morte, existisse um poder capaz de destruir a morte vindoura e que houvesse uma ressurreição, cujo modelo estava em nosso Senhor e Salvador e que essa ressurreição tivesse seu fundamento na Sabedoria, na Palavra e na Vida de Deus.

E, em seguida, visto que alguns dos que foram criados não deveriam estar sempre dispostos a permanecer imutáveis e inalteráveis na tranquila e moderada fruição das bênçãos que possuíam, mas, em consequência do bem que havia neles não ser deles por natureza ou essência, mas por acaso, deveriam ser pervertidos e transformados e se afastar de sua posição, então, a Palavra e a Sabedoria de Deus foram feitas *o Caminho*[26]. E foi assim chamado porque conduz ao Pai aqueles que o percorrem.

A distinta geração das criaturas e do Filho

Portanto, tudo o que atribuímos à Sabedoria de Deus será apropriadamente aplicado e compreendido em relação ao Filho de Deus, em virtude de Ele ser a Vida, a Palavra, a Verdade e a Ressurreição, pois todos estes títulos derivam

[26] João 14: 6. *Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém chega ao Pai senão por mim.*

de Seu poder e operações e em nenhum deles há o menor fundamento para entender algo de natureza corpórea que possa parecer denotar tamanho, forma ou cor, pois aqueles filhos dos homens que aparecem entre nós ou aqueles descendentes de outros seres vivos correspondem à semente daqueles que os geraram ou derivam daquelas mães em cujos ventres são formados e nutridos, seja lá o que for que tragam para esta vida e carreguem consigo ao nascer. Mas é monstruoso e ilícito comparar Deus Pai, na geração de Seu Filho Unigênito e na substância do mesmo, a qualquer ser humano ou outro ser vivo envolvido em tal ato, pois devemos, necessariamente, sustentar que existe algo excepcional e digno de Deus que não admite qualquer comparação, não apenas em termos de coisas, mas que não pode sequer ser concebido pelo pensamento ou descoberto pela percepção, de modo que uma mente humana deveria ser capaz de compreender como o Deus não gerado se torna o Pai do Filho Unigênito, porque a Sua geração é tão eterna e perpétua quanto o brilho que emana do sol, pois não é por receber o sopro da vida que Ele se torna Filho e nem por qualquer ato externo, mas pela Sua própria natureza.

A confirmação das Escrituras

05.

Vejamos agora como as afirmações que apresentamos são sustentadas pela autoridade das Sagradas Escrituras.

O Apóstolo Paulo diz que o Filho Unigênito é *a imagem do Deus invisível* e *o Primogênito de toda a criação*[27]. E, ao escrever aos Hebreus, afirma que Ele é *o resplendor da Sua glória e a expressão exata da Sua pessoa*[28]. Ora, encontramos no tratado chamado Sabedoria de Salomão a seguinte descrição da Sabedoria de Deus: *Ela é o sopro do poder de Deus e a mais pura manifestação da glória do Todo-Poderoso*[29]. Nada impuro pode, portanto, atingi-la, pois ela é o esplendor da luz eterna, o espelho imaculado da obra de Deus e a imagem da Sua bondade.

Ora, afirmamos, como antes, que a Sabedoria não existe em nenhum outro lugar senão Naquele que é o princípio de todas as coisas, de quem também deriva tudo o que é sábio, porque Ele mesmo é o único que, por natureza, é Filho e, portanto, é chamado de Unigênito.

---

[27] Colossenses 1: 15.
[28] Hebreus 1: 3.
[29] Sabedoria 7: 25.

Cristo, imagem do Deus invisível

06.

Vejamos agora como devemos entender a expressão *imagem do invisível*, para que possamos perceber por que Deus é corretamente chamado de Pai de Seu Filho e tiremos nossas conclusões, em primeiro lugar, daquilo que é costumeiramente chamado de imagens entre as pessoas.

Às vezes, se chama imagem aquela que é pintada ou esculpida em alguma substância material, como madeira ou pedra e, às vezes, uma criança é chamada de imagem de seus pais, quando as feições da criança em nada contradizem sua semelhança com o pai.

Penso, portanto, que aquele ser humano que foi formado à *imagem e semelhança*[30] de Deus pode ser apropriadamente comparado à primeira ilustração. A respeito dele, porém, veremos com mais precisão, se Deus quiser, quando chegarmos a expor a passagem em Gênesis. Mas a imagem do Filho de Deus, de quem estamos falando agora, pode ser comparada ao segundo dos exemplos acima, inclusive no que diz respeito a isto: Ele é *a imagem do Deus invisível*, da

[30] Gênesis 1: 26.

mesma maneira que dizemos, segundo a história sagrada, que *a imagem* de Adão é seu filho Sete. As palavras são: *E Adão gerou Sete à sua semelhança, conforme a sua imagem*[31].

Ora essa *imagem* contém a unidade de natureza e substância pertencente ao Pai e ao Filho, pois, se o Filho faz, da mesma maneira, todas as coisas que o Pai faz, então, em virtude de o Filho fazer todas as coisas como o Pai, a *imagem* do Pai é formada no Filho, que nasce dele, como um ato de Sua vontade procedente da mente.

Portanto, sou da opinião de que a vontade do Pai, por ela só, deveria ser suficiente para a existência daquilo que Ele deseja que exista, pois, no exercício de Sua vontade, Ele não emprega outro meio senão aquele que é revelado pelo conselho de Sua vontade. E assim também, a existência do Filho é gerada por Ele, pois este ponto deve, acima de todos os outros, ser sustentado por aqueles que não admitem que nada seja incriado, isto é, não nascido, exceto apenas Deus Pai.

E devemos ter cuidado para não cairmos nos absurdos daqueles que imaginam certas emanações, de modo a divi-

[31] Gênesis 5: 3.

dir a natureza divina em partes e que dividem Deus Pai, tanto quanto possível, pois, até mesmo nutrir a mais remota suspeita de tal coisa a respeito de um ser incorpóreo não é apenas o cúmulo da impiedade, mas também um sinal da maior tolice, sendo extremamente distante de qualquer concepção inteligente que possa haver qualquer divisão física de uma natureza incorpórea.

Portanto, assim como um ato da vontade procede do intelecto e não corta nenhuma parte nem é separado ou dividido dele, assim também se supõe que o Pai gerou o Filho, Sua própria *imagem*, ou seja, de modo que, como Ele próprio é *invisível* por natureza, também gerou uma *imagem* invisível, pois o Filho é o Verbo e, portanto, não devemos entender que algo nele seja cognoscível pelos sentidos. Ele é a Sabedoria e na Sabedoria não pode haver suspeita de nada corpóreo. Ele *é a Luz Verdadeira* que *ilumina toda pessoa que vem a este mundo*[32], mas Ele não tem nada em comum com a luz deste sol. Nosso Salvador, portanto, é *a imagem do Deus invisível*.

Em comparação com o próprio Pai, é a Verdade e, em comparação conosco, a quem Ele revela o Pai, é *a imagem*

[32] João 1: 9.

pela qual chegamos ao conhecimento do Pai, a quem ninguém conhece, *senão o Filho e aquele a quem o Filho se agrada em revelar*[33]. E o método de revelá-Lo é através do entendimento, pois aquele por quem o próprio Filho é compreendido compreende, consequentemente, também o Pai, segundo as Suas próprias palavras: *Quem me vê, vê também o Pai*[34].

Deus luz e doador de luz

07.

Mas, visto que citamos as palavras de Paulo a respeito de Cristo, onde ele diz que Ele é *o esplendor da glória de Deus e imagem do seu ser*[35], vejamos que ideia devemos formar disto.

Segundo João, *Deus é luz*[36]. O Filho Unigênito, portanto, é *o esplendor da glória* dessa *Luz*, procedendo inseparavelmente dele mesmo, assim como o *esplendor* procede da luz e iluminando toda a criação, pois, de acordo com o que já explicamos sobre a maneira como Ele é o Caminho e

[33] Mateus 11: 27.
[34] João 14: 9.
[35] Hebreus 1: 3.
[36] 1 João 1: 5.

conduz ao Pai e como Ele é a Palavra, interpretando os segredos da sabedoria e os mistérios do conhecimento, os tornando conhecidos à criação racional e é também a Verdade, a Vida e a Ressurreição, da mesma forma, devemos entender o significado de Ele ser *o esplendor*, pois é pelo seu *esplendor* que entendemos e sentimos o que a própria luz é. E esse *esplendor*, se apresentando gentil e suavemente aos olhos frágeis e fracos dos mortais e gradualmente os treinando, por assim dizer e os acostumando a suportar o brilho da luz, depois de ter removido deles todo impedimento e obstrução à visão, segundo o próprio preceito do Senhor: *Tira primeiro a trave do teu olho*[37], os tornando capazes de suportar o *esplendor da luz*, sendo também, neste aspecto, uma espécie de mediador entre as pessoas e *a luz*.

Imagem da mesma pessoa ou substância de Deus

08.

Mas, visto que Ele é chamado pelo Apóstolo não apenas de *esplendor da glória de Deus*, mas também de *imagem do seu ser* ou substância, não parece ocioso indagar

[37] Lucas 6: 42.

como pode haver outra *imagem* dessa pessoa além da própria pessoa de Deus, seja qual for o significado de pessoa e substância.

Considere então, se o Filho de Deus, sendo Ele a Sua Palavra e Sabedoria e o único que conhece o Pai e O revela a quem Ele quer (isto é, àqueles que são capazes de receber a Sua palavra e sabedoria), não pode, considerando justamente este ponto de fazer com que Deus seja compreendido e reconhecido, ser chamado de *imagem* da Sua pessoa e substância, isto é, quando essa Sabedoria, que deseja dar a conhecer aos outros os meios pelos quais Deus é reconhecido e compreendido por eles, descreve a Ela mesma em primeiro lugar, pode, por fazê-lo, ser chamada de *imagem* expressa da pessoa de Deus.

Para, porém, chegar a uma compreensão mais completa da maneira pela qual o Salvador é a *imagem* da pessoa ou substância de Deus, tomemos um exemplo que, embora não descreva o assunto que estamos tratando de forma completa ou apropriada, pode, no entanto, ser usado apenas para este propósito: mostrar que o Filho de Deus , que estava na forma de Deus, se esvaziando de Sua glória, tem como objetivo, por meio desse próprio esvaziamento, nos demonstrar a plenitude de Sua divindade.

Por exemplo, suponhamos que houvesse uma estátua de tamanho tão enorme que preenchesse o mundo inteiro e que, por esta razão, ninguém pudesse vê-la e que outra estátua fosse formada, se assemelhando completamente a ela na forma dos membros, nas feições do rosto, na forma e no material, mas sem a mesma imensidão de tamanho, de modo que aqueles que não pudessem contemplar a de proporções enormes, ao verem a segunda, reconheceriam que já haviam visto a primeira, porque ela preservava todas as feições de seus membros e rosto e até mesmo a própria forma e material, tão fielmente, que eram totalmente indistinguíveis dela. Por alguma semelhança deste tipo, o Filho de Deus, se despojando de Sua igualdade com o Pai e nos mostrando o caminho para o Seu conhecimento, se torna a imagem expressa de Sua pessoa, de modo que nós, que éramos incapazes de contemplar a glória daquela luz maravilhosa, quando colocados na grandeza de Sua divindade, podemos, por Ele ter sido feito para nós resplandecente, obter os meios de contemplar a luz divina olhando para o resplandecente.

Esta comparação, naturalmente, com estátuas, como pertencentes a coisas materiais, não tem outro propósito senão mostrar que o Filho de Deus, embora colocado na

forma insignificante de um corpo humano, em consequência da semelhança de Suas obras e poder com o Pai, mostrou que havia nele uma imensa e invisível grandeza, visto que disse aos Seus discípulos: *Quem me vê, vê também o Pai*[38] e: *Eu e o Pai somos um*[39]. E a estas pertence também a frase semelhante: *O Pai está em mim e eu no Pai*[40].

O poder do poder

09.

Vejamos agora o significado da frase encontrada na Sabedoria de Salomão, onde se diz da Sabedoria que *ela é uma espécie de sopro do poder de Deus, o mais puro efluente da glória do Onipotente, o esplendor da luz eterna, o espelho imaculado da obra ou do poder de Deus e a imagem de sua bondade*[41].

Estas são, portanto, as definições que ele dá de Deus, apontando, por meio de cada uma delas, certos atributos que pertencem à Sabedoria de Deus, chamando a Sabedoria de *poder*, *glória*, *luz eterna*, *obra* e *bondade* de Deus. Ele

[38] João 14: 9.
[39] João 10: 30.
[40] João 10: 38.
[41] Sabedoria 7: 25 e 26.

não diz, porém, que a Sabedoria é o *sopro* da *glória do Onipotente*, nem *da luz eterna*, nem *da obra* do Pai, nem *de sua bondade*, pois não seria apropriado atribuir o *sopro* a qualquer uma destas coisas, mas, com toda a propriedade ele diz que a Sabedoria *é uma espécie de sopro do poder de Deus*.

Ora, por *poder de Deus* se deve entender aquilo pelo qual Ele é forte; pelo qual Ele estabelece, restringe e governa todas as coisas visíveis e invisíveis; o que é suficiente para todas as coisas sobre as quais Ele reina em sua Providência e, entre tudo isto, Ele está presente, como se fosse um só indivíduo.

E, embora o *sopro* de todo esse poder imenso e imensurável e o próprio vigor produzido, por assim dizer, por sua própria existência procedam do próprio *poder*, assim como a vontade procede da mente, ainda assim, mesmo essa vontade de Deus se torna o *poder de Deus* .

Assim, surge outro *poder*, que existe com propriedades próprias. *Uma espécie de sopro*, como dizem as Escrituras, do *poder* primordial e não gerado *de Deus*, que deriva dele o seu ser e nunca deixou de existir, pois, se alguém afirmasse que não existia anteriormente, mas passou a existir depois, que explicasse por que o Pai, que lhe deu a exis-

tência, não o fez antes. E, se ele admitisse que houve um princípio, quando esse *sopro* procedeu *do poder de Deus*, perguntaríamos novamente: por que não antes mesmo do princípio que ele admitiu?

E, desta forma, sempre exigindo uma data anterior e avançando em nossas perguntas, chegaremos à conclusão de que, como Deus sempre possuiu *poder* e vontade, nunca houve qualquer razão, seja ela de propriedade ou de outra natureza, para que Ele não tenha sempre possuído a bênção que desejava.

Com isto, se demonstra que esse *sopro do poder de Deus* sempre existiu, não tendo outro princípio senão o próprio Deus. Nem era apropriado que houvesse outro princípio senão o próprio Deus, de quem deriva sua origem. E, segundo a expressão do Apóstolo, que Cristo é *o poder de Deus*[42], deveria ser chamado não apenas de *sopro do poder de Deus*, mas de *poder* que emana do *poder*.

[42] 1 Coríntios 1: 24.

O Pai e o Filho são um mesmo Deus.

10.

Examinemos agora a frase: A sabedoria é *o mais puro efluente da glória do Onipotente* e consideremos primeiro o que é a *glória* do Deus *Onipotente* e então entenderemos também o que é o seu *efluente*.

Assim como ninguém pode ser pai sem ter um filho, nem senhor sem possuir um servo, também Deus não pode ser chamado de *Onipotente* a menos que existam aqueles sobre os quais Ele possa exercer Seu poder e, portanto, para que Deus se mostre *Onipotente*, é necessário que todas as coisas existam, pois, se alguém quisesse que certas eras ou porções de tempo ou qualquer outro nome que se queira dar a elas tivessem transcorrido enquanto as coisas que foram criadas posteriormente ainda não existissem, demonstraria, sem dúvida, que durante essas eras ou períodos, Deus não era *Onipotente*, mas se tornou *Onipotente* posteriormente, ou seja, a partir do momento em que começou a existir pessoas sobre as quais exercer poder e, desta forma, Ele parecerá ter recebido um certo acréscimo e ter ascendido de uma condição inferior para uma superior, visto que

não pode haver dúvida que seja melhor para Ele ser *Onipotente* do que não o ser.

E agora, como pode parecer algo além de absurdo que, quando Deus não possuía nenhuma das coisas que Lhe era próprio possuir, Ele, posteriormente, por uma espécie de progresso, viesse a possuí-las?

Mas, se nunca houve um tempo em que Ele não fosse *Onipotente*, necessariamente as coisas pelas quais Ele recebe esse título também devem ter existido e Ele sempre deve ter tido aqueles sobre os quais exerceu poder e que foram governados por Ele como rei ou príncipe, sobre os quais falaremos mais detalhadamente no lugar apropriado, quando chegarmos ao assunto das criaturas.

Mas, mesmo agora, considero necessário fazer uma breve advertência, visto que a questão que se nos apresenta é como a Sabedoria: é a mais pura manifestação da glória do *Onipotente*, para que ninguém pense que o título de *Onipotente* era anterior em Deus ao nascimento da Sabedoria, por meio da qual Ele é chamado de Pai, sendo a Sabedoria o Filho de Deus.

A Sabedoria é *o mais puro efluente da glória do Onipotente*. Que aquele que se inclina a nutrir esta suspeita ouça a inquestionável declaração das Escrituras: *Com sabe-*

doria fizeste todas as coisas[43] e o ensinamento do Evangelho, de que *tudo foi feito por ele e, sem ele, nada foi feito*[44] e que compreenda, a partir disto, que o título de *Onipotente* em Deus não pode ser anterior ao de Pai, pois é por meio do Filho que o Pai é *Onipotente*.

Mas, a partir da expressão: *glória do Onipotente*, da qual a Sabedoria é *efluente*, se deve entender que a Sabedoria, por meio da qual Deus é chamado de *Onipotente*, participa da *glória do Onipotente*, pois, por meio da Sabedoria, que é Cristo, Deus tem poder sobre todas as coisas e não apenas pela autoridade de um governante, mas também pela voluntária obediência dos súditos.

E para que vocês compreendam que a onipotência do Pai e do Filho é uma só, assim como Deus e o Senhor são um só com o Pai, ouçam a maneira como João fala no Apocalipse: *Diz o Senhor Deus, aquele que é, que era e que vem, o Onipotente*[45].

Quem mais seria *aquele que vem*, senão Cristo?

E, assim como ninguém deve se ofender, visto que Deus é o Pai, que o Salvador também é Deus, assim tam-

[43] Salmo 104: 024.
[44] João 1: 3.
[45] Apocalipse 1: 8.

bém, visto que o Pai é chamado de *Onipotente*, ninguém deve se ofender que o Filho de Deus também seja chamado *Onipotente*, pois, desta forma, se cumprirão aquelas palavras que Ele dirige ao Pai: *Tudo o que é meu é teu e tudo o que é teu é meu e eu sou glorificado neles*[46].

Ora, se todas as coisas que são do Pai também são de Cristo, certamente, entre essas coisas que existem, está a onipotência do Pai e, sem dúvida, o Filho Unigênito deve ser *Onipotente*, para que o Filho também possa ter todas as coisas que o Pai possui.

E eu sou glorificado neles, declara Ele, pois, *ao nome de Jesus se dobrará todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra e toda língua confessará que o Senhor Jesus está na glória de Deus Pai*[47].

A glória e o senhorio de Cristo

Portanto, Ele é *o efluente da glória* de Deus. A *glória* de Deus, neste aspecto, reside em Sua onipotência — a própria Sabedoria pura e límpida — glorificada como *o efluente da* onipotência ou *da glória*.

[46] João 17: 10.
[47] Filipenses 2: 10 e 11.

E, para que se compreenda mais claramente o que é a *glória do Onipotente*, acrescentaremos o seguinte: Deus Pai é *Onipotente* porque tem poder sobre todas as coisas, isto é, sobre o céu e a terra, o sol, a lua e as estrelas e tudo o que neles há. E Ele exerce Seu poder sobre eles por meio de Sua Palavra, porque, *ao nome de Jesus todo joelho se dobrará*, tanto nas coisas celestiais como nas coisas da terra e nas coisas debaixo da terra. E se *todo joelho* se dobra diante de Jesus então, sem dúvida, é a Jesus que todas as coisas estão sujeitas e é Ele quem exerce poder sobre todas as coisas e por meio de quem todas as coisas estão sujeitas ao Pai, pois, pela Sabedoria, isto é, pela Palavra ou Razão, não pela força e pela necessidade, todas as coisas estão sujeitas.

Portanto, Sua *glória* consiste exatamente nisto: Ele possui todas as coisas e esta é a mais pura e límpida *glória do Onipotente*. A *glória* da onipotência reside no fato de que, pela razão e sabedoria e não pela força e necessidade, todas as coisas lhe estão sujeitas. Ora, a *glória* mais pura e límpida da Sabedoria é uma expressão conveniente para distingui-la daquela *glória* que não pode ser chamada de pura e sincera.

Mas, toda natureza que é conversível e mutável, embora glorificada nas obras de justiça ou sabedoria, pelo fato de

que justiça ou sabedoria são qualidades acidentais e porque aquilo que é acidental também pode se perder, sua *glória* não pode ser chamada de sincera e pura. Mas a Sabedoria de Deus, que é Seu Filho Unigênito, sendo, em todos os aspectos, incapaz de mudança ou alteração e sendo, toda boa qualidade, nele, essencial e imutável, Sua glória é, portanto, declarada pura e sincera.

Luz da luz

11.

Em terceiro lugar, a Sabedoria é chamada de *esplendor da luz eterna*[48]. A força desta expressão já foi explicada nas páginas anteriores, quando introduzimos a comparação entre o sol e o esplendor de seus raios e mostramos, da melhor maneira possível, como isto deve ser entendido.

Ao que dissemos então, acrescentaremos apenas a seguinte observação. Aquilo que é propriamente chamado de eterno ou perpétuo não teve um princípio de existência, nem pode jamais deixar de ser o que é. E esta é a ideia transmitida por João quando diz que *Deus é luz*. Ora, a Sua Sabedoria é o *esplendor* dessa *luz*, não apenas por ser *luz*,

mas também por ser *luz eterna*, de modo que a Sua Sabedoria é *esplendor* eterno.

Se isto for plenamente compreendido, demonstra claramente que a existência do Filho deriva do Pai, mas não no tempo, nem de qualquer outro princípio, exceto, como já dissemos, do próprio Deus.

Cristo, espelho do Pai

12.

Mas a Sabedoria também é chamada de *espelho imaculado da ἐνέργεια* (*enérgeia*) ou *obra de Deus*[49].

Devemos primeiro entender então, o que é a *obra* do poder *de Deus*. É uma espécie de vigor, por assim dizer, pelo qual Deus opera na criação, na providência, no julgamento ou na disposição e organização das coisas individuais, cada uma em seu tempo, pois, assim como a imagem formada em um espelho reflete, infalivelmente, todos os atos e movimentos daquele que a contempla, assim também, a Sabedoria deve ser entendida, quando é chamada de *espelho imaculado* do poder e *da obra* do Pai, como o Senhor

[48] Sabedoria 7: 26.
[49] Sabedoria 7: 26.

Jesus Cristo, que é a Sabedoria de Deus, declara de Si mesmo quando diz: *As obras que o Pai faz, o Filho as faz igualmente*[50]. E, novamente, Ele diz que *o Filho nada pode fazer por Si mesmo, a não ser o que vê o Pai fazer*[51].

Como, portanto, o Filho em nada difere do Pai no poder de Suas obras e a obra do Filho não é diferente da do Pai, mas um mesmo movimento, por assim dizer, está presente em todas as coisas, Ele o chamou de *espelho imaculado*, para que, por tal expressão, se entendesse que não há qualquer diferença entre o Filho e o Pai.

De fato, como podem aquelas coisas que alguns dizem serem feitas da maneira como um discípulo se assemelha ou imita seu mestre ou, de acordo com a visão de que as coisas criadas pelo Filho em matéria corpórea foram aquelas que primeiro foram formadas pelo Pai em sua essência espiritual; como pode, repito, isto concordar com as declarações das Escrituras, visto que, no Evangelho, se diz que o Filho não faz coisas semelhantes, mas as mesmas coisas de maneira semelhante?

[50] João 5: 19.
[51] João 5: 19.

Bondade da bondade

13.

Resta-nos perguntar qual é a *imagem da Sua bondade*[52] e aqui, creio, devemos entender o mesmo que expressamos há pouco, ao falar da imagem formada pelo espelho, pois Ele é a bondade primordial, sem dúvida, da qual nasce o Filho, que, sendo, em todos os aspectos, a imagem do Pai, pode, certamente, ser chamado, com propriedade, de *imagem da Sua bondade*, pois não existe outra bondade secundária no Filho, senão aquela que está no Pai.

Portanto, o próprio Salvador diz, corretamente, no Evangelho: *Não há outro bom senão um só, Deus Pai*[53], para que, por tal expressão, se entenda que o Filho não é de uma *bondade* diferente, mas apenas daquela que existe no Pai, de quem Ele é, corretamente, chamado de *imagem*, porque não procede de nenhuma outra fonte senão dessa *bondade* primordial, para que não pareça haver no Filho uma *bondade* diferente daquela que está no Pai.

Nem existe qualquer dessemelhança ou diferença de *bondade* no Filho. Portanto, não se deve imaginar que exis-

[52] Sabedoria 7: 26.

ta algum tipo de blasfêmia, por assim dizer, nas palavras: *Não há ninguém bom senão um só, Deus Pai*, como se, com isto, se pudesse supor que se negasse que Cristo ou o Espírito Santo fossem bons.

Mas, como já dissemos, a bondade primordial deve ser entendida como residindo em Deus Pai, de quem, tanto o Filho nasce quanto o Espírito Santo procede, retendo neles, sem dúvida alguma, a natureza da bondade que está na fonte da qual derivam. E, se há outras coisas que nas Escrituras são chamadas de boas, seja anjo, pessoa, servo, tesouro, bom coração ou boa árvore, todas estas são assim denominadas em um sentido amplo, possuindo, nelas mesmas, uma bondade acidental, não essencial.

Mas seria necessário muito tempo e trabalho para reunir todos os títulos do Filho de Deus, como, por exemplo, a *luz verdadeira*, a *porta*, a *justiça*, a *santificação*, a *redenção* e inúmeros outros e para mostrar por que cada um deles é assim atribuído.

Satisfeitos, portanto, com o que já avançamos, prosseguimos com nossas investigações sobre os demais assuntos que se seguem.

---

[53] Lucas 18: 19.

Capítulo 3. Sobre o Espírito Santo.

01.

O próximo ponto é investigar, da forma mais concisa possível, o tema do Espírito Santo. Todos os que percebem, de qualquer maneira, a existência da Providência, confessam que Deus, que criou e dispôs todas as coisas, é não gerado e o reconhecem como o Pai do universo.

A autoridade única e superior das Escrituras

Ora, que a Ele pertence um Filho, não é uma afirmação feita apenas por nós, embora possa parecer uma afirmação suficientemente maravilhosa e inacreditável para aqueles que têm reputação de filósofos entre gregos e bárbaros, alguns dos quais, no entanto, a ideia de Sua existência, parecem ter considerado ao reconhecerem que todas as coisas foram criadas pela Palavra ou Razão de Deus.

Nós, porém, em conformidade com nossa crença nessa doutrina, que consideramos com certeza ser divinamente inspirada, cremos que não é possível explicar de outra forma e trazer ao alcance do conhecimento humano essa Razão superior e divina como Filho de Deus, senão por meio das Escrituras que foram inspiradas pelo Espírito Santo,

isto é, as Escrituras Sagradas, o Evangelho, as Epístolas, a Lei e os Profetas, segundo a declaração do próprio Cristo.

Da existência do Espírito Santo, ninguém poderia, de fato, nutrir qualquer suspeita, exceto aqueles que estavam familiarizados com a Lei e os Profetas ou aqueles que professam a fé em Cristo, pois, embora ninguém possa falar com certeza sobre Deus Pai, é possível, no entanto, obter algum conhecimento dele por meio da criação visível e das impressões naturais da mente humana e é possível, além disto, que tal conhecimento seja obtido a partir das Sagradas Escrituras.

Mas, com respeito ao Filho de Deus, embora ninguém conheça o Filho senão o Pai, é também pelas Sagradas Escrituras que a mente humana aprende a pensar sobre o Filho e isto não apenas pelo Novo Testamento, mas também pelo Antigo Testamento, por meio daquilo que, embora realizado pelos santos, é figurativamente referido a Cristo e do qual se podem descobrir tanto a Sua natureza divina quanto a natureza humana que Ele assumiu.

O Espírito só é conhecido pelas Escrituras

02.

Ora, o que é o Espírito Santo, somos ensinados em muitas passagens das Escrituras, como por Davi, no Salmo cinquenta, quando ele diz: *De vossa face não me rejeiteis e nem me priveis de vosso santo Espírito*[54] e por Daniel, sobre o qual, está escrito: *Que tinha o Espírito Santo de Deus sobre ele*[55].

No Novo Testamento, temos abundantes testemunhos. Como quando o Espírito Santo é descrito como tendo descido sobre Cristo e quando o Senhor soprou sobre os seus Apóstolos, após a sua ressurreição, dizendo: *Recebei o Espírito Santo*[56] e a palavra do anjo a Maria: *O Espírito Santo virá sobre ti*[57] e a declaração de Paulo de que *ninguém pode dizer: "Jesus é o Senhor", senão sob a ação do Espírito Santo*[58]. Nos Atos dos Apóstolos, lemos que o Espírito Santo

[54] Salmo 050: 013.
[55] Daniel 4: 8.
[56] João 20: 22.
[57] Lucas 1: 35.
[58] 1 Coríntios 12: 3.

era dado *por meio da imposição das mãos dos Apóstolos*[59] no batismo.

De tudo isto, aprendemos que a pessoa do Espírito Santo tinha tal autoridade e dignidade que o batismo salvador não era completo senão pela autoridade da Santíssima Trindade, isto é, pela nomeação do Pai, do Filho e do Espírito Santo e pela união, ao não gerado Deus Pai e ao Seu Filho Unigênito, do nome do Espírito Santo.

Quem então não se admira com a suprema majestade do Espírito Santo, ao ouvir que *todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do Homem será perdoado*, mas *aquele, porém, que disser contra o Espírito Santo, não alcançará perdão nem neste século nem no século vindouro*[60].

O Espírito Santo é incriado

03.

Que todas as coisas foram criadas por Deus e que não há criatura alguma que exista sem que dele tenha derivado o seu ser, é estabelecido por muitas declarações das Escritu-

[59] Atos 8: 18.
[60] Mateus 12: 32 e Lucas 12: 10.

ras, sendo refutadas e rejeitadas as afirmações falsas alegadas por alguns a respeito da existência de uma matéria coeterna com Deus ou de almas não geradas, nas quais querem afirmar que Deus implantou, não tanto o poder da existência, mas a igualdade e a ordem, pois, mesmo naquele pequeno tratado chamado **O Pastor** ou **Anjo do Arrependimento**, composto por Hermas encontramos o seguinte: "Primeiramente, creia que há um só Deus que criou e ordenou todas as coisas; que, quando nada existia anteriormente, fez com que todas as coisas existissem; que Ele mesmo contém todas as coisas, mas não é contido por nenhuma".

E, no **Livro de Enoque** também encontramos descrições semelhantes. Mas, até o presente momento, não encontramos nenhuma declaração nas Sagradas Escrituras em que se possa dizer que o Espírito Santo foi feito ou criado, nem mesmo da maneira como mostramos acima, na qual a Sabedoria Divina é mencionada por Salomão ou em que as expressões que discutimos devam ser entendidas como referentes à Vida, à Palavra ou a outras denominações referentes ao Filho de Deus.

O Espírito de Deus, portanto, *que pairava sobre as águas*[61], como está escrito no princípio da criação do mundo, é, em minha opinião, nada mais que o Espírito Santo, tanto quanto posso entender, como, de fato, demonstramos em nossa exposição das próprias passagens, não segundo o método histórico, mas segundo o método espiritual de interpretação.

O Espírito sonda as profundezas de Deus

04.

Alguns de nossos predecessores observaram que, no Novo Testamento, sempre que o Espírito é mencionado sem o adjunto que denota qualidade, se deve entender que se trata do Espírito Santo, como, por exemplo, na frase: *O fruto do Espírito é amor, alegria, paz...*[62] e: *Depois de terdes começado pelo Espírito, quereis agora acabar pela carne?*[63]

Acreditamos que esta distinção também pode ser observada no Antigo Testamento, como quando se diz: *Aquele que dá o seu Espírito ao povo que está sobre a terra e o*

[61] Gênesis 1: 2.
[62] Gálatas 5: 22.

Espírito aos que andam sobre ela[64]. Sem dúvida que, todo aquele que anda *sobre a terra* (isto é, seres terrenos e corpóreos) participa também do Espírito Santo, o recebendo de Deus.

Meu mestre hebreu também costumava dizer que aqueles dois *serafins* em Isaías, descritos como tendo cada um seis asas e chamando um ao outro, dizendo: *Santo, santo, santo é o Senhor Deus do universo*[65] deveriam ser entendidos como o Filho Unigênito de Deus e o Espírito Santo.

E pensamos que esta frase também ocorre no hino de Habacuc. A frase: *Senhor, no meio de duas criaturas vivas sereis conhecido*[66] deve ser entendida como referente a Cristo e ao Espírito Santo, pois todo o conhecimento do Pai é obtido pela revelação do Filho por meio do Espírito Santo, de modo que esses dois seres, que o Profeta chama de *criaturas vivas* ou "vidas" existem como fundamento do conhecimento de Deus Pai, pois, assim como se diz do Filho que *ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o*

[63] Gálatas 3: 3.
[64] Isaías 42: 5.
[65] Isaías 6: 3.
[66] Habacuc 3: 2.

Filho o revelar, o mesmo é dito pelo Apóstolo sobre o Espírito Santo, quando ele declara: *Deus nos revelou essas coisas pelo seu Espírito Santo, pois o Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as profundezas de Deus*[67] e, novamente no Evangelho, quando o Salvador, falando das partes divinas e mais profundas de seu ensinamento, que seus discípulos ainda não eram capazes de receber, se dirige a eles desta forma: *Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando vier o Espírito Santo, o Consolador, ele vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que eu vos tenho dito*[68].

Devemos, portanto, compreender que, assim como o Filho, que é o único que conhece o Pai, o revela a quem Ele quer, também o Espírito Santo, que é o único que *sonda as profundezas de Deus*, revela Deus a quem Ele quer, pois, *o Espírito sopra onde Ele quer*[69].

Não devemos, contudo, supor que o Espírito deriva seu conhecimento por meio da revelação do Filho, pois, se o Espírito Santo conhece o Pai por meio da revelação do Filho, Ele passa de um estado de ignorância para um de co-

[67] 1 Coríntios 2: 10.
[68] João 16: 12 e 13 e 14: 26.
[69] João 3: 8.

nhecimento. Mas é igualmente ímpio e insensato confessar o Espírito Santo e, ainda assim, lhe atribuir ignorância, pois, embora algo mais existisse antes do Espírito Santo, não foi por um avanço progressivo que Ele se tornou o Espírito Santo, como se alguém ousasse dizer que, no tempo em que Ele ainda não era o Espírito Santo, Ele desconhecia o Pai, mas que, depois de ter recebido o conhecimento, Ele se tornou o Espírito Santo, pois, se assim fosse, o Espírito Santo jamais seria considerado na Unidade da Trindade, isto é, juntamente com o Pai imutável e Seu Filho, a menos que Ele sempre tivesse sido o Espírito Santo.

Quando usamos, de fato, termos como “sempre” ou “era” ou qualquer outra designação de tempo, eles não devem ser tomados de forma absoluta, mas com a devida consideração, pois, embora os significados destas palavras se relacionem ao tempo e os assuntos de que falamos sejam mencionados por meio de uma expressão linguística como existentes no tempo, eles, no entanto, transcendem, em sua natureza real, toda concepção do intelecto finito.

As operações do Espírito

05.

Não obstante, parece apropriado indagar qual é a razão pela qual aquele que é regenerado por Deus para a salvação tem que lidar tanto com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo e não obtém a salvação a não ser com a cooperação de toda a Trindade e por que é impossível se tornar participante do Pai ou do Filho sem o Espírito Santo.

E, ao discutir estes assuntos, será, sem dúvida, necessário descrever a atuação especial do Espírito Santo, do Pai e do Filho. Sou da opinião então, que a atuação do Pai e do Filho ocorre tanto em santos quanto em pecadores, em seres racionais e em animais irracionais. Aliás, até mesmo naquelas coisas sem vida e em todas as coisas universalmente existentes. Mas que a operação do Espírito Santo não ocorre de modo algum naquelas coisas sem vida ou naquelas que, embora vivas, são mudas. Aliás, não é encontrada nem mesmo naqueles que são dotados de razão, mas estão envolvidos em caminhos maus e não se converteram a uma vida melhor. Acredito que, nesses, a atuação do Espírito Santo se dá somente nas pessoas que já estão se voltando para uma vida melhor e trilhando o caminho que leva a Je-

sus Cristo, ou seja, nas que se dedicam à prática de boas ações e permanecem em Deus.

Os participantes da natureza divina

06.

Que a ação do Pai e do Filho acontece tanto em santos quanto em pecadores, é manifesto pelo fato de que todos os seres racionais participam da Palavra, isto é, da Razão e, por meio dela, carregam certas sementes, implantadas neles mesmos, de Sabedoria e Justiça, que é Cristo.

Ora, n'Aquele que verdadeiramente existe e que disse, por meio de Moisés : *Eu Sou o que Sou*[70], todas as coisas, sejam quais forem, participam; participação essa em Deus Pai que é compartilhada tanto por justos quanto por pecadores, por seres racionais e irracionais e por todas as coisas universalmente existentes.

O Apóstolo Paulo também demonstra verdadeiramente que todos participam de Cristo, quando diz: *Não digas em teu coração: Quem subirá ao céu?* (isto é, para trazer Cristo do alto) Ou, *quem descerá ao abismo?* (isto é, para trazer Cristo de volta dentre os mortos). *Mas, o que diz a*

Escritura? A Palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração[71].

Com isto, ele quer dizer que Cristo está *no coração* de todos, por ser Ele a Palavra ou a Razão, por cuja participação, eles são seres racionais.

Esta declaração também está presente no Evangelho, na passagem: *Se eu não tivesse vindo e falado com eles, eles não teriam pecado. Mas agora, não têm desculpa para o seu pecado*[72].

Fica manifesto e evidente, para todos os que possuem conhecimento racional, quanto tempo dura o estado de ausência de pecado e a partir de que período ele se torna suscetível a pecar. Como, ao participarem da Palavra ou da Razão, as pessoas são consideradas culpadas de pecado, isto é, desde o momento em que se tornam capazes de entendimento e conhecimento, quando a razão implantada neles lhes sugere a diferença entre o bem e o mal e depois de já terem começado a saber o que é o mal, se tornam suscetíveis ao pecado, se o cometerem.

---

[70] Êxodo 3: 14.
[71] Romanos 10: 6-8.
[72] João 15: 22.

E este é o significado da frase: *Mas agora, não têm desculpa para o seu pecado*. Ou seja, a partir do momento em que a Palavra divina ou a Razão começa a lhes mostrar internamente a diferença entre o bem e o mal, eles devem evitar e se precaver contra o que é perverso, pois, *aquele que souber fazer o bem e não o faz, peca*[73].

Além disto, o Evangelho ensina, pelas palavras do Salvador, que ninguém está sem comunhão com Deus: *O reino de Deus não vem com aparências visíveis; nem dirão: "Ei-lo aqui!" Ou: "Ei-lo ali!" Mas, o reino de Deus está dentro de vós*[74].

Mas aqui devemos ver se isto não tem o mesmo significado da frase em Gênesis: *E soprou em seu rosto o fôlego da vida e o homem se tornou alma vivente*[75], pois, se isto for entendido como se aplicando geralmente a todos as pessoas, então todas as pessoas têm participação em Deus.

[73] Tiago 5: 17.
[74] Lucas 17: 20 e 21.
[75] Gênesis 2: 7.

A participação no Espírito

07.

Mas, se isto for entendido como se referindo ao Espírito de Deus, visto que Adão também profetizou sobre algumas coisas, se pode considerar que não se aplica de forma geral, mas sim que se restringe aos santos.

Finalmente, também, na época do Dilúvio, quando toda a carne havia corrompido o seu caminho perante Deus, está registrado que Deus falou assim, se referindo a pessoas indignas e pecadoras: *Meu Espírito não permanecerá para sempre no ser humano, porque todo ele é carne*[76].

Com isto, fica claro que o Espírito de Deus é retirado de todos os que são indignos.

Nos Salmos, também está escrito: *Tu lhes tirarás o Espírito e morrerão e voltarão à sua terra. Enviarás o teu Espírito e serão criados e renovarás a face da terra*[77], o que se refere manifestamente ao Espírito Santo, que, depois que os pecadores e as pessoas indignas são removidos e destruídos, cria para si um novo povo e renova *a face da terra*, quando, pela graça do Espírito, deixando de lado o

[76] Gênesis 5: 3.

velho ser humano com as suas obras, as pessoas começam a andar em *uma vida nova*[78].

Portanto, a expressão se aplica competentemente ao Espírito Santo, porque Ele habitará, não em todas as pessoas, nem naquelas que são carnais, mas naquelas cuja *terra* foi renovada.

Por fim, era por esta razão que a graça e a revelação do Espírito Santo eram concedidas pela imposição das mãos dos Apóstolos após o batismo.

Nosso Salvador também, após a ressurreição, quando passara *o que era velho* e *tudo* se fizera *novo*[79], sendo Ele mesmo um novo homem e *o primogênito dentre os mortos*[80] e Seus Apóstolos também estavam renovados pela fé em Sua ressurreição, disse: *Recebei o Espírito Santo*[81].

Sem dúvida, foi isto que o Senhor Salvador quis transmitir no Evangelho, quando disse que *o vinho novo* não pode ser colocado *em odres velhos*[82], mas ordenou que

---

[77] Salmo 103: 029 e 030.

[78] Romanos 6: 3 e 4. *Ignorais que todos os que fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele, na sua morte, pelo batismo, para que, como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai, assim nós também vivamos uma vida nova*.

[79] 2 Coríntios 5: 17.

[80] Colossenses 1: 18.

[81] João 20: 22.

[82] Mateus 9: 17.

os *odres* fossem renovados, isto é, que as pessoas andassem em *uma vida nova*, para que pudessem receber *o vinho novo*, ou seja, a novidade da graça do Espírito Santo.

Desta forma então funciona o poder de Deus Pai e Filho, que se estende sem distinção a toda criatura. Mas, a participação no Espírito Santo, encontramos somente entre os santos. E, portanto, se diz: *Ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo*.

Somente em certa ocasião os próprios Apóstolos foram considerados dignos de ouvir as palavras: *Recebereis o poder do Espírito Santo que vem sobre vós*[83]. Por esta razão, também, creio que se segue que, aquele que cometeu um pecado contra o Filho do Homem merece perdão, porque, se aquele que participa da Palavra ou da Razão de Deus deixa de viver de acordo com a Razão, parece ter caído em estado de ignorância ou insensatez e, portanto, merece perdão, enquanto que aquele que foi considerado digno de ter uma porção do Espírito Santo e que decaiu é, por este mesmo ato e obra, considerado culpado de blasfêmia contra o Espírito Santo.

[83] Atos 1: 8.

A graça especial e a graça geral da Trindade

Que ninguém suponha, de fato, que nós — por termos dito que o Espírito Santo só é conferido aos santos, que apenas os benefícios ou operações do Pai e do Filho se estendem ao bom e ao mau, ao justo e ao injusto — damos preferência ao Espírito Santo sobre o Pai e o Filho ou afirmamos que Sua dignidade é maior, o que certamente seria uma conclusão muito ilógica, pois é a peculiaridade de Sua graça e operações que temos descrito. Além disto, nada na Trindade pode ser chamado de maior ou menor, visto que a fonte da divindade sozinha contém todas as coisas por Sua Palavra ou Razão e pelo Espírito de Sua boca santifica todas as coisas que são dignas de santificação, como está escrito no Salmo: *Pela palavra do Senhor foram fortalecidos os céus e todo o seu poder, pelo Espírito da sua boca*[84].

Também há uma atuação especial de Deus Pai, além daquela pela qual Ele concedeu, a todas as coisas, o dom da vida natural. Há também um ministério especial do Senhor Jesus Cristo para aqueles a quem Ele confere, por natureza, o dom da razão, por meio do qual eles são capacitados a ser corretamente o que são.

Há também outra graça do Espírito Santo que é concedida aos merecedores, por meio do ministério de Cristo e da atuação do Pai, em proporção aos méritos daqueles que se tornam capazes de recebê-la.

Isto é claramente apontado pelo Apóstolo Paulo, ao demonstrar que o poder da Trindade é um só, nas palavras: *Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo e há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus quem efetua tudo em todos. Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o bem comum*[85].

Disto se segue claramente que não há diferença na Trindade, mas aquilo que é chamado de dom do Espírito é revelado por meio do Filho e operado por Deus Pai. *Mas todas essas obras são realizadas pelo mesmo Espírito, que distribui, a cada um, individualmente, como Ele quer*[86].

---

[84] Salmo 032: 006.
[85] 1 Coríntios 12: 4-7.
[86] 1 Coríntios 12: 11.

Recapitulação e exortação

08.

Tendo feito estas declarações a respeito da unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, voltemos à ordem em que iniciamos a discussão.

Deus Pai concede a todos a existência e a participação em Cristo e, por Este ser a Palavra ou a Razão, ele os torna seres racionais. Disto se segue que eles são merecedores de louvor ou censura, por serem capazes de virtude e vício. Por esta razão, portanto, está presente a graça do Espírito Santo, para que aqueles seres que não são santos, em sua essência, possam ser santificados pela participação nele.

Visto então que, em primeiro lugar, eles recebem sua existência de Deus Pai; em segundo lugar, recebem sua natureza racional da Palavra; em terceiro lugar, recebem sua santidade do Espírito Santo; aqueles que foram previamente santificados pelo Espírito Santo se tornam novamente capazes de receber Cristo, por Ele ser a Justiça de Deus e aqueles que alcançaram este grau, pela santificação do Espírito Santo, também obterão o dom da sabedoria, segundo o poder e a atuação do Espírito de Deus.

Considero que isto é o quer dizer Paulo, quando diz que *a alguns é dada a palavra da sabedoria, a outros a palavra do conhecimento, segundo o mesmo Espírito*. E, ao apontar a distinção individual dos dons, ele os remete todos à fonte de todas as coisas, nas palavras: *Há diversidade de operações, mas um só Deus opera tudo em todos*.

Daí também, a atuação do Pai, que confere existência a todas as coisas, se mostra mais gloriosa e magnífica enquanto cada um, pela participação em Cristo, com a sabedoria, o conhecimento e a santificação[87], progride e avança para graus mais elevados de perfeição e, visto que é pela participação no Espírito Santo que alguém se torna mais puro e santo, obtém, quando se torna digno, a graça da sabedoria e do conhecimento, para que, depois de todas as manchas de impureza e ignorância serem purificadas e removidas, possa fazer um grande avanço em santidade e pureza, para que a natureza que ele recebeu de Deus se torne digna Daquele que a deu pura e perfeita, de modo que o ser que existe seja tão digno quanto Aquele que o chamou à existência, pois, desta forma, aquele que é como o seu Cria-

[87] Cf. 1 Coríntios 1: 30. *Jesus Cristo se tornou para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção.*

dor o desejou, receberá de Deus o poder de sempre existir e permanecer para sempre.

Para que assim seja e para que aqueles que Ele criou estejam incessante e inseparavelmente presentes com Ele, que É, cabe à Sabedoria instruí-los e treiná-los e levá-los à perfeição pela confirmação do Seu Espírito Santo e pela santificação incessante, somente pela qual são capazes de receber a Deus.

Desta forma então, pela renovação da incessante atuação do Pai, do Filho e do Espírito Santo em nós, em seus vários estágios de progresso, talvez possamos, em algum momento futuro, embora com dificuldade, contemplar a vida santa e bem-aventurada, na qual (pois só a alcançamos após muitas lutas) devemos perseverar, de modo que a saciedade dessa bem-aventurança jamais nos domine.

Mas, quanto mais percebermos sua bem-aventurança, mais deverá aumentar e se intensificar em nós o anseio por ela, enquanto recebemos e nos apegamos, com cada vez mais avidez e liberdade, ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

Mas, se a saciedade, porventura, se apoderar de algum daqueles que se encontram no ápice da perfeição, não creio que tal pessoa seja subitamente deposta de sua posição e caia em desgraça, mas que declinará gradual e pouco a pou-

co, de modo que, por vezes, se ocorrer um breve lapso e o indivíduo se arrepender rapidamente e voltar a si, poderá não cair completamente em desgraça, mas refazer seus passos, retornar à sua posição anterior e recuperar o que foi perdido por sua negligência.

Capítulo 4. Sobre a deserção ou o afastamento.

01.

Para ilustrar a natureza da deserção ou do afastamento por parte daqueles que se comportam de maneira negligente, não parecerá inadequado empregar uma analogia a título de ilustração.

Suponhamos então o caso de alguém que tenha se familiarizado gradualmente com a arte ou a ciência, digamos, a geometria ou a medicina, até atingir a perfeição, tendo se treinado por um longo período em seus princípios e prática, de modo a obter um domínio completo sobre a arte. A tal pessoa jamais aconteceria de, ao se deitar para dormir, dominando sua habilidade, acordar em estado de ignorância.

Não é nosso propósito apresentar ou mencionar aqui os acidentes ocasionados por qualquer lesão ou fraqueza, pois não se aplicam à nossa ilustração atual. De acordo com nosso ponto de vista então, enquanto esse geômetra ou mé-

dico continuar a se exercitar no estudo de sua arte e na prática de seus princípios, o conhecimento de sua profissão permanecerá com ele. Mas se ele se afastar dessa prática e deixar de lado seus hábitos de trabalho, então, por sua negligência, a princípio, algumas coisas lhe escaparão gradualmente e depois, aos poucos, mais e mais, até que, no decorrer do tempo, tudo será esquecido e completamente apagado da sua memória.

É possível, de fato, que, quando alguém começa a se desviar e a ceder à influência corruptora de uma negligência ainda pequena, possa, se for despertado e voltar rapidamente à razão, reparar as perdas recentes e recuperar o conhecimento que até então havia sido apenas ligeiramente apagado de sua mente.

Apliquemos isto agora ao caso daqueles que se dedicaram ao conhecimento e à sabedoria de Deus, cujo aprendizado e diligência superam incomparavelmente qualquer outro treinamento e contemplemos, segundo a forma da comparação empregada, o que é a aquisição do conhecimento ou o que é o seu desaparecimento, especialmente quando ouvimos do Apóstolo o que é dito daqueles que são

perfeitos: que eles contemplarão *face a face*[88] a *glória* do Senhor na revelação de seus mistérios[89].

02.

Mas, em nosso desejo de mostrar os benefícios divinos que nos foram concedidos pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo, Trindade que é a fonte de toda santidade, incorremos, no que dissemos, em uma digressão, tendo considerado que o tema da alma, que acidentalmente nos foi apresentado, deveria ser abordado, ainda que superficialmente, visto que estávamos discutindo um tópico afim relacionado à nossa natureza racional. Contudo, com a permissão de Deus, por meio de Jesus Cristo e do Espírito Santo, consideraremos mais convenientemente, no lugar apropriado, o tema de todos os seres racionais, que se distinguem em três gêneros e espécies.

Capítulo 5. Sobre as naturezas racionais.

01.

Após a dissertação, que conduzimos brevemente, da melhor maneira possível, a respeito do Pai, do Filho e do

[88] 1 Coríntios 13: 12.

Espírito Santo, apresentamos algumas observações sobre o tema das naturezas racionais, suas espécies e ordens ou sobre os ofícios, tanto dos poderes santos quanto dos malignos e também sobre aqueles que ocupam uma posição intermediária entre esses poderes bons e maus e que ainda se encontram em estado de luta e provação.

Potestades e Dominações

De fato, encontramos, nas Sagradas Escrituras, numerosos nomes de certas ordens e ofícios, não apenas de seres santos, mas também de seres de descrição oposta, que apresentaremos em primeiro lugar e cujo significado procuraremos, em segundo lugar, determinar da melhor maneira possível.

Há certos santos anjos de Deus que Paulo chama de *espíritos ministradores enviados para servir àqueles que serão herdeiros da salvação*[90]. Nos escritos do próprio São Paulo encontramos também a designação, por alguma fonte desconhecida, de Tronos, Dominações, Principados e Potestades e, após essa enumeração, como se sabendo que existi-

[89] Cf. 1 Pedro 4: 13. *Alegrai-vos em ser participantes dos sofrimentos de Cristo, para que vos possais alegrar e exultar no dia em que for manifestada sua glória*.
[90] Hebreus 1: 14.

am ainda outras funções e ordens racionais além daquelas que ele havia mencionado, ele diz, sobre o Salvador: *Aquele que está acima de todo Principado, Poder, Potestade, Dominações e de todo nome que se possa mencionar, não só neste mundo, mas também no vindouro*[91]. Com isto, ele demonstra que havia certos seres, além daqueles que ele havia mencionado, que podem de fato ser nomeados neste mundo, mas que não foram enumerados por ele e talvez não sejam conhecidos por nenhum outro indivíduo e que havia outros que podem não ser nomeados neste mundo, mas serão nomeados no mundo vindouro.

O Diabo e seus anjos e a luta espiritual

02.

Em seguida, devemos saber que todo ser dotado de razão que transgride seus estatutos e limitações está, sem dúvida envolvido em pecado, por se desviar da retidão e da justiça. Toda criatura racional, portanto, é capaz de merecer elogio e censura; elogio, se, em conformidade com a razão que possui, avança para coisas melhores; censura, se se a-

[91] Efésios 1: 21.

fasta do plano e do caminho da retidão, razão pela qual está justamente sujeita a penas e punições.

E isto também se aplica ao próprio Diabo e àqueles que estão com ele e são chamados de seus anjos. Ora, os títulos desses seres precisam ser explicados para que saibamos de quem estamos falando.

O nome então, de Diabo, Satanás e Maligno, que também é descrito como Inimigo de Deus, é mencionado em muitas passagens das Escrituras. Além disto, são mencionados certos anjos do Diabo e também um *príncipe deste mundo*[92], cuja identidade, seja o próprio Diabo ou outra pessoa, ainda não se manifestou claramente.

Há também certos *príncipes deste mundo* que são descritos como possuidores de uma espécie de sabedoria que se revelará inútil. Mas se estes são os mesmos príncipes que também são os *Principados contra* os quais *temos de lutar*[93] ou outros seres, me parece um ponto sobre o qual não é fácil para ninguém se pronunciar.

Depois dos *Principados*, são também nomeadas certas Potestades contra as quais *temos de lutar* e travar uma luta

[92] João 12: 31, 15: 30 e 16: 11.
[93] Efésios 6: 12.

até mesmo *contra os príncipes deste mundo* e os governantes *das trevas*[94]. Certas *forças espirituais do mal, espalhadas pelos ares*[95] também são mencionadas pelo próprio Paulo.

O que dizer então dos espíritos malignos e imundos mencionados no Evangelho?

Temos também certos seres celestiais chamados por um nome semelhante, que dizem que dobram os joelhos ou estão prestes a dobrá-los, *ao nome de Jesus*. Aliás, até mesmo coisas na terra e coisas debaixo da terra, que Paulo enumera em ordem[96], farão isto.

E, certamente em um lugar onde discutimos o tema das naturezas racionais, não é apropriado silenciar sobre nós mesmos, que somos seres humanos e somos chamados de animais racionais. Aliás, nem mesmo deve ser ignorado o ponto que, até mesmo de nós, seres humanos, certas ordens diferentes são mencionadas nas palavras: *A porção do Senhor é o seu povo Jacó; Israel é o cordão da sua herança*[97].

---

[94] Efésios 6: 12.
[95] Cf. Efésios 6: 12.
[96] Cf. Filipenses 2: 10. *Ao nome de Jesus, se dobre todo joelho no céu, na terra e nos infernos*.
[97] Deuteronômio 32: 9.

Outras nações, além disto, são chamadas de parte dos anjos, visto que, *quando o Altíssimo dividiu as nações e dispersou os filhos de Adão, Ele fixou os limites das nações de acordo com o número dos anjos de Deus*[98].

Portanto, juntamente com outras naturezas racionais, devemos também examinar minuciosamente a razão da humana alma.

Criação, determinismo e liberdade

03.

Após a enumeração de tantos e importantes nomes de ordens e ofícios, sob os quais certamente há existências pessoais, indaguemos se Deus, o criador e fundador de todas as coisas, criou algumas delas santas e felizes, de modo que não pudessem admitir nenhum elemento de natureza oposta e outras capazes tanto de virtude quanto de vício ou se devemos supor que Ele criou algumas totalmente incapazes de virtude e outras totalmente incapazes de maldade, mas com o poder de permanecer apenas em um estado de felicidade e outras ainda capazes de ambas as condições.

[98] Deuteronômio 32: 8.

Para que nossa primeira investigação comece pelos próprios nomes, consideremos se os santos Anjos, desde o início de sua existência, sempre foram santos e continuam sendo santos e jamais admitiram ou tiveram o poder de admitir qualquer oportunidade para o pecado.

Em seguida, consideremos se aqueles que são chamados os Santos Principados começaram, desde o momento de sua criação por Deus, a exercer poder sobre alguns que lhes foram submetidos e se estes últimos foram criados com tal natureza e formados com o propósito específico de serem súditos e subordinados.

Da mesma forma também, se aqueles que são chamados de Potestades foram criados com tal natureza e com o propósito expresso de exercer poder ou se alcançar esse poder e dignidade é uma recompensa e um mérito de sua virtude.

Além disto, também, se aqueles que são chamados de Tronos ou Sedes alcançaram essa estabilidade de felicidade ao mesmo tempo em que vieram à existência, de modo a possuí-la somente pela vontade do Criador ou se aqueles que são chamados de Dominações tiveram seu domínio conferido a eles, não como uma recompensa por sua proficiência, mas como um privilégio peculiar de sua criação, de

modo que seja algo que, em certo grau, é inseparável deles e natural.

Agora, se adotarmos a visão de que os santos Anjos, as Potestades sagradas, os Tronos benditos, as gloriosas Virtudes e as Dominações magníficas devem ser considerados como possuidores desses poderes, dignidades e glórias em virtude de sua natureza, sem dúvida se seguirá que aqueles seres mencionados como ocupando cargos de natureza oposta devem ser considerados da mesma maneira, de modo que os Principados *contra* os quais *temos que lutar* devem ser vistos não como tendo recebido esse espírito de oposição e resistência a todo o bem em um período posterior ou como tendo se afastado do bem por meio do livre-arbítrio, mas como o tendo neles mesmos como a essência do ser deles desde o início da existência deles.

Da mesma forma, o mesmo ocorrerá com as Potestades e Virtudes, em nenhum dos quais houve maldade subsequente ou posterior à sua primeira existência.

Aqueles a quem o Apóstolo chamou de governantes e *príncipes deste mundo das trevas*[99], se diz, com relação ao

[99] Efésios 6: 12.

seu domínio e ocupação das trevas, que não caem por perversidade de intenção, mas pela necessidade de sua criação.

O raciocínio lógico nos obrigará a adotar a mesma visão em relação aos espíritos malignos e aos demônios impuros. Mas, se sustentar esta visão a respeito dos poderes malignos e opostos parece absurdo, como certamente é absurdo que a causa de sua maldade seja removida do propósito de sua própria vontade e atribuída necessariamente ao seu Criador, por que não seríamos também obrigados a fazer uma confissão semelhante a respeito dos poderes bons e santos, ou seja, que o bem que neles há não lhes é inerente por essência, o que demonstramos manifestamente ser o caso apenas de Cristo e do Espírito Santo e, sem dúvida, também do Pai?

Pois foi provado que não há nada de composto na natureza da Trindade, de modo que essas qualidades possam parecer pertencer a ela como consequências acidentais. Daí se conclui que, no caso de cada criatura, é resultado de suas próprias obras e movimentos que os poderes que aparentam exercer influência sobre outros ou exercer autoridade ou domínio, foram preferidos e colocados acima daqueles sobre os quais supostamente governam ou exercem poder e

não em consequência de um privilégio peculiar inerente às suas constituições, mas sim por mérito.

O testemunho da autoridade das Escrituras

04.

Mas, para que não pareçamos estar fundamentando nossas afirmações sobre assuntos de tamanha importância e dificuldade apenas em inferências ou exigindo a concordância de nossos ouvintes para o que é meramente conjectural, vejamos se podemos obter alguma declaração das Sagradas Escrituras, cuja autoridade possa sustentar essas posições com maior credibilidade.

Primeiramente, apresentaremos o que as Sagradas Escrituras contêm a respeito dos poderes malignos e, em seguida, continuaremos nossa investigação com relação aos demais, conforme o Senhor nos iluminar, para que, em questões de tamanha dificuldade, possamos discernir o que está mais próximo da verdade ou quais deveriam ser nossas opiniões de acordo com os padrões da religião.

As profecias de Ezequiel e a natureza dos poderes celestiais

05

Ora, encontramos no Profeta Ezequiel duas profecias escritas sobre um tal *príncipe de Tiro*, sendo que a primeira poderia parecer a qualquer um, antes mesmo de ouvir a segunda, ser dirigida a algum príncipe dos tírios. Portanto, por ora, não tomaremos nenhuma conclusão sobre a primeira profecia, mas, como a segunda é manifestamente de natureza tal que não pode ser entendida como sendo de uma pessoa, mas sim de algum poder superior que caiu de uma posição elevada e foi reduzido a uma condição inferior e pior, podemos extrair disto uma ilustração que demonstrará, com a máxima clareza, que esses poderes opostos e malignos não foram formados ou criados assim pela natureza, mas caíram de uma posição melhor para uma pior e se converteram em seres perversos; que esses poderes abençoados também não eram de natureza tal que fossem incapazes de admitir o que lhes era oposto, caso assim o desejassem e se tornassem negligentes e não guardassem, com o máximo cuidado, a bem-aventurança de sua condição, pois, se é relatado que aquele que é chamado de *príncipe de Tiro*

estava entre os santos era imaculado, foi colocado no Paraíso de Deus e *adornado* com *uma coroa de formosura* e beleza, se deve supor que tal pessoa pudesse ser, em qualquer grau, inferior a qualquer um dos santos?

Ele é descrito como tendo sido adornado com *uma coroa de formosura* e beleza e como tendo caminhado imaculado no Paraíso de Deus. Como alguém pode supor que tal ser não era um daqueles poderes santos e benditos que, estando em estado de felicidade, devemos crer que não possuem outra honra senão esta?

Mas, vejamos o que nos é ensinado pelas próprias palavras da profecia. Diz o Profeta: *A palavra do Senhor veio a mim, dizendo: "Filho do homem, levanta uma lamentação sobre o príncipe de Tiro e lhe dize: 'Assim diz o Senhor Deus: Tu eras o selo de uma semelhança e uma coroa de formosura entre as delícias do Paraíso. Foste adornado com toda sorte de pedras preciosas e gemas e foste vestido com sardônica, topázio, esmeralda, carbúnculo, safira e jaspe, engastados em ouro e prata e com ágata, ametista, crisólito, berilo e ônix. Com ouro também encheste os teus tesouros e os teus depósitos dentro de ti. Desde o dia em que foste criado com os Querubins, eu te coloquei no santo monte de Deus. Estavas no meio das pedras de fogo, eras*

imaculado nos teus dias, desde o dia em que foste criado, até que se acharam iniquidades em ti. Pela grandeza do teu comércio, encheste os teus celeiros de iniquidade, pecaste e foste ferido desde o monte de Deus. Um Querubim o expulsou do meio das pedras ardentes. Teu coração se encheu de orgulho por causa da tua formosura, mas a tua disciplina se corrompeu, juntamente com a tua beleza. Por causa da multidão dos teus pecados, eu o lancei à terra. Diante dos reis, eu o entreguei como espetáculo e zombaria, por causa da multidão dos teus pecados e das tuas iniquidades. Por causa do teu comércio, tu profanaste os teus lugares sagrados. Farei sair fogo do meio de ti, o qual o consumirá e o darei como cinzas e brasas sobre a terra, à vista de todos os que o virem e todos os que te conhecem entre as nações se lamentarão por ti. Tu foste condenado à destruição e não existirás mais para sempre'"[100].

Visto então, que estas são as palavras do Profeta, que, ao ouvi-las, disse: *Tu eras um selo de semelhança e uma coroa de formosura entre as delícias do Paraíso*, ou que, *desde o dia em que foste criado com os Querubins*, a frase: *Eu te coloquei no monte santo de Deus* pode enfraquecer o

[100] Ezequiel 28: 11-19.

significado, a ponto de supor que esta linguagem se refere a alguma pessoa ou santo e não apenas ao *príncipe de Tiro*? Ou, que *pedras de fogo* ele poderia imaginar em meio às quais alguém pudesse viver? Ou, quem poderia ser considerado *imaculado desde o dia* de sua criação e sendo a maldade descoberta nele, ser dito então que foi lançado *à terra*? Pois o significado disto é que aquele que ainda não estava na *terra* é dito ter sido lançado à ela, cujos lugares sagrados também são ditos estarem poluídos.

Mostramos então, que o que citamos a respeito do tal *príncipe de Tiro*, do Profeta Ezequiel, se refere a um poder adverso e, por meio disto, fica claramente provado que esse poder era outrora santo e bem-aventurado, de cujo estado de felicidade caiu, a partir do momento em que a iniquidade foi encontrada nele e foi lançado *à terra* e que não era assim por natureza e criação.

Somos da opinião, portanto, de que estas palavras se referem a um certo Anjo que recebeu a incumbência de governar a nação dos tírios e a quem também foram confiadas as suas almas para serem cuidadas. Mas, que Tiro ou que almas de tírios, devemos compreender, se é aquela Tiro situada dentro dos limites da província da Fenícia ou alguma outra, da qual esta que conhecemos na terra serve de mode-

lo e as almas dos tírios, se são as da primeira ou as que pertencem àquela Tiro que é espiritualmente compreendida, não parece ser assunto que exija exame neste lugar, para que não pareçamos investigar assuntos de tanto mistério e importância de forma superficial, quando exigem trabalho e dedicação próprios.

A profecia de Isaías sobre Lúcifer

06

Mais uma vez, o Profeta Isaías nos ensina o seguinte, a respeito de outra força adversária. O Profeta diz: *Como caiu do céu Lúcifer, que costumava se levantar pela manhã! Aquele que assolava todas as nações foi quebrado e espancado até o chão. Você mesmo disse em seu coração: "Subirei ao céu; acima das estrelas do céu porei o meu trono; no alto dos montes mais altos do norte me assentarei; subirei acima das nuvens; serei semelhante ao Altíssimo". Agora, você será lançado ao mundo inferior e aos fundamentos da terra. Os que o virem ficarão admirados e dirão: "Este é o homem que atormentava toda a terra, que derrubava reis, que transformava o mundo inteiro em deserto, que destruía cidades e não libertava os que estavam presos". Todos*

os reis das nações dormiram em honra, cada um em sua própria casa. Mas sereis lançados fora, nas montanhas, amaldiçoado com os muitos mortos que foram traspassados por espadas e desceram ao mundo inferior. Como uma roupa manchada de sangue jamais ficará limpa, assim também, vós não ficareis limpos, porque destruístes a minha terra e matastes o meu povo; não permanecereis para sempre. Descendência perversa. Preparem seus filhos para a morte por causa dos pecados de seu pai, para que não se levantem novamente e herdem a terra e a encham de guerras. E eu me levantarei contra eles, diz o Senhor dos Exércitos e farei perecer o seu nome e os seus restos mortais e a sua descendência[101].

É evidente, por estas palavras, que aquele que antes era *Lúcifer, que costumava se levantar pela manhã*, caiu do céu, pois, se, como alguns pensam, ele era de natureza tenebrosa, como se diz que Lúcifer existia antes? Ou como poderia ele *se levantar pela manhã*, se não tinha em si nada de luz?

[101] Isaías 14: 12-22.

Além disto, até o próprio Salvador nos ensina, dizendo do Diabo: *Eis que vejo Satanás caído do céu como um relâmpago*[102]. Pois outrora, ele era luz.

Além disto, nosso Senhor, que é a Verdade, comparou o poder de sua própria vinda gloriosa ao relâmpago, nas palavras: *Porque, como o relâmpago parte do oriente e ilumina até o ocidente, assim será a volta do Filho do Homem*[103].

Não obstante, Ele o compara a um *relâmpago* e diz que ele caiu do céu, para mostrar, com isto, que ele estivera, em algum momento, no céu e tivera um lugar entre os santos e havia desfrutado de uma parte daquela luz da qual todos os santos participam, pela qual são feitos anjos de luz e pela qual os Apóstolos são chamados pelo Senhor de *luz do mundo*[104].

Desta maneira então, aquele ser existiu outrora como luz antes de se desviar, cair neste lugar e ter sua glória transformada em pó, o que é peculiarmente a marca do ímpio, como também diz o Profeta. Daí também, ele ter sido chamado de *príncipe deste mundo*, isto é, de uma habitação

[102] Lucas 10: 18.
[103] Mateus 24: 27.
[104] Mateus 5: 14.

terrena, pois ele exercia poder sobre aqueles que lhe obedeciam à maldade, visto que *o mundo todo* — pois chamou esta terra de *mundo — jaz sob o Maligno*[105], que é um apóstata.

Que ele é um apóstata isto é, um fugitivo, o próprio Senhor, no livro de Jó, diz: *Tu pegarás com um anzol o dragão apóstata*[106], isto é, um fugitivo. Ora, é certo que, por *dragão*, se entende o próprio Diabo[107].

Se então são chamadas de potências opostas e se diz que outrora foram imaculadas, enquanto que a pureza imaculada não existe na essência de ninguém, exceto no Pai, no Filho e no Espírito Santo, mas é uma qualidade acidental em toda coisa criada e visto que aquilo que é acidental também pode se perder e visto que esses poderes opostos outrora foram imaculados e outrora estiveram entre aqueles que ainda permanecem imaculados, é evidente, por tudo isto, que ninguém é puro por essência ou natureza e que ninguém foi impuro por natureza.

---

[105] 1 João 5: 19.
[106] Jó 40: 25.
[107] Cf. Apocalipse 12: 9. *Foi então precipitado o grande Dragão, a primitiva Serpente, chamado Demônio e Satanás, o sedutor do mundo inteiro. Foi precipitado na terra e, com ele, os seus anjos.*

E a consequência disto é que está em nós mesmos e em nossas próprias ações possuir felicidade ou santidade ou, por indolência e negligência, cair da felicidade para a maldade e a ruína, a tal ponto que, por excessiva proficiência, por assim dizer, na maldade, se uma pessoa for culpada de tamanha negligência, ela pode descer até mesmo ao estado em que será transformado no que se chama de “poder oposto”.

Capítulo 6. Sobre o fim ou a consumação.

Preconceito, dogma e discussão

01.

Um fim ou consumação parece ser uma indicação da perfeição e completude das coisas. E isto nos lembra aqui que, se alguém estiver imbuído do desejo de ler e compreender assuntos de tamanha dificuldade e importância, deve trazer para este esforço um intelecto perfeito e instruído, para que, talvez, se não tiver experiência em questões deste tipo, elas não lhe pareçam vãs e supérfluas ou, se sua mente estiver repleta de preconceitos e ideias preconcebidas sobre outros pontos, possa julgá-los heréticos e contrários à fé da

Igreja, cedendo, assim, não tanto às convicções da razão quanto ao dogmatismo do preconceito.

Estes assuntos, de fato, são tratados por nós com grande solicitude e cautela, mais como uma investigação e discussão do que como uma decisão fixa e definitiva, pois apontamos, nas páginas anteriores, as questões que devem ser apresentadas em proposições dogmáticas claras, como creio ter sido feito da melhor maneira possível ao falar da Trindade. Mas, na presente ocasião, nosso exercício será conduzido, da melhor maneira possível, no estilo de uma discussão e não de uma definição estrita.

A submissão final a Cristo

O fim do mundo, portanto e a consumação final, ocorrerão quando cada um for submetido à punição por seus pecados. É um tempo que só Deus conhece, quando Ele concederá a cada um o que merece.

Pensamos, de fato, que a bondade de Deus, por meio de Seu Cristo, pode reunir todas as Suas criaturas para um mesmo fim, até mesmo Seus inimigos sendo vencidos e subjugados, pois assim diz a Sagrada Escritura: *Disse o Senhor*

ao meu Senhor: "Senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés"[108].

Se o significado da linguagem do Profeta aqui for menos claro, podemos verificá-lo com o Apóstolo Paulo, que fala mais abertamente, assim: *Porque é necessário que Cristo reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos seus pés*[109].

Mas, se mesmo esta declaração irrestrita do Apóstolo não nos informar suficientemente o que significa *inimigos debaixo dos seus pés*, ouçamos o que ele diz nas palavras seguintes: "Porque todas as coisas devem estar sujeitas a Ele".

O que então é essa "submissão" pela qual todas as coisas devem ficar sujeitas a Cristo?

Acredito que é justamente por essa submissão que também desejamos nos submeter a Ele, pela qual, os Apóstolos também estavam sujeitos, assim como todos os santos que foram seguidores de Cristo, pois o próprio termo "submissão", pela qual nos submetemos a Cristo, indica que a salvação que procede dele pertence aos Seus súditos em

[108] Salmo 109: 001 e Hebreus 1: 13.
[109] 1 Coríntios 15: 25.

consonância com a declaração de Davi: *Não se sujeitará a minha alma a Deus, já que é dele que vem a minha salvação?*[110] .

Conhecer o princípio pelo final

02.

Visto então que tal é o fim, quando todos os inimigos serão subjugados a Cristo, quando a morte, *o último inimigo*, for destruída e quando o Reino for entregue por Cristo (a quem todas as coisas estão sujeitas) a Deus Pai, digo, partindo de um fim como este, contemplemos os começos das coisas, pois o fim é sempre como o começo e, portanto, assim como há um só fim para todas as coisas, assim devemos entender que houve um só começo e, assim como há um fim para muitas coisas, também de um princípio surgem muitas diferenças e variedades, as quais, por sua vez, pela bondade de Deus, pela submissão a Cristo e pela unidade do Espírito Santo, são reconduzidas a um fim, que é semelhante ao princípio.

Todos aqueles que, dobrando os joelhos ao nome de Jesus, demonstram, com este gesto, sua submissão a Ele,

110

estes são os que estão no céu, na terra e debaixo da terra. Por meio destas três classes, todo o universo das coisas é apontado; aqueles que, desde aquele princípio, foram organizados, cada um segundo a diversidade de sua conduta entre as diferentes ordens, de acordo com seu merecimento, pois não havia neles bondade em essência, como em Deus e em Seu Cristo e no Espírito Santo, pois somente na Trindade, que é a autora de todas as coisas, existe a bondade em virtude de sua essência, enquanto que outros a possuem como uma qualidade acidental e perecível e somente então desfrutam da bem-aventurança, quando participam da santidade, da sabedoria e da própria divindade.

Mas se negligenciam e desprezam tal participação, então, cada um, por culpa de sua própria indolência, se torna — um mais rapidamente e outro mais lentamente, um em maior grau e outro em menor grau — a causa de sua própria ruína.

E, visto que, como observamos, o deslize pelo qual um indivíduo se afasta de sua posição é caracterizado por grande diversidade, de acordo com os movimentos da mente e da vontade, uma pessoa caindo com maior facilidade e outra com mais dificuldade em uma condição inferior. Nisto se vê o justo juízo da Providência de Deus: que aconteça a

cada um segundo a diversidade de sua conduta, em proporção ao merecimento de seu declínio e pecado.

A unidade final

De fato, alguns daqueles que permaneceram naquele início que descrevemos como semelhante ao fim que está por vir, obtiveram, na ordenação e organização do mundo, a ordem de Anjos; outros, a de Influências; outros, a de Principados; outros, a de Potestades, para que pudessem exercer poder sobre aqueles que necessitavam de poder sobre si; outros ainda, receberam a posição de Tronos, tendo o ofício de julgar ou governar aqueles que o necessitavam; outros, sem dúvida, a Dominação sobre escravos.

Todos estes poderes são conferidos pela Divina Providência em julgamento justo e imparcial, segundo seus méritos e o progresso que fizeram na participação e imitação de Deus. Mas aqueles que foram afastados de seu estado primordial de bem-aventurança não foram afastados irremediavelmente, mas foram colocados sob o domínio dessas ordens santas e bem-aventuradas que descrevemos e, se valendo do auxílio destas e sendo remodelados por princípios e disciplina salutares, podem se recuperar e ser restaurados à sua condição de felicidade.

Pelo que pude observar, a partir de tudo isto, acredito que esta ordem do gênero humano foi estabelecida para que, no mundo futuro ou em eras vindouras, quando houver os novos céus e a nova terra, mencionados por Isaías, pode ser restaurada aquela unidade prometida pelo Senhor Jesus em Sua oração a Deus Pai em favor de Seus discípulos: *Não rogo somente por estes, mas por todos os que crerem em mim por meio da palavra deles; para que todos sejam um, assim como tu, ó Pai estás em mim e eu em ti, que eles também sejam um em nós*[111] e, novamente, quando Ele diz: *Para que sejam um, assim como nós somos um: eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos em unidade*[112].

E isto é ainda confirmado pelas palavras do Apóstolo Paulo: *Até que todos cheguemos à unidade da fé, à maturidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo*[113] .

E, em consonância com isto está a declaração do mesmo Apóstolo, quando nos exorta, a nós que, ainda na vida presente estamos inseridos na Igreja, que é a figura do Reino vindouro, a esta mesma semelhança de unidade: *Que todos digam a mesma coisa e que não haja divisões entre*

[111] João 17: 20 e 21.
[112] João 17: 22 e 23
[113] Efésios 4: 13.

vocês, mas que vocês estejam perfeitamente unidos na mesma mente e no mesmo parecer[114].

Especulação sobre a condenação e a salvação final

03.

Deve-se ter em mente, porém, que certos seres que se afastaram daquele princípio fundamental de que falamos afundaram a tal ponto na indignidade e na maldade que são considerados totalmente indignos do treinamento e da instrução pelos quais o gênero humano, enquanto na carne, é treinado e instruído com a assistência dos poderes celestiais e continuam, ao contrário, em estado de inimizade e oposição àqueles que recebem essa instrução e ensinamento.

É por isto que toda esta vida mortal está repleta de lutas e provações causadas pela oposição e inimizade daqueles que caíram de uma condição melhor sem olhar para trás e que são chamados de *Diabo e seus anjos*[115] e as outras ordens do mal, que o Apóstolo classificou entre os poderes opostos.

---

[114] 1 Coríntios 1: 10.
[115] Mateus 25: 41.

Mas se alguma dessas ordens que agem sob o governo do Diabo e obedecem aos seus mandamentos malignos se converterá à retidão em um mundo futuro, por possuir a faculdade do livre-arbítrio ou se a maldade persistente e inveterada pode ser transformada em natureza pelo poder do hábito é uma questão que você mesmo, leitor, pode aprovar, se nem nestes mundos presentes, visíveis e temporais, nem naqueles invisíveis e eternos, essa porção diferir completamente da unidade e adequação final das coisas.

Mas, enquanto isto, tanto nos mundos temporais visíveis quanto nos mundos eternos invisíveis, todos estes seres estão organizados, segundo um plano regular, na ordem e grau de seus méritos, de modo que, alguns deles, nos primeiros, outros nos segundos, alguns até mesmo nos últimos tempos, após terem sofrido punições mais pesadas e severas, perdurando por um longo período e por muitas eras, por assim dizer, aprimorados por esse rigoroso método de treinamento e restaurados primeiro pela instrução dos anjos e, posteriormente, pelos poderes de um grau superior, avançando assim por cada estágio para uma condição melhor, chegam até mesmo ao invisível e eterno, tendo percorrido, por meio de uma espécie de treinamento, cada função dos poderes celestiais.

Disto, creio eu, decorre, como inferência, que toda natureza racional pode, ao passar de uma ordem para outra, atravessar cada uma até chegar a todas e avançar de todas para cada uma, sendo sujeita a vários graus de proficiência e fracasso, de acordo com suas próprias ações e esforços empregados no exercício de sua capacidade de livre-arbítrio.

A renovação e a conservação da matéria

04.

Mas, visto que Paulo afirma que certas *coisas*, *que se veem*, *são temporais* e outras, além destas, *não se veem* e *são eternas*[116], passamos a indagar como *as coisas que se veem são temporais*. Será que é porque não haverá absolutamente nada depois delas em todos os períodos do mundo vindouro, nos quais essa dispersão e separação do princípio único passa por um processo de restauração a um mesmo fim e semelhança ou será porque, embora a forma das *coisas que se veem* passe, sua natureza essencial não está sujeita à corrupção?

[116] Cf. 2 Coríntios 4: 18. *Não miramos as coisas que se veem, mas sim as que não se veem. Pois as coisas que se veem são temporais e as que não se veem são eternas*.

Paulo parece confirmar esta última visão quando diz: *Porque a figura deste mundo passa*[117].

Davi também parece afirmar o mesmo nas palavras: *No começo criastes a terra e o céu é obra de vossas mãos. Um e outro passarão, enquanto vós ficareis. Tudo se acaba pelo uso, como um traje. Como uma veste, vós os substituís e eles hão de sumir*[118], pois, se *o céu* for mudado, certamente aquilo que é mudado não perece e se a *figura* do mundo passar, não se trata de uma aniquilação ou destruição de sua substância material, mas de uma mudança de qualidade e transformação de aparência.

O Senhor, ao dizer, através do Profeta Isaías, que ele vai criar *novos céus e uma nova terra*[119], sugere, sem dúvida, uma visão semelhante, pois essa renovação do céu e da terra, essa transmutação da forma do mundo presente e essa transformação dos céus serão, sem dúvida, preparadas para aqueles que trilham o caminho que apontamos acima e que se encaminham para a felicidade à qual, se diz, até

[117] 1 Coríntios 7: 31.
[118] Salmo 101: 026 e 027.
[119] Isaías 65: 17.

mesmo os inimigos se submeterão e na qual Deus será *tudo em todos*[120].

E se alguém imaginar que, no fim, a natureza material, isto é, corpórea, será completamente destruída, não poderá, de forma alguma, concordar com meu ponto de vista sobre como seres tão numerosos e poderosos são capazes de viver e existir sem corpos, visto que é um atributo exclusivo da natureza divina — isto é, do Pai, do Filho e do Espírito Santo — existir sem qualquer substância material e sem participar, em qualquer grau, de um complemento corpóreo.

Outro, talvez, possa dizer que, no fim, toda substância corpórea será tão pura e refinada quanto o éter, de uma pureza e clareza celestiais. No entanto, como as coisas serão, é conhecido com certeza somente por Deus e por aqueles que são Seus amigos por meio de Cristo e do Espírito Santo.

Capítulo 7. Sobre os seres incorpóreos e os corpóreos.

01.

Os assuntos considerados no capítulo anterior foram abordados em linguagem geral, se discutindo a natureza

[120] 1 Coríntios 15: 18.

dos seres racionais mais por meio de inferência inteligente do que por definição dogmática estrita, com exceção do trecho em que tratamos, da melhor maneira possível, das Pessoas do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Precisamos agora determinar quais são os assuntos que convém tratar nas páginas seguintes, de acordo com nossa crença dogmática, ou seja, em consonância com o credo da Igreja .

Todas as almas e todas as naturezas racionais, sejam santas ou más, foram formadas ou criadas e todas elas, segundo sua própria natureza, são incorpóreas. Mas, embora incorpóreas, foram criadas, porque todas as coisas foram feitas por Deus por meio de Cristo, como João ensina, de forma geral, em seu Evangelho, dizendo: *No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele e, sem ele, nada do que foi feito se fez*[121].

O Apóstolo Paulo, além disto, ao descrever as coisas criadas por espécie, número e ordem, afirma o seguinte, mostrando que todas as coisas foram feitas por meio de

[121] João 1: 1-3.

Cristo: *Ora, nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam Tronos, sejam Dominações, sejam Principados, sejam Potestades. Tudo foi criado por ele e nele e ele é antes de todos e é a Cabeça*[122].

Ele declara, portanto, manifestamente, que em Cristo e por meio de Cristo, todas as coisas foram feitas e criadas, sejam as coisas visíveis, que são corpóreas, sejam as coisas invisíveis, que considero nada mais do que poderes incorpóreos e espirituais. Mas, daquilo que ele denominou genericamente corpóreo ou incorpóreo, me parece que, nas palavras que se seguem, ele enumera os vários tipos, a saber: *Tronos*, *Dominações*, *Principados*, *Potestades*, *Influências*.

Estas questões já foram mencionadas anteriormente por nós, pois desejamos investigar de forma ordenada o sol, a lua e as estrelas por meio de inferência lógica e averiguar se eles também devem ser considerados entre os Principados por terem sido criados em *ἀρχάς* (*archás*) (no início[123]), isto é, para o governo do dia e da noite ou se devem ser considerados como tendo apenas o governo do dia e da noite,

[122] Colossenses 1: 16-18.
[123] Bailly.

que exercem ao iluminá-los e não são, na realidade, os principais dessa ordem de Principados.

A natureza astral é mutável

02.

Ora, quando se diz que todas as coisas foram feitas por Ele e que nele todas as coisas foram criadas, tanto as coisas no céu como as coisas na terra, não pode haver dúvida de que também aquelas coisas que estão no firmamento, que é chamado de céu e onde se diz que estão os *luminares*, estão incluídas entre as coisas celestiais. E, em segundo lugar, visto que o curso da discussão revelou manifestamente que todas as coisas foram feitas ou criadas e que entre as coisas criadas não há nada que não possa admitir o bem e o mal e ser capaz de ambos, o que devemos pensar da seguinte opinião que alguns de nossos amigos sustentam a respeito do sol, da lua e das estrelas, a saber, que eles são imutáveis e incapazes de se tornarem o oposto do que são?

Não poucos sustentaram esta visão até mesmo a respeito dos santos Anjos e certos hereges também, a respeito das almas, que eles chamam de naturezas espirituais.

Em primeiro lugar, vejamos o que a própria razão pode revelar a respeito do sol, da lua e das estrelas — se a opinião, defendida por alguns, de sua imutabilidade está correta — e, na medida do possível, apresentemos primeiro as declarações das Sagradas Escrituras, pois Jó parece afirmar que não apenas as estrelas podem estar sujeitas ao pecado, mas que elas próprias não estão, de fato, livres de sua contaminação.

Estas são as suas palavras: *Nem mesmo as estrelas são puras aos teus olhos*[124]. E isto não deve ser entendido como uma referência ao esplendor de sua substância física, como se alguém dissesse, por exemplo, de uma roupa, que não está limpa, pois, se este fosse o significado, a acusação de falta de pureza no esplendor de sua substância física implicaria em uma reflexão prejudicial sobre o seu Criador, pois, se eles não conseguem, por meio de seus próprios esforços diligentes, adquirir, para eles mesmos, um corpo de maior brilho ou, por sua preguiça, tornar o que possuem menos puro, como deveriam incorrer em censura por serem estrelas impuras, se não recebem elogios por isto?

[124] Jó 25: 5.

As estrelas, criaturas vivas

03

Mas, para chegarmos a uma compreensão mais clara destas questões, devemos primeiro indagar sobre este ponto: se é permitido supor que sejam seres vivos e racionais; em seguida, se suas almas surgiram ao mesmo tempo que seus corpos ou se parecem ser anteriores a eles e também se, após o fim do mundo, devemos entender que serão libertados de seus corpos e se, assim como deixaremos de viver, eles também deixarão de iluminar o mundo.

Embora esta indagação possa parecer um tanto ousada, como somos impelidos pelo desejo de averiguar a verdade tanto quanto possível, não parece haver absurdo em tentar uma investigação do assunto de acordo com a graça do Espírito Santo.

Pensamos então que eles podem ser designados como seres vivos, por esta razão: se diz que recebem ordens de Deus[125], o que normalmente só ocorre com seres racionais.

O Senhor *dá uma ordem ao sol para que não se levante*[126], diz Jó.

Quais são então essas ordens?

A saber, que cada astro em sua ordem e curso, deve conceder ao mundo a quantidade de esplendor que lhe foi confiada, pois aqueles que são chamados de “planetas” se movem em órbitas de um tipo e aqueles que são chamados de *ἀπλανεῖς (aplaneís)*[127] são diferentes. Ora, segue-se manifestamente disto que o movimento desse corpo não pode ocorrer sem uma alma, nem os seres vivos podem estar sem movimento em nenhum momento.

E, visto que as estrelas se movem com tal ordem e regularidade que seus movimentos nunca parecem estar sujeitos a desarranjos, não seria o cúmulo da insensatez dizer que uma observância tão ordenada de método e plano poderia ser realizada ou cumprida por seres irracionais?

Nos escritos de Jeremias, de fato, a lua é chamada de *rainha do céu*[128]. Contudo, se as estrelas são seres vivos e racionais, sem dúvida haverá entre elas tanto um avanço quanto um retrocesso, pois a frase de Jó: *Nem mesmo as estrelas são puras aos teus olhos* parece sugerir esta ideia.

---

[125] Cf. Jeremias 31: 35. *Diz o Senhor que mandou o sol iluminar o dia, ordenou, à lua e às estrelas, clarearem a noite.*
[126] Jó 9: 7.
[127] Que não vagueia, que é fixo, estável. (Bailly).
[128] Jeremias 7: 18.

Quando é criada a alma?

04.

E agora temos que averiguar se aqueles seres que, no decorrer da discussão, descobrimos possuírem vida e razão, foram dotados de alma juntamente com seus corpos no tempo mencionado nas Escrituras, quando *Deus criou os dois grandes luminares, o maior para governar o dia e o menor para governar a noite e também as estrelas*[129] ou se o espírito foi implantado neles, não na criação de seus corpos, mas, desde fora, depois que já haviam sido criados.

Eu, por minha parte, suspeito que o espírito foi implantado neles depois, desde fora, mas valerá a pena provar isto pelas Escrituras, pois parecerá fácil fazer a afirmação com base em conjecturas enquanto é mais difícil estabelecê-la pelo testemunho das Escrituras.

Ora, isto pode ser estabelecido conjecturalmente da seguinte maneira: se a alma de uma pessoa, que certamente é inferior enquanto permanece a alma de uma pessoa, não foi formada juntamente com seu corpo, mas comprovada-

[129] Gênesis 1: 14-16.

mente implantada estritamente de fora[130], muito mais o mesmo deve ocorrer com os seres vivos que são chamados de celestiais, pois, no que diz respeito ao ser humano, como poderia a alma de Jacó, que suplantou seu irmão no ventre materno, ter sido formada juntamente com seu corpo?

Ou, como poderia sua alma ou suas imagens serem formadas juntamente com seu corpo, que, enquanto jazia no ventre de sua mãe, foi cheio do Espírito Santo? Eu me refiro a João Batista estremecendo no ventre de sua mãe e exultando porque a voz da saudação de Maria chegou aos ouvidos de sua mãe Isabel[131]. Como poderia sua alma e suas imagens serem formadas juntamente com seu corpo, que, antes de ser criado no ventre, já era conhecido por Deus e foi santificado por Ele antes do nascimento?

Alguns, talvez, possam pensar que Deus enche os indivíduos com Seu Espírito Santo e lhes concede santificação, não por justiça e de acordo com seus méritos, mas imerecidamente. E como escaparemos desta declaração: *Há injus-*

[130] Cf. Gênesis 2: 7. *O Senhor Deus formou o homem do barro da terra e lhe inspirou nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou uma alma vivente*.
[131] Cf. Lucas 1: 41.

tiça da parte de Deus? De modo nenhum![132] Ou desta: *Há acepção de pessoas da parte de Deus?*[133]

Esta é a defesa daqueles que sustentam que as almas vêm à existência com os corpos. Até aqui então, podemos formar uma opinião a partir de uma comparação com a condição do ser humano, mas creio que, por conseguinte, devemos ter o mesmo princípio para tratar bem os seres celestiais, o que a própria razão e a autoridade bíblica nos mostram ser o caso com os seres humanos.

A sujeição das criaturas

05.

Mas, vejamos se encontramos, nas Sagradas Escrituras, alguma indicação propriamente aplicável a essas existências celestiais.

Eis a declaração do Apóstolo Paulo: *A criação foi sujeita à vaidade, não por sua própria vontade, mas por causa Daquele que a sujeitou, na esperança de que a pró-*

[132] Romanos 9: 14.
[133] Romanos 2: 11.

pria criação será libertada da escravidão da corrupção para a gloriosa liberdade dos filhos de Deus[134].

A que vaidade então a criatura foi sujeita ou a que criatura se refere ou, em que sentido *não* foi *por sua vontade própria* ou *na esperança de* quê? E de que maneira a própria criatura *será libertada da escravidão da corrupção*?

Em outra passagem, o mesmo Apóstolo diz: *Pois a expectativa da criação aguarda a manifestação dos filhos de Deus*[135]. E, novamente, em outra passagem: *E não somente nós, mas a própria criação geme e sofre até agora*[136]. Portanto, devemos indagar quais são os gemidos e quais são as dores.

Vejamos então, em primeiro lugar, qual é a *vaidade* à qual a criatura está sujeita. Entendo que não se trata de nada além do corpo, pois, embora o corpo das estrelas seja etéreo, é, no entanto, material. Daí também Salomão parecer caracterizar toda a natureza corpórea como uma espécie de fardo que enfraquece o vigor da alma, nas seguintes palavras: *Vaidade das vaidades, diz o Eclesiastes, tudo é vai-*

[134] Romanos 8: 20 e 21.
[135] Romanos 8: 19.
[136] Romanos 8: 22.

dade. Olhei e vi todas as obras que se fazem debaixo do sol e eis que tudo é vaidade[137].

A esta *vaidade* então está sujeita a criatura, especialmente aquela criatura que, sendo certamente a maior neste mundo, detém também um distinto principado de trabalho. Isto é, o sol, a lua e as estrelas, são ditos sujeitos à *vaidade* porque estão revestidos de corpos e designados para a função de dar luz ao gênero humano.

Esta criatura, observa Paulo, *não foi sujeita à vaidade por sua própria vontade*, pois não assumiu um voluntário serviço à vaidade, mas porque era da vontade *Daquele que a sujeitou* e por causa da promessa do Subjugador àqueles que foram reduzidos a esta obediência involuntária , de que, quando o ministério de sua grande obra fosse concluído, eles seriam libertados desta escravidão da corrupção e da *vaidade* quando chegasse o tempo da gloriosa redenção dos filhos de Deus.

E toda a criação, acolhendo esta esperança e aguardando o cumprimento desta promessa, agora, entretanto, por ter afeição por aqueles a quem serve, *geme* com eles e

[137] Eclesiastes 1: 2 e 14.

sofre pacientemente com eles, esperando o cumprimento das promessas.

Veja também se as seguintes palavras de Paulo podem se referir àqueles que, embora não de livre e espontânea vontade, mas sim de acordo com a vontade *Daquele que os sujeitou* e na esperança das promessas, se sujeitaram à *vaidade*, quando diz: *Desejo me desprender para estar com Cristo; o que seria imensamente melhor*[138].

Creio que o sol poderia dizer de maneira semelhante: "Eu preferiria *me desprender para estar com Cristo; o que seria imensamente melhor*".

Paulo acrescenta: *Contudo, permanecer na carne é mais necessário para vocês*[139], enquanto o sol poderia dizer: "Permanecer neste corpo brilhante e celestial é mais necessário, por causa da manifestação dos filhos de Deus".

As mesmas opiniões devem ser cridas e expressas a respeito da lua e das estrelas.

Vejamos agora o que é a liberdade da criatura ou o fim de sua escravidão. Quando Cristo tiver entregado o reino a Deus Pai, então também, esses seres viventes, quando tive-

[138] Filipenses 1: 23.
[139] Filipenses 1: 24.

rem sido primeiramente constituídos reino de Cristo, serão entregues, juntamente com todo esse reino, ao governo do Pai, para que, quando Deus *for tudo em todos*[140], eles também, por serem parte de todas as coisas, possam ter Deus neles mesmos, assim como Ele está em todas as coisas.

Capítulo 8. Sobre os Anjos.

A função de cada Anjo

01.

Um método semelhante deve ser seguido no tratamento dos Anjos e não devemos supor que seja resultado do acaso que uma função específica seja atribuída a um Anjo específico, como a Rafael, por exemplo, a função de curar e sarar; a Gabriel, a condução das guerras; a Miguel, o dever de atender às orações e súplicas dos mortais, pois não devemos imaginar que eles obtiveram estas funções de outra forma que não por seus próprios méritos e pelo zelo e excelentes qualidades que demonstraram antes da formação deste mundo, de modo que, posteriormente, na ordem dos Arcanjos, esta ou aquela função foi atribuída a cada um en-

[140] 1 Coríntios 15: 28.

quanto outros mereciam ser inscritos na ordem dos Anjos e agir sob este ou aquele Arcanjo ou aquele líder ou chefe de uma ordem.

Todas estas coisas foram dispostas, como eu disse, não indiscriminada e fortuitamente, mas por uma decisão muito apropriada e justa de Deus, que as organizou de acordo com seus méritos, segundo Sua própria aprovação e julgamento, de modo que, a um Anjo foi confiada à Igreja dos efésios; a outro, à dos esmirnenses; um Anjo seria de Pedro outro de Paulo e assim por diante, através de cada uma das crianças que estão na Igreja, pois tais e tais Anjos que contemplam diariamente a face de Deus devem ser designados a cada uma delas[141] e deve haver também algum Anjo que acampe ao redor daqueles que temem a Deus[142].

Todas estas coisas, certamente, devem ser críveis e não são realizadas por acidente ou acaso ou porque eles (os Anjos) foram assim criados, para que, sob esta perspectiva, o Criador não seja acusado de parcialidade. Mas se deve crer que foram conferidas por Deus, o justo e imparcial Governante de todas as coisas, de acordo com os méritos, as

[141] Cf. Mateus 18: 10. *Guardai-vos de menosprezar um só destes pequenos, porque eu vos digo que seus anjos no céu contemplam sem cessar a face de meu Pai que está nos céus*.
[142] Cf. Salmo 033: 008. *O anjo do Senhor acampa em redor dos que o temem e os salva*.

boas qualidades e o vigor mental de cada espírito individual.

Fábulas sobre distintos criadores e personalidades

02.

E agora, digamos algo a respeito daqueles que sustentam a existência de uma diversidade de naturezas espirituais, para que não caiamos nas fábulas tolas e ímpias daqueles que pretendem afirmar que existe uma diversidade de naturezas espirituais tanto entre as existências celestiais quanto entre as almas humanas e, por esta razão, alegam que foram criadas por diferentes criadores, pois, embora pareça e seja, de fato, absurdo, que a um mesmo Criador seja atribuída a criação de diferentes naturezas de seres racionais, eles desconhecem a causa dessa diversidade, pois dizem que parece incoerente que um mesmo Criador, sem qualquer fundamento existente, confira a alguns seres o poder de domínio e submeta outros à autoridade; que outorgue um principado a alguns e torne outros subordinados a governantes.

Essas opiniões, de fato, a meu ver, são completamente rejeitadas seguindo o raciocínio explicado acima, pelo qual

se demonstrou que a causa da diversidade e variedade entre esses seres se deve à sua conduta, que se manifesta com maior seriedade ou indiferença, de acordo com a bondade ou maldade de sua natureza e não a qualquer parcialidade por parte do Dispensador.

Mas, para que isto fique mais evidente no caso dos seres celestiais, tomemos uma ilustração do que foi ou é feito entre as pessoas, para que, a partir das coisas visíveis, possamos, por consequência, contemplar também as coisas invisíveis.

Paulo e Pedro, sem dúvida, provaram ter sido pessoas de natureza espiritual. Portanto, quando Paulo age contrariamente à religião, perseguindo a Igreja de Deus e Pedro comete um pecado tão grave quanto, ao ser questionado pela serva, afirmar, sob juramento, que não sabia quem era Cristo, como é possível que estes — que, segundo as pessoas de quem falamos eram seres espirituais — tenham incorrido em pecados de tal natureza, especialmente considerando que costumam dizer que *uma árvore boa não pode dar maus frutos*[143]?

[143] Mateus 7: 18.

E se *uma árvore boa não pode dar maus frutos* e como, segundo eles, Pedro e Paulo brotaram da raiz de *uma árvore boa*, como poderiam ser considerados culpados de produzir *frutos* tão perversos?

E se dessem a resposta geralmente inventada, de que não foi Paulo quem perseguiu, mas alguma outra pessoa, que desconheço, que estava em Paulo e que não foi Pedro quem proferiu a negação, mas algum outro indivíduo nele, como poderia Paulo dizer, se ele não tivesse pecado: *Não sou digno de ser chamado Apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus*[144]? Ou, por que *Pedro chorou amargamente*[145], se o pecado era de outro e não dele?

Com isto, todas as afirmações tolas deles serão comprovadas como infundadas.

Toda natureza é capaz do bem e do mal

03.

Segundo nossa visão, não existe criatura racional que não seja capaz tanto do bem quanto do mal. Mas, não se segue que, pelo fato de dizermos que não há natureza que

[144] 1 Coríntios 15: 9.
[145] Mateus 27: 75.

não admita o mal, afirmemos que toda natureza tenha admitido o mal, isto é, tenha se tornado perversa.

Assim como podemos dizer que a natureza de toda pessoa o admite ser marinheiro, mas isto não significa que toda pessoa se tornará marinheira. Ou, ainda, é possível a todos aprender gramática ou medicina, mas isto não prova que toda pessoa seja médica ou gramática.

Da mesma forma, se dizemos que não há natureza que não admita o mal, isto não indica, necessariamente, que ela o tenha feito, pois, em nossa visão, nem mesmo o próprio Diabo era incapaz do bem. Mas, embora capaz de admitir o bem, ele não o desejava e nem se esforçava para alcançar a virtude que apresentamos, pois, como nos ensinam as citações dos Profetas, houve um tempo em que ele era bom, quando caminhava no Paraíso de Deus entre os Querubins. Assim como ele possuía o poder de receber o bem ou o mal, mas se desviou de um caminho virtuoso e se voltou para o mal com todas as faculdades de sua mente, também outras criaturas, por terem capacidade para ambas as condições, no exercício da liberdade de sua vontade, fogem do mal e se apegam ao bem.

Não há, portanto, natureza que não admita o bem ou o mal, exceto a natureza de Deus — a fonte de todas as coisas

boas — e de Cristo, pois é Sabedoria e a sabedoria, certamente, não admite insensatez e é Justiça e a justiça jamais admitirá injustiça e é a Palavra ou Razão, que certamente não pode ser tornada irracional. Além disto, é também a Luz e é certo que as trevas não recebem a luz.

Da mesma forma, a natureza do Espírito Santo, sendo santa, não admite impureza, pois é santo por natureza ou essência. Se existe alguma outra natureza que seja sagrada ela possui essa propriedade de ser santificada pela recepção ou inspiração do Espírito Santo e não a possui por natureza, mas como uma qualidade acidental, razão pela qual pode se perder em consequência de ser acidental.

Assim também, uma pessoa pode possuir uma justiça acidental, da qual é possível que se afaste. Mesmo a sabedoria que uma pessoa possui ainda é acidental, embora esteja ao nosso alcance torná-la sábia.

Se nos dedicarmos à sabedoria com o zelo e o esforço da nossa vida e se sempre buscarmos o seu estudo, poderemos sempre participar da sabedoria e este resultado advirá, em maior ou menor grau, de acordo com o merecimento de nossa vida ou a intensidade do nosso zelo, pois a bondade de Deus, como é digna dele, incita e atrai todos para aquele

fim bem-aventurado, onde toda dor, tristeza e sofrimento desaparecem[146].

A imparcialidade e a justiça de Deus

04.

Sou da opinião, portanto, pelo que me parece, de que a discussão anterior provou suficientemente que não é por falta de discernimento, nem por qualquer causa acidental, que os Principados exercem seu domínio ou que as outras ordens de espíritos obtiveram seus respectivos ofícios, mas sim que receberam os graus de sua hierarquia em razão de seus méritos, embora não tenhamos o privilégio de saber ou indagar quais foram os atos pelos quais conquistaram um lugar em qualquer ordem específica.

Basta saber apenas isto para demonstrar a imparcialidade e a justiça de Deus, em conformidade com a declaração do Apóstolo Paulo, de que: *diante de Deus, não há distinção de pessoas*[147] e que, portanto, dispõe tudo de acordo com os méritos e o progresso moral de cada indivíduo.

---

[146] Cf. Apocalipse 21: 4. *Enxugará toda lágrima de seus olhos e já não haverá morte, nem luto, nem grito, nem dor, porque passou a primeira condição.*
[147] Romanos 2: 11.

Assim, o ofício angelical não existe senão como consequência do mérito; nem as Potestades exercem poder senão em virtude de seu progresso moral; nem aqueles que são chamados de Tronos, isto é, os que têm os poderes de julgar e governar, administram seus poderes a não ser por mérito; tampouco as Dominações governam imerecidamente, pois esta grande e distinta ordem de criaturas racionais, entre as existências celestiais, está organizada em uma gloriosa variedade de funções.

A mesma visão deve ser nutrida sobre aquelas influências opostas que se entregaram a tais lugares e funções, de modo que derivam a propriedade pela qual se tornaram Principados ou Potestades ou *os príncipes deste mundo das trevas*[148] ou espíritos da maldade ou espíritos malignos ou demônios imundos, não de sua natureza essencial, nem de terem sido assim criados, mas obtiveram esses graus de maldade em proporção à sua conduta e ao progresso que fizeram na maldade.

E esta é uma segunda ordem de criaturas racionais, que se dedicaram à maldade de forma tão impetuosa que

[148] Efésios 6: 12.

são relutantes, mais do que incapazes, de se retratarem. A sede pelo mal já é uma paixão e lhes proporciona prazer.

Mas a terceira ordem de criaturas racionais é a daqueles que são julgados aptos por Deus para repovoar o gênero humano, isto é, as almas humanas, assumidas em consequência de seu progresso moral na ordem dos Anjos, dentre os quais, vemos alguns assumidos: aqueles que se tornaram filhos de Deus ou filhos da ressurreição ou que abandonaram as trevas, amaram a luz e se tornaram filhos da luz; ou aqueles que, se provando vitoriosos em toda luta e sendo feitos pessoas de paz, se tornaram filhos da paz e filhos de Deus ; ou aqueles que, mortificando seus membros na terra e se elevando acima não apenas de sua natureza corpórea, mas até mesmo dos movimentos incertos e frágeis da própria alma, se uniram ao Senhor, se tornando totalmente espirituais, para que sejam para sempre um só espírito com Ele, discernindo com Ele cada coisa individual, até que alcancem uma condição de perfeita espiritualidade e discirnam todas as coisas por sua perfeita iluminação, em toda santidade, através da Palavra e da Sabedoria de Deus e sejam, eles mesmos, totalmente indistinguíveis por qualquer um.

Consideramos que tais pontos de vista, que alguns insistem em defender desnecessariamente, não devem ser admitidos: os de que as almas descem a um nível de degradação tão grande que esquecem sua natureza racional e dignidade e se tornam animais irracionais, sejam eles grandes ou pequenos.

Para sustentar estas afirmações, geralmente citam supostos trechos das Escrituras, como o de que um animal com o qual uma mulher se prostituiu de forma antinatural será considerado tão culpado quanto ela e condenado a ser apedrejado[149]; ou o de que um touro que golpeia com seu chifre será morto da mesma maneira[150]; ou ainda o da jumenta de Balaão, que falou quando Deus lhe abriu a boca e o animal mudo, respondendo com voz humana, repreendeu a loucura do Profeta[151].

Não apenas rejeitamos estas afirmações, como as refutamos e rejeitamos por serem contrárias à nossa crença. Após a refutação e rejeição de tais opiniões perversas, mostraremos, no momento e lugar oportunos, como devem ser

[149] Cf. Levítico 20: 15 e 16.
[150] Cf. Êxodo 21: 28.
[151] Cf. Números 22: 28-30.

entendidas as passagens das Sagradas Escrituras que eles citam.

Livro 2

Capítulo 1. Sobre o Mundo.

01.

Embora todas as discussões no livro anterior tenham se referido ao mundo e à sua organização, parece agora necessário rediscutir alguns pontos referentes ao próprio mundo, ou seja, seu início e fim ou às dispensações da Divina Providência que ocorreram entre o início e o fim ou aos eventos que se supõe terem ocorrido antes da criação do mundo ou que ocorrerão depois do fim.

Nesta investigação, o primeiro ponto que se destaca claramente é que o mundo, em todas as suas condições diversificadas e variáveis, é composto não apenas de naturezas racionais e divinas e de uma diversidade de corpos, mas também de animais irracionais, animais selvagens e domesticados, aves e de todas as coisas que vivem nas águas. Em segundo lugar, de lugares, isto é, do céu ou céus e da terra ou água, bem como do ar, que é intermediário e que é chamado de éter e de tudo o que procede da terra ou nasce nela.

Visto que há tão grande variedade no mundo e tão grande diversidade entre os próprios seres racionais, em razão da qual se supõe que outra variedade e diversidade também tenha surgido, que outra causa senão esta deveria ser atribuída à existência do mundo, especialmente se considerarmos o fim pelo qual foi demonstrado, no livro anterior, que todas as coisas devem ser restauradas à sua condição original?

E se isto parecer ter sido exposto em termos lógicos, que outra causa , como já dissemos, podemos imaginar para tão grande diversidade no mundo, senão a diversidade e variedade nos movimentos e decadências daqueles que caíram daquela unidade e harmonia primordiais em que foram criados por Deus e que, sendo impelidos desse estado de bondade e atraídos em várias direções pela influência perturbadora de diferentes motivos e desejos, transformaram, segundo suas diferentes tendências, a bondade única e indivisível de sua natureza em mentes de vários tipos?

A ordenação do mundo para a liberdade

02.

Mas Deus, pela inefável habilidade de Sua sabedoria, transformando e restaurando todas as coisas, seja qual for a sua criação, para um fim útil e para o benefício comum de todos, reconduz essas mesmas criaturas, que diferiam tanto umas das outras em conformação mental, a um único acordo de trabalho e propósito, de modo que, embora sob a influência de diferentes motivações, elas completam a plenitude e a perfeição de um só mundo e a própria variedade de mentes tende a um único fim de perfeição, pois é um só poder que abarca e mantém unida toda a diversidade do mundo e conduz os diferentes movimentos para uma única obra, para que uma empreitada tão imensa como a do mundo não se dissolva pelas dissensões das almas.

E, por esta razão, cremos que Deus, o Pai de todas as coisas, a fim de assegurar a salvação de todas as Suas criaturas por meio do plano inefável de Sua palavra e sabedoria, organizou cada uma delas de tal forma que nenhum espírito, seja alma ou existência racional, seja qual for o nome que receba, seja compelido pela força, contra a liberdade de sua própria vontade, a seguir outro caminho senão aquele

para o qual os motivos de sua própria mente o conduzisse (para que, ao fazê-lo, o poder de exercer o livre-arbítrio pareceria ser retirado, o que certamente produziria uma mudança na própria natureza do ser) e que os diversos propósitos destes seriam adequada e utilmente adaptados à harmonia de um mundo, com alguns necessitando de ajuda e outros sendo capazes de fornecê-la e outros ainda sendo a causa de luta e contenda para aqueles que estão progredindo, entre os quais sua diligência seria considerada mais digna de aprovação e o lugar de destaque obtido após a vitória seria mantido com maior certeza, o que seria estabelecido pelas dificuldades da contenda.

Um corpo e muitos membros

03.

Embora o mundo inteiro esteja organizado em funções de diferentes tipos, sua condição não deve ser considerada como sendo de discrepâncias e discordâncias internas, mas, assim como nosso corpo é composto de muitos membros e mantido unido por uma só alma, assim também, creio que o mundo inteiro deva ser considerado como um animal imen-

so e gigantesco, mantido unido pelo poder e pela razão de Deus como por uma só alma.

Isto também, creio, é indicado nas Sagradas Escrituras pela declaração do Senhor, através do Profeta: *Porventura, não enche minha presença o céu e a terra? - oráculo do Senhor*[152] e, novamente: *O céu é o meu trono e a terra o escabelo dos meus pés*[153] e pelas palavras do Salvador, quando Ele disse que não devemos *jurar de modo algum, nem pelo céu, pois é o trono de Deus e nem pela terra, pois é o escabelo dos Seus pés*[154].

Neste mesmo sentido estão as palavras de Paulo em seu discurso aos atenienses, quando disse: *N'Ele vivemos, nos movemos e existimos*[155], pois, como *vivemos*, nos *movemos* e *existimos* em Deus, senão por meio de Seu poder, com o qual Ele abrange e mantém unido todo o mundo?

E como o céu é *o trono de Deus* e *a terra*, o *Seu escabelo*?

---

[152] Jeremias 23: 24.
[153] Isaías 66: 1.
[154] Mateus 5: 34 e 35.
[155] Atos 17: 28.

Como seria, senão, como o próprio Salvador declara, preenchendo todas as coisas, tanto no céu como na terra, pelo Seu poder, segundo as próprias palavras do Senhor?

E que Deus, o Pai de todas as coisas, preenche e mantém unido o mundo com a plenitude do Seu poder, de acordo com as passagens que citamos, ninguém, creio eu, terá dificuldade em admitir.

Agora, visto que o curso da discussão anterior mostrou que os diferentes movimentos dos seres racionais e suas variadas opiniões produziram a diversidade que existe no mundo, devemos ver se não seria apropriado que este mundo tivesse um fim semelhante ao seu início, pois, não há dúvida de que o seu fim deve ser buscado em meio a muita diversidade e variedade; variedade essa que, sendo encontrada no fim do mundo, fornecerá novamente fundamento e oportunidade para as diversidades do outro mundo que sucederá o presente.

A matéria não é incriada, mas criada

04.

Se agora, no decorrer de nossa discussão, constatamos que essas coisas são assim, parece lógico que consideremos

a seguir a natureza do ser corpóreo, visto que a diversidade do mundo não pode existir sem corpos.

É evidente, pela própria natureza das coisas, que a natureza corpórea admite diversidade e variedade de mudanças, sendo capaz de sofrer todas as transformações possíveis, como, por exemplo, a conversão da madeira em fogo, do fogo em fumaça, da fumaça em ar, do óleo em fogo. Acaso o próprio alimento, seja do ser humano ou dos animais, não apresenta o mesmo princípio de transformação? Pois tudo o que ingerimos se transforma na substância do nosso corpo.

Mas como a água se transforma em terra ou em ar e o ar novamente em fogo ou o fogo em ar ou o ar em água, embora não seja difícil de explicar, basta, neste momento, apenas mencioná-los, pois nosso objetivo é discutir a natureza da matéria corpórea.

Por matéria, portanto, entendemos aquilo que é colocado sob os corpos, ou seja, aquilo por meio do qual, através da atribuição e implantação de qualidades, os corpos existem e mencionamos quatro qualidades: calor, frio, secura e umidade.

Estas quatro qualidades, sendo implantadas no corpo, são características essenciais da matéria. A matéria (pois a

matéria existe em sua própria natureza, mesmo sem as qualidades mencionadas anteriormente) produz os diferentes tipos de corpos.

Embora essa matéria, como dissemos acima, exista, em sua própria natureza, sem qualidades, ela nunca é encontrada sem uma qualidade. E não consigo entender como tantas pessoas ilustres opinaram que essa matéria, tão vasta e com propriedades suficientes para ser suficiente para todos os corpos do mundo que Deus quis que existissem e para ser a assistente e serva do Criador em todas as formas e espécies que Ele desejasse em todas as coisas, recebendo em si todas as qualidades que Ele desejasse lhe conferir, foi incriada, isto é, não formada pelo próprio Deus, que é o Criador de todas as coisas, mas que sua natureza e poder foram resultado do acaso.

E me espanta que critiquem aqueles que negam o poder criador de Deus ou Sua administração providencial do mundo e os acusem de impiedade por pensarem que uma obra tão grandiosa como o mundo possa existir sem um arquiteto ou supervisor, ao mesmo tempo em que incorrem numa acusação semelhante de impiedade ao afirmarem que a matéria é incriada e coeterna com o Deus incriado.

Segundo esta visão então, se supusermos, para fins de argumentação, que a matéria não existisse, como eles sustentam, dizer que Deus não poderia criar nada quando nada existia, sem dúvida, Ele teria ficado ocioso, pois não teria matéria sobre a qual operar, matéria essa que, dizem, Lhe foi fornecida não por Sua própria vontade, mas por acaso e pensam que isso, descoberto por acaso, foi suficiente para uma empreitada de tão vasta extensão e para a manifestação do poder de Sua força e que, admitindo o plano de toda a Sua sabedoria, pôde ser distinguido e formado em um mundo.

Ora, isto me parece muito absurdo e uma opinião daqueles que são totalmente ignorantes do poder e da inteligência da natureza incriada. Mas, para que possamos ver a natureza das coisas com um pouco mais de clareza, admitamos que, por um breve período, a matéria não existiu e que Deus, quando nada existia anteriormente, fez surgir as coisas que Ele desejava.

Por que deveríamos supor que Deus criaria matéria melhor, maior ou de outro tipo do que aquela que Ele produziu por Seu próprio poder e sabedoria, para que existisse aquilo que antes não existia? Criaria Ele uma matéria pior e inferior ou uma igual àquela que chamam de incriada?

Ora, creio que qualquer um perceberá facilmente que nem uma matéria melhor nem inferior poderia ter assumido as formas e espécies do mundo, se não fosse tal como aquela que de fato as assumiu.

E não parece então, uma impiedade chamar de "incriado" aquilo que, se se acreditasse ter sido formado por Deus, sem dúvida se revelaria semelhante àquilo que eles chamam de "incriado"?

A criação do nada

05.

Mas, para que possamos crer na autoridade das Sagradas Escrituras de que assim é, ouçam como no segundo Livro dos Macabeus, onde a mãe de sete mártires exorta seu filho a suportar a tortura, esta verdade é confirmada, pois ela diz: *Peço-te, meu filho, que olhes para o céu e para a terra e para tudo o que neles há e, os contemplando, saibas que Deus fez todas essas coisas quando elas não existiam*[156].

No livro do Bom Pastor também, no primeiro mandamento, ele fala o seguinte: *Antes de tudo, creia que há*

um só Deus que criou e ordenou todas as coisas e fez com que todas as coisas viessem à existência, a partir de um estado de nada[157].

Talvez a expressão nos Salmos também se refira a isso: *Ele falou e foram feitas. Ele ordenou e foram criadas*[158]. Pois as palavras: *Ele falou e foram feitas* parecem mostrar que se referem à substância das coisas que existem enquanto que as outras: *Ele ordenou e foram criadas*, parecem falar das qualidades pelas quais a própria substância foi moldada.

Capítulo 2. Sobre a perpetuidade da natureza corpórea.

Questões sobre a corporeidade

01.

Sobre este tema, alguns costumam indagar se, assim como o Pai gera um Filho incriado e produz um Espírito Santo, não como se Ele não tivesse existência prévia, mas porque o Pai é a origem e a fonte do Filho ou do Espírito

156 2 Macabeus 7: 28.
157 *O Pastor de Hermas*, 1: 1.
158 Salmo 148: 005.

Santo e nenhuma anterioridade ou posterioridade pode ser entendida como existente neles, assim também, uma união ou relação semelhante pode ser entendida como subsistindo entre as naturezas racionais e a matéria corpórea.

E, para que este ponto possa ser examinado mais completa e minuciosamente, o início da discussão geralmente se dirige à questão de saber se esta própria natureza corpórea, que sustenta a vida e contém os movimentos das mentes espirituais e racionais, será igualmente eterna com elas ou se perecerá e será destruída por completo.

E, para que a questão possa ser determinada com maior precisão, devemos, em primeiro lugar, indagar se é possível que as naturezas racionais permaneçam totalmente incorpóreas depois de terem atingido o ápice da santidade e da felicidade, (o que me parece uma conquista extremamente difícil e quase impossível) ou se eles devem sempre estar necessariamente unidos a corpos.

Se então, alguém pudesse mostrar uma razão pela qual lhes seria possível dispensar completamente os corpos, pareceria se seguir que, assim como uma natureza corpórea, criada do nada após intervalos de tempo, foi produzida quando não existia, também ela deve deixar de existir quando os propósitos a que ela servia deixam de existir .

Só a divindade é incorpórea

02.

Se, porém, for impossível sustentar este ponto, ou seja, que qualquer outra natureza que não o Pai, o Filho e o Espírito Santo possa viver sem um corpo, a necessidade do raciocínio lógico nos obriga a compreender que as naturezas racionais foram de fato criadas no princípio, mas que a substância material foi separada delas apenas no pensamento e no entendimento e parece ter sido formada para elas ou depois delas e que elas nunca viveram nem vivem sem ela, pois uma vida incorpórea será considerada, com razão, uma prerrogativa exclusiva da Trindade.

Como observamos acima, portanto, essa substância material deste mundo, possuindo uma natureza que admite todas as transformações possíveis, é, quando reduzida a seres de ordem inferior, moldada na condição mais grosseira e sólida de um corpo, de modo a distinguir as formas visíveis e variáveis do mundo. Mas quando se torna serva de seres mais perfeitos e mais bem-aventurados, brilha no esplendor dos corpos celestes e adorna tanto os anjos de Deus quanto os filhos da ressurreição, revestindo-os com um

corpo espiritual, dos quais se completarão os diversos e variados estados do único mundo.

Mas, se alguém desejar discutir estes assuntos mais a fundo, será necessário, com toda reverência e temor a Deus, examinar as Sagradas Escrituras com maior atenção e diligência, para verificar se o sentido secreto e oculto nelas contido pode, porventura, revelar algo a respeito desses assuntos e algo poderá ser descoberto em sua linguagem obscura e misteriosa, por meio da demonstração do Espírito Santo àqueles que forem dignos, após a coleta de muitos testemunhos sobre este mesmo ponto.

Capítulo 3. A criação e sua renovação.

Sobre o início do mundo e suas causas

01.

O próximo tema de investigação é se existiu algum outro mundo antes do que existe agora e, em caso afirmativo, se era semelhante ao presente ou um tanto diferente ou inferior ou, se não existiu mundo algum, mas algo semelhante ao que entendemos que existirá após o fim de todas as coisas, quando o reino for entregue a Deus Pai, o qual, no entanto, pode ter sido o fim de outro mundo, ou seja, daquele

após o qual este mundo teve seu início e se as diversas falhas da natureza intelectual levaram Deus a produzir esta condição diversa e variável do mundo.

Penso que este ponto também deve ser investigado de maneira semelhante, a saber, se após este mundo haverá algum sistema de preservação e emenda de fato severo e acompanhado de muita dor para aqueles que não quiseram obedecer à palavra de Deus, mas um processo através do qual, por meio de instrução e treinamento racional, aqueles que se dedicaram nesta vida a essas buscas e que, após terem suas mentes purificadas, avançaram a ponto de se tornarem capazes de alcançar a sabedoria divina, poderão chegar a uma compreensão mais completa da verdade e, depois disso, o fim de todas as coisas se seguirá imediatamente e haverá novamente, para a correção e o aprimoramento daqueles que necessitam, outro mundo, semelhante ao que existe agora, melhor ou muito inferior e por quanto tempo esse mundo, seja ele qual for, continuará existindo e se haverá um tempo em que nenhum mundo existirá em lugar algum ou se já houve um tempo em que não havia mundo algum ou se já houve ou haverá vários ou se alguma vez acontecer de haver um semelhante a outro, igual a ele em todos os aspectos e indistinguível dele.

O corpo corruptível e a incorruptibilidade

02.

Para que fique mais claro então, se a matéria corpórea pode existir durante intervalos de tempo e se, assim como não existia antes de ser criada, pode também ser reduzida à inexistência, vejamos, antes de tudo, se é possível alguém viver sem um corpo, pois, se uma pessoa pode viver sem um corpo, todas as coisas também podem dispensá-lo, visto que nosso tratado anterior mostrou que todas as coisas tendem para um mesmo fim.

Ora, se todas as coisas podem existir sem corpos, sem dúvida não haverá substância corpórea, visto que não haverá utilidade para ela. Mas, como devemos entender as palavras do Apóstolo naquelas passagens em que, ao discutir a ressurreição dos mortos ele disse: *É necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade e que este corpo mortal se revista da imortalidade. Quando este corpo corruptível se revestir da incorruptibilidade e este corpo mortal se revestir da imortalidade então se cumprirá a palavra que está escrita: "A morte foi tragada pela vitória!" Onde está, ó morte, a tua vitória? Ó morte, teu*

aguilhão foi engolido! O aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a lei[159].

Um significado como este parece ser sugerido pelo Apóstolo, pois, pode a expressão que ele emprega, *este corruptível* e *este corpo mortal*, com o gesto, por assim dizer, de quem toca ou aponta, se aplicar a algo além da matéria corpórea?

Esta matéria do corpo então, que agora é corruptível, se revestirá da incorrupção quando uma alma perfeita e uma alma com as marcas da incorrupção começar a habitá-lo. E não se surpreenda se falarmos de uma alma perfeita como a vestimenta do corpo (que, por causa da Palavra de Deus e de Sua sabedoria, agora é chamada de incorrupção), quando o próprio Jesus Cristo , que é o Senhor e Criador da alma, é dito ser a vestimenta dos santos, segundo as palavras do Apóstolo: *Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo*[160].

Assim como Cristo é a vestimenta da alma, também, por uma razão suficientemente inteligível, se diz que a alma é a vestimenta do corpo, visto que ela o adorna, cobrindo e ocultando sua natureza mortal.

---

[159] 1 Coríntios 15: 53-56.
[160] Romanos 13: 14.

A frase então: *Este corpo corruptível deve se revestir da incorruptibilidade*, é como se o Apóstolo tivesse dito: "Esta natureza corruptível do corpo deve receber o revestimento da incorruptibilidade"; uma alma que possui em si mesma a incorruptibilidade, porque foi revestida de Cristo, que é a Sabedoria e a Palavra de Deus.

Mas quando este corpo, que em algum momento futuro possuiremos em um estado mais glorioso, se tornar participante da vida, ele então, além de imortal, se tornará também incorruptível, pois tudo o que é mortal é necessariamente também corruptível, mas nem tudo o que é corruptível pode ser dito também como mortal.

Dizemos de uma pedra ou de um pedaço de madeira que eles são corruptíveis, mas não dizemos que isso implica que também sejam mortais. Mas como o corpo participa da vida e como a vida pode ser e é separada dele, consequentemente, o chamamos de mortal e, em outro sentido, também o chamamos de corruptível.

O santo Apóstolo, portanto, com notável discernimento, se referindo à causa primeira geral da matéria corpórea, da qual a matéria, quaisquer que sejam as qualidades com que é dotada (agora, de fato, carnal, mas em breve, mais refinada e pura, que é chamada de espiritual), a alma faz

uso constante, diz: *Este corpo corruptível deve se revestir da incorrupção*. E, em segundo lugar, considerando a causa específica do corpo, diz: *Este corpo mortal deve se revestir da imortalidade*.

Ora, o que mais seriam a incorrupção e a imortalidade, senão a Sabedoria, a Palavra e a Justiça de Deus, que moldam, vestem e adornam a alma?

E daí estar dito: *É necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade e que este corpo mortal se revista da imortalidade*, pois, embora possamos agora ter grande proficiência, a *nossa ciência é parcial*, *a nossa profecia é imperfeita* e *vemos como por um espelho*, em *enigma*[161] essas mesmas coisas que parecemos compreender, quando este corpo corruptível ainda não se revestiu da incorrupção e nem este corpo mortal está ainda revestido da imortalidade.

E, na medida em que este nosso treinamento no corpo se prolonga, sem dúvida, por um período mais longo, até o momento em que esses mesmos corpos que nos envolvem possam, por causa da Palavra de Deus, de Sua sabedoria e perfeita Justiça, alcançar a incorruptibilidade e imortalida-

[161] 1 Coríntios 13: 9-12.

de, é preciso dizer: *É necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade e que este corpo mortal se revista da imortalidade*.

A matéria corpórea restabelecida e renovada

03.

Contudo, aqueles que pensam que criaturas racionais podem, a qualquer momento, levar uma existência fora do corpo, podem aqui levantar questões como as seguintes.

Se é verdade que este corpo corruptível se revestirá da incorruptibilidade e este corpo mortal da imortalidade e que a morte será vencida no fim, isto demonstra que nada além da natureza material pode ser destruído, sobre a qual a morte poderia operar, enquanto a acuidade mental daqueles que estão no corpo parece ser embotada pela natureza da matéria corpórea. Se, porém, estiverem fora do corpo, escaparão completamente do incômodo decorrente de uma perturbação deste tipo.

Mas, como não poderão escapar imediatamente de toda a vestimenta corpórea, devem ser considerados como habitando corpos mais refinados e puros, que possuem a propriedade de não serem mais vencidos pela morte, nem

feridos por seu aguilhão, de modo que, por fim, pelo desaparecimento gradual da natureza material, a morte é tanto vencida quanto, no fim, exterminada e todo o seu aguilhão é completamente neutralizado pela graça divina que a alma se tornou capaz de receber e que assim mereceu obter a incorruptibilidade e a imortalidade. Então, merecidamente, todos dirão: *Ó morte, onde está a tua vitória? Ó morte, onde está o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado*[162].

Se estas conclusões parecerem válidas, então devemos crer que nossa condição, em algum momento futuro, será incorpórea e, se isto for admitido e todos estiverem sujeitos a Cristo, essa incorporeidade também deverá ser, necessariamente, concedida a todos aqueles a quem se estende a submissão a Cristo, visto que todos os que estão sujeitos a Cristo estarão, no fim, sujeitos a Deus Pai, a quem Cristo entregará o Reino e, assim, parece que então também a necessidade de corpos cessará. E se cessar, a matéria corpórea retorna ao nada, como antes também não existia.

Vejamos agora o que se pode dizer em resposta àqueles que fazem estas afirmações, pois parecerá uma consequência necessária que, se a natureza corpórea for aniquila-

[162] Oséias 13: 14 e 1 Coríntios 15: 55.

da, ela deverá ser restaurada e recriada, visto que parece possível que as naturezas racionais, das quais a faculdade do livre-arbítrio jamais é retirada, possam ser novamente submetidas a movimentos de algum tipo, por meio do ato especial do próprio Senhor, para que, talvez, se ocupassem sempre uma condição imutável, não ignorassem que é pela graça de Deus e não por mérito próprio que foram colocadas nesse estado final de felicidade e esses movimentos serão, sem dúvida, acompanhados pela variedade e diversidade de corpos, com os quais o mundo sempre se adorna e jamais será composto de algo senão de variedade e diversidade; um efeito que não pode ser produzido sem matéria corpórea.

Não há tempo cíclico e nem eterno retorno

04.

E agora, não entendo com que provas podem sustentar sua posição, aqueles que afirmam que às vezes surgem mundos que não são muito diferentes uns dos outros, mas iguais em todos os aspectos, pois, se existe um mundo semelhante em todos os aspectos ao presente, então acontecerá que Adão e Eva farão as mesmas coisas que fizeram an-

tes, haverá uma segunda vez o mesmo Dilúvio e o mesmo Moisés liderará novamente uma nação de quase seiscentos mil pessoas para fora do Egito, Judas também trairá o Senhor uma segunda vez, Paulo guardará pela segunda vez as vestes daqueles que apedrejaram Estevão e tudo o que foi feito nesta vida será dito como repetido; um estado de coisas que creio não poder ser estabelecido por nenhum raciocínio, se as almas são movidas pelo livre-arbítrio e mantêm seu avanço ou retrocesso de acordo com o poder de sua vontade.

Pois as almas não são impelidas em um ciclo que retorna, após muitas eras, ao mesmo ciclo, de modo a fazer ou desejar isto ou aquilo. Mas, seja qual for o objetivo da liberdade de sua própria vontade, é aí que elas direcionam o curso de suas ações.

O que esses dizem é muito semelhante a afirmar que, se uma porção de grãos fosse derramada no chão, a queda dos grãos, na segunda vez, seria idêntica à da primeira, de modo que cada grão individual ficaria, pela segunda vez, bem próximo ao grão onde fora lançado anteriormente e, assim, a porção seria espalhada na mesma ordem e com as mesmas marcas de antes, o que, certamente, é um resultado

impossível com os incontáveis grãos de uma porção, mesmo que fossem derramados sem cessar por muitas eras.

Portanto, me parece impossível que um mundo seja restaurado pela segunda vez, com a mesma ordem e com a mesma quantidade de nascimentos, mortes e ações. Mas, que uma diversidade de mundos pode existir com mudanças de importância considerável, de modo que o estado de outro mundo pode ser, por algumas razões inegáveis, melhor do que este e, por outras, pior e, por outras, ainda intermediário. Mas qual seria o número ou a medida disso, eu confesso a minha ignorância, embora, se alguém puder me dizer, eu aprenderia com prazer.

Cristo, consumador dos séculos passados e futuros

05.

Mas este mundo, que também é chamado de século, é dito ser a conclusão de muitas eras. Ora, o santo Apóstolo ensina que, na era que precedeu esta, Cristo não sofreu e nem mesmo na era que a precedeu também e não sei se sou capaz de enumerar o número de eras anteriores em que Ele não sofreu.

Mostrarei, porém, a partir das declarações de Paulo, que cheguei a este entendimento. Ele diz: *Mas agora, na consumação dos séculos, Ele se manifestou uma vez para tirar o pecado mediante o sacrifício de si mesmo*[163].

Ele diz que o Senhor se fez vítima *uma vez* e, *na consumação dos séculos*, se manifestou *para tirar o pecado*. Ora, que depois desta era, que se diz ter sido formada para a *consumação* de outras eras, haverá outras eras a seguir, aprendemos claramente com o próprio Paulo, que diz: *Para que, nos séculos vindouros, Ele mostrasse a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco*[164].

Ele não disse "no século vindouro" e nem "nos dois séculos vindouros", donde infiro que, com sua linguagem, muitos séculos são indicados.

Ora, se há algo maior do que os séculos, de modo que, entre os seres criados, certos séculos podem ser compreendidos, mas, entre outros seres que excedem e ultrapassam as criaturas visíveis, séculos ainda maiores, o que talvez seja o caso na restauração de todas as coisas, quando todo o universo chegará a uma conclusão perfeita, talvez esse perío-

[163] Hebreus 9: 26.
[164] Efésios 2: 7.

do em que a *consumação* de todas as coisas ocorrerá deva ser entendido como algo mais do que um século.

Mas aqui, a autoridade das Sagradas Escrituras me leva a crer que elas dizem: “Por um século e mais”. Ora essa palavra *mais* sem dúvida significa algo maior do que uma era e observe se esta frase do Salvador: *Quero que, onde eu estiver estes também estejam comigo e assim como eu e vós somos um, que estes também sejam um em nós*[165] não parece transmitir algo mais do que um século ou séculos e talvez até mais do que *o século dos séculos*, aquele período em que todas as coisas não estão mais em um *século*, mas Deus é *tudo em todos*[166].

Os distintos significados da palavra mundo

06.

Tendo discutido estes pontos sobre a natureza do mundo da melhor maneira possível, não parece inadequado indagar qual o significado do termo “mundo”, que, nas Sagradas Escrituras, frequentemente apresenta diferentes significados, pois o que chamamos em latim de *mundus* é

[165] João 17: 21.
[166] 1 Coríntios 15: 28.

denominado, em grego, *κόσμος* (*kósmos*) e *κόσμος* (*kósmos*) significa não apenas o "mundo", mas também um "ornamento".

Finalmente, em Isaías, onde a linguagem de repreensão é dirigida às principais filhas de Sião e onde ele diz: *Invés de um ornamento de ouro na cabeça, vocês terão calvície, por causa de suas obras*[167], ele emprega o mesmo termo para denotar *ornamento* e também o *mundo*, a saber, *κόσμος* (*kósmos*), pois o plano do mundo é dito estar contido nas vestes do sumo sacerdote, como encontramos na Sabedoria de Salomão, onde está dito: *Pois na longa túnica estava o mundo inteiro*[168].

Esta nossa terra, com seus habitantes, também é chamada de *mundo*, como quando as Escrituras dizem: *O mundo todo jaz sob o Maligno*[169].

Clemente, de fato, um discípulo dos Apóstolos, menciona aqueles que os gregos chamavam de *αντίχθονεσ* (*antíchthones*) e outras partes da terra, às quais, nenhum dos nossos pode se aproximar, nem nenhum dos que lá estão pode atravessar para chegar até nós, aos quais ele também

[167] Isaías 3: 24.
[168] Sabedoria 18: 24.
[169] 1 João 5: 19.

chamou de mundos, dizendo: “O oceano é intransponível para as pessoas e esses são mundos que estão do outro lado dele, que são governados por essas mesmas disposições do Deus governante”[170].

Esse universo que é limitado pelo céu e pela terra também é chamado de mundo, como Paulo declara: *Porque a figura deste mundo passará*[171].

Nosso Senhor e Salvador também aponta para um certo outro *mundo* além deste visível, que seria, de fato, difícil de descrever e tornar conhecido. Ele diz: *Eu não sou deste mundo*[172]. Como se Ele fosse de um certo outro mundo, Ele diz: *Eu não sou deste mundo*.

Ora, sobre este *mundo*, como já dissemos antes, a explicação era difícil e por esta razão, para que ninguém tenha motivo para supor que mantemos a existência de certas imagens que os gregos chamam de “ideias”, pois, certamente é estranho aos nossos escritores falar de um *mundo* incorpóreo que existe apenas na imaginação ou no *mundo* fugaz dos pensamentos e, como podem afirmar que o Salvador vem de lá ou que os santos irão para lá, eu não vejo como.

---

[170] Clemente Romano. *Epistola I ad Cor. 20: 8*. Padres Apostólicos. CLIE, Terrassa, 2002.
[171] 1 Coríntios 7: 31.
[172] João 17: 16.

Não há dúvida, porém, de que algo mais ilustre e excelente do que este *mundo* presente é apontado pelo Salvador, para o qual Ele estimula e encoraja os crentes a almejarem. Mas, se esse *mundo* ao qual Ele deseja aludir está muito separado e dividido deste, seja por localização, natureza ou glória ou se é superior em glória e qualidade, mas confinado aos limites deste mundo, o que me parece mais provável, é, no entanto, incerto e, em minha opinião, um assunto inadequado para o pensamento humano.

Mas, pelo que Clemente parece indicar quando diz: "O oceano é intransponível para as pessoas" e "os mundos que estão além dele", se referindo, no plural, aos mundos que estão além dele, que ele insinua serem administrados e governados pela mesma Providência do Altíssimo Deus, ele parece nos lançar alguns germes daquela visão segundo a qual todo o universo de coisas existentes, celestiais e supracelestiais, terrestres e infernais, é geralmente chamado de um *mundo* perfeito, dentro do qual ou pelo qual outros mundos, se existirem, devem ser considerados contidos.

Por esta razão, ele desejava que o globo do sol ou da lua e dos outros corpos chamados planetas, fossem, cada um, denominado mundo. Aliás, até mesmo aquele globo preeminente que eles chamam de não errante (*ἀπλανῆ* -

aplanî), eles desejam, no entanto, que seja propriamente chamado de *mundo*.

Finalmente, eles invocam o livro do Profeta Baruc[173] para testemunhar esta afirmação, porque nele os sete mundos ou céus são mais claramente indicados. Contudo, acima dessa esfera que eles chamam de não errante (*ἀπλανῆ - aplanî*), haverá outra esfera que, segundo eles, assim como o nosso céu contém todas as coisas que estão abaixo dele, compreende, por sua imensidão e extensão indescritível, os espaços de todas as esferas juntas dentro de sua circunferência mais magnífica, de modo que todas as coisas estão dentro dela, assim como esta nossa terra está abaixo do céu.

E se acredita também que essa terra seja chamada, nas Sagradas Escrituras, de *boa terra*[174] e *terra dos vivos*[175], tendo seu próprio céu, que é mais alto e no qual se diz que os nomes dos santos estão escritos ou foram escritos pelo Salvador; céu ao qual a terra está confinada e protegida, o qual o Salvador, no Evangelho, promete aos mansos e misericordiosos, pois eles querem dizer que esta nossa terra, que antes era chamada de *elemento árido*, derivou seu nome do

[173] *Apocalipse grego de Baruc*.
[174] Deuteronômio 1: 35, 3: 25, 4: 21 etc.
[175] Jó 28: 13, Salmo 026: 013.

nome daquela *terra*, assim como este céu também foi chamado de *firmamento*[176] pelo título daquele céu.

Mas já tratamos mais detalhadamente dessas opiniões no trecho em que tivemos que investigar o significado da declaração de que, no princípio, *Deus fez os céus e a terra*. Pois, outro céu e outra terra são mostrados existir além daquele *firmamento* que se diz ter sido feito no *segundo dia*[177] ou daquele *elemento árido*[178] que, mais tarde, foi chamado de *terra*.

Certamente, o que alguns dizem deste mundo, que ele é corruptível porque foi criado e ainda assim não é corrompido porque a vontade de Deus, que o criou e o mantém unido para que a corrupção não o domine, é mais forte e poderosa do que a corrupção, isto pode ser mais corretamente atribuído ao mundo que chamamos acima de esfera "não errante", visto que, pela vontade de Deus, ele não está sujeito à corrupção, pois não admite nenhuma causa de corrupção, sendo o mundo dos santos e dos completamente purificados e não dos ímpios, como o nosso mundo.

[176] Gênesis 1: 6 e 7.
[177] Gênesis 1: 8.
[178] Gênesis 1: 9 e 10.

Devemos observar, além disto, que talvez seja a isto que o Apóstolo se referiu, quando disse: *Não miramos as coisas que se veem, mas sim as que não se veem. Pois as coisas que se veem são temporais e as que não se veem são eternas*[179], *pois sabemos que, se nossa casa terrena, este tabernáculo, fosse desfeita, teríamos um edifício de Deus, uma casa não feita por mãos humanas, eterna nos céus*[180].

E, quando foi dito, em outra passagem: *Quando contemplo os céus, obra dos vossos dedos*[181] e quando Deus disse, a respeito de todas as coisas visíveis, pela boca do seu Profeta: *Todas essas coisas, a minha mão fez*[182], afirmando que a casa eterna nos céus, que Ele promete aos Seus santos, *não* foi *feita por mãos humanas*, ele aponta, sem dúvida, a diferença entre as coisas visíveis e as invisíveis, pois não se entende a mesma coisa pelas expressões *as coisas que não se veem* e as coisas que são invisíveis.

As coisas invisíveis não apenas não são vistas, mas sequer possuem a propriedade da visibilidade, sendo o que os gregos chamam de *ἀσώματα* (*asómata*), isto é, incorpóreas,

[179] 2 Coríntios 4: 18.
[180] 2 Coríntios 5: 1.
[181] Salmo 008: 004.
[182] Isaías 66: 2.

enquanto que aquelas das quais Paulo diz: *as que não se veem*, possuem, de fato, a propriedade de serem vistas, mas, como ele explica, ainda não foram contempladas por aqueles a quem foram prometidas.

Ciclos novos e terra nova

07.

Tendo esboçado então, na medida em que pudemos compreender estas três opiniões concernentes ao fim de todas as coisas e à suprema bem-aventurança, que cada um de nossos leitores determine por si mesmo, com cuidado e diligência, se alguma delas pode ser aprovada e adotada, pois foi dito que devemos supor que uma existência incorpórea é possível, depois que todas as coisas se sujeitarem a Cristo e, por meio de Cristo, a Deus Pai, quando Deus será *tudo em todos* ou que, quando, não obstante, todas as coisas tiverem sido sujeitas a Cristo e, por Cristo, a Deus, com quem formarão também um só espírito, visto que os espíritos são naturezas racionais, então, a própria substância corpórea — se unindo também a espíritos puríssimos e excelentes e sendo transformada em uma condição etérea, em proporção à qualidade ou aos méritos daqueles que a assu-

mem, de acordo com as palavras do Apóstolo: *Nós seremos transformados*[183] — brilhará em esplendor.

Ou ainda, quando o estado das *coisas que se veem* passar e toda a corrupção for dissipada e purificada e quando todo o espaço ocupado por este mundo, no qual se diz estarem as esferas dos planetas, for deixado para trás e abaixo, então se alcançará a morada fixa dos piedosos e bons, situada acima dessa esfera que é chamada de não errante (*ἀπλανῆ - aplanî*), como em uma *boa terra* em uma *terra dos vivos*, que será herdada pelos mansos e gentis.

A essa terra pertence o céu que, com sua extensão mais magnífica, circunda e contém a própria terra e que é chamado verdadeira e principalmente de céu, no qual o céu e a terra, o fim e a perfeição de todas as coisas podem ser colocados com segurança e confiança; onde uns, após sua prisão e seu castigo pelas ofensas que sofreram a título de purificação, podem, após terem cumprido e pago todas as obrigações, merecer uma habitação nessa terra, enquanto aqueles que foram obedientes à palavra de Deus e, a partir de então, por sua obediência, se mostraram capazes de sabedoria, são considerados merecedores do reino desse céu

[183] 1 Coríntios 15: 52.

ou céus e assim a profecia se cumpre mais dignamente: *Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra* e *bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus*[184] e a declaração no Salmo: *Ele te exaltará e possuirás a terra*[185].

De fato, se fala em descida para esta *terra* e de exaltação para a que está no alto. Desta forma, portanto, parece que uma espécie de caminho se abre com a partida dos santos daquela *terra* para aqueles céus, de modo que eles não parecem tanto permanecer naquela *terra*, mas habitá-la com uma intenção, a saber, de passar para a herança do *Reino dos céus*, quando também alcançarem esse grau de perfeição.

Capítulo 4. O Deus da Lei e dos Profetas e o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo é o mesmo Deus.

A identidade de Deus em ambos os Testamentos

01.

Tendo agora organizado brevemente estes pontos da melhor maneira possível, se conclui que, de acordo com

[184] Mateus 5: 3 e 4.
[185] Salmo 036: 034.

nossa intenção inicial, refutamos aqueles que pensam que o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo é um Deus diferente Daquele que deu as respostas da Lei a Moisés ou que comissionou os Profetas, que é o Deus de nossos Pais, Abraão, Isaac e Jacó, pois, neste artigo de fé, antes de tudo, devemos estar firmemente fundamentados.

Devemos considerar então a expressão de frequente recorrência nos Evangelhos e anexada a todos os atos de nosso Senhor e Salvador: *Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor falou pelo Profeta*[186], sendo manifesto que os Profetas são os Profetas daquele Deus que criou o mundo.

Disto, portanto, tiramos a conclusão de que Aquele que enviou os Profetas, Ele mesmo predisse o que seria predito a respeito de Cristo. E não há dúvida de que o próprio Pai e não outro diferente dele proferiu essas predições.

A prática, além disto, do Salvador ou de os apóstolos frequentemente citarem ilustrações do Antigo Testamento demonstra que atribuem autoridade aos antigos. A exortação do Salvador aos Seus discípulos à prática da bondade — *Sede perfeitos, assim como perfeito é o vosso Pai que está*

[186] Mateus 1: 22.

nos céus, pois ele faz nascer o sol tanto sobre os maus como sobre os bons e faz chover sobre os justos e sobre os injustos[187] — sugere, de forma muito evidente, mesmo para alguém de compreensão limitada, que Ele está propondo aos Seus discípulos que imitem ninguém menos que o Criador do céu e Aquele que concede a chuva.

Além disto, o que mais indica a expressão, que deve ser usada por aqueles que oram: *Pai nosso que estás nos céus*[188], senão que Deus deve ser buscado nas partes mais nobres do mundo, isto é, da Sua criação?

Ademais, não demonstram, os admiráveis princípios que Ele estabelece a respeito dos juramentos, ao dizer que não devemos *jurar nem pelo céu, porque é o trono de Deus; nem pela terra, porque ela é o escabelo dos Seus pés*[189], que se harmonizam bem claramente com as palavras do Senhor ditas pela boca do Profeta: *O céu é o meu trono e a terra, o estrado dos meus pés*[190]?

E também, quando expulsou do templo os que vendiam ovelhas, bois e pombas e despejou as mesas dos cambis-

[187] Mateus 5: 48.
[188] Mateus 6: 9.
[189] Mateus 5: 33 e 34.
[190] Isaías 66: 1.

tas, dizendo: *Levem daqui estas coisas e não façam da casa de meu Pai uma casa de comércio*[191], Ele, sem dúvida, se referiu Àquele em cujo nome Salomão havia erguido um magnífico templo.

Além disto, as palavras que dizem: *Não lestes o que Deus disse a Moisés: "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó". Não sou Deus de mortos, mas de vivos*[192], nos ensinam claramente que Ele chamou o Deus dos Patriarcas (porque eram santos e estavam *vivos*) de *Deus de vivos*, o mesmo que dissera através dos Profetas : *Eu sou Deus e, além de mim, não há outro Deus*[193].

O Salvador, sabendo que Aquele que está escrito na lei é o *Deus de Abraão* e que é o mesmo que diz: *Eu sou Deus e, além de mim, não há outro Deus*, reconhece como seu Pai justamente Aquele que ignora a existência de qualquer outro Deus acima dele mesmo.

Os hereges supõem que ele declara absurdamente ser Seu Pai Aquele que desconhece um Deus maior. Mas, se não é por ignorância e sim por engano que Ele afirma não haver

[191] João 2: 16.
[192] Mateus 22: 31. Cf. Êxodo 3: 6.
[193] Isaías 46: 9.

outro Deus além dele mesmo, então é um absurdo muito maior Cristo confessar que Seu Pai é culpado de falsidade.

De tudo isto, se chega à conclusão de que Ele não conhece outro Pai além de Deus, o Fundador e Criador de todas as coisas.

A identidade de Deus em ambas as dispensações

02.

Seria tedioso reunir, de todas as passagens do Evangelho, as provas que demonstram que o Deus da Lei e o Deus do Evangelho é um só. Abordemos brevemente os Atos dos Apóstolos, onde Estevão e os outros Apóstolos dirigem suas orações àquele Deus que fez o céu e a terra e que falou pela boca de Seus santos Profetas, chamando-O de *Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó*[194]; o Deus que, *operando prodígios e milagres*, tirou Seu povo da *terra do Egito*[195].

Estas frases, sem dúvida, direcionam claramente nosso intelecto para a fé no Criador e implantam um afeto por Ele naqueles que aprenderam devota e fielmente a pensar nele desta maneira, segundo as próprias palavras do Salva-

[194] Atos 7: 32.
[195] Atos 7: 36.

dor, que, quando Lhe perguntaram qual era *o maior mandamento da Lei*, respondeu: *Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento*. E o segundo é semelhante a este: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo*. E a isto, acrescentou: *Nestes dois mandamentos se resumem toda a Lei e os Profetas*[196].

Como é então, que Ele recomenda, àquele a quem instruía e conduzia para o ofício de discípulo, este mandamento acima de todos os outros, pelo qual, sem dúvida, o amor deveria ser aceso nele para com o Deus daquela Lei, visto que tal amor havia sido declarado pela Lei nestas mesmas palavras?

Mas se admita, apesar de todas estas provas evidentes, que seja de algum outro Deus desconhecido que o Salvador disse: *Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração*, etc. etc. Como, neste caso, se a Lei e os Profetas são, como se diz, do Criador, isto é, de um Deus diferente daquele a quem Ele chama de *bom*, parecerá logicamente dito o que Ele acrescenta, a saber, que *nestes dois mandamentos se resumem toda a Lei e os Profetas*? Pois, como pode depender dele aquilo que é estranho e alheio a Deus?

[196] Mateus 22: 36-40.

E, quando Paulo diz: *Dou graças ao meu Deus, a quem sirvo em espírito, herdado de meus antepassados, com pura consciência*[197], ele mostra claramente que não se voltou para um novo Deus, mas para Cristo, pois, a que outros *antepassados* Paulo se refere, senão àqueles de quem ele disse: *São eles hebreus? Eu também sou. São eles israelitas? Eu também sou*[198].

Além disto, o próprio prefácio de sua Epístola aos Romanos não demonstra claramente o mesmo para aqueles que sabem compreender as cartas de Paulo, ou seja, a qual Deus ele prega?

De fato, suas palavras são: *Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser Apóstolo, separado para o Evangelho de Deus, o qual ele havia prometido anteriormente por meio de seus Profetas nas Sagradas Escrituras, a respeito de seu Filho, que, segundo a carne, nasceu da descendência de Davi e que foi declarado Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos de Cristo Jesus, nosso Senhor*[199].

---

[197] 2 Timóteo 1: 3.
[198] 2 Coríntios 11: 22.
[199] Romanos 1: 1-4.

Além disto, também no seguinte: *Na Lei de Moisés está escrito: "Não amordace a boca do boi que debulha o grão". Será que Deus tem dó dos bois? Ou ele diz isso inteiramente por nossa causa? Sem dúvida, isto está escrito para o nosso bem, para que aquele que ara o faça com esperança e aquele que debulha, o faça com esperança de participar dos frutos*[200]. Com isto, ele demonstra claramente que Deus — que deu a Lei por nossa causa, isto é, por causa dos Apóstolos — diz: *Não amordace o boi que debulha o grão*, não por preocupação com os bois, mas com os Apóstolos, que pregavam o Evangelho de Cristo.

Em outras passagens também, Paulo, abraçando as promessas da Lei, diz: *"Honra teu pai e tua mãe", que é o primeiro mandamento com promessa, para que te vá bem e se prolonguem os teus dias na terra, na boa terra que o Senhor teu Deus te dará*[201]. Com isto, ele indubitavelmente deixa claro que a Lei, o Deus da Lei e as Suas promessas lhe são agradáveis.

[200] Deuteronômio 25: 4 e 1 Coríntios 9: 9 e 10.
[201] Êxodo 20: 12, Deuteronômio 5: 16 e Efésios 6: 2 e 3.

Deus, invisível e imaterial

03.

Mas, como aqueles que defendem uma heresia às vezes costumam enganar os corações dos simples com certos sofismas enganosos, não considero impróprio apresentar as afirmações que eles costumam fazer e refutar seu engano e falsidade. Seguem então, suas declarações.

Está escrito que *ninguém jamais viu a Deus*[202]. Mas aquele Deus que Moisés prega foi visto tanto por Moisés quanto por seus pais antes dele, enquanto que Aquele que é anunciado pelo Salvador nunca foi visto por ninguém.

Perguntemos, portanto, a eles e a nós mesmos se sustentam que Aquele que reconhecem como Deus e alegam ser um Deus diferente do Criador, é visível ou invisível. E se disserem que Ele é visível, além de provarem que isto contradiz a declaração das Escrituras, que diz do Salvador: *Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação*[203], cairão também no absurdo de afirmar que Deus é corpóreo, pois nada pode ser visto senão por meio da forma,

[202] João 1: 18.
[203] Colossenses 1: 18.

do tamanho e da cor, que são propriedades especiais dos corpos.

E se Deus for declarado como um corpo, então Ele também será considerado material, visto que todo corpo é composto de matéria. Mas se Ele for composto de matéria e a matéria é indubitavelmente corruptível, então, segundo eles, Deus está sujeito à corrupção!

Faremos a eles uma segunda pergunta: "A matéria é criada ou é incriada, isto é, não criada?"

Se eles responderem que não é criada, isto é, incriada, perguntaremos se uma porção da matéria é Deus e a outra parte é o mundo.

Mas, se disserem da matéria que ela foi criada, sem dúvida concluirão que confessarão que Aquele a quem declaram ser Deus foi criado! Este é um resultado que, certamente, nem a razão deles nem a nossa podem admitir.

Mas dirão: "Deus é invisível". E o que você fará? Se disser que Ele é invisível por natureza, então Ele também não deveria ser visível ao Salvador, enquanto que, pelo contrário, está escrito que Deus, o Pai de Cristo, é visto, porque *quem vê o Filho*, diz ele, *vê também o Pai*[204].

[204] João 14: 9.

Isto, certamente, nos pressionaria muito, se a expressão não fosse entendida por nós mais corretamente como entendimento e não como visão, pois, quem compreendeu o Filho compreenderá também o Pai.

Desta forma então, também se deve supor que Moisés viu a Deus, não O contemplando com os olhos do corpo, mas O compreendendo com a visão do coração e a percepção da mente e isto, apenas em certa medida, pois é manifesto que Aquele que deu respostas a Moisés disse: *Não verás a minha face, mas as minhas costas*[205].

Estas palavras devem, naturalmente, ser entendidas no sentido místico que convém às palavras divinas, se rejeitando e se desprezando as *fábulas profanas, esses contos extravagantes de comadres*[206] inventadas por ignorantes a respeito das partes anterior e posterior de Deus.

Que ninguém suponha que tenhamos demonstrado qualquer impiedade ao dizer que nem mesmo para o Salvador o Pai é visível. Que considere a distinção que empregamos ao lidar com os hereges, pois explicamos que uma coisa

[205] Êxodo 33: 20 e 23.
[206] 1 Timóteo 4: 7.

é ver e ser visto e outra é conhecer e ser conhecido ou entender e ser entendido.

Ver e ser visto, portanto, é uma propriedade dos corpos, que certamente não se aplica apropriadamente nem ao Pai, nem ao Filho, nem ao Espírito Santo em suas relações mútuas, pois a natureza da Trindade transcende a medida da visão, concedendo, àqueles que estão no corpo, isto é, a todas as outras criaturas, a propriedade da visão em relação uns aos outros.

Mas, para uma natureza que é incorpórea e em grande parte intelectual, nenhum outro atributo é apropriado senão o de conhecer ou ser conhecido, como o próprio Salvador declara quando diz: *Ninguém conhece o Filho, senão o Pai e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar*[207].

Fica claro então, que Ele não disse: *Ninguém viu o Pai, senão o Filho*, mas sim: *Ninguém conhece o Pai, senão o Filho*.

[207] Mateus 11: 27.

Antropomorfismos e impassibilidade divina

04.

E agora, se, por causa das expressões que ocorrem no Antigo Testamento, como quando se diz que Deus está irado ou se arrepende ou quando qualquer outra afeição ou paixão humana é descrita, nossos opositores pensam que têm fundamentos para nos refutar, que sustentamos que Deus é totalmente impassível e deve ser considerado completamente livre de todas as afeições desse tipo, temos que lhes mostrar que declarações semelhantes são encontradas até mesmo nas parábolas do Evangelho, como quando se diz que aquele que plantou uma vinha e a arrendou a lavradores, que mataram os servos que lhes foram enviados e, por fim, mataram até o filho, é dito que, irado, lhes tomou a vinha, entregou os lavradores maus à destruição e entregou a vinha a outros, que lhe dariam o fruto na estação própria.

O mesmo se aplica àqueles cidadãos que, quando o *homem ilustre foi para um país distante, a fim de ser investido da realeza*, enviaram mensageiros atrás dele, dizendo: *Não queremos que esse homem reine sobre nós*,

pois o *homem ilustre*[208], tendo conquistado o reino, voltou e, enfurecido, ordenou que fossem mortos diante dele e incendiou a cidade.

Mas, quando lemos, seja no Antigo Testamento ou no Novo, sobre a ira de Deus, não interpretamos essas expressões literalmente, mas buscamos nelas um significado espiritual, para que possamos pensar em Deus como Ele merece ser pensado.

E, sobre estes pontos, ao explicar o versículo do segundo Salmo: *Dirigindo-se a eles em ira, ele os aterra com o seu furor*[209], mostramos, da melhor maneira possível, como tal expressão deve ser entendida.

Capítulo 5. Sobre Justiça e Bondade.

A divisão herética entre o Deus bom e o Deus justo

01.

Ora, visto que esta consideração tem peso para alguns, de que os líderes daquela heresia de que temos falado pensam ter estabelecido uma espécie de divisão, segundo a qual declararam que justiça é uma coisa e bondade outra e apli-

[208] Lucas 19: 12-27.

caram esta divisão até mesmo às coisas divinas, sustentando que o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo é, de fato, um Deus bom, mas não justo, enquanto que o Deus da Lei e dos Profetas é justo, mas não bom, creio ser necessário dar, com a maior brevidade possível, uma resposta a estas afirmações.

Essas pessoas então consideram a bondade como uma afeição que conferiria benefícios a todos, embora o destinatário deles seja indigno e não mereça qualquer bondade. Mas aqui, em minha opinião, eles não aplicaram corretamente sua definição, visto que pensam que nenhum benefício é conferido àquele que é afligido por qualquer sofrimento ou calamidade. A justiça, por outro lado, eles consideram como a qualidade que recompensa cada um segundo seus méritos.

Mas aqui, novamente, eles não interpretam corretamente o significado de sua própria definição, pois pensam que basta enviar males sobre os ímpios e benefícios sobre os bons. Ou seja, segundo a visão deles, o Deus justo não parece desejar o bem aos maus, mas sim ser motivado por uma espécie de ódio contra eles.

---

[209] Salmo 002: 005.

Eles reúnem exemplos disto, sempre que encontram uma história nas Escrituras do Antigo Testamento, relatando, por exemplo, o castigo do Dilúvio ou o destino daqueles que são descritos como perecendo nele ou a destruição de Sodoma e Gomorra por uma chuva de fogo e enxofre ou a queda de todo o povo no deserto por causa dos seus pecados, de modo que nenhum dos que saíram do Egito entrou na Terra Prometida, com exceção de Josué e Caleb.

Já do Novo Testamento, reúnem palavras de compaixão e piedade, através das quais os discípulos são instruídos pelo Salvador e pelas quais parece ser declarado que ninguém é bom, senão Deus Pai apenas e, por este meio, ousaram chamar o Pai do Salvador Jesus Cristo de um bom Deus e dizer que o Deus do mundo é diferente, a quem eles se agradam em chamar de justo, mas não também bom.

A letra e o significado interno

02.

Ora, creio que, em primeiro lugar, eles devem ser obrigados a demonstrar, se puderem, de acordo com a sua própria definição, que o Criador é justo ao punir, segundo os seus méritos, tanto aqueles que pereceram no Dilúvio,

quanto os habitantes de Sodoma ou aqueles que haviam deixado o Egito, visto que, por vezes, testemunhamos crimes mais perversos do que os acima mencionados e mais detestáveis do que aqueles pelos quais as pessoas foram destruídas, enquanto que ainda não vemos todos os pecadores pagando a pena pelos seus delitos.

Dirão eles que Aquele que outrora era justo se tornou bom? Ou serão, antes, da opinião de que Ele é justo agora, mas está pacientemente suportando as ofensas humanas enquanto que então Ele não era justo, visto que exterminou crianças inocentes e de colo, juntamente com gigantes cruéis e ímpios?

Ora, tais são as opiniões deles, porque não sabem compreender nada além da letra; caso contrário, mostrariam como é justiça literal que os pecados *dos pais* recaiam sobre as cabeças dos *filhos e nos filhos de seus filhos, até a terceira e a quarta geração*[210].

Por nós, porém, tais coisas não são entendidas literalmente, mas, como Ezequiel ensinou ao relatar em sua

[210] Cf. Êxodo 20: 5 e 34: 7.

parábola[211], questionamos qual é o significado intrínseco contido nela. Além disto, deveriam explicar também como Ele é justo e recompensa a cada um segundo seus méritos, punindo as pessoas de mentalidade terrena e o Diabo, visto que não fizeram nada digno de punição, pois não poderiam fazer o bem se, segundo eles, fossem de natureza perversa e corrompida.

Já que O chamam de juiz, Ele parece julgar não tanto as ações, mas as naturezas e se uma natureza má não pode fazer o bem, uma natureza boa também não pode fazer o mal.

A bondade e a justiça em Deus

Em seguida, se Aquele a quem chamam de bom é bom para todos, sem dúvida é bom também para aqueles destinados à perdição. E por que Ele não os salva? Se não deseja fazê-lo, deixa de ser bom; se o deseja e não pode realizá-lo, deixa de ser onipotente.

Por que não ouvem, invés disto, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo no Evangelho, preparando fogo para o Diabo e

[211] Ezequiel 22: 3-22. Cf. 18: 20 (*É o pecador que deve perecer. Nem o filho responderá pelas faltas do pai nem o pai pelas do filho. É ao justo que se imputará sua justiça e, ao mau, a sua malícia*).

seus anjos? E como poderá esse processo, tão penal quanto triste, parecer, segundo a visão deles, obra do bom Deus?

O próprio Salvador, o Filho do bom Deus, protesta no Evangelho e declara que, *se sinais e maravilhas tivessem sido realizados em Tiro e Sidônia, seus habitantes teriam se arrependido há muito tempo, se vestindo de pano de saco e se cobrindo de cinzas*[212]. E, quando Ele se aproximou dessas mesmas cidades e entrou em seus territórios, por que então Ele evita entrar nelas e lhes mostrar uma profusão de sinais e maravilhas, se fosse certo que, após a realização desses sinais e maravilhas eles se arrependeriam *se vestindo de pano de saco e se cobrindo de cinzas*?

Mas, como Ele não faz isto, sem dúvida abandona à destruição aqueles que, segundo a linguagem do Evangelho, não eram de natureza perversa ou corrompida, visto que declara que eram capazes de arrependimento.

Novamente, em uma parábola do Evangelho, onde *o rei entra para ver* os *convidados* para o banquete, ele vê um indivíduo sem trajes de casamento e lhe pergunta: *"Meu amigo, como entraste aqui, sem a veste nupcial?" O homem não proferiu palavra alguma*. Então, ele ordenou aos

[212] Lucas 10: 13.

seus servos: *"Amarrai-lhe os pés e as mãos e lançai-o nas trevas exteriores. Ali haverá choro e ranger de dentes"*[213].

Que nos digam quem é aquele *Rei* que entrou para ver os convidados e encontrando um entre eles com vestes inapropriadas, ordenou que seus servos o amarrassem e o lançassem nas trevas exteriores.

É ele o mesmo a quem chamam de justo? Como então, ordenou que bons e maus fossem convidados sem que seus servos examinassem seus méritos?

Tal procedimento não indicaria o caráter de um Deus justo que recompensa segundo os méritos das pessoas, como afirmam, mas o de um Deus que demonstra bondade indiscriminada para com todos. Ora, se isto deve, necessariamente, ser entendido como sendo do Deus bom, isto é, de Cristo ou do Pai de Cristo, que outra objeção podem apresentar contra a justiça do julgamento de Deus?

Além disto, que outra injustiça podem imputar ao Deus da Lei, como ordenar que aquele que fora convidado por seus servos, a quem Ele enviara para chamar bons e maus, fosse amarrado de pés e mãos e lançado *nas trevas exteriores*, por estar com vestes inapropriadas?

---

[213] Mateus 22: 12 e 13.

Esperança no castigo

03.

E agora, o que extraímos da autoridade das Escrituras deveria ser suficiente para refutar os argumentos dos hereges. Não parecerá, contudo, impróprio se discutirmos brevemente o assunto com eles, com base na própria razão.

Perguntamos-lhes então, se sabem o que é considerado pelas pessoas como a base da virtude e da maldade e se parece se seguir que podemos falar de virtudes em Deus ou, como eles pensam, nesses dois Deuses.

Que respondam também à pergunta se consideram a bondade uma virtude e, como sem dúvida a admitirão como tal, o que dirão da injustiça?

Certamente, em minha opinião, jamais serão tão tolos a ponto de negar que a justiça é uma virtude. Consequentemente, se a virtude é uma bênção e a justiça é uma virtude, então, sem dúvida, a justiça é bondade. Mas, se disserem que a justiça não é uma bênção, então deve ser algo mau ou indiferente.

Agora, considero uma tolice responder àqueles que dizem que a justiça é um mal, pois darei a impressão de estar

respondendo a palavras sem sentido ou a pessoas desorientadas.

Como pode parecer um mal aquilo que é capaz de recompensar os bons com bênçãos, como eles próprios admitem?

Mas, se dizem que é algo indiferente, se segue que, sendo a justiça assim, a sobriedade, a prudência e todas as outras também o são. E que resposta daremos a Paulo, quando ele diz: *Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é nobre, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, tudo o que é virtuoso e louvável, eis o que deve ocupar vossos pensamentos. O que aprendestes, recebestes, ouvistes e observastes em mim, isto praticai e o Deus da paz estará convosco*?[214]

Que aprendam, portanto, examinando as Sagradas Escrituras, quais são as virtudes individuais e não se iludam dizendo que aquele Deus que recompensa cada um segundo os seus méritos, por odiar o mal, retribui o ímpio com o mal e não porque aqueles que pecaram necessitem de remédios mais severos e sim porque Ele lhes aplica medidas que, com

[214] Filipenses 4: 8 e 9.

a perspectiva de melhoria, parecem, no entanto, por ora, produzir uma sensação de dor.

Eles não leem o que está escrito a respeito da esperança daqueles que foram destruídos no Dilúvio. Esperança essa da qual o próprio Pedro fala assim, em sua primeira Epístola: *Cristo, de fato, foi morto na carne, mas vivificado pelo Espírito, pelo qual foi e pregou aos espíritos que estavam aprisionados, que outrora eram incrédulos, quando aguardavam a longanimidade de Deus nos dias de Noé, quando a Arca estava sendo preparada, na qual alguns, isto é, oito almas, foram salvas pela água. Da mesma forma, o batismo, por figura semelhante, agora vos salva*[215].

E, com relação a Sodoma e Gomorra, que nos digam se creem que as palavras proféticas são do Deus Criador, daquele que, segundo a tradição, fez chover sobre elas fogo e enxofre. O que diz o Profeta Ezequiel a respeito delas?

Sodoma será restaurada à sua condição anterior[216], diz ele.

[215] 1 Pedro 3: 18-21.
[216] Ezequiel 16: 55.

A identidade da justiça e a bondade

Mas por que, ao afligir aqueles que merecem punição, Ele não os aflige para o seu próprio bem? Ele que também disse aos caldeus: *Vocês têm brasas vivas. Sentem-se sobre elas. Elas lhes serão úteis*[217].

E quanto aos que caíram no deserto, que ouçam o que está relatado no Salmo setenta e sete, que traz a inscrição de Asaf, pois ele diz: *Quando ele espalhou a morte entre eles, buscaram ao Senhor*[218]. Ele não diz que alguns O *buscaram* depois que outros foram mortos, mas diz que a destruição daqueles que foram mortos foi de tal natureza que, ao serem mortos, buscaram *ao Senhor*.

Por tudo isto, fica estabelecido que o Deus da Lei e do Evangelho é um só, um justo e bom Deus e que Ele concede benefícios justamente e pune com bondade, visto que nem a bondade sem a justiça e nem a justiça sem a bondade podem manifestar a verdadeira dignidade da natureza divina.

Acrescentaremos as seguintes observações, às quais somos impelidos por suas sutilezas.

---

[217] Isaías 47: 14.
[218] Salmo 077: 034.

Se justiça é algo diferente de bondade, então, visto que o mal é o oposto do bem e a injustiça é o oposto da justiça, a injustiça será, sem dúvida, algo diferente de um mal e assim como, em sua opinião, a pessoa justa não é boa, a pessoa injusta também não será perversa e ainda, assim como a pessoa boa não é justa, a pessoa perversa também não será injusta.

Mas quem não vê o absurdo de que a um Deus bom se oponha o mal, enquanto que, a um Deus justo, a quem alegam ser inferior ao bom, ninguém se oponha! Pois não há ninguém que possa ser chamado de injusto, assim como há um Satanás que é chamado de perverso.

O que então, devemos fazer?

Abandonemos a posição que defendemos, pois eles não poderão sustentar que uma pessoa má não seja também injusta e uma injusta não seja uma pessoa perversa. E se estas qualidades forem indissoluvelmente inerentes a estes opostos, ou seja, injustiça na maldade ou maldade na injustiça, então, sem dúvida, a pessoa boa será inseparável da pessoa justa e a justa da boa, de modo que, assim como falamos de uma mesma maldade na malícia e na injustiça, podemos também considerar a virtude da bondade e da justiça como uma só.

Não há separação entre a bondade e a justiça em Deus

04.

Contudo, eles nos remetem novamente às palavras das Escrituras, trazendo à tona aquela sua célebre questão, afirmando que está escrito: *Uma árvore ruim não pode dar bons frutos, pois uma árvore é conhecida pelos seus frutos*[219].

Qual é então, a posição deles?

Que tipo de *árvore* é a Lei, isto se revela pelos seus frutos, ou seja, pela linguagem dos seus preceitos, pois, se a Lei for considerada boa, então, sem dúvida, Aquele que a deu será considerado um Deus bom. Mas, se ela for justa, invés de boa, então Deus também será considerado um legislador justo.

O Apóstolo Paulo não usa de circunlóquios quando diz: *A Lei é boa e o mandamento é santo, justo e bom*[220]. Disto se depreende que Paulo não aprendeu a linguagem daqueles que separam a justiça da bondade, mas foi instruído por aquele Deus e iluminado pelo Seu Espírito, que é ao

[219] Mateus 7: 18.
[220] Romanos 7: 12.

mesmo tempo *santo, justo e bom* e, falando por este Espírito, ele declarou que *o mandamento* da *Lei* era *santo, justo e bom*.

E, para que ele pudesse mostrar mais claramente que a bondade estava presente no mandamento em maior grau do que a justiça e a santidade, repetindo suas palavras, ele usou, invés destes três epítetos, apenas o de bondade, dizendo: *Acaso aquilo que é bom se tornou morte para mim? De maneira nenhuma!*[221]

Como ele sabia que a bondade era o gênero das virtudes e que a justiça e a santidade eram espécies pertencentes ao gênero e tendo, nos versículos anteriores, mencionado gênero e espécie juntos, ele, ao repetir suas palavras, se voltou apenas para o gênero.

Mas, nos versículos seguintes, ele diz: *O pecado operou a morte em mim, por meio daquilo que é bom*[222], onde ele resume, genericamente, o que havia explicado especificamente antes.

E, desta forma, também deve ser entendida a declaração: *A pessoa boa, do bom tesouro do seu coração, tira coi-*

[221] Romanos 7: 13.
[222] Romanos 7: 13.

sas boas e a pessoa má, do mau tesouro do seu coração, tira coisas más[223]. Também aqui, ele supôs que havia um gênero no bem ou no mal, apontando, inquestionavelmente, que, em uma pessoa boa, havia justiça, temperança, prudência, piedade e tudo o que pode ser chamado ou entendido como bom. Da mesma forma, ele disse que uma pessoa era ímpia quando, sem dúvida alguma, ela fosse injusta, impura e profana e tudo o que, propriamente, torna uma pessoa má, pois, assim como ninguém considera uma pessoa ímpia sem estas marcas de maldade e nem poderia ser, também é certo que, sem estas virtudes, ninguém será considerado bom.

Restam-lhes, porém, aquelas palavras do Senhor no Evangelho, que eles pensam ter sido dada a eles de maneira especial como um escudo, a saber: *Ninguém é bom. Só Deus é bom*[224]. Estas palavras, eles declaram, são peculiares ao Pai de Cristo, que, no entanto, é diferente do Deus que é Criador de todas as coisas e ao qual, Ele não deu nenhum título de bondade.

[223] Mateus 12: 35.
[224] Marcos 10: 18 e Mateus 19: 17 e Lucas 18: 19.

Vejamos agora se, no Antigo Testamento, o Deus dos Profetas, Criador e Legislador da palavra não é chamado de bom.

Quais são as expressões que ocorrem nos Salmos?

Como Deus é bom para Israel, para os retos de coração![225] E: *Que Israel diga agora que Ele é bom, que a Sua misericórdia dura para sempre*[226]. A linguagem nas Lamentações de Jeremias é: *O Senhor é bom para aqueles que esperam por Ele, para a alma que O busca*[227].

Assim como Deus é frequentemente chamado de *bom* no Antigo Testamento, também o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo é chamado de justo nos Evangelhos. Finalmente, no Evangelho segundo João, o próprio Senhor, ao orar ao Pai, diz: *Ó Pai justo, o mundo não Te conheceu*[228].

E, para que não digam que foi por ter assumido a forma humana que Ele chamou o Criador do mundo de *Pai* e O intitulou *Justo*, são excluídos de tal argumento pelas palavras que se seguem imediatamente: *O mundo não Te conheceu*.

---

[225] Salmo 072: 001.
[226] Salmo 117: 001 e 002.
[227] Lamentações 3: 25.
[228] João 17: 25.

Mas, segundo eles, o mundo desconhece somente o Deus bom, pois o mundo reconhece inquestionavelmente o seu Criador, o próprio Senhor, dizendo que o mundo ama o que é seu. Claramente então, Aquele a quem consideram ser o Deus bom é chamado de justo nos Evangelhos.

Qualquer pessoa pode, com calma, reunir um número maior de provas, consistindo nas passagens do Novo Testamento em que O Pai de nosso Senhor Jesus Cristo é chamado de *justo* e também no Antigo Testamento, onde o Criador do céu e da terra é chamado de *bom*, de modo que os hereges, sendo convencidos por numerosos testemunhos, talvez algum dia fiquem envergonhados.

Capítulo 6. Sobre a Encarnação de Cristo.

Perguntas sobre o como e o porque do Mediador

01.

Chegou o momento, após esta breve menção a estes pontos, de retomarmos nossa investigação sobre a encarnação de nosso Senhor e Salvador, ou seja, como e por que Ele se fez humano. Tendo, portanto, da melhor maneira possível, considerado Sua natureza divina, a partir da contemplação de Suas próprias obras e não de nossas próprias opi-

niões e tendo, contudo, contemplado com os olhos Sua criação visível, enquanto a criação invisível é vista pela fé, visto que a fragilidade humana não permite ver todas as coisas com os olhos físicos e nem compreendê-las pela razão, sendo nós, humanos, mais fracos e frágeis do que qualquer outro ser racional, pois aqueles que estão no céu ou que se supõe existirem acima do céu, são superiores, nos resta buscar um ser intermediário entre todas as coisas criadas e Deus, isto é, um Mediador, a quem o Apóstolo Paulo chama de *Primogênito de toda a criação*[229].

Considerando, além disto, as declarações a respeito de Sua majestade, contidas nas Sagradas Escrituras, de que Ele é chamado de *imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda a criação* e *nele foram criadas todas as coisas, visíveis e invisíveis, sejam Tronos, sejam Dominações, sejam Principados, sejam Potestades. Todas as coisas foram criadas por ele e nele. Ele é antes de todas as coisas e nele todas as coisas subsistem*[230]. Ele é a Cabeça de todas as coisas, tendo, como única Cabeça, Deus Pai, pois está escrito: *A cabeça de Cristo é Deus*[231].

[229] Colossenses 1: 15.
[230] Colossenses 1: 16 e 17.
[231] 1 Coríntios 11: 3.

Vendo claramente também que está escrito: *Ninguém conhece o Pai, senão o Filho e ninguém conhece o Filho, senão o Pai*[232] — De fato, quem pode saber o que é sabedoria, senão aquele que a criou? Ou quem pode compreender claramente o que a verdade é, senão o Pai da verdade? Quem pode investigar com certeza a natureza universal de Sua Palavra e do próprio Deus, cuja natureza procede de Deus, senão somente de Deus, com quem a Palavra estava? —, devemos considerar certo que esta Palavra ou Razão (se assim for chamada), esta Sabedoria, esta Verdade não é conhecida por nenhum outro senão o Pai. E dele está escrito: *Não creio que o mundo inteiro pudesse conter os livros que poderiam ser escritos*[233] a respeito da glória e majestade do Filho de Deus, pois é impossível registrar por escrito todos os detalhes que pertencem à glória do Salvador.

Após considerarmos questões de tamanha importância concernentes ao ser do Filho de Deus, ficamos profundamente admirados que uma natureza tão sublime, preeminente acima de todas as outras, tenha se esvaziado de sua condição de majestade e se tornado humano habitando en-

[232] Mateus 11: 27.
[233] João 21: 25.

tre os humanos, como testemunha a graça derramada em Seus lábios, como Seu Pai celestial testemunhou e como atestam os diversos sinais, prodígios e milagres que Ele realizou, que também, antes de Sua manifestação corpórea, enviou os Profetas como precursores e mensageiros de Sua vinda. E, após Sua ascensão ao céu, designou Seus santos Apóstolos, pessoas ignorantes e sem instrução, escolhidas entre os cobradores de impostos ou pescadores, mas cheios do poder de Sua divindade, para percorrerem o mundo, a fim de reunir, de todos os povos e nações, uma multidão de devotos crentes nele.

O assombro da encarnação de Deus na fragilidade humana

02.

Mas, de todos os atos maravilhosos e poderosos relatados a Seu respeito, este supera completamente a admiração humana e está além da capacidade da fragilidade mortal de compreender ou sentir: como esse poder imenso da majestade divina, essa mesma Palavra do Pai e essa mesma sabedoria de Deus, na qual foram criadas todas as coisas, visíveis e invisíveis, podem ser consideradas como tendo existido dentro dos limites daquele homem que apareceu na

Judeia. Além disto, que a Sabedoria de Deus possa ter entrado no ventre de uma mulher, nascido como um bebê e proferido lamentos como o choro de criancinhas! E que, posteriormente, se relatasse que Ele ficou profundamente perturbado na morte, dizendo, como Ele mesmo declarou: *A minha alma está profundamente triste, até à morte*[234] e que, por fim, foi levado àquela morte considerada a mais vergonhosa entre as pessoas, embora tenha ressuscitado ao terceiro dia.

O mistério de duas naturezas em um mesmo ser

Visto que vemos nele algumas coisas tão humanas que parecem não diferir em nada da fragilidade comum dos mortais e algumas coisas tão divinas que não podem pertencer a nada além da natureza primordial e inefável da Divindade, a estreiteza da compreensão humana não encontra vazão, mas, dominada pelo espanto de uma admiração imensa, não sabe para onde recuar, nem a que se agarrar, nem para onde se voltar.

Se pensa em um Deus, vê um mortal e se pensa em um ser humano, contempla-O retornando da sepultura, após

[234] Mateus 26: 38.

derrubar o império da morte, carregado com seus despojos. E, portanto, o espetáculo deve ser contemplado com todo temor e reverência, para que a verdade de ambas as naturezas se mostre claramente existente em um mesmo Ser, de modo que nada indigno ou impróprio seja percebido nessa substância divina e inefável, nem que os eventos ocorridos sejam considerados ilusões de aparências imaginárias.

Pronunciar estas coisas aos ouvidos humanos e explicá-las em palavras ultrapassa em muito as capacidades de nossa posição social ou de nosso intelecto e linguagem. Creio que ultrapassa até mesmo o poder dos santos Apóstolos.

Não, a explicação desse mistério talvez esteja além da compreensão de toda a criação dos poderes celestiais. A respeito dele então, declararemos, com o mínimo de palavras possível, o conteúdo do nosso credo, invés das afirmações que a razão humana tende a avançar e isto, não por espírito de precipitação, mas sim como exigido pela natureza do nosso acordo, lhes apresentando antes o que se pode chamar de nossas suspeitas do que quaisquer afirmações claras.

A alma de Cristo

03.

O Unigênito de Deus, portanto, por meio de quem, como demonstrado no curso anterior da discussão, todas as coisas foram criadas, visíveis e invisíveis, segundo a visão das Escrituras, criou todas as coisas e ama o que criou, pois, sendo Ele mesmo *a imagem* visível *do Deus invisível*[235], transmitiu, invisivelmente, uma parte de Si mesmo a todas as Suas criaturas racionais, de modo que cada uma obteve uma parte dele exatamente proporcional à quantidade de afeição com que O considerava.

Mas, visto que, de acordo com a faculdade do livre-arbítrio individual, a variedade e a diversidade caracterizavam as almas, de modo que uma se apegava com um amor mais intenso ao Autor de sua existência e outra, com uma consideração mais fraca e débil, essa alma (*anima*) — da qual Jesus disse: *Dou a minha alma* (*animam*) *para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou de mim mesmo*[236], inerente a Ele desde o princípio da criação e, posteriormente, inseparável e indissoluvelmente, como sendo a

[235] Colossenses 1: 15. Cf. João 14: 9 (*Aquele que me viu, viu também o Pai*).

Sabedoria e a Palavra de Deus e a Verdade e a verdadeira Luz e recebendo-O inteiramente e passando para a Sua luz e esplendor — se tornou, *com Ele*, em grau preeminente, *um só espírito*, segundo a promessa do Apóstolo àqueles que deveriam imitá-la, que *quem se une ao Senhor se torna com Ele um só espírito*[237].

Essa substância da alma então se faz de intermediária entre Deus e a carne — sendo impossível para a natureza de Deus se misturar com um corpo sem um instrumento intermediário — e então o Deus-humano nasce, como dissemos, sendo essa substância o intermediário, cuja natureza não era contrária a assumir um corpo.

Mas, por outro lado, também não era contrário à natureza dessa alma, como existência racional, receber a Deus, em quem, como afirmado acima, assim como na Palavra, na Sabedoria e na Verdade, ela já havia entrado completamente.

Portanto, merecidamente, é chamada também, juntamente com a carne que assumiu, de Filho de Deus, Poder de Deus, Cristo e Sabedoria de Deus, seja porque estava intei-

[236] João 10: 18.
[237] 1 Coríntios 6: 17.

ramente no Filho de Deus, seja porque recebeu o Filho de Deus inteiramente em si mesma.

E, novamente, o Filho de Deus, por meio de quem *tudo foi criado*[238], é chamado Jesus Cristo e Filho do Homem, pois também se diz que o Filho de Deus morreu, isto é, em referência àquela natureza que admite a morte e Ele é chamado de *Filho do Homem*, que *há de vir na glória de seu Pai com seus anjos*[239].

Por esta razão, em toda a Escritura, não só a natureza divina é mencionada em palavras humanas, mas a natureza humana é adornada com denominações de dignidade divina. De fato, mais verdadeiramente sobre isto do que sobre qualquer outra coisa, se pode afirmar: *Os dois serão uma só carne. Assim, já não são dois, mas uma só carne*[240].

De fato, a Palavra de Deus deve ser considerada como estando mais em *uma só carne* com a alma do que um homem com sua mulher. Mas, a quem é mais apropriado ser também *um só espírito* com Deus, senão a esta alma que se uniu a Deus pelo amor, de tal forma que se pode justamente dizer que é, *com Ele*, *um só espírito*?

---

[238] Colossenses 1: 16.
[239] Mateus 16: 27.
[240] Gênesis 2: 24, Mateus 19: 5 e 6 e 1 Coríntios 6: 16.

Uma alma pura e sem pecado

04.

Que a perfeição do seu amor e a sinceridade da sua merecida afeição formaram para ela esta união inseparável com Deus, de modo que a assunção dessa alma não foi acidental, nem o resultado de uma preferência pessoal, mas foi concedida como recompensa pelas suas virtudes, ouçam o Profeta se dirigindo a ela assim: *Amaste a justiça e odiaste a iniquidade. Por isto, Deus, teu Deus, te ungiu com o óleo da alegria, mais do que a teus companheiros*[241].

Como recompensa pelo seu amor então, ela é ungida *com o óleo da alegria*. Isto é, a alma de Cristo, juntamente com a Palavra de Deus, se torna Cristo.

Ser ungido *com o óleo da alegria* significa nada mais do que ser cheio do Espírito Santo. E quando se diz: *mais do que a teus companheiros*, isto significa que a graça do Espírito não lhe foi dada como aos Profetas, mas que a plenitude essencial da Palavra de Deus estava nela, segundo o

[241] Salmo 044: 008.

que disse o Apóstolo: *Nele habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade*[242].

Finalmente, por isto, ele não disse apenas: *Amaste a justiça*, mas ele acrescenta: *e odiaste a iniquidade*, pois, odiar *a iniquidade* é o que as Escrituras dizem dele, que: *Se bem que não haja cometido injustiça alguma e em sua boca nunca tenha havido mentira*[243] e que: *Passou pelas mesmas provações que nós, com exceção do pecado*[244].

Além disto, o próprio Senhor questiona: *Quem de vós me acusará de pecado?*[245] E, novamente, Ele diz, se referindo a ele mesmo: *Vem o príncipe deste mundo, mas ele não tem nada em mim*[246].

Todas estas passagens mostram que nele não havia ideia de pecado e para que o Profeta pudesse mostrar mais claramente que jamais houve ideia de pecado nele, ele diz: *Antes de conhecer o bem e o mal, antes que saiba chamar pai ou mãe, esta criança rejeitará o mal e escolherá o bem*[247].

---

242 Colossenses 2: 9.
243 Isaías 53: 9.
244 Hebreus 4: 15.
245 João 8: 46.
246 João 14: 30.
247 Isaías 7: 16 e 8: 4.

Cristo não poderia pecar

05.

Ora, se o fato de termos demonstrado acima que Cristo possuía uma alma racional causar alguma dificuldade a alguém, visto que provamos repetidamente ao longo de todas as nossas discussões que a natureza das almas é capaz tanto do bem quanto do mal, a dificuldade será explicada da seguinte maneira.

A natureza de Sua alma era, de fato, a mesma que a de todos os outros e disto não se pode duvidar. Caso contrário, não poderia ser chamada de alma se não fosse verdadeiramente uma.

Mas, como o poder de escolher entre o bem e o mal está ao alcance de todos, essa alma que pertencia a Cristo escolheu amar a justiça, de modo que, em proporção à imensidão de seu amor, a ela se apegou de forma imutável e inseparável, de modo que a firmeza de propósito, a imensidão do afeto e um calor inextinguível de amor destruíram toda suscetibilidade (*sensum*) à alteração e à mudança e aquilo que antes dependia da vontade foi transformado, pelo poder do longo costume, em natureza e assim, devemos crer que existia em Cristo uma alma humana e racional, sem

supor que ela tivesse qualquer ideia ou possibilidade de pecado.

A união da alma humana de Cristo com a divindade

06.

Para explicar a questão mais detalhadamente, não parecerá absurdo recorrer a uma ilustração, embora, num assunto tão complexo, não seja fácil encontrar exemplos adequados.

Contudo, se nos permitem falar sem ofensa, o ferro metálico é capaz de absorver calor e frio. Se então, uma massa de ferro for mantida constantemente no fogo, recebendo calor por todos os seus poros e veios e o fogo for contínuo e o ferro nunca for retirado dele, ela se converterá completamente em calor.

Poderíamos dizer que, sendo por natureza uma massa de ferro, quando colocada no fogo e queimando incessantemente ela seria capaz de absorver frio?

Pelo contrário, por ser mais coerente com a verdade, não diríamos antes, como frequentemente observamos acontecer em fornos, que o ferro se tornou inteiramente fogo, pois nada além de fogo é visível nele?

E se alguém tentasse tocá-lo ou manuseá-lo experimentaria a ação, não do ferro, mas do fogo. Desta forma então, aquela alma que, como ferro no fogo, foi perpetuamente colocada na Palavra, perpetuamente na Sabedoria e perpetuamente em Deus é Deus em tudo o que faz, sente e compreende e, portanto, não pode ser considerada nem conversível nem mutável, visto que, sendo incessantemente aquecida, possuía imutabilidade devido à sua união com a Palavra de Deus.

A todos os santos, finalmente, se deve supor que algum calor da Palavra de Deus tenha passado e nessa alma, o próprio fogo divino se deve crer que repousou, do qual, algum calor pode ter passado para outras.

Por fim, a frase: *Deus, teu Deus, te ungiu com o óleo da alegria, mais do que a teus companheiros*[248] mostra que essa alma foi ungida de uma maneira *com o óleo da alegria*, isto é, com a Palavra de Deus e a Sabedoria e seus *companheiros*, isto é, os santos Profetas e Apóstolos, o foram de outra maneira, pois eles dizem: *Nós corremos atrás de ti, atraídos pelo aroma do teu perfume*[249] e essa alma era o

[248] Salmo 044: 008.
[249] Cântico 1: 4.

vaso que continha esse mesmo *perfume*, de cujo *aroma*, todos os dignos Profetas e Apóstolos foram feitos participantes.

Assim como a substância de um *perfume* é uma coisa e seu *aroma* outra, também Cristo é uma coisa e seus *companheiros* outra. E, assim como o próprio recipiente, que contém a substância do *perfume*, não pode, de modo algum, admitir qualquer odor fétido, enquanto que é possível que aqueles que apreciam seu *aroma*, se se afastarem um pouco de sua fragrância, recebam qualquer odor fétido que os atinja, da mesma forma, era impossível que Cristo, sendo, por assim dizer, o próprio vaso no qual se encontrava a substância do *perfume*, receberia um odor de natureza oposta, enquanto que aqueles que são Seus *companheiros* participariam e receberiam Seu *aroma* na proporção de sua proximidade com o vaso.

Profecias sobre Cristo e sua “sombra”

07.

Penso, de fato, que o Profeta Jeremias também, compreendendo qual era a natureza da sabedoria de Deus em Cristo, a mesma que Ele havia assumido para a salvação do

mundo, disse: *O sopro de nossa vida, o ungido do Senhor, a quem dissemos: "À sua sombra viveremos entre as nações"*[250]. E, visto que a *sombra* do nosso corpo é inseparável do corpo e inevitavelmente executa e repete seus movimentos e gestos, penso que ele, desejando apontar a obra da alma de Cristo e os movimentos que lhe pertencem inseparavelmente e que realizaram tudo segundo os seus movimentos e vontade, chamou a isso de *sombra* do *ungido do Senhor*, sob a qual deveríamos viver *entre as nações*, pois, no mistério dessa assunção vivem as nações que, imitando-a pela fé, chegam à salvação.

Davi também, ao dizer: *Lembra-te, Senhor, do opróbrio que me infligiram no lugar do Teu Ungido*[251], me parece indicar o mesmo.

E o que mais poderia dizer Paulo, quando afirmou: *A vossa vida está escondida com Cristo em Deus*[252] e, novamente, em outra passagem: *Exigis a prova de que é Cristo que fala em mim*[253]?

---

[250] Lamentações 4: 20.
[251] Salmo 088: 050 e 051.
[252] Colossenses 3: 3.
[253] 2 Coríntios 13: 3.

E agora ele diz que Cristo estava escondido em Deus. O significado desta frase, a menos que se mostre algo como o que apontamos acima, como pretendido pelo Profeta nas palavras *sombra de Cristo*, talvez ultrapasse a compreensão da mente humana.

Mas vemos também muitas outras declarações nas Sagradas Escrituras a respeito do significado da palavra *sombra*, como aquela bem conhecida no Evangelho segundo Lucas, onde Gabriel diz a Maria: *O Espírito do Senhor virá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra*[254].

E o Apóstolo diz, com referência à Lei, que os que têm a circuncisão na carne, *o culto que celebram é apenas a imagem, sombra das realidades celestiais*[255]. E, em outra passagem está dito: *Nossa vida na terra é uma sombra*[256].

Se então, não apenas a Lei que está na terra é uma *sombra*, mas também, toda a *nossa vida na terra* o é e vivemos *entre as nações* sob a *sombra* de Cristo, precisamos ver se a verdade por trás de todas essas sombras não virá a ser conhecida naquela revelação, quando não mais *como*

[254] Lucas 1: 35.
[255] Hebreus 8: 5.
[256] Jó 8: 9.

por um espelho, em enigma, mas face a face[257], todos os santos merecerão contemplar a glória de Deus e as causas e a verdade das coisas.

E a promessa dessa verdade já tendo sido recebida pelo Espírito Santo, o Apóstolo disse: *Muito embora tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, agora já não o conhecemos assim*[258].

Entretanto, o que foi exposto acima são os pensamentos que nos ocorreram ao tratar de assuntos tão complexos como a encarnação e a divindade de Cristo. Se, de fato, houver alguém que possa descobrir algo melhor e que possa fundamentar suas afirmações com provas mais claras das Sagradas Escrituras, que sua opinião seja considerada em detrimento da minha.

Capítulo 7. Sobre o Espírito Santo.

A unidade de Espírito em ambos os Testamentos

01.

Assim, após as primeiras discussões que, de acordo com as exigências do caso, mantivemos inicialmente a res-

[257] 1 Coríntios 13: 12.

peito do Pai, do Filho e do Espírito Santo, nos pareceu correto refazer o que fizemos e mostrar que o mesmo Deus foi o criador e fundador do mundo e o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, ou seja, que o Deus da Lei, dos Profetas e do Evangelho era um só e que, em seguida, deveria ser mostrado, com respeito a Cristo, de que maneira Aquele que anteriormente fora demonstrado como a Palavra e a Sabedoria de Deus se fez humano, nos resta agora retornar, com a maior brevidade possível, ao tema do Espírito Santo.

Chegou a hora então de dizermos algumas palavras, da melhor maneira possível, a respeito do Espírito Santo, a quem nosso Senhor e Salvador, no Evangelho segundo João, chamou de Paráclito, pois, assim como é o mesmo Deus e o mesmo Cristo, também é o mesmo Espírito Santo que estava nos Profetas e nos Apóstolos, isto é, tanto naqueles que creram em Deus antes da vinda de Cristo, quanto naqueles que, por meio de Cristo, buscaram refúgio em Deus.

Ouvimos, de fato, que certos hereges ousaram dizer que existem dois Deuses e dois Cristos, mas nunca soubemos de ninguém ter pregado a doutrina de dois Espíritos Santos, pois, como poderiam sustentar isto com base nas

[258] 2 Coríntios 5: 16.

Escrituras ou que distinção poderiam estabelecer entre um Espírito Santo e outro Espírito Santo, se é que alguma definição ou descrição do Espírito Santo de fato existe?

Embora devêssemos admitir a Marcião ou a Valentim que é possível traçar distinções na questão da Divindade e descrever a natureza do Deus bom como uma e a do Deus justo como outra, o que ele conceberá ou descobrirá para lhe permitir introduzir uma distinção no Espírito Santo? Considero então que eles não são capazes de descobrir nada que possa indicar qualquer tipo de distinção.

O poder do Espírito alcança a todos no Evangelho

02.

Ora, somos da opinião de que toda criatura racional, sem distinção alguma, recebe uma parte Dele da mesma forma que recebe da Sabedoria e da Palavra de Deus. Observo, porém, que a principal vinda do Espírito Santo é anunciada às pessoas após a ascensão de Cristo ao céu e não antes de Sua vinda ao mundo, pois, antes disso, era concedido somente aos Profetas o dom do Espírito Santo e a alguns poucos indivíduos, se é que havia algum entre o povo que o merecesse.

Mas, após a vinda do Salvador, está escrito que a predição do Profeta Joel se cumpriu: *Derramarei o meu Espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos anciãos terão sonhos e vossos jovens terão visões*[259], o que é semelhante à conhecida declaração: *Todas as nações o servirão*[260].

Pela graça então do Espírito Santo, juntamente com inúmeros outros sinais, esta gloriosa consequência é claramente demonstrada: que, com relação às coisas que foram escritas no Evangelho, se cumprirá a profecia dos Profetas ou da Lei de Moisés, apenas algumas pessoas na época, ou seja, os próprios Profetas e quase nenhum outro indivíduo em toda a nação eram capazes de enxergar além do mero significado corpóreo e descobrir algo maior, isto é, algo espiritual, na Lei ou nos Profetas. Mas agora, há inúmeras multidões de crentes que, embora incapazes de desdobrar metódica e claramente os resultados de sua compreensão espiritual, estão firmemente persuadidos de que nem a circuncisão deve ser entendida literalmente, nem o repouso do sábado, nem o derramamento do sangue de um animal,

[259] Joel 3: 1.
[260] Salmo 071: 011.

nem que Deus tenha dado respostas a Moisés sobre estes pontos. E este método de compreensão é, sem dúvida, sugerido à mente de todos pelo poder do Espírito Santo.

Os erros sobre a natureza do Espírito Santo

03.

E, assim como há muitas maneiras de apreender Cristo, que, embora seja Sabedoria, não exerce o papel ou possui o poder da sabedoria em todas as pessoas, mas somente naqueles que se dedicam ao estudo da sabedoria nele e que, embora chamado de Médico, não age como tal para com todos, mas somente para com aqueles que compreendem sua condição frágil e doentia e recorrem à Sua compaixão para obterem saúde, assim também, creio que seja com o Espírito Santo, em quem está contida a *diversidade de dons*, pois a alguns *é dada, pelo Espírito, uma palavra de sabedoria*; a outros, *uma palavra de ciência*; a outros, *a fé, pelo mesmo Espírito*[261] e assim, a cada indivíduo, daqueles que são capazes de recebê-Lo, o próprio Espírito se torna essa qualidade ou é compreendido como aquilo de que é necessário para o indivíduo que mereceu participar.

Estas divisões e diferenças, não sendo percebidas por aqueles que O ouvem ser chamado de Paráclito no Evangelho e não considerando devidamente em consequência de qual obra ou ato Ele é chamado de Paráclito, O compararam a algum espírito comum e, por este meio, tentaram perturbar as Igrejas de Cristo e assim suscitam dissensões consideráveis entre os irmãos, enquanto que o Evangelho mostra que Ele possui poder e majestade tais, que, segundo o próprio Evangelho, os Apóstolos ainda não podiam receber as coisas que o Salvador desejava lhes ensinar até a vinda do Espírito Santo, que, se derramando em suas almas, os iluminaria quanto à natureza e à fé da Trindade.

Mas essas pessoas, por causa da ignorância de seu entendimento, não só são incapazes logicamente de declarar a verdade, como também não conseguem sequer dar atenção ao que nós apresentamos e, nutrindo ideias indignas de Sua divindade, se entregaram a erros e enganos, sendo depravadas por um espírito de erro, invés de instruídas pelo ensino do Espírito Santo, conforme a declaração do Apóstolo: *O Espírito diz expressamente que, nos tempos vindouros, alguns hão de apostatar da fé, dando ouvidos a espíritos*

[261] 1 Coríntios 12: 4-11.

embusteiros e a doutrinas diabólicas, de hipócritas e impostores que, marcados na própria consciência com o ferrete da infâmia, proíbem o casamento, assim como o uso de alimentos que Deus criou para que sejam tomados com ação de graças pelos fiéis e pelos que conhecem a verdade[262].

O Espírito de consolação

04.

Devemos, portanto, saber que o Paráclito é o Espírito Santo, que ensina verdades que não podem ser expressas em *palavras* e que são, por assim dizer, *inefáveis e que não é permitido a um ser humano repetir, isto é, que não podem ser indicadas pela linguagem humana*[263]. A expressão: *não é permitido* é, a nosso ver, usada pelo Apóstolo invés de "não é possível", como também ocorre na passagem em que ele diz: *Tudo é permitido, mas nem tudo convém. Tudo é permitido, mas nem tudo edifica*[264], pois, aquelas coisas que estão ao nosso alcance porque podemos tê-las, ele diz que são permitidas para nós.

---

[262] 1 Timóteo 4: 1-3.
[263] 2 Coríntios 12: 4.

Mas o Paráclito, que é chamado de Espírito Santo, é assim chamado por sua obra de consolação, (*παρα κλεσις - para clesis*), sendo *consolatio* em latim, pois, se alguém mereceu participar do Espírito Santo pelo conhecimento de seus inefáveis mistérios, sem dúvida obtém consolo e alegria de coração, pois, uma vez que ele chega ao conhecimento das razões de todas as coisas que acontecem por meio do ensino do Espírito — como ou por que elas ocorrem —, sua alma não pode, de forma alguma, ser perturbada, nem admitir qualquer sentimento de tristeza, nem se alarmar com nada, pois, se apegando à Palavra de Deus e à Sua Sabedoria, chama Jesus de Senhor pelo Espírito Santo.

E, visto que mencionamos o Paráclito e explicamos, da melhor forma possível, os sentimentos que devemos ter a respeito dele e visto que o nosso Salvador também é chamado de Paráclito na Epístola de João, quando ele diz: *Se algum de nós pecar, temos um Paráclito (παράκλητον - parákliton) junto ao Pai: Jesus Cristo, o Justo, que é a propiciação pelos nossos pecados*[265], consideremos se o

[264] 1 Coríntios 10: 23.
[265] 1 João 2: 1 e 2.

termo Paráclito teria um significado quando aplicado ao Salvador e outro quando aplicado ao Espírito Santo.

Ora, Paráclito, quando se fala do Salvador, parece significar "intercessor", pois, em grego, Paráclito (*παράκλητον - parákliton*) tem os seguintes significados: "advogado", "defensor", "intercessor"[266] e o de "consolador". Em virtude então da frase que se segue, quando ele diz: *que é a propiciação pelos nossos pecados*, o nome Paráclito parece ser entendido, no caso do nosso Salvador, como significando "intercessor", pois se diz que Ele intercede junto ao Pai por causa dos nossos pecados.

No caso do Espírito Santo, o Paráclito deve ser entendido no sentido de "consolador", visto que Ele concede consolo às almas às quais revela abertamente a compreensão do conhecimento espiritual.

[266] Bailly.

Capítulo 8. Sobre a alma.

A alma sensível e móvel

01.

A ordem da nossa discussão agora exige que, após os assuntos precedentes, iniciemos uma investigação geral sobre a alma e, começando pelos pontos de menor importância, avancemos para os de maior relevância.

Ora, que há almas em todos os seres vivos, mesmo naqueles que vivem nas águas, é, creio eu, algo que ninguém duvida, pois, a opinião geral de todas as pessoas sustenta isto e a confirmação da autoridade das Sagradas Escrituras se soma, quando diz que *Deus criou os monstros marinhos e toda a multidão de seres vivos que enchem as águas, segundo a sua espécie*[267].

Isto também é confirmado pela inteligência comum da razão por aqueles que definem alma com certas palavras, pois alma é definida da seguinte forma: uma substância *φανταστική* (*fantastikí*) e *ὁρμητική* (*ormitikí*), que pode ser traduzido para o latim, embora não tão apropriadamente, como *sensibilis et mobilis*.

Isto certamente pode ser dito apropriadamente de todos os seres vivos, mesmo daqueles que habitam as águas e também das criaturas aladas. Esta mesma afirmação de que a alma é um ser vivo pode ser comprovada.

A alma e o sangue de todos os seres vivos

As Escrituras também corroboram uma segunda opinião, quando dizem: *Não comereis o sangue, porque a vida de toda a carne é o seu sangue e não comereis a vida com a carne*[268], indicando claramente que *o sangue* de todo animal é a sua *vida*.

E se alguém perguntasse agora como se pode afirmar, com respeito a abelhas, vespas e formigas e a outros seres vivos que habitam as águas, as ostras e os berbigões e todos os outros que não têm sangue e são claramente comprovados como seres vivos, que *a vida de toda a carne é o seu sangue*, devemos responder que, nesses seres vivos, a força exercida em outros animais pelo poder do sangue vermelho é exercida neles pelo líquido que está dentro deles, embora seja de cor diferente, pois a cor não tem importância, desde que a substância seja dotada de vida.

---

[267] Gênesis 1: 21.

Que os animais de carga ou o gado de menor porte sejam dotados de alma, há um consenso geral, sem dúvida.

Seja como for, a opinião das Sagradas Escrituras é manifesta quando Deus diz: *Produza a terra seres viventes segundo a sua espécie: quadrúpedes, répteis e animais selvagens segundo a sua espécie*[269].

A alma humana, a angélica e a divina

E agora, com relação ao ser humano, embora ninguém duvide ou precise investigar, as Sagradas Escrituras declaram que Deus *lhe inspirou nas narinas um sopro de vida e o ser humano se tornou uma alma vivente*[270].

Resta-nos questionar, a respeito da ordem angelical, se eles também possuem almas ou se são almas e também a respeito dos outros poderes divinos e celestiais, bem como daqueles de natureza oposta. De fato, em nenhum lugar encontramos, nas Sagradas Escrituras, qualquer autoridade para afirmar que os anjos ou quaisquer outros espíritos divinos que são ministros de Deus, possuam almas ou sejam

[268] Levítico 17: 14.
[269] Gênesis 1: 24.
[270] Gênesis 2: 7.

chamados de almas e, no entanto, muitas pessoas os consideram dotados de vida.

Mas, com relação a Deus, encontramos escrito o seguinte: *Porei a minha alma sobre aquela alma que comeu sangue e a arrancarei do meio do seu povo*[271].

E também, em outra passagem: *As vossas luas novas, os vossos sábados e os vossos dias festivos, não os aceitarei. Os vossos jejuns, os vossos feriados e as vossas festas, a minha alma os aborrece*[272].

E, no Salmo vinte e um, a respeito de Cristo — pois é certo, como o Evangelho testemunha, que este Salmo se refere a Ele — encontramos as seguintes palavras: *Ó Senhor, não te afastes de mim em meu auxílio. Protege-me da espada, ó Deus. Livra a minha alma e o meu amado das garras dos cães*[273], embora haja também muitos outros testemunhos a respeito da alma de Cristo quando Ele habitou na carne.

[271] Levítico 17: 10.
[272] Isaías 1: 13 e 14.
[273] Salmo 021: 020 e 021.

A alma é uma substância racional

02.

Mas a natureza da encarnação tornará desnecessária qualquer investigação sobre a alma de Cristo, pois, assim como Ele verdadeiramente possuía carne, também verdadeiramente possuía uma alma.

É realmente difícil tanto sentir quanto expressar como se deve entender aquilo que é chamado nas Escrituras de alma de Deus, pois reconhecemos que essa natureza é simples, sem qualquer mistura ou acréscimo. Seja como for, porém, parece que, entretanto, é chamada de alma de Deus enquanto que, em relação a Cristo, não há dúvida.

Portanto, não me parece absurdo entender ou afirmar algo semelhante a respeito dos santos anjos e dos outros poderes celestiais, visto que esta definição de alma parece se aplicar também a eles, pois quem pode, racionalmente, negar que eles são “sensíveis e móveis”?

Mas se esta definição parece estar correta, segundo a qual uma alma é dita ser uma substância racionalmente “sensível e móvel”, a mesma definição pareceria se aplicar também aos anjos, pois o que mais há neles senão sentimento e movimento racionais?

Ora, os seres que são compreendidos sob a mesma definição possuem, sem dúvida, a mesma substância.

Paulo, de fato, insinua que existe um tipo de *ser humano animal* que, segundo ele, *não aceita as coisas do Espírito de Deus*, *pois para ele são loucuras*[274] e que ele não consegue compreender o que deve ser discernido espiritualmente.

Em outra passagem, ele diz que se semeia um *corpo animal* e *ressuscita* um *corpo espiritual*[275], apontando que, na ressurreição dos justos, não haverá nada de natureza animal.

Portanto, indagamos se existe alguma substância que, por ser animal, seja imperfeita. Mas se ela é imperfeita, porque se afasta da perfeição ou porque foi assim criada por Deus, será o tema da investigação quando cada tópico individual começar a ser discutido em ordem, pois, se o *ser humano animal não aceita as coisas do Espírito de Deus* e, por ser animal, é incapaz de admitir a compreensão de uma natureza melhor, isto é, divina, talvez seja por esta razão que Paulo, desejando nos ensinar mais claramente o que é

[274] 1 Coríntios 2: 14.
[275] 1 Coríntios 15: 44.

aquilo por meio do qual somos capazes de compreender as coisas que são da natureza divina, isto é, as coisas espirituais, une e associa, ao Espírito Santo, o intelecto [(*mens*) (*νόος - nóos*)] e não a alma (*anima*).

É por isto, creio, que ele indica isto quando diz: *Orarei com o espírito, orarei também com o intelecto. Cantarei com o espírito, cantarei também com o intelecto*[276]. Ele não diz: "*Orarei com* a alma", mas sim: *com o espírito* e *com o intelecto*. Nem diz: "*Cantarei com* a alma", mas, *com o espírito* e *com o intelecto*.

A alma deixará de existir?

03.

Mas, talvez se pergunte: "Se é *o intelecto* que ora e canta com o Espírito e se é o mesmo que recebe tanto a perfeição quanto a salvação, por que é que Pedro diz: *Vós estais certos de obter, como preço de vossa fé, a salvação de vossas almas*[277]?"

[276] 1 Coríntios 14: 15.
[277] 1 Pedro 1: 9.

Se a alma não ora nem canta com o Espírito, como poderá esperar *a salvação*? Ou, quando alcançar a bem-aventurança, não será mais chamada de alma?

Vejamos se talvez se possa dar a seguinte resposta: assim como o Salvador veio salvar o que estava perdido, aquilo que antes era considerado perdido não se perde quando é salvo, assim também, talvez, aquilo que é salvo seja chamado de alma e quando colocado em estado de salvação, receberá da Palavra um nome que denota sua condição mais perfeita.

Mas parece a alguns que também se pode acrescentar que, assim como aquilo que estava perdido indubitavelmente existia antes de se perder, sendo então algo diferente de destruído, assim também será quando não estiver mais em estado de ruína.

Da mesma forma, também, a alma que se diz ter perecido parecerá ter sido algo em algum momento, quando ainda não havia perecido e por isto seria chamada de alma e sendo novamente libertada da destruição, poderá se tornar, pela segunda vez, o que era antes de perecer e ser chamada de alma.

As condições quente e fria da alma

Mas, a partir do próprio significado do termo “alma” que a palavra grega transmite, pareceu a alguns curiosos investigadores que um significado de não pequena importância pode ser sugerido, pois, na linguagem sagrada, Deus é chamado de *fogo*, como quando as Escrituras dizem: *O Senhor vosso Deus é um fogo devorador*[278].

A respeito da substância *dos anjos*, também se diz o seguinte: *Fazeis dos ventos os vossos mensageiros e, dos flamejantes relâmpagos, vossos ministros*[279] e em outra passagem: *O anjo do Senhor lhe apareceu numa chama que saía do meio de uma sarça*[280].

Além disto, recebemos o mandamento de sermos *fervorosos no espírito*[281]. Por esta expressão, sem dúvida, a Palavra de Deus é mostrada como quente e ardente.

O Profeta Jeremias também escutou Dele estas palavras: *Eis que pus as minhas palavras na tua boca como fogo*[282].

---

[278] Deuteronômio 4: 24.
[279] Salmo 103: 004 e Hebreus 1: 7..
[280] Êxodo 3: 2.
[281] Romanos 12: 11.
[282] Jeremias 1: 9.

Assim como Deus é *fogo*, os anjos são *flamejantes relâmpagos* e todos os santos são *fervorosos no espírito*, ao contrário, aqueles que se afastaram do amor de Deus são, sem dúvida, considerados como tendo arrefecido em seu afeto por Ele e se tornado frios, pois o Senhor também disse que, *ante o progresso crescente da iniquidade, o amor de muitos esfriará*[283].

Além disto, todas as coisas, quaisquer que sejam, que nas Sagradas Escrituras são comparadas ao poder hostil, o Diabo, se diz constantemente que são encontradas frias. E o que é mais frio do que ele?

No mar também se diz que o dragão reina, pois o Profeta indica que a serpente e o dragão, que certamente são referências a um dos espíritos malignos, também estão no mar[284].

E, em outra passagem, o Profeta diz: *Naquele dia, Deus desembainhará a sua espada sagrada, a sua grande e poderosa espada, contra o dragão em fuga, contra o dragão que se contorce e o matará*[285]. E, novamente, ele

[283] Mateus 24: 12.

[284] Cf. Ezequiel 32: 2. *Filho do homem, levanta uma lamentação por Faraó, rei do Egito, e dize-lhe: Tu és como um leão entre as nações, e como um dragão no mar; ferias os teus rios com o teu chifre e, com tuas patas,perturbavas a água, agitando a torrente.*

[285] Isaías 27: 1.

diz: *Mesmo que mergulhassem nas profundezas do mar, fora da minha vista, eu daria as minhas ordens ao dragão e ele os seguiria*[286].

No livro de Jó, também ele é descrito como o rei de todas as coisas nas águas.

O Senhor disse, através do seu Profeta: *É do norte que vai transbordar a desgraça sobre todos os habitantes da terra*[287]. Ora, o vento norte é descrito nas Sagradas Escrituras como *frio*, de acordo com a declaração no Livro do Eclesiástico: *Quando sopra o vento frio do aquilão, a água gela como cristal*[288], o que também deve ser entendido, sem dúvida, como uma referência ao Diabo.

Se então, as coisas sagradas são chamadas de fogo, luz e fervor, enquanto as de natureza oposta são descritas como frias e se o amor de muitos é descrito como esfriando, devemos indagar se talvez o termo "alma", que em grego é chamado de *ψυχή* (*psychē*), seja assim denominado por se tornar fria (*ψυχρος* - *psychros*) a partir de uma condição melhor e mais divina e daí derive, porque parece ter se des-

[286] Amós 9: 3.
[287] Jeremias 1: 14.
[288] Eclesiástico 43:22.

prendido desse calor natural e divino e, portanto, foi colocada em sua posição atual e chamada por seu nome atual.

Por fim, veja se consegue encontrar facilmente um trecho das Sagradas Escrituras onde a alma seja propriamente mencionada em termos de louvor. Frequentemente, pelo contrário, ela aparece acompanhada de expressões de censura, como na passagem: *Uma alma perversa é a perda de quem a possui*[289] e: *A alma que peca é esta que morrerá*, pois, depois de ter sido dito: *É a mim que pertencem as almas; a alma do pai, a alma do filho*[290], parecia que Ele diria: "*A alma que* pratica a justiça essa será salva" e "*A alma que* pecar essa morrerá". Mas agora vemos que Ele associou à *alma* o que é censurável e se silenciou quanto àquilo que era digno de louvor.

Temos, portanto, de ver se, porventura, como dissemos, é declarado pelo próprio nome, ela foi chamada *ψυχή* (*psychē*), isto é, *anima*, porque esfriou do fervor pelas coisas justas e da participação no fogo divino e, ainda assim, não perdeu o poder de se restaurar àquela condição de fervor em que se encontrava no princípio.

[289] Eclesiástico 6: 4.
[290] Ezequiel 18: 4.

Daí o Profeta também parecer apontar para tal estado de coisas com as palavras: *Volta, minha alma, à tua serenidade, porque o Senhor foi bom para contigo*[291].

De tudo isto, parece que se depreende que o intelecto, perdendo seu status e dignidade, foi feito ou nomeado *alma* e que, se reparada e corrigida, retorna à condição de intelecto.

A conversão do intelecto em alma

04.

Ora, se assim for, parece-me que essa decadência e declínio do intelecto não são os mesmos em todos, mas que essa conversão em alma ocorre em maior ou menor grau em diferentes casos e que certos intelectos retêm algo do seu vigor anterior, enquanto outros não retêm nada ou retêm muito pouco. Daí se constatar que alguns, desde o início de suas vidas, possuem um intelecto mais ativo, outros, uma mentalidade mais lenta e alguns nascem totalmente obtusos e completamente incapazes de aprender.

Nossa afirmação, porém, de que o intelecto se converte em alma ou qualquer outra coisa que pareça ter tal signi-

[291] Salmo 114: 007.

ficado, deve ser cuidadosamente considerada e interpretada pelo leitor, pois estas visões não devem ser consideradas como apresentadas por nós de maneira dogmática, mas simplesmente como opiniões, tratadas no estilo de investigação e discussão.

Que o leitor leve em consideração também o fato de que, no que se refere à *alma* do Salvador, dentre as coisas que estão escritas no Evangelho, algumas são atribuídas a Ele sob o nome de *alma* e outras, sob o de *espírito*, pois, quando deseja indicar algum sofrimento ou perturbação que O aflige, o indica sob o nome de *alma*, como quando diz: *Presentemente, a minha alma está perturbada*[292] e: *Minha alma está triste até a morte*[293] e: *Dou a minha alma para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou de mim mesmo*[294].

Nas mãos de Seu *Pai*, Ele não entrega a Sua *alma*, mas o Seu *espírito*[295] e quando diz que *a carne é fraca*, não diz que a *alma* está pronta, mas *o espírito*[296]. Daí se depre-

[292] João 12: 27.
[293] Mateus 26: 38.
[294] João 10: 17 e 18.
[295] Lucas 23: 46.
[296] Mateus 26: 41.

ende que a *alma* é algo intermediário entre *a carne fraca* e *o espírito pronto*.

Cristo é a alma de Deus?

05.

Mas talvez alguém nos apresente uma daquelas objeções que nós mesmos já vos advertimos em nossas declarações e diga: “Como então se diz que existe também uma ‘alma de Deus’?”

Ao que respondemos o seguinte: assim como, com relação a tudo o que é corpóreo e se fala de Deus, como dedos, mãos, braços, olhos, pés ou boca, dizemos que estes não devem ser entendidos como membros humanos, mas que alguns de Seus poderes são indicados por estes termos de membros do corpo, assim também, devemos supor que é algo mais que é apontado por esta expressão: “alma de Deus”.

E, se nos for permitido ousar dizer algo mais sobre tal assunto, a expressão “alma de Deus” talvez possa ser entendida como uma referência ao Filho Unigênito de Deus, pois, assim como a alma, quando implantada no corpo, move todas as coisas nele e exerce sua força sobre tudo aquilo

sobre o qual opera, assim também, o Filho Unigênito de Deus, que é a Sua Palavra e a Sua Sabedoria se estende a todo o poder de Deus, estando nele implantado e talvez, para indicar isto, O mistério reside em Deus ser chamado ou descrito nas Escrituras como um “corpo”.

Devemos, de fato, considerar se não é talvez por esta razão que a “alma de Deus” pode ser entendida como Seu Filho Unigênito, porque Ele mesmo veio a este mundo de aflição, desceu a este vale de lágrimas e a este lugar de nossa humilhação, como está dito no Salmo: *Tu nos humilhaste no lugar da aflição*[297].

Finalmente, estou ciente de que certos críticos, ao explicarem as palavras usadas no Evangelho pelo Salvador: *Presentemente, a minha alma está perturbada. Minha alma está triste até a morte*, as interpretaram como referentes aos Apóstolos, a quem Ele chamou de Sua alma, como sendo superiores ao restante do Seu Corpo, pois, assim como a multidão de crentes é chamada de Seu Corpo, eles dizem que os Apóstolos, por serem superiores ao restante do Corpo, deveriam ser entendidos como Sua alma.

[297] Salmo 043: 020.

Apresentamos, da melhor forma possível, estes pontos referentes à alma racional, como tópicos de discussão para nossos leitores e não como proposições dogmáticas e bem definidas. E, com relação às almas dos animais e de outras criaturas irracionais, basta o que já expusemos acima em termos gerais.

Capítulo 9. Sobre o mundo e os movimentos das criaturas racionais, sejam boas ou más e sobre as causas dos mesmos movimentos.

O número das criaturas criadas

01.

Mas, voltemos agora à ordem da nossa discussão proposta e observemos o início da criação, na medida em que o intelecto pode contemplar o começo da criação de Deus.

Nesse início então, devemos supor que Deus criou um número tão grande de criaturas racionais ou intelectuais ou qualquer outro nome que lhes devamos dar, que anteriormente dissemos ser dotadas de intelecto, quanto Ele previu que seria suficiente. É certo que Ele as fez segundo um número definido, predeterminado por Si mesmo, pois não se pode imaginar, como alguns querem, que as criaturas não

tenham um limite, porque onde não há limite não pode haver compreensão nem limitação.

Ora, se assim fosse, certamente as coisas criadas não poderiam ser restringidas nem administradas por Deus, pois, naturalmente, tudo o que é infinito também será incompreensível. Além disto, como as Escrituras dizem que Deus dispôs *tudo com medida, número e peso*[298], então, o *número* será corretamente aplicado às criaturas racionais ou dotadas de intelectos, para que sejam tão numerosas a ponto de permitirem ser ordenadas, governadas e controladas por Deus.

Mas a *medida* será apropriadamente aplicada a um corpo material e essa *medida*, devemos crer, foi criada por Deus de tal forma que Ele sabia ser suficiente para adornar o mundo.

Essas então são as coisas que devemos crer que foram criadas por Deus no princípio, isto é, antes de todas as coisas. E isto, pensamos, é indicado até mesmo naquele princípio que Moisés introduziu em termos um tanto ambíguos, quando disse: *No princípio, Deus criou os céus e a terra*[299],

[298] Sabedoria 11: 20.
[299] Gênesis 1: 1.

pois é certo que não se fala do *firmamento*, nem do *elemento árido*, mas daquele céu e daquela *terra* dos quais este céu e esta *terra* atuais, que vemos posteriormente, tomaram emprestados seus nomes.

A liberdade das criaturas, primeira condição

02.

Mas, visto que essas naturezas racionais, que dissemos acima terem sido criadas *no princípio*, foram criadas quando não existiam anteriormente e, em consequência desse próprio fato de sua inexistência e início do ser, são elas, necessariamente, mutáveis e transitórias, visto que qualquer poder que estivesse em sua substância não era inerente à natureza, mas resultado da bondade do seu Criador.

O que elas são, portanto, não lhes pertence e nem perdura para sempre, mas é concedido por Deus, pois nem sempre existiu e tudo o que é um dom também pode ser tirado e desaparecer. E uma razão para a remoção consistirá nos movimentos das almas não serem conduzidos segundo a retidão e a propriedade, pois o Criador deu, como uma indulgência aos intelectos criados por Ele, o poder da ação livre e voluntária, pela qual o bem que havia nelas poderia

se tornar seu, sendo preservado pelo exercício de sua própria vontade, mas a preguiça, a aversão ao trabalho de preservar o que é bom e a negligência pelas coisas melhores forneceram o início do afastamento da bondade.

Mas se afastar do bem nada mais é do que se tornar mau, pois é certo que carecer de bondade é ser perverso. Daí resulta que, na mesma proporção em que alguém se afasta da bondade, nesta mesma proporção ele se envolve na maldade.

Nesta condição, de acordo com suas ações, cada intelecto, negligenciando a bondade em maior ou menor grau, foi arrastado para o oposto do bem, que sem dúvida é o mal. Disto se depreende que o Criador de todas as coisas admitiu certas sementes e causas de variedade e diversidade para que pudesse criar variedade e diversidade em proporção à diversidade de intelectos, isto é, de criaturas racionais, diversidade essa que se supõe ter sido concebida a partir da causa que mencionamos acima. E o que queremos dizer com variedade e diversidade é o que agora desejamos explicar.

A diversidade das criaturas

03.

Ora, chamamos de mundo tudo o que está acima dos céus ou nos céus ou sobre a terra ou naqueles lugares que são chamados de regiões inferiores ou todos os lugares que existem em qualquer lugar, juntamente com seus habitantes. Tudo isto então, é chamado de mundo.

Neste mundo, certos seres são considerados supracelestiais, isto é, colocados em moradas mais felizes e revestidos de corpos celestiais e resplandecentes e, entre esses, muitas distinções são mostradas, como faz o Apóstolo, por exemplo, ao dizer: *Uma é a glória do sol, outra é a glória da lua, outra é a glória das estrelas, pois uma estrela difere da outra em glória*[300].

Certos seres são chamados de terrenos e, entre eles, isto é, entre as pessoas, não há pouca diferença, pois alguns deles são bárbaros e outros gregos e, dos bárbaros, alguns são selvagens e ferozes e outros são de disposição mais branda. E alguns deles vivem sob leis que foram completamente aprovadas. Outros, ainda, sob leis de um tipo mais

[300] 1 Coríntios 15: 41.

comum ou severo, enquanto alguns, por sua vez, possuem costumes de caráter desumano e selvagem, invés de leis. E alguns deles, desde o nascimento, são reduzidos à humilhação e à submissão, sendo criados como escravos, sob o domínio de senhores, príncipes ou tiranos. Outros, por sua vez, são criados de maneira mais condizente com a liberdade e a razão. Alguns, com corpos sãos e outros, com corpos enfermos desde a infância. Alguns, com deficiência visual e outros, auditiva e de fala. Alguns nascem nesta condição e outros, são privados do uso dos sentidos logo após o nascimento ou pelo menos sofrem tal infortúnio ao atingirem a idade adulta.

E por que eu deveria repetir e enumerar todos os horrores da miséria humana, dos quais alguns estiveram livres e nos quais outros estiveram envolvidos, quando cada um pode ponderá-los e considerá-los por si mesmo?

Há também certos poderes invisíveis aos quais as coisas terrenas foram confiadas para administração e, entre eles, se deve crer que exista uma diferença considerável, como também se verifica entre as pessoas.

O Apóstolo Paulo, de fato, sugere que existem certas forças inferiores e que entre elas, da mesma forma, se deve, sem dúvida, buscar uma base de diversidade.

Quanto aos animais irracionais, às aves e às criaturas aquáticas, parece supérfluo exigir tal distinção, visto que é certo que estes não devem ser considerados como de ordem primária, mas sim subordinada.

A sabedoria, a justiça e a diversidade de sortes na humanidade

04.

Todas as coisas que foram criadas são ditas terem sido feitas por meio de Cristo e em Cristo, como o Apóstolo Paulo indica tão claramente, quando diz: *Pois nele e por meio dele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam Tronos, sejam Dominações, sejam Principados, sejam Potestades. Tudo foi criado por ele e para ele*[301] e, em seu Evangelho, João indica a mesma coisa, dizendo: *No princípio, era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus. Tudo foi feito por ele e, sem ele, nada foi feito*[302] e também está escrito no Salmo: *Ó Senhor, quão*

[301] Colossenses 1: 16.
[302] João 1: 1-3.

magníficas são as vossas obras! Feitas todas na sabedoria[303].

Visto então, que Cristo é, por assim dizer, o Verbo e a Sabedoria e também a Justiça, indubitavelmente se seguirá que aquelas coisas que foram criadas no Verbo e na Sabedoria são ditas terem sido criadas também naquela Justiça que é Cristo; que nas coisas criadas pode não parecer haver nada de injusto ou acidental, mas que todas as coisas podem ser demonstradas como estando em conformidade com a lei da equidade e da justiça.

Como então, uma variedade tão grande de coisas e uma diversidade tão grande, pode ser entendida como sendo inteiramente justa e correta, tenho certeza de que nenhum poder humano ou linguagem pode explicar, a menos que, como suplicantes prostrados, oremos à Palavra, à Sabedoria e à Justiça em si, que é o Filho Unigênito de Deus e que, se derramando por Sua graça em nossos sentidos, condesceda iluminar o que está escuro, a desvendar o que está oculto e a revelar o que é secreto, se, de fato, formos considerados capazes de buscar, pedir ou bater com tanta dignidade a ponto de merecer receber quando pedimos, encon-

[303] Salmo 103: 024.

trar quando buscamos ou ter a porta aberta quando batemos[304].

Não confiando, portanto, em nossos próprios poderes, mas na ajuda daquela Sabedoria que criou todas as coisas e daquela Justiça que cremos estar presente em todas as Suas criaturas, embora, por ora, sejamos incapazes de declará-la, ainda assim, confiando em Sua misericórdia, nos esforçaremos para examinar e indagar como essa grande variedade e diversidade no mundo pode parecer consistente com toda justiça e razão.

Refiro-me, é claro, meramente à razão em geral, pois seria sinal de ignorância procurar ou de insensatez, apresentar uma razão específica para cada caso individual.

O problema teológico das diferenças humanas

05.

Ora, quando dizemos que este mundo foi estabelecido na variedade que explicamos acima, que foi criado por Deus e quando dizemos que este Deus é bom, justo e reto, há inúmeras pessoas, especialmente aquelas que, vindas da es-

[304] Cf. Mateus 7: 7 e 8. *Pedi e se vos dará. Buscai e achareis. Batei e vos será aberto. Porque todo aquele que pede, recebe. Quem busca, acha. A quem bate, abrir-se-á.*

cola de Marcião, Valentim e Basílides, ouviram dizer que existem almas de naturezas diferentes que se opõem a nós, argumentando que não pode ser compatível com a justiça de Deus, ao criar o mundo, atribuir a algumas de Suas criaturas uma morada nos céus e não apenas lhes dar uma habitação melhor, mas também lhes conceder uma posição mais elevada e honrosa; favorecer outras com a concessão de principados; outorgar poderes a alguns e domínios a outros; conferir a alguns os assentos mais honrosos nos tribunais celestiais; permitir que alguns brilhem com glória mais resplandecente e cintilem com um esplendor estelar; dar a alguns a glória do sol, a outros a glória da lua, a outros a glória das estrelas; fazer com que uma estrela difira de outra em glória.

E, para falar de uma vez por todas e brevemente, se o Deus Criador não tem nem a vontade de empreender nem o poder de completar uma obra boa e perfeita, que razão pode haver para que, na criação das naturezas racionais, isto é, dos seres cuja existência Ele próprio é a causa, Ele faça alguns de posição superior e outros de segunda, terceira ou muitas posições inferiores?

Em seguida, nos objetam, com relação aos seres terrestres, que alguns têm uma sorte maior por nascimento do

que outros; como uma pessoa, por exemplo, que é gerada por Abraão e nasce *da promessa*[305]; outra, também, de Isaac e Rebeca e que, ainda no ventre, suplanta seu irmão e é dito ser amado por Deus antes de nascer[306].

Além disto, essa mesma circunstância — especialmente o fato de uma pessoa nascer entre os hebreus, com quem encontra instrução na Lei divina; outra entre os gregos, também sábios e pessoas de considerável conhecimento e depois, outro entre os etíopes, acostumados a se alimentar de carne humana; o dos citas, para quem o parricídio é um ato sancionado por lei; ou o do povo de Tauro, onde estrangeiros são oferecidos em sacrifício — é motivo de forte objeção.

Seu argumento, portanto, é o seguinte: se existe essa grande diversidade de circunstâncias e essa condição diversa e variável de nascimento, na qual a faculdade do livre-arbítrio não tem espaço (pois ninguém escolhe, por si mesmo, onde, com quem ou em que condição nasce); se então, isto não é causado pela diferença na natureza das almas, isto é, que uma alma de natureza má está destinada a uma

[305] Cf. Gênesis 18: 10 e Romanos 9: 8 e 9.
[306] Cf. Malaquias 1: 2 e 3 e Romanos 9: 10-13.

nação perversa e uma alma boa a uma nação justa, que outra conclusão resta, senão a de que essas coisas devem ser regidas pelo acaso e pela sorte?

E se isto for admitido, então não se acreditará mais que o mundo foi criado por Deus ou administrado por Sua Providência e, como consequência, um julgamento de Deus sobre os atos de cada indivíduo parecerá algo inesperado.

Neste assunto, aliás, o que é claramente a verdade das coisas é privilégio exclusivo d'Aquele que sonda todas as coisas, até *mesmo as profundezas de Deus*[307].

O livre arbítrio e a causa da diversidade

06.

Nós, porém, embora sejamos apenas humanos, para não alimentarmos a insolência dos hereges com nosso silêncio, responderemos às suas objeções com as respostas que nos ocorrerem, na medida em que nossas capacidades nos permitirem.

Já demonstramos frequentemente, pelas declarações que pudemos extrair das Sagradas Escrituras, que Deus, o Criador de todas as coisas, é bom, justo e onipotente.

Quando Ele, no princípio, criou os seres que desejava criar, isto é, as naturezas racionais, não tinha outra razão para criá-los senão por causa d'Ele mesmo, ou seja, de Sua própria bondade.

Como Ele mesmo era a causa da existência das coisas que seriam criadas, nas quais não havia variação, mudança ou falta de poder, Ele criou, todos os que fez, iguais e semelhantes, porque não havia, n'Ele mesmo, razão para produzir variedade e diversidade. Mas, como essas criaturas racionais, como já demonstramos frequentemente e ainda demonstraremos no lugar apropriado, foram dotadas do poder do livre-arbítrio, essa liberdade de vontade estimulava cada um a progredir por imitação a Deus ou o reduzia ao fracasso por negligência.

E isto, como já afirmamos, é a causa da diversidade entre as criaturas racionais, que não deriva da vontade ou do juízo do Criador, mas da liberdade da vontade individual. Ora, Deus, que julgou justo ordenar Suas criaturas segundo seus méritos, trouxe essas diferentes compreensões para a harmonia de um só mundo, para que pudesse adornar, por assim dizer, uma morada, na qual deveria haver

[307] 1 Coríntios 2: 10. *O Espírito penetra tudo, mesmo as profundezas de Deus*.

não apenas vasos de *ouro e prata*, mas também de *madeira e barro* (e alguns, de fato, *para honra* e outros *para ignomínia*[308]), com esses diferentes vasos ou almas ou intelectos.

E estas são as causas, em minha opinião, pelas quais esse mundo apresenta o aspecto da diversidade, enquanto a Divina Providência continua a regular cada indivíduo segundo a variedade de seus movimentos ou de seus sentimentos e propósitos.

Por esta razão, o Criador não parecerá Ser injusto ao distribuir, pelas causas já mencionadas, a cada um segundo seus méritos; nem a felicidade ou infelicidade do nascimento de cada um ou qualquer que seja a condição que lhe couber, será considerada acidental; nem se acreditará na existência de diferentes criadores ou almas de naturezas diferentes.

Não há injustiça no Criador, mas nas criaturas

07.

Mas, nem mesmo as Sagradas Escrituras me parecem estar totalmente em silêncio sobre a natureza desse segredo, como quando o Apóstolo Paulo, ao discutir o caso de

[308] 2 Coríntios 2: 20.

Jacó e Esaú, diz: *Pois, não tendo os filhos ainda nascido, nem tendo praticado bem ou mal, para que o propósito de Deus segundo a eleição permanecesse firme, não por obras, mas por Aquele que chama, foi dito: "O mais velho servirá ao mais novo", como está escrito: "Eu amava Jacó, mas Esaú, eu odiava"*[309]. E, depois disto, ele responde a ele mesmo, dizendo: *Que diremos então? Há injustiça da parte de Deus?* E, para nos dar a oportunidade de investigar estas questões e de verificar por que essas coisas não acontecem sem um propósito, ele responde a ele mesmo, dizendo: *De modo algum!*[310]

De fato, a mesma pergunta, me parece, que é feita a respeito de Jacó e Esaú, pode ser feita a respeito de todas as criaturas celestiais e terrestres e até mesmo daquelas do mundo inferior. E, da mesma forma, me parece que, como ele diz ali: *Não tendo os filhos ainda nascido, nem tendo praticado bem ou mal*, assim também se poderia dizer de todas as outras coisas: "Quando ainda não haviam sido criadas, nem haviam praticado o bem ou o mal, para que o decreto de Deus, segundo a eleição, permanecesse", de mo-

[309] Romanos 9: 11-13 e Malaquias 1: 2 e 3.
[310] Romanos 9: 14.

do que (como alguns pensam) algumas coisas foram criadas no céu outras na terra e outras debaixo da terra, *não por obras* (como eles pensam), *mas por Aquele que chama*, o que diremos então, se essas coisas são assim? *Há injustiça da parte de Deus? De maneira nenhuma!*

Portanto, quando as Escrituras são examinadas cuidadosamente a respeito de Jacó e Esaú, não se encontra injustiça da parte de Deus em dizer, antes de nascerem ou de terem feito algo nesta vida, que *o mais velho servirá ao mais novo* e, assim como não se considera injustiça que, ainda no ventre materno, Jacó tenha suplantado seu irmão, se entendermos que ele era digno do amor de Deus, segundo os méritos de sua vida anterior, a ponto de merecer ser preferido a seu irmão, o mesmo se aplica às criaturas celestiais, se observarmos que a diversidade não era a condição original da criatura, mas que, devido a causas que a precederam, a diversidade se desenvolveu.

Existia um ofício diferente, preparado pelo Criador para cada um, em proporção ao grau de seu mérito, com base no fato de que cada um, por ter sido criado por Deus com intelecto ou espírito racional, adquiriu, de acordo com os movimentos de sua mente e os sentimentos de sua alma, maior ou menor mérito, se tornando objeto de amor ou de

aversão por parte de Deus, enquanto, contudo, alguns daqueles que possuem maior mérito são ordenados a sofrer com outros para o embelezamento do mundo e para o cumprimento do dever para com as criaturas de grau inferior, a fim de que, por este meio, eles próprios possam participar da perseverança do Criador, segundo as palavras do Apóstolo: *Pois a criatura foi sujeita à vaidade. Não por sua própria vontade, mas por causa Daquele que a sujeitou, com a esperança de ser também ela libertada do cativeiro da corrupção*[311].

Tendo em vista então, a opinião expressa pelo Apóstolo quando, falando do nascimento de Esaú e Jacó, diz: *Existe injustiça da parte de Deus? Deus me livre!*, creio que esta mesma opinião deve ser cuidadosamente aplicada a todas as outras criaturas, pois, como já observamos, a justiça do Criador deve se manifestar em tudo.

E isto, a meu ver, ficará mais claro, por fim, se considerarmos que cada ser, seja celestial, terrestre ou infernal, tem nele mesmo as causas de sua diversidade, anteriores ao seu nascimento corpóreo, pois todas as coisas foram criadas pela Palavra de Deus e por Sua Sabedoria e ordenadas por

[311] Romanos 8: 20 e 21.

Sua Justiça. E pela graça de Sua compaixão, Ele provê para todas as pessoas, encoraja a todos a usar quaisquer remédios que possam levar à sua cura e os estimula à salvação.

O juízo e as obras

08.

Portanto, não há dúvida de que, no dia do juízo, os bons serão separados dos maus e os justos dos injustos e todos, pela sentença de Deus, serão distribuídos segundo os seus méritos pelos lugares a que são dignos.

Assim também, creio que tal estado de coisas existia antigamente, como, se Deus quiser, demonstraremos a seguir, pois é preciso crer que Deus faz e ordena todas as coisas e em todos os tempos segundo o Seu juízo.

As palavras que o Apóstolo usa quando diz: *Numa grande casa não há somente vasos de ouro e de prata, mas também de madeira e de barro; alguns para honra e outros para ignomínia* e aquelas que ele acrescenta, dizendo: *Quem se conservar puro, será um utensílio nobre, santificado, útil ao seu possuidor, preparado para todo uso bené-*

fico[312], por parte do Senhor, sem dúvida apontam para isto: aquele que se purificar nesta vida estará preparado para toda boa obra na vida futura. Enquanto que, aquele que não se purifica será, de acordo com o grau de sua impureza, um *vaso para ignomínia*, isto é, indigno.

É possível, portanto, compreender que também existiram, no passado, vasos racionais, purificados ou não, isto é, que se purificavam ou não e que, consequentemente, cada vaso, de acordo com a medida de sua pureza ou impureza, recebia um lugar, região ou condição, por nascimento ou uma função a desempenhar, neste mundo.

Tudo isto, até o mais humilde, Deus, provendo e distinguindo pelo poder de Sua sabedoria, organiza todas as coisas por Seu julgamento controlador, segundo uma retribuição imparcial, na medida em que cada um deve ser auxiliado ou cuidado de acordo com seus méritos. Nisto, certamente, todo princípio de equidade se manifesta, enquanto a desigualdade das circunstâncias preserva a Justiça de retribuição segundo o mérito.

Mas os fundamentos do mérito, em cada caso individual, só são reconhecidos verdadeira e claramente pelo

[312] 2 Timóteo 2: 21.

próprio Deus, juntamente com a Sua Palavra Unigênita, a Sua Sabedoria e o Espírito Santo.

Capítulo 10. Sobre a ressurreição, o juízo final, o fogo do inferno e as punições.

O corpo da ressurreição

01.

Mas, visto que o discurso nos lembrou dos temas do juízo futuro, da retribuição e dos castigos dos pecadores, segundo as ameaças das Sagradas Escrituras e o conteúdo do ensinamento da Igreja — a saber, que quando chegar o tempo do juízo, fogo eterno, trevas exteriores, prisão, fornalha e outros castigos de natureza semelhante estarão preparados para os pecadores — vejamos quais devem ser nossas opiniões sobre estes pontos.

Mas, para que estes assuntos sejam abordados na ordem correta, me parece que devemos primeiro considerar a natureza da ressurreição, para que possamos saber o que é aquele corpo que irá para o castigo, para o repouso ou para a felicidade, questão que, em outros tratados que compusemos sobre a ressurreição, discutimos mais detalhadamente e sobre a qual mostramos nossas opiniões.

Mas agora, também por uma questão de ordem lógica em nosso tratado, não haverá absurdo em reiterar alguns pontos dessas obras, especialmente porque alguns se ofendem com o credo da Igreja, como se nossa crença na ressurreição fosse tola e totalmente desprovida de sentido e estes são principalmente hereges, aos quais, creio, devemos responder da seguinte maneira.

Se eles também admitem que há uma ressurreição dos mortos, que nos respondam: O que morreu? Não foi um corpo? É do corpo então que haverá ressurreição. Que nos digam em seguida se pensam que devemos usar corpos ou não.

Penso que, quando o Apóstolo Paulo diz que *semeado corpo animal, ressuscita corpo espiritual*[313], eles não podem negar que é um *corpo* que ressuscita ou que, na ressurreição, devemos usar corpos.

E então? Se é certo que devemos usar corpos e se os corpos que caíram são declarados como ressuscitando (pois somente aquilo que antes caiu pode ser propriamente dito como ressuscitando), não pode haver dúvida para ninguém de que eles ressuscitam, para que possamos ser revestidos

[313] 1 Coríntios 15: 44.

deles uma segunda vez na ressurreição. Uma coisa está intimamente ligada à outra, pois, se os corpos ressuscitarem, sem dúvida ressuscitarão para nos cobrir e se for necessário que sejamos revestidos de corpos, como certamente é necessário, não deveríamos ser revestidos de outros senão os nossos próprios.

Mas se for verdade que estes ressuscitam e que ressuscitam como *corpos espirituais*, não há dúvida de que se diz que ressuscitam dos mortos, após se libertarem da corrupção e deixarem de lado a mortalidade, caso contrário, pareceria vão e supérfluo alguém ressuscitar dos mortos para morrer uma segunda vez.

E isto, finalmente, pode ser compreendido mais claramente se considerarmos cuidadosamente quais são as qualidades de um *corpo animal* que, ao ser *semeado* na terra, recupera as qualidades de um *corpo espiritual*, pois é do *corpo animal* que o próprio poder e a graça da ressurreição produzem o *corpo espiritual*, quando o transmutam de uma condição de indignidade para uma de glória.

Diferenças entre os corpos

02.

Visto que os hereges se consideram pessoas de grande erudição e sabedoria, perguntaremos a eles se todo corpo possui alguma forma, ou seja, se é moldado segundo alguma forma. E se disserem que um corpo é aquilo que não é moldado segundo nenhuma forma, demonstrarão ser os mais ignorantes e tolos da humanidade, pois ninguém negará isto, exceto aquele que é totalmente desprovido de conhecimento.

Mas se, naturalmente, afirmarem que todo corpo é certamente moldado segundo alguma forma definida, perguntaremos a eles se podem apontar e nos descrever a forma de um *corpo espiritual*, algo que de modo algum podem fazer.

Perguntaremos a eles, além disto, sobre as diferenças entre aqueles que ressuscitam. Como demonstrarão a veracidade da afirmação de que *nem todas as carnes são iguais: uma é a dos humanos e outra a dos animais; a das aves difere da dos peixes. Também há corpos celestes e corpos terrestres, mas a glória dos celestes difere da glória dos terrestres. Uma é a glória do sol, outra a glória da lua*

e outra a glória das estrelas e ainda, uma estrela difere da outra na glória. Assim também é a ressurreição dos mortos[314]?

De acordo com esta gradação então que existe entre os *corpos celestes*, que nos mostrem as diferenças na *glória* daqueles que ressuscitarão e se eles se esforçaram de alguma forma para elaborar um princípio que esteja de acordo com as diferenças nos *corpos celestes*, pediremos que atribuam as diferenças na ressurreição por meio de uma comparação com os *corpos terrestres*.

Nossa compreensão desta passagem é, de fato, que o Apóstolo, desejando descrever a grande diferença entre aqueles que ressuscitarão em *glória*, isto é, os santos, tomou emprestada uma comparação dos *corpos celestes*, dizendo: *Uma é a glória do sol, outra a glória da lua e outra a glória das estrelas*.

E, desejando novamente nos ensinar as diferenças entre aqueles que virão à ressurreição, sem terem se purificado nesta vida, isto é, os pecadores, ele tomou emprestada uma ilustração das coisas terrenas, dizendo: *Há uma carne de aves outra de peixes*. Pois as coisas celestiais são digna-

[314] 1 Coríntios 15: 39-42.

mente comparadas aos santos e, as coisas terrenas, aos pecadores.

Estas afirmações são feitas em resposta àqueles que negam a ressurreição dos mortos, isto é, a ressurreição dos corpos.

A transformação do corpo corruptível em incorruptível

03.

Voltamos agora nossa atenção para alguns dos nossos crentes, que, seja por fraqueza intelectual ou por falta de instrução adequada, adotam uma visão muito baixa e abjeta da ressurreição do corpo.

Perguntamos a essas pessoas como elas entendem que um *corpo animal* será transformado pela graça da ressurreição e se tornará *espiritual* e como aquilo que é *semeado* em fraqueza ressuscitará em poder; como aquilo que é plantado em desonra ressuscitará em glória e aquilo que foi semeado em corrupção será transformado em um estado de incorrupção.

Se eles creem no Apóstolo, acreditam que um corpo que ressuscita em glória, poder e incorruptibilidade já se tornou *espiritual* e parece absurdo e contrário ao seu pro-

pósito dizer que ele pode novamente se envolver com as paixões da carne e do sangue, visto que o Apóstolo declara manifestamente que *nem a carne nem o sangue podem participar do Reino de Deus e que a corrupção não participará da incorruptibilidade*[315].

Mas como eles entendem a declaração do Apóstolo: *Todos seremos transformados*[316]?

Certamente, essa transformação deve ser aguardada, de acordo com a ordem que ensinamos acima e nela, sem dúvida, nos cabe esperar algo digno da graça divina e cremos que isso ocorrerá na ordem em que o Apóstolo descreve a semeadura na terra de um grão nu ou de qualquer outro fruto, ao qual Deus dá um corpo como Lhe apraz, assim que o grão morre, pois, da mesma forma, se supõe que nossos corpos caem na terra como um grão e (o germe implantado neles, que contém a substância corpórea), embora os corpos morram, se corrompam e sejam dispersos, ainda assim, pela palavra de Deus, esse mesmo germe, que está sempre seguro na substância do corpo, os levanta da terra, os restaura e os repara, assim como o poder que está no

[315] 1 Coríntios 15: 50.
[316] 1 Coríntios 15: 51.

grão de trigo, após sua corrupção e morte, repara e restaura o grão em um corpo com caule e espiga.

E assim também acontecerá com aqueles que merecerem obter herança no Reino dos céus, aquele germe da restauração do corpo, que mencionamos anteriormente, por ordem de Deus, restaura, do *corpo* terreno e *animal*, um *corpo espiritual*, capaz de habitar os céus, enquanto a cada um daqueles que podem ser de mérito inferior ou de condição mais abjeta ou mesmo os mais baixos na escala e totalmente marginalizados, é ainda assim concedido, em proporção à dignidade de sua vida e alma, uma glória e dignidade corpórea. Contudo, de tal forma que, mesmo o corpo que ressuscita daqueles que estão destinados ao fogo eterno ou a severos castigos, é, pela própria transformação da ressurreição, tão incorruptível que não pode ser corrompido e dissolvido nem mesmo por severos castigos.

Se então, tais são as qualidades daquele corpo que ressuscitará dos mortos, vejamos agora qual é o significado da ameaça do fogo eterno.

A natureza do fogo eterno e a recordação do próprio pecado

04.

Encontramos no Livro do Profeta Isaías que o fogo com o qual cada um é punido é descrito como sendo o seu próprio, pois ele diz: *Ide ao fogo do vosso incêndio e dos projéteis que fizestes arder*[317].

Com estas palavras, parece estar indicado que cada pecador acende para si a chama do seu próprio fogo e não é mergulhado em algum fogo que já foi aceso por outro ou que existia antes dele. Desse fogo, o combustível e o alimento são os nossos pecados, que o Apóstolo Paulo chama de *madeira*, *feno* e *palha*[318].

E penso que, assim como a abundância de alimento e provisões de tipo e quantidade contrários geram febres no corpo e febres também, de diferentes tipos e durações, de acordo com a proporção em que o veneno acumulado fornece material e combustível para a doença (com a qualidade desse material, reunido de diferentes venenos, comprovando as causas de uma doença mais aguda ou mais prolonga-

[317] Isaías 50: 11.
[318] 1 Coríntios 3: 12.

da), assim também, quando a alma acumula uma multidão de más obras e uma abundância de pecado contra ela mesma, no momento oportuno, toda essa acumulação de males culmina em punição e é inflamada pelos castigos.

Quando a própria mente ou consciência, recebendo, pelo poder divino na memória, todas aquelas coisas das quais havia gravado nela mesma certos sinais e formas no momento do pecado, verá uma espécie de histórico, por assim dizer, de todos os vis, vergonhosos e profanos atos que praticou expostos diante de seus olhos. Então, a própria consciência é atormentada e, transpassada por seus próprios aguilhões, se torna acusadora e testemunha contra ela mesma.

E esta, creio eu, era a opinião do próprio Apóstolo Paulo, quando disse: *O objeto da Lei está gravado nos seus corações, lhes dando testemunho a sua consciência, bem como os seus pensamentos, com os quais se acusam ou se escusam mutuamente. Isto aparecerá claramente no dia em que, segundo o meu Evangelho, Deus julgar as ações secretas das pessoas, por Jesus Cristo*[319].

[319] Romanos 2: 15 e 16.

Disto se depreende que, em torno da substância da alma, certas torturas são produzidas pelas afeições nocivas dos próprios pecados.

O sofrimento da alma dilacerada

05.

E, para que a compreensão deste assunto não pareça muito difícil, podemos extrair algumas considerações dos efeitos nocivos das paixões que costumam acometer algumas almas, como quando uma alma é consumida pelo fogo do amor ou definhada pelo zelo ou pela inveja ou quando a paixão da ira se acende ou quando alguém é consumido pela grandeza de sua loucura ou de sua tristeza. Nessas ocasiões, alguns, achando o excesso desses males insuportável, julgaram mais tolerável se submeter à morte do que suportar perpetuamente torturas desta natureza.

Certamente que você perguntará se, no caso daqueles que se envolveram nos males decorrentes dos vícios acima enumerados e que enquanto existiram nesta vida, não conseguiram obter qualquer alívio para eles mesmos e, nessa condição, partiram deste mundo, será suficiente, a título de punição, que sejam torturados pelos resquícios dessas afei-

ções nocivas, isto é, da ira, da fúria, da loucura ou da tristeza, cujo veneno fatal não foi atenuado nesta vida por nenhum remédio curativo ou se, uma vez transformadas essas afeições, serão submetidos às penas de uma punição geral.

Ora, sou da opinião de que se pode entender que existe outra espécie de punição, porque, assim como sentimos que, quando os membros do corpo são soltos e separados de seus suportes mútuos, ocorre uma dor excruciante, assim também, quando a alma se mostrar fora da ordem, da conexão e da harmonia para as quais foi criada por Deus com o propósito de boa e útil ação e observação e não estiver em harmonia consigo mesma na conexão de seus movimentos racionais, deverá ser considerada digna de suportar o castigo e a tortura de sua própria dissensão e de sentir as punições de sua própria condição desordenada. E quando essa dissolução e ruptura da alma forem testadas pela aplicação do fogo, ocorrerá, sem dúvida, uma solidificação em uma estrutura mais firme e uma restauração será efetuada.

A medicina e a purificação divina

06.

Há também muitas outras coisas que escapam à nossa atenção e são conhecidas somente por Aquele que é o Médico de nossas almas, pois se, por causa dos efeitos nocivos que causamos a nós mesmos ao comer e beber, consideramos necessário, para a saúde do corpo, recorrer a algum remédio desagradável e doloroso, às vezes até mesmo, se a natureza da doença assim o exigir, requerendo o severo processo da amputação e se a virulência da doença ultrapassar até mesmo esses remédios, o mal terá que ser extirpado pelo fogo, quanto mais se deve compreender que Deus, nosso Médico, desejando remover os defeitos de nossas almas, que elas contraíram por causa de seus diferentes pecados e crimes, empregaria medidas punitivas desse tipo e aplicaria, ainda, o castigo do fogo, àqueles que perderam a sanidade mental!

Imagens deste método de procedimento também são encontradas nas Sagradas Escrituras.

No livro do Deuteronômio, a palavra divina ameaça os pecadores com os castigos de febres, resfriados e icterícia, além das dores da visão debilitada, alienação mental, para-

lisia, cegueira e fraqueza dos rins. Se alguém então reunir, em tempo oportuno, todas as enumerações de doenças em toda a Escritura, que nas ameaças dirigidas aos pecadores são chamadas pelos nomes de enfermidades corporais, descobrirá que os vícios das almas ou seus castigos são figurativamente indicados por eles.

Para entender agora que, da mesma forma que os médicos aplicam remédios aos doentes para que, com tratamento cuidadoso, recuperem a saúde, Deus age assim com aqueles que se desviaram e caíram em pecado, basta saber que a *taça cheia do vinho* da *ira* de Deus é oferecida a todas as nações por meio do Profeta Jeremias, para *que dele bebam todos os povos*, entrem em estado de loucura e o vomitem[320]. Ao fazer isto, Ele os ameaça, dizendo: "*Se recusarem tomar a taça para beber,* não serão purificados"[321].

Com isto, certamente, se entende que a *ira* da vingança de Deus é proveitosa para a purificação das almas.

Que o castigo também, que se diz ser aplicado pelo fogo, é entendido como sendo aplicado com o objetivo de cura, é ensinado por Isaías, que fala assim de Israel: *O Senhor*

[320] Jeremias 25: 15 e 16.
[321] Jeremias 25: 28.

lavará a imundície dos filhos e filhas de Sião e purificará o sangue do meio deles com um espírito de juízo e um espírito de fogo[322]. Dos caldeus, ele diz o seguinte: *Vocês têm as brasas. Sentem-se sobre elas. Elas serão um auxílio para vocês*[323]. E, em outras passagens, ele diz: *A luz de Israel será como um fogo e santificará com um fogo ardente*[324] e, nas profecias de Malaquias, está dito: *O anjo da aliança se assentará como refinador e purificador de prata e ouro; purificará os filhos de Levi e os refinará como ouro e prata*[325].

A parte que será deixada

07.

Mas o destino mencionado nos Evangelhos, que atinge os administradores infiéis[326] que, segundo está escrito, devem ser divididos e uma parte deles colocada junto com os incrédulos[327], como se a parte que não lhes pertence fosse

[322] Isaías 4: 4.
[323] Isaías 47: 14 e 15.
[324] Isaías 10: 17.
[325] Malaquias 3: 1-3.
[326] Cf. Mateus 25: 14-30.
[327] Cf. Mateus 25: 30. *Esse servo inútil, jogai-o nas trevas exteriores.*

enviada para outro lugar[328], indica, sem dúvida, algum tipo de punição para aqueles cujo espírito, como me parece, está separado da alma, pois, se este Espírito é de natureza divina, isto é, se é entendido como o Espírito Santo, entenderemos que isto se refere ao dom do Espírito Santo; que, quando, seja pelo batismo, seja pela graça do Espírito, a *palavra de sabedoria* ou a *palavra de ciência*[329] ou qualquer outro dom, for concedido a uma pessoa e não for corretamente administrado, isto é, for enterrado no chão ou *embrulhado num lenço*[330], o dom do Espírito certamente será retirado de sua alma e a outra parte que restar, isto é, a substância da alma, será destinada ao lugar dos incrédulos, estando dividida e separada daquele Espírito com o qual, ao se unir ao Senhor, deveria ser *um só espírito*[331].

Ora, se isto não deve ser entendido como o Espírito de Deus, mas da natureza da própria alma, que será chamada de sua melhor parte, feita à *imagem e semelhança* de Deus, enquanto a outra parte, aquela que, posteriormente, por meio de sua queda pelo exercício do livre-arbítrio, foi assu-

[328] Cf. Mateus 25: 28 e 29. *Tirai-lhe este talento e dai-o ao que tem dez. Dar-se-á ao que tem e terá em abundância. Mas ao que não tem, tirar-se-á mesmo aquilo que julga ter*.
[329] 1 Coríntios 12: 8.
[330] Lucas 19: 20.
[331] 1 Coríntios 6: 17.

mida contrariamente à natureza de sua condição original de pureza, esta parte, por ser amiga e amada da matéria, é punida com o destino dos incrédulos.

Há também um terceiro sentido em que essa separação pode ser entendida, a saber, que, assim como cada crente, embora o mais humilde na Igreja, é dito ser acompanhado por um anjo, que o Salvador declara que sempre *contemplam sem cessar a face de* Deus *Pai*[332], como este anjo é certamente uno com o objeto de sua guarda, assim, se este último se torna indigno, por sua falta de obediência, se diz que o anjo de Deus lhe é tirado e então, aquela parte dele — isto é, a parte que pertence à sua natureza humana — sendo separada da parte divina, é colocada junto com os incrédulos, porque não observou fielmente as admoestações do anjo que lhe foi designado por Deus.

As *trevas exteriores* e o corpo de perdição

08.

Mas as *trevas exteriores*[333], a meu ver, não devem ser entendidas tanto como uma atmosfera escura e sem luz,

[332] Mateus 18: 10.
[333] Mateus 25: 30.

mas sim como a escuridão daquelas pessoas que, mergulhadas na escuridão da profunda ignorância, foram colocadas além do alcance de qualquer luz do intelecto.

Devemos também observar, para que talvez este seja o significado da expressão, que, assim como os santos receberão os corpos nos quais viveram em santidade e pureza nas moradas desta vida, brilhantes e gloriosos após a ressurreição, assim também os ímpios, que nesta vida amaram a escuridão do erro e a noite da ignorância, podem ser revestidos de corpos escuros e negros após a ressurreição, de modo que a própria névoa da ignorância que nesta vida se apoderou de suas mentes possa aparecer no futuro como a cobertura externa do corpo.

Semelhante é a visão a ser considerada em relação à prisão.

Que estas observações, feitas da forma o mais breve possível, para que a ordem de nosso discurso seja preservada, sejam suficientes para a presente ocasião.

Capítulo 11. Sobre contrapromessas.

As ocupações humanas

01.

Vejamos agora, brevemente, as opiniões que devemos formar a respeito das promessas. É certo que não há ser vivo que possa ser totalmente inativo e imóvel, mas que se deleita em todo tipo de movimento em atividade e vontade perpétuas e essa natureza, creio ser evidente, está presente em todos os seres vivos.

Muito mais então, um animal racional, isto é, a natureza do ser humano, deve estar em movimento e atividade perpétuos. Se, de fato, ele se esquece de si mesmo e ignora o que lhe convém, todos os seus esforços são direcionados para servir às necessidades do corpo e, em todos os seus movimentos, ele se ocupa com seus próprios prazeres e desejos corporais.

Mas se ele é alguém que se esforça para cuidar ou prover o bem comum, então, seja consultando para o benefício do Estado ou, obedecendo às autoridades, ele se empenha por aquilo que, seja o que for, possa parecer promover o interesse público.

E se alguém for de tal natureza que compreenda que existe algo melhor do que as coisas que parecem corpóreas e assim dedique seu esforço à sabedoria e à ciência, então, sem dúvida, direcionará toda a sua atenção para estudos desta natureza, para que possa, ao investigar a verdade, averiguar as causas e a razão das coisas.

Assim como, nesta vida, uma pessoa considera o bem supremo desfrutar dos prazeres corporais; outro, consultar para o benefício da comunidade; um terceiro, se dedicar ao estudo e ao aprendizado; assim, indaguemos se naquela *vida* que é a verdadeira e que se diz estar *está escondida com Cristo em Deus*[334], isto é, na *vida* eterna, haverá para nós alguma ordem e condição de existência semelhante.

Interpretação literal das promessas divinas

02.

Certas pessoas então, se recusando ao trabalho de pensar e adotando uma visão superficial da letra da Lei, cedendo, em certa medida, à satisfação de seus próprios desejos e paixões, sendo discípulas apenas da letra, são da opinião de que o cumprimento das promessas do futuro

deve ser buscado no prazer e luxo corpóreo e, portanto, desejam especialmente ter novamente, após a ressurreição, estruturas corporais que jamais fiquem sem o poder de comer, beber e realizar todas as funções da carne e do sangue, não seguindo a opinião do Apóstolo Paulo a respeito da ressurreição de um *corpo espiritual*.

Consequentemente, dizem que, após a ressurreição, haverá casamentos e a geração de filhos, imaginando que a cidade terrena de Jerusalém será reconstruída, seus alicerces assentados em pedras preciosas, seus muros construídos de jaspe e suas ameias de cristal; que terá uma muralha composta de muitas pedras preciosas, como jaspe, safira, calcedônia, esmeralda, sardônica, ônix, crisólito, crisoprásio, jacinto e ametista.

Além disto, pensam que lhes serão dados nativos de outros países como ministros de seus prazeres, os quais empregarão como lavradores ou construtores de muralhas e, por meio dos quais, sua cidade arruinada e caída será reconstruída e pensam que receberão a riqueza das nações, que lhes permitirá viver dela e elas terão controle sobre su-

[334] Colossenses 3: 3.

as riquezas; que até mesmo os camelos de Madiã e Quedar virão e lhes trarão ouro, incenso e pedras preciosas.

Eles pensam que estas ideias se baseiam na autoridade dos Profetas, nas promessas escritas a respeito de Jerusalém e também nas passagens onde se diz que aqueles que servem ao Senhor comerão e beberão, mas que os pecadores terão fome e sede; que os justos se alegrarão, mas que a tristeza se apoderará dos ímpios.

E, do Novo Testamento, também citam as palavras do Salvador, nas quais, Ele faz uma promessa aos Seus discípulos a respeito da alegria do vinho, dizendo: *Não beberei mais deste cálice até que o beba novamente convosco no Reino de meu Pai*[335].

Acrescentam, além disto, a declaração na qual o Salvador chama de *bem-aventurados aqueles que* agora *têm fome e sede*, lhes prometendo que *serão saciados*[336] e muitas outras ilustrações bíblicas são apresentadas por eles, cujo significado não percebem ser figurativo.

Então, novamente, de acordo com a ordem das coisas nesta vida e segundo as gradações das dignidades ou posi-

[335] Mateus 26: 29.
[336] Mateus 5: 6.

ções neste mundo ou a grandeza de seus poderes, eles pensam que devem ser reis e príncipes, como aqueles monarcas terrenos que existem atualmente; principalmente, como parece, por causa daquela frase no Evangelho: *Sê também tu governador de cinco cidades*[337].

E, para falar brevemente, de acordo com o modo como as coisas acontecem nesta vida em todos os assuntos semelhantes, eles desejam o cumprimento de todas as coisas esperadas nas promessas, isto é, que o que agora existe volte a existir. Tais são as visões daqueles que, embora creiam em Cristo, entendem as Sagradas Escrituras num sentido judaico, não extraindo delas nada digno das promessas divinas.

Interpretação cristã das promessas eternas

03.

Aqueles, porém, que recebem as representações das Escrituras segundo o entendimento dos Apóstolos, nutrem a esperança de que os santos de fato comerão, mas que será *o pão da vida*[338], que nutrirá a alma com o alimento da Verdade e da Sabedoria, iluminará a mente e a fará beber do

[337] Lucas 19: 19.
[338] João 6: 35.

cálice da sabedoria divina, conforme a declaração das Sagradas Escrituras: *A Sabedoria edificou sua casa, talhou sete colunas. Imolou suas vítimas, misturou seu vinho e dispôs a mesa. Enviou servas, para que anunciassem nos pontos mais elevados da cidade: "Quem for simples se apresente!" Aos insensatos, ela disse: "Vinde comer o meu pão e beber o vinho que misturei para vós"*[339].

Por meio desse alimento da Sabedoria, o intelecto, nutrido a uma condição plena e perfeita, semelhante àquela em que o ser humano foi criado no princípio, é restaurado à *imagem e semelhança*[340] de Deus, de modo que, embora um indivíduo possa partir desta vida menos perfeitamente instruído, mas que tenha praticado obras aprovadas, será capaz de receber instrução naquela Jerusalém, a cidade dos santos, isto é, ele será educado, moldado e transformado em uma *pedra viva*, uma *pedra escolhida e preciosa aos olhos de Deus*[341], porque suportou com firmeza e constância as lutas da vida e as provações da devoção e ali chegará a um

[339] Provérbios 9: 1-5.
[340] Gênesis 1: 26.
[341] 1 Pedro 2: 4 (*Quais outras pedras vivas, vós também vos tornais os materiais deste edifício espiritual; um sacerdócio santo, para oferecer vítimas espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo*). Cf. Apocalipse 3: 12 (*Farei do vencedor uma coluna no templo de meu Deus, de onde jamais sairá e escreverei sobre ele o nome de meu Deus e o nome da cidade de meu Deus, a nova Jerusalém, que desce dos céus enviada por meu Deus, assim como o meu nome novo*).

mais verdadeiro e claro conhecimento daquilo que já foi predito aqui, a saber, que *o ser humano não vive só de pão, mas de tudo o que sai da boca do Senhor*[342].

E também devem ser entendidos como os príncipes e governantes que governam os de posição inferior, os instruindo, os ensinando e os treinando para as coisas divinas.

O desejo de saber implantado por Deus

04.

Mas, se estas perspectivas não parecerem preencher as mentes daqueles que esperam por tais resultados com um desejo apropriado, voltemos um pouco e, independentemente do anseio natural e inato da mente pela coisa em si, façamos uma investigação para que possamos, enfim, descrever, por assim dizer, as próprias formas do *pão da vida*, a qualidade desse *vinho* e a natureza peculiar dos principados; tudo em conformidade com a visão espiritual das coisas.

Ora, assim como nas artes que geralmente são realizadas por meio do trabalho manual, a razão pela qual algo é feito ou por que tem uma qualidade especial ou um propósi-

[342] Deuteronômio 8: 3.

to especial é objeto de investigação da mente, enquanto que a própria obra se revela pela ação das mãos, assim também, nas obras de Deus que foram criadas por Ele, se deve observar que a razão e o entendimento das coisas que vemos feitas por Ele permanecem ocultos.

E, assim como, quando nossos olhos contemplam os produtos do trabalho de um artista, a mente, imediatamente ao perceber algo de excepcional excelência artística, anseia por conhecer sua natureza, como foi formado ou para que propósito foi criado, assim também, em grau muito maior e incomparável, a mente arde com um desejo inexprimível de conhecer a razão das coisas que vemos realizadas por Deus.

Esse desejo, esse anseio, cremos que foi inquestionavelmente implantado em nós por Deus e, assim como o olho busca naturalmente a luz e a visão e o nosso corpo naturalmente deseja alimento e bebida, nossa mente é dotada de um desejo natural e apropriado de conhecer a verdade de Deus e as causas das coisas.

Recebemos esse desejo de Deus, não para que jamais seja satisfeito ou seja passível de satisfação; caso contrário, o amor à verdade pareceria ter sido implantado por Deus

em nossas mentes em vão, se jamais tivesse a oportunidade de ser satisfeito.

O presente esboço da imagem perfeita

Daí também, mesmo nesta vida, aqueles que se dedicam com grande esforço à busca da verdade, da piedade e da religião, embora obtenham apenas pequenos fragmentos dos numerosos e imensos tesouros do conhecimento divino, pelo simples fato de suas mentes e almas estarem engajadas nessas buscas e de, no afã de seu desejo, superarem a si mesmas, extraem grande benefício e, porque suas mentes estão voltadas para o estudo e o amor pela investigação da verdade, se tornam mais aptos a receber a instrução que está por vir.

É como se, ao pintar uma imagem, alguém primeiro traçasse, com um lápis leve, os contornos da futura pintura e preparasse marcas para receber os traços que serão adicionados posteriormente. Esse esboço preliminar prepara o caminho para a aplicação das cores verdadeiras da pintura.

Assim, em certa medida, um esboço pode ser traçado nas tábuas de nossos corações pelo lápis de nosso Senhor

Jesus Cristo. E, por isto, talvez se diga: *Dar-se-á ao que tem e terá em abundância*[343].

Com isto, fica estabelecido que, àqueles que possuem nesta vida uma espécie de esboço da verdade e do conhecimento, será acrescentada a beleza de uma imagem perfeita no futuro.

O que falta por saber

05.

Creio que tal desejo foi indicado por aquele que disse: *Sinto-me pressionado dos dois lados: Por uma parte, desejo me desprender para estar com Cristo; o que seria imensamente melhor*[344], sabendo que, ao retornar a Cristo, compreenderia mais claramente as razões de todas as coisas que acontecem na Terra, seja em relação ao ser humano, à alma humana ou à mente ou a qualquer outro assunto, como, por exemplo, o que é o Espírito que opera, o que é o espírito vital ou o que é a graça do Espírito Santo concedida aos crentes.

[343] Mateus 25: 29 e Lucas 19: 26.
[344] Filipenses 1: 23.

Então, ele também entenderá o que Israel representa ou o que significa a diversidade das nações, o que significam as doze tribos de Israel e o que representa cada indivíduo de cada tribo. Então, também ele entenderá a razão dos sacerdotes e levitas e das diferentes ordens sacerdotais, cujo tipo estava em Moisés e também qual é o verdadeiro significado dos jubileus e das semanas e dos anos com Deus.

Ele verá também as razões dos dias festivos e ele compreenderá os dias sagrados e todos os sacrifícios e purificações. Compreenderá também a razão da purificação da lepra, os diferentes tipos de lepra e a razão da purificação daqueles que perdem a sua semente.

Além disto, conhecerá as boas influências, a sua grandeza e as suas qualidades e também aquelas que são de natureza contrária e qual a afeição das primeiras e qual a emulação causadora de conflitos das últimas para com as pessoas. Contemplará também a natureza da alma e a diversidade dos animais (sejam os que vivem na água, as aves ou os animais selvagens) e por que cada gênero se subdivide em tantas espécies e qual a intenção do Criador ou qual o propósito da Sua sabedoria, que se oculta em cada indivíduo.

Familiarizar-se-á também com a razão pela qual certas propriedades são associadas a certas raízes ou ervas e por

que, por outro lado, os efeitos malignos são evitados por outras ervas e raízes. Conhecerá, além disto, a natureza dos anjos apóstatas e a razão pela qual eles têm o poder de lisonjear, em certas coisas, aqueles que não os desprezam com toda a força da fé e por que existem com o propósito de enganar e desviar as pessoas.

Aprenderá também o julgamento da Divina Providência sobre cada acontecimento individual e que, dentre os eventos que acontecem às pessoas, nenhum ocorre por acidente ou acaso, mas de acordo com um plano tão cuidadosamente considerado e tão estupendo que não negligencia nem mesmo o número de fios de cabelo, não apenas dos santos, mas talvez de todos os seres humanos e cujo plano de governo providencial se estende até mesmo ao cuidado com a venda de dois pardais por um denário, quer os pardais sejam entendidos figurativa ou literalmente.

Agora, de fato, esse governo providencial ainda é objeto de investigação, mas então será plenamente manifestado. De tudo isto, devemos supor que, entretanto, não passará muito tempo até que a razão das coisas que estão na terra seja revelada aos dignos e merecedores após sua partida desta vida, para que, por meio do conhecimento de todas

estas coisas e pela graça do pleno conhecimento, eles possam desfrutar de uma alegria indizível.

Então, veremos que essa atmosfera que existe entre o céu e a terra não está desprovida de habitantes e de seres racionais, como disse o Apóstolo: *Outrora, seguindo o modo de viver deste mundo, do príncipe das potestades do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência*[345]. E, novamente, ele disse: *Seremos arrebatados sobre nuvens ao encontro do Senhor nos ares e assim estaremos para sempre com o Senhor*[346].

As moradas celestes

06.

Devemos, portanto, supor que os santos permanecerão lá até reconhecerem o modo duplo de governo nas coisas que são realizadas no ar. E quando digo “modo duplo”, quero dizer o seguinte: quando estávamos na terra, víamos animais ou árvores e contemplávamos as diferenças entre eles, bem como a grande diversidade entre as pessoas. Mas, embora víssemos essas coisas, não entendíamos a razão

[345] Efésios 2: 2.
[346] 1 Tessalonicenses 4: 17.

delas e somente nos foi sugerido, pela diversidade visível, que deveríamos examinar e indagar sobre qual princípio essas coisas foram criadas ou organizadas de forma tão diversa.

E, tendo concebido na terra um zelo ou desejo por esse tipo de conhecimento, o pleno entendimento e a compreensão dele nos serão concedidos após a morte, se de fato o resultado seguir conforme nossas expectativas.

Quando, portanto, tivermos compreendido plenamente sua natureza, entenderemos de maneira dupla o que vimos na Terra. Alguma visão semelhante então, devemos ter a respeito dessa morada no ar.

Penso, portanto, que todos os santos que partirem desta vida permanecerão em algum lugar situado na terra, que as Sagradas Escrituras chamam de Paraíso, como em algum lugar de instrução e, por assim dizer, sala de aula ou escola de almas, onde serão instruídos a respeito de todas as coisas que viram na terra e receberão também alguma informação a respeito de coisas que estão por vir no futuro, assim como, mesmo quando nesta vida obtiveram, em certa medida, indícios de eventos futuros, ainda que, *como por*

um espelho, em enigma[347], todos os quais são revelados com mais clareza e distinção aos santos em seu devido tempo e lugar.

Se alguém for verdadeiramente puro de coração, santo de mente e mais experiente em percepção, progredirá mais rapidamente, ascenderá a um lugar no ar e alcançará o Reino dos céus, através dessas moradas, por assim dizer, nos vários lugares que os gregos chamavam de esferas, isto é, globos, mas que as Sagradas Escrituras chamam de céus.

Em cada uma delas, ele verá primeiro, claramente o que ali se faz e, em segundo lugar, descobrirá a razão pela qual as coisas são feitas dessa maneira e assim ele percorrerá todas as gradações, seguindo Aquele *que penetrou nos céus: Jesus, Filho de Deus*[348] e que rezou: *Pai, quero que, onde eu sou, estejam comigo aqueles que me deste*[349].

E é dessa diversidade de lugares que Ele fala quando diz: *Na casa de meu Pai há muitas moradas*[350]. Ele mesmo está em toda parte e transita rapidamente por todas as coisas e não devemos mais entendê-Lo como existindo naque-

[347] 1 Coríntios 13: 12.
[348] Hebreus 4: 14.
[349] João 17: 24.
[350] João 14: 2.

les limites estreitos em que outrora esteve confinado por nossa causa, isto é, não naquele corpo circunscrito que ocupava na terra, quando habitava entre as pessoas , segundo o qual Ele poderia ser considerado encerrado em algum lugar.

O crescimento constante na visão de Deus

07.

Quando então, os santos alcançarem as moradas celestiais, verão claramente a natureza das estrelas, uma a uma e compreenderão se elas são dotadas de vida ou sua condição, seja qual for. E compreenderão também as outras razões para as obras de Deus, que Ele mesmo lhes revelará, pois Ele lhes mostrará, como a crianças, as causas das coisas e o poder de Sua criação e explicará por que aquela estrela foi colocada naquele quadrante específico do céu e por que foi separada de outra por um espaço tão grande. Qual teria sido, por exemplo, a consequência se ela estivesse mais perto ou mais longe. Ou, se aquela estrela fosse maior, como a totalidade das coisas não teria permanecido a mesma, mas tudo teria sido transformado em uma condição de ser diferente.

E assim, quando tiverem concluído todos esses assuntos relacionados às estrelas e às revoluções celestes, chegarão àquelas que não são vistas ou àquelas cujos nomes apenas ouvimos e às coisas invisíveis, que o Apóstolo Paulo nos informou que são numerosas, embora o que sejam ou que diferença possa existir entre elas, não possamos sequer conjecturar com nosso intelecto limitado.

E assim, a natureza racional, crescendo a cada passo individual, não como cresceu nesta vida em carne, corpo e alma, mas ampliada em entendimento e em poder de percepção, é elevada como uma mente já perfeita ao conhecimento perfeito, não mais impedida pelos sentidos carnais, mas aumentada em crescimento intelectual e sempre contemplando puramente e, por assim dizer, *face a face*[351], as causas das coisas, atinge a perfeição, primeiramente, isto é, aquela pela qual ascende (à verdade) e, em segundo lugar, aquela pela qual permanece nela, tendo os problemas e a compreensão das coisas e as causas dos eventos, como o alimento do qual pode se banquetear, pois, assim como, nesta vida, nossos corpos crescem fisicamente até atingirem o que são, graças à suficiência de alimentos na infância, que

[351] 1 Coríntios 13: 12.

lhes fornecem os meios para o crescimento, mas depois de atingirmos a altura adequada, não usamos mais os alimentos para crescer, mas para viver e nos preservar na vida por meio deles, assim também, penso que a mente, quando atinge a perfeição, se alimenta e se nutre com alimento adequado e apropriado, em tal medida que nada lhe faltasse ou lhe sobrasse.

E, em todas as coisas, esse alimento deve ser entendido como a contemplação e a compreensão de Deus, em medida apropriada e adequada a esta natureza que foi criada e essa medida deve ser observada por todos aqueles que começam a ver a Deus, isto é, a compreendê-Lo através da pureza de coração[352].

[352] Cf. Mateus 5: 8. *Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus!*

Livro 3

Capítulo 1. Sobre o livre-arbítrio, com uma explicação e interpretação das passagens bíblicas que parecem anulá-lo[353].

O problema da liberdade da vontade

01.

Visto que, na pregação da Igreja, está incluída a doutrina concernente a um justo juízo de Deus, que, quando crida como verdadeira, estimula aqueles que a ouvem a viverem virtuosamente e a evitarem o pecado por todos os meios, na medida em que reconhecem manifestamente que coisas dignas de louvor e censura estão ao nosso alcance, venham e discutamos alguns pontos concernentes ao livre-arbítrio; uma questão de suma importância. E, para que possamos compreender o que é o livre-arbítrio, é necessário desdobrar o seu conceito, para que, uma vez declarado com precisão, o assunto nos seja apresentado.

[353] Diante do prefácio que Rufino escreveu para este livro, para dizer que, em sua tradução da obra em grego de Orígenes, ele omitiu partes em que, segundo ele, Orígenes se contradiz e interpolações feitas por pessoas que queriam atribuir suas próprias ideias ao teólologo, este capítulo um foi traduzido da versão em grego.

A fantasia ou o instinto dos animais

02.

Das coisas que se movem, algumas têm a causa do seu movimento dentro delas mesmas e outras, por sua vez, são movidas apenas por forças externas. Ora, apenas as coisas portáteis são movidas por forças externas, como pedaços de madeira, pedras e toda a matéria que se mantém unida apenas pela sua constituição. E que se descarte a visão que chama o fluxo dos corpos de movimento, pois ela não é necessária para o nosso propósito atual.

Mas os animais e as plantas têm a causa do seu movimento dentro deles mesmos e, em geral, tudo o que é mantido unido pela natureza e por uma alma, classe à qual, dizem, os metais também pertencem. Além destes, o fogo também se move por ele mesmo e, talvez, também as fontes de água.

Ora, daquelas coisas que têm a causa do seu movimento dentro delas mesmas, algumas, dizem, são movidas desde fora delas mesmas e outras desde dentro delas mesmas. As coisas sem vida, desde fora delas mesmas e as coisas animadas, desde dentro delas mesmas, pois as coisas anima-

das são movidas por elas mesmas, já que uma fantasia que surge nelas as estimula ao esforço.

E, novamente, em certos animais, se formam fantasias que provocam um esforço. A natureza da fantasia estimula o esforço de maneira ordenada, como na aranha, onde se forma a fantasia de tecer e a tentativa de tecer se segue, sendo a natureza da fantasia o que incita o inseto de maneira ordenada a isto e somente a isto. E além de sua natureza fantasiosa, se acredita que nada mais pertença ao inseto. E na abelha, se forma a fantasia de produzir cera.

Os estímulos da natureza

03.

O animal racional, porém, possui, além de sua natureza fantasiosa, também a razão, que julga as fantasias, desaprovando algumas e aceitando outras, para que o animal possa ser guiado de acordo com elas. Portanto, visto que a natureza da razão contém auxílios para a contemplação da virtude e do vício, pelos quais, após contemplarmos o bem e o mal, escolhemos um e evitamos o outro, somos merecedores de louvor quando nos dedicamos à prática da virtude e censuráveis quando fazemos o contrário.

Não devemos, contudo, ignorar que a maior parte da natureza atribuída a todas as coisas varia entre os animais, tanto em maior quanto em menor grau, de modo que o instinto em cães de caça e em cavalos de guerra se aproxima, de alguma forma, por assim dizer, da faculdade da razão.

Ora, estar sujeito a alguma dessas causas externas que despertam em nós esta ou aquela fantasia, certamente não é algo que dependa de nós mesmos. Mas determinar se usaremos o ocorrido desta forma ou de outra é prerrogativa exclusiva da razão que existe em nós, a qual, conforme a ocasião se apresenta, nos impulsiona a esforços que nos levam ao que é virtuoso e propício ao desenvolvimento ou nos desvia para o oposto.

O poder de domínio da razão

04.

Mas se alguém sustentar que esta causa externa é de tal natureza que é impossível resistir a ela quando se apresenta desta forma, que volte sua atenção para seus próprios sentimentos e movimentos e veja se não há uma aprovação, concordância e inclinação do princípio controlador em relação a algum objetivo, por conta de alguns argumentos en-

ganosos, pois, para dar um exemplo, uma mulher que se apresenta a um homem que decidiu ser casto e se abster de relações carnais e que o incita a agir contrariamente ao seu propósito não é uma causa perfeita para anular sua determinação, pois, estando totalmente satisfeito com o luxo e o fascínio do prazer e não desejando resistir a ele ou manter seu propósito ele comete um ato de licenciosidade.

Outro homem, por sua vez, quando as mesmas coisas acontecem àquele que recebeu mais instrução e se disciplinou, encontra, de fato, seduções e tentações, mas sua razão, por estar fortalecida a um nível superior, cuidadosamente treinada e confirmada em suas convicções em direção a um caminho virtuoso ou a proximidade da confirmação, repele a sedução e extingue o desejo.

Causas externas e liberdade de decisão

05.

Sendo assim, dizer que somos movidos por forças externas e nos eximir da culpa, declarando que somos como pedaços de madeira e pedras, arrastados por causas que atuam sobre eles de fora, não é verdade e nem está em conformidade com a razão, mas sim a afirmação de quem dese-

ja destruir o conceito de livre-arbítrio, pois, se perguntássemos a tal pessoa o que é o livre-arbítrio, ela diria que consiste em, ao se propor a fazer algo, nenhuma causa externa incitar o contrário.

Mas culpar, por outro lado, a mera constituição do corpo, é absurdo, pois a razão disciplinadora, ao se apoderar daqueles que são mais intemperantes e selvagens,se seguirem sua exortação, efetua uma transformação, de modo que a alteração e a mudança para melhor são as mais extensas. As pessoas mais licenciosas frequentemente se tornam melhores do que aquelas que antes não pareciam ser assim por natureza e as pessoas mais selvagens passam a um estado de brandura tal que aquelas pessoas que jamais foram tão selvagens quanto elas parecem selvagens, em comparação, tamanho o grau de gentileza que desenvolveram.

E vemos outras pessoas, as mais firmes e respeitáveis, serem afastadas de seu estado de respeitabilidade e firmeza pelo contato com maus costumes, caindo em hábitos de licenciosidade, muitas vezes iniciando sua maldade na meia-idade e mergulhando na desordem após o período da juventude, que, por sua natureza, é instável.

A razão, portanto, demonstra que os eventos externos não dependem de nós, mas que é nossa responsabilidade

usá-los de uma forma ou de outra, tendo recebido a razão como juiz e investigador da maneira como devemos lidar com os eventos que vêm de fora.

Prova bíblica da vontade livre

06.

Ora, que é nossa obrigação viver virtuosamente e que Deus nos pede isto, não por dependermos dele nem de ninguém, nem, como alguns pensam, do destino, mas por nossa própria vontade, o Profeta Miquéias provará quando disser: *Já te foi dito, ó criatura, o que convém, o que o Senhor reclama de ti: que pratiques a justiça, que ames a bondade e que andes com humildade diante do teu Deus*[354].

Moisés também disse: *Hoje ponho diante de ti a vida com o bem e a morte com o mal. Mando-te hoje que ames o Senhor, teu Deus, que andes em seus caminhos, observes seus mandamentos, suas leis e seus preceitos, para que vivas e te multipliques e que o Senhor, teu Deus, te abençoe na terra em que vais entrar para possuí-la*[355].

[354] Miqueias 6: 8.
[355] Deuteronômio 30: 15 e 16.

Isaías também disse: *Se vocês estiverem dispostos, se me ouvirem, comerão das dádivas da terra. Mas, se vocês não quiserem, se não me ouvirem, a espada os devorará, pois assim diz a boca do Senhor*[356].

E nos Salmos: *Se o meu povo me ouvisse e Israel andasse nos meus caminhos eu aniquilaria os seus inimigos e poria a minha mão sobre os que os afligem*[357], mostrando que estava no poder do seu povo ouvir e andar nos caminhos de Deus.

E o Salvador também, quando ordena: *Mas eu vos digo: "Não resistais ao mau"*[358] e: *Todo aquele que se irar contra seu irmão será castigado pelos juízes*[359] e: *Todo aquele que lançar um olhar de cobiça para uma mulher, já adulterou com ela em seu coração*[360]. E, para qualquer outro mandamento que Ele dá, ele declara que cabe a nós guardar o que é ordenado e que seremos razoavelmente passíveis de condenação se transgredirmos.

E, portanto, Ele diz ainda: *Aquele que ouve estas minhas palavras e as põe em prática é semelhante a uma*

[356] Isaías 1: 19 e 20.
[357] Salmo 081: 014 e 015.
[358] Mateus 5: 39.
[359] Mateus 5: 22.

pessoa prudente, que edificou sua casa sobre a rocha[361]. *Mas aquele que ouve as minhas palavras e não as põe em prática é semelhante a uma pessoa insensata que construiu sua casa na areia*[362].

E quando Ele disser aos que estiverem à Sua direita: *Vinde benditos de meu Pai! Tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo, porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; fui estrangeiro e me acolhestes; nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estive na prisão e fostes a mim*[363], é extremamente evidente que Ele faz as promessas a estes como sendo dignos de louvor.

Mas, pelo contrário, em relação aos outros, que são censuráveis, em comparação com eles, Ele dirá: *Afastai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno destinado ao Diabo e aos seus anjos*[364].

E observemos como Paulo também se dirige a nós, como se tivéssemos livre-arbítrio e fôssemos nós mesmos a causa da nossa ruína ou da nossa salvação, quando diz:

---

360 Mateus 5: 28.
361 Mateus 7: 24.
362 Mateus 7: 26.
363 Mateus 25: 34-36.

Desprezas as riquezas da sua bondade, da sua paciência e da sua longanimidade, ignorando que a bondade de Deus te conduz ao arrependimento? Mas, segundo a dureza e o coração impenitente de ti, acumulas para ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo as suas obras: aos que, perseverando em fazer o bem, procuram a glória, a imortalidade e a vida eterna e aos que são contenciosos e não creem na verdade, mas creem na iniquidade, haverá ira, indignação, tribulação e angústia sobre toda alma humana que pratica o mal. Primeiro sobre o judeu e depois sobre o grego. Mas glória, honra e paz a todo aquele que pratica o bem. Primeiro ao judeu e depois ao grego[365].

Existem, de fato, inúmeras passagens nas Escrituras que estabelecem, com extrema clareza, a existência do livre-arbítrio.

[364] Mateus 25: 41.
[365] Romanos 2: 4-10.

Textos bíblicos contrários à vontade livre

07.

Mas, visto que certas declarações do Antigo e do Novo Testamento levam à conclusão oposta — ou seja, que não depende de nós guardarmos os mandamentos e sermos salvos ou transgredi-los e nos perdermos — vamos apresentá-las uma a uma e ver as suas explicações, para que, dentre as que apresentarmos, qualquer pessoa que selecione de maneira semelhante todas as passagens que parecem anular o livre-arbítrio possa considerar o que é dito sobre elas a título de explicação.

E agora, as declarações a respeito do faraó têm perturbado muitos, sobre quem Deus declarou diversas vezes: *Mas endurecerei o seu coração*[366].

De fato, se *seu coração* é endurecido por Deus e ele comete pecado em consequência desse endurecimento, ele não é a causa do pecado e, sendo assim então, o faraó não possui livre-arbítrio.

[366] Êxodo 4: 21, 7: 3 e 14: 4.

E alguém dirá que, de maneira semelhante, aqueles que perecem não têm livre-arbítrio e não perecerão por eles mesmos.

A declaração também em Ezequiel: *Extrairei do seu corpo o coração de pedra, para substituí-lo por um coração de carne, a fim de que observem as minhas leis, guardem e pratiquem os meus mandamentos* [367]. Isto poderia levar alguém a pensar que foi Deus quem lhes deu o poder para que *observem as leis, guardem e pratiquem os mandamentos*, removendo o obstáculo: *o coração de pedra* e implantando um melhor: *um coração de carne*.

E vejamos também a passagem do Evangelho onde está a resposta que o Salvador dá àqueles que perguntaram por que Ele falava à multidão por parábolas. Suas palavras são: *Deste modo, eles olham sem ver, escutam sem compreender, sem que se convertam e lhes seja perdoado*[368].

Também a passagem em Paulo: *A escolha não depende daquele que quer, nem daquele que corre, mas da misericórdia de Deus*[369].

---

[367] Ezequiel 11: 19 e 20.

[368] Mateus 13: 13, Marcos 4: 12 e Lucas 8: 10. Cf. Isaías 6: 10 (*Obceca o coração desse povo, ensurdece-lhe os ouvidos, fecha-lhe os olhos, de modo que não veja nada com seus olhos, não ouça com seus ouvidos, não compreenda nada com seu espírito. E não se cure de novo*).

[369] Romanos 9: 16.

E ainda, as declarações em outras passagens:

É Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o fazer[370].

Farei misericórdia a quem eu fizer misericórdia. Terei compaixão de quem eu tiver compaixão[371].

Dir-me-ás talvez: "Por que ele ainda se queixa? Quem pode resistir à sua vontade?"[372]

A persuasão vem daquele que chama e não de nós[373].

Mas quem és tu, ó homem, para contestar Deus? Porventura o vaso de barro diz ao oleiro: "Por que me fizeste assim?" Ou o oleiro não tem poder sobre o barro para fazer, da mesma massa, um vaso de uso nobre e outro de uso vulgar?[374]

Ora, estas passagens, propriamente, bastam para perturbar a multidão, pois é como se o ser humano não possuísse livre-arbítrio e fosse Deus quem salva e destrói quem Ele quer.

---

[370] Filipenses 2: 13.
[371] Êxodo 33: 19 e Romanos 9: 15 e 18.
[372] Romanos 9: 19.
[373] Gálatas 5: 8.
[374] Romanos 9: 20 e 21.

A resolução do problema

08.

Comecemos então, com o que é dito sobre o faraó: que ele foi endurecido por Deus para que não expulsasse o povo. Juntamente com isto, examinaremos também a declaração citada pelo Apóstolo: *Farei misericórdia a quem eu fizer misericórdia. Terei compaixão de quem eu tiver compaixão.*

E alguns daqueles que têm opiniões diferentes usam mal estas passagens, quase destruindo o livre-arbítrio, ao introduzirem naturezas corrompidas incapazes de salvação e outras salvas, que é impossível se perderem e o faraó, dizem eles, por ser de natureza corrompida, é, portanto endurecido por Deus, que tem misericórdia dos espirituais, mas endurece os terrenos.

Vejamos agora o que eles querem dizer, pois perguntaremos a eles se o faraó era de natureza terrena e quando responderem, diremos que aquele que é de natureza terrena é totalmente desobediente a Deus, mas, se desobediente, qual a necessidade de seu coração ser endurecido e não apenas uma vez, mas frequentemente?

A menos que, talvez, já que lhe era possível obedecer, caso em que certamente o teria feito e obedecido por não ser terreno, quando pressionado pelos sinais e maravilhas e Deus precisa que ele seja desobediente em maior grau, para que Ele possa manifestar Seus poderosos feitos para a salvação da multidão e por isto endurece seu coração.

Esta será nossa resposta inicial a eles, a fim de refutar sua suposição de que o faraó tinha uma natureza corrompida. E a mesma resposta deve ser dada a eles com relação à declaração do Apóstolo.

De quem Deus endurece o coração?

Daqueles que perecem como se obedecessem, a menos que fossem endurecidos ou, manifestamente, daqueles que seriam salvos porque não têm uma natureza corrompida? E de quem Ele tem misericórdia? Dos que serão salvos? E como pode haver necessidade de uma segunda misericórdia para aqueles que já foram preparados para a salvação e que, de qualquer forma, serão bem-aventurados por causa de sua natureza?

A menos que, talvez, visto que são capazes de incorrer na destruição, se não receberam misericórdia, a recebam, para que não incorram na destruição da qual são capazes,

mas possam estar na condição dos salvos. E esta é a nossa resposta a tais pessoas.

Deus não pode ser acusado de injustiça

09.

Mas, àqueles que pensam compreender o termo "endurecer", devemos dirigir a seguinte questão: "O que querem dizer ao afirmar que Deus, por meio de Sua obra, endurece o coração e com que propósito Ele faz isso?"

De fato, que observem a concepção de um Deus que é, na realidade, justo e bom. Mas, se não o aceitarem, que lhes seja concedido, por ora, que Ele é justo e que mostrem como o Deus bom e justo ou somente o Deus justo aparenta ser justo ao endurecer o coração daquele que perece por estar endurecido e como o Deus justo se torna a causa da destruição e da desobediência quando as pessoas são castigadas por Ele por causa de sua dureza e desobediência.

E, por que Ele o repreende, dizendo: *Se te obstinas em impedir a partida do meu povo*[375]; *farei perecer teu filho primogênito*[376]; *ferirei os primogênitos no Egito, tanto os*

[375] Êxodo 9: 17.
[376] Êxodo 4: 23.

das pessoas como os dos animais[377] e tudo o mais que foi registrado como tendo sido dito por Deus ao faraó por intermédio de Moisés?

De fato, aquele que crê que as Escrituras são verdadeiras e que Deus é justo, deve necessariamente se esforçar, se for honesto, para mostrar como, ao usar tais expressões, Deus pode ser claramente entendido como justo. Mas se alguém se levantar, declarando de cabeça descoberta que o Criador do mundo se inclina para a maldade, precisaríamos de outras palavras para respondê-lo.

A chuva de Deus

10.

Mas, visto que eles dizem considerá-Lo um Deus justo e nós, ao mesmo tempo, bom e justo, consideremos como o Deus bom e justo pôde endurecer o coração do faraó. Vejamos então, se, por meio de uma ilustração usada pelo Apóstolo na Epístola aos Hebreus, podemos provar que, por uma única operação, Deus tem misericórdia de uma pessoa enquanto endurece outro, embora não tenha a intenção de endurecê-lo, mas, embora tendo um bom propósito, o en-

[377] Êxodo 12: 12.

durecimento resulta do princípio inerente da maldade nessas pessoas e assim se diz que Ele endurece aquele que já está endurecido.

O terreno que recebe chuvas frequentes e fornece ao agricultor boas searas, é abençoado por Deus. O que produz só espinhos e abrolhos é abandonado, não demora que será amaldiçoado e acabará sendo incendiado[378], diz o Apóstolo.

Quanto à chuva então, há uma única operação e, havendo uma só operação no que diz respeito à chuva, a terra cultivada produz frutos enquanto a negligenciada e estéril produz espinhos. Ora, poderia parecer profano para Aquele que faz chover dizer: "Eu produzi os frutos e os espinhos que estão na terra" e, no entanto, embora profano, é verdade, pois, se a chuva não tivesse caído, não haveria frutos nem espinhos, mas, tendo caído no tempo certo e com moderação, ambos foram produzidos.

A terra agora, que absorveu a chuva que frequentemente caiu sobre ela e ainda assim produziu espinhos e sarças, é rejeitada e está próxima da maldição. A bênção da chuva desceu então até mesmo sobre a terra inferior, mas

[378] Hebreus 6: 7 e 8.

esta, sendo negligenciada e inculta, produziu espinhos e cardos.

Da mesma forma, portanto, as obras maravilhosas são também feitas por Deus — a chuva, por assim dizer — enquanto os diferentes propósitos são, por assim dizer, a terra cultivada e a terra negligenciada. Todavia, ambas as terras possuem uma só natureza.

As advertências de Deus ao faraó

11.

E, como se o sol emitindo uma voz, dissesse: "Eu liquefaço e seco", sendo liquefação e secagem coisas opostas, ele não falaria falsamente quanto ao ponto em questão. A cera derrete e a lama seca pelo mesmo calor. Assim também, a mesma operação, realizada por intermédio de Moisés, comprovou a dureza do faraó, por um lado, resultado de sua maldade e a submissão da multidão egípcia mista que partiu com os hebreus.

E a breve declaração de que o coração do faraó se amoleceu, por assim dizer, quando ele disse: *Consinto em vos deixar partir. Ofereçereis sacrifícios ao Senhor, vosso Deus, no deserto. Somente não ireis muito longe, a três*

dias de caminho[379], cedendo pouco a pouco diante dos sinais, prova que as maravilhas causaram alguma impressão nele, mas não realizaram tudo o que poderiam.

Contudo, nem isto teria acontecido se o que muitos supõem — o endurecimento do coração de Faraó — tivesse sido produzido pelo próprio Deus. E não é absurdo suavizar tais expressões de acordo com o uso comum, pois bons senhores costumam dizer a seus escravos, quando mimados por sua bondade e paciência: “Eu te tornei mau e sou culpado por ofensas de tamanha enormidade”. Pois devemos atentar para o caráter e a força da frase e não argumentar de forma sofística, desconsiderando o significado da expressão.

Paulo, portanto, tendo examinado estes pontos claramente, disse ao pecador: *Desprezas as riquezas da sua bondade, paciência e longanimidade, desconhecendo que a bondade de Deus te convida ao arrependimento? Mas, pela tua obstinação e coração impenitente, vais acumulando ira contra ti, para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus*[380].

[379] Êxodo 8: 28 e 27.
[380] Romanos 2: 4 e 5.

Ora, se o que o Apóstolo diz ao pecador for dirigido ao faraó, então os anúncios feitos a ele serão entendidos como tendo sido feitos com peculiar adequação, como a alguém que, segundo a sua dureza e coração impenitente estava acumulando ira para ele mesmo, visto que a sua dureza não teria sido comprovada nem manifestada a menos que milagres tivessem sido realizados e milagres, aliás, daquela magnitude e importância.

O valor educativo do castigo

12.

Mas, visto que tais narrativas demoram a obter aceitação e são consideradas forçadas, vejamos também, pelas declarações proféticas, o que dizem aqueles que, embora tenham experimentado a grande bondade de Deus, não viveram virtuosamente, mas pecaram posteriormente.

Por que, ó Senhor, nos fizeste nos desviarmos dos Teus caminhos? Por que endureceste o nosso coração, para que não temamos o Teu nome? Volta para o nosso lar, por amor dos Teus servos, pelas tribos da Tua herança, para

que possamos herdar uma pequena porção do Teu santo monte[381].

E, em Jeremias: *Tu me enganaste, ó Senhor e eu fui enganado. Tu foste forte e prevaleceste*[382].

De fato, a frase: *Por que endureceste o nosso coração, para que não temamos o Teu nome?*, proferida por aqueles que imploram por misericórdia, é, em sua essência, a seguinte: "Por que nos poupaste por tanto tempo, não nos visitando por causa dos nossos pecados, mas nos abandonando, até que as nossas transgressões atingissem o ápice?"

Agora, Ele deixa a maior parte das pessoas impune, tanto para que os hábitos de cada um sejam examinados, na medida em que isto depende de nós mesmos, quanto para que a virtude possa se manifestar, em consequência do teste aplicado, enquanto os outros, não escapando à atenção de Deus — pois Ele conhece todas as coisas antes que existam —, mas da criação racional e de si mesmos, podem, posteriormente, obter os meios de cura, visto que não teriam conhecido o benefício se não tivessem se condenado.

[381] Isaías 63: 17.
[382] Jeremias 20: 7.

É vantajoso para cada um perceber sua própria natureza peculiar e a graça de Deus, pois aquele que não percebe sua própria fraqueza e o favor divino, embora receba um benefício, por não ter se provado e nem se condenado, imaginará que o benefício que lhe foi conferido pela graça do céu é mérito seu.

E essa imaginação, que também produz vaidade, será a causa da queda; o que, acreditamos, foi o caso do Diabo, que atribuiu a si mesmo a prioridade que possuía quando em estado de impecabilidade, *pois todo aquele que se exalta será humilhado e todo aquele que se humilha será exaltado*[383].

E observe que, por esta razão, as *coisas* divinas foram ocultadas dos *sábios e prudentes*[384], para que, como diz o Apóstolo, *nenhuma carne se glorifique na presença de Deus*[385] e elas foram reveladas *aos pequenos*[386], àqueles que, depois da infância, alcançaram coisas melhores e que se lembram de que não foi tanto por seu próprio esforço, mas

[383] Lucas 14: 11.
[384] Mateus 11: 25.
[385] 1 Coríntios 1: 29.
[386] Mateus 11: 25.

pela indizível bondade de Deus, que atingiram o mais alto grau de bem-aventurança.

O tratamento curativo da alma

13.

Não é sem razão então, que aquele que é abandonado é abandonado ao juízo divino e que Deus é paciente com certos pecadores, mas, porque será para o seu benefício, com respeito à imortalidade da alma e ao mundo eterno, que não sejam levados rapidamente a um estado de salvação, mas conduzidos a ela mais lentamente, depois de terem experimentado muitos males.

De fato, assim como os médicos, que são capazes de curar uma pessoa rapidamente, quando suspeitam que existe um veneno oculto no corpo, fazem o oposto da cura, tornando isto mais certo pelo seu próprio desejo de curar, considerando melhor manter o paciente sob inflamação e doença por um tempo considerável, para que ele possa recuperar sua saúde com mais certeza, do que parecer produzir uma recuperação rápida e depois causar uma recaída e assim, que a cura apressada dure apenas por um tempo, da mesma forma, Deus, que conhece os segredos do coração e

prevê os acontecimentos futuros em sua longanimidade, permite que certos eventos ocorram e, por meio das coisas que acontecem de fora, revela o mal secreto, a fim de purificar aquele que, por descuido, recebeu as sementes do pecado, para que, as tendo vomitado quando vierem à tona, embora possa ter estado profundamente envolvido em males, possa, posteriormente, obter a cura, após sua maldade e ser renovado, pois Deus não governa as almas com referência, digamos, aos cinquenta anos da vida presente, mas com referência a uma era ilimitada, pois Ele tornou, o princípio pensante, imortal em sua natureza e semelhante a Ele mesmo e a alma racional não está, nesta vida, como que excluída da cura.

O Grande Lavrador da humanidade

14.

Vamos então usar a seguinte imagem do Evangelho.

Há uma certa rocha, com uma pequena camada de terra superficial, sobre a qual, se as sementes caírem, elas bro-

tam rapidamente. Mas, uma vez brotadas, por não terem raiz, queimam e secam quando o sol nasce[387].

Ora, essa rocha é uma alma humana endurecida por causa de sua negligência e transformada em pedra por causa de sua maldade, pois ninguém recebe de Deus um coração criado de pedra, mas ele se torna assim em consequência da maldade.

Se alguém então criticasse o lavrador por não ter semeado suas sementes mais cedo no solo rochoso, quando viu outros terrenos rochosos que receberam sementes florescendo, o lavrador responderia: "Semearei este solo mais lentamente, lançando sementes que poderão se fixar, pois este método mais lento é melhor para o solo e mais seguro do que aquele que recebe a semente de maneira mais rápida e mais superficial".

A pessoa que critica daria seu assentimento ao lavrador, como alguém que fala com bom senso e age com habilidade. Assim também, o Grande Lavrador de toda a natureza adia aquele benefício que poderia ser considerado prematuro, para que não se revele superficial.

[387] Cf. Mateus 13: 4-8.

Mas é provável que aqui alguém possa nos objetar, com relação a isto: “Por que algumas sementes caem sobre a terra com solo superficial, sendo a alma, por assim dizer, uma rocha?”

Ora, devemos dizer, em resposta a isto, que foi melhor para essa alma, que desejou coisas melhores precipitadamente e não por um caminho que as conduzisse, obter seu desejo, para que, se condenando por isto, possa, depois de muito tempo, suportar receber o cultivo que é segundo a natureza, pois as almas são, como se pode dizer, inumeráveis e seus hábitos são inumeráveis, assim como seus movimentos, seus propósitos, seus ataques e seus esforços, dos quais há apenas um Administrador Admirável, que conhece tanto o tempo quanto os auxílios adequados, os caminhos e as vias, a saber, o Deus e Pai de todas as coisas, que sabe como conduz até mesmo o faraó por meio de eventos tão grandiosos e por meio de seu afogamento no mar.

Com este último acontecimento, Sua supervisão sobre o faraó não cessa, pois ele não foi aniquilado quando se afogou, pois, na mão de Deus, *estamos nós e as nossas pala-*

vras, toda a sabedoria e o conhecimento das nossas obras[388].

E esta é uma defesa moderada em relação à frase: *Mas endurecerei o seu coração*[389] e a esta: *Farei misericórdia a quem eu fizer misericórdia. Terei compaixão de quem eu tiver compaixão*[390].

É o ser humano que pede que Deus lhe retire o *coração de pedra*

15.

Vejamos também a declaração em Ezequiel, que diz: *Extrairei do seu corpo o coração de pedra, para substituí-lo por um coração de carne, a fim de que observem as minhas leis, guardem e pratiquem os meus mandamentos*[391].

De fato, se Deus , quando quer, remove os corações *de pedra* e implanta corações *de carne*, de modo que as suas *leis* sejam obedecidas e os seus *mandamentos* sejam praticados, não está em nosso poder remover a maldade, pois, remover os corações *de pedra* nada mais é do que remover

[388] Sabedoria 7: 16.
[389] Êxodo 4: 21, 7: 3 e 14: 4.
[390] Êxodo 33: 19 e Romanos 9: 15 e 18.
[391] Ezequiel 11: 19 e 20.

a maldade segundo a qual alguém se endurece, daquele de quem Deus quer removê-la e implantar *um coração de carne*, para que a pessoa ande nos preceitos de Deus e guarde os seus mandamentos.

O que isto é, senão se tornar um tanto submisso e não resistente à verdade e ser capaz de praticar virtudes?

E, se Deus promete fazer isto e se, antes que Ele remova os corações *de pedra*, não os deixarmos de lado, fica evidente que não depende de nós mesmos eliminar a maldade e se não somos nós que contribuímos para a formação de um coração carnal em nós, mas sim Deus, não será nosso próprio ato viver em conformidade com Ele, mas inteiramente o resultado da graça divina.

Tais serão as declarações daquele que, a partir das meras palavras das Escrituras, aniquila o livre-arbítrio. Mas, responderemos dizendo que devemos entender estas passagens assim: “Se uma pessoa, por exemplo, que por acaso fosse ignorante e sem instrução, percebesse seus próprios defeitos, seja em consequência de uma exortação de seu professor, seja de alguma outra forma, ela deveria espontaneamente se entregar àquele que considera capaz de introduzi-la na educação e na virtude e, ao se entregar, seu instrutor lhe prometerá lhe remover a ignorância e ele lhe im-

plantará a instrução. Não que ela não contribuísse em nada para sua própria formação e para evitar a ignorância. Mas o fato de ela se submeter à cura é porque o instrutor prometeu aprimorar aquele que desejasse aprimoramento".

Assim, da mesma forma, a Palavra de Deus promete remover a maldade, que ela chama de *coração de pedra*, daqueles que a ela se achegam. Não se estiverem contra a sua vontade, mas somente se se submeterem ao Médico dos enfermos, como no caso que encontramos, nos Evangelhos, dos enfermos indo ao Salvador, pedindo cura e sendo curados.

E, permitam-me dizer, a recuperação da visão pelos cegos, no que diz respeito ao seu pedido, é obra daqueles que creem ser capazes de serem curados. Mas, quanto à restauração da visão, é obra do nosso Salvador.

Assim então, a Palavra de Deus promete implantar conhecimento naqueles que dela se aproximam, removendo o coração endurecido e insensato, que é a maldade, para que possam obedecer aos mandamentos divinos e guardar as injunções divinas.

O propósito das parábolas para os *de fora*

16.

Depois disto, há a passagem do Evangelho onde o Salvador disse que, por esta razão, Ele falava *aos que são de fora* por *parábolas*: *Deste modo, eles olham sem ver, escutam sem compreender, sem que se convertam e lhes seja perdoado*[392].

Ora, nosso oponente dirá: "Se algumas pessoas certamente se convertem ao ouvirem palavras mais claras, de modo que se tornam dignas da remissão dos pecados e se não depende delas mesmas ouvirem essas palavras mais claras, mas daquele que ensina e este, por esta razão, não as anuncia mais distintamente, para que não vejam e entendam, então não está ao alcance delas serem salvas e, se assim for, não possuímos livre-arbítrio quanto à salvação e à destruição".

Eficaz seria, de fato, a resposta a tais argumentos, não fosse o acréscimo: *Sem que se convertam e lhes seja perdoado*. Ou seja, o Salvador não desejava que aqueles que não deveriam se tornassem bons e virtuosos para compreende-

[392] Marcos 4: 11 e 12.

rem as partes mais místicas de Seus ensinamentos e, por esta razão, lhes falava por parábolas. Mas agora, por causa das palavras: *Sem que se convertam e lhes seja perdoado*, a defesa se torna mais difícil.

Em primeiro lugar então, devemos observar a passagem em sua relação com os hereges, que buscam trechos do Antigo Testamento onde se manifesta, como eles próprios ousadamente afirmam, a crueldade do Criador do mundo em Seu propósito de vingar e punir os ímpios ou por qualquer outro nome que desejem designar tal qualidade, falando apenas para poderem dizer que a bondade não existe no Criador e que não tratam o Novo Testamento de maneira semelhante, nem com espírito de franqueza, mas passam por trechos similares aos que consideram censuráveis no Antigo Testamento, pois, manifestamente e de acordo com o Evangelho, o Salvador demonstra, como afirmam, por Suas palavras anteriores, não ter falado claramente por esta razão, para que as pessoas não se convertessem e, se convertendo, se tornassem merecedoras da remissão de seus pecados, cuja afirmação, propriamente, não é inferior às passagens do Antigo Testamento às quais se objetam.

E se eles buscam defender o Evangelho, devemos lhes perguntar se não estão agindo de maneira repreensível ao

lidarem de forma diferente com as mesmas questões e, embora não tropecem no Novo Testamento, mas busquem defendê-lo, lançam uma acusação contra o Antigo Testamento, em relação a pontos semelhantes, quando deveriam oferecer uma defesa da mesma forma para as passagens do Novo.

Portanto, os forçaremos, por causa das semelhanças, a considerar tudo como escritos de um só Deus. Venham então e vamos, da melhor maneira possível, fornecer uma resposta à questão que nos foi apresentada.

Os tempos de Deus para a salvação

17.

Afirmamos também, ao investigar o tema do faraó, que, por vezes, uma cura rápida não é vantajosa para os curados, se, após serem acometidos por doenças problemáticas, se livrarem facilmente daquelas que os enredaram, pois, desprezando o mal como algo de fácil cura e não se precavendo uma segunda vez para não recaírem nele, serão envolvidos nele novamente.

Portanto, no caso de tais pessoas, o Deus eterno, o Conhecedor dos segredos, que conhece todas as coisas antes

que elas existam, em conformidade com a Sua bondade, retarda o envio de auxílio mais rápido e, por assim dizer, ao ajudá-las, não as ajuda, sendo este último caminho vantajoso para elas.

É provável então que, aqueles *que são de fora*[393], de quem estamos falando, tendo sido previstos pelo Salvador, segundo nossa suposição, como não sendo prováveis firmes em sua conversão, caso ouvissem com mais clareza as palavras que foram proferidas, foram assim tratados pelo Salvador de modo a não ouvirem distintamente os ensinamentos mais profundos, para que, após uma conversão rápida e após serem curados pela obtenção da remissão de seus pecados, deveriam desprezar as feridas de sua maldade, por serem leves e fáceis de curar e recair rapidamente nelas.

E talvez também, sofrendo punição por suas transgressões anteriores contra a virtude, que cometeram quando a abandonaram, ainda não tivessem cumprido o tempo total, para que, abandonados pela supervisão divina e preenchidos em maior grau pelos próprios males que semearam, pudessem ser, posteriormente, chamados a um arrependimento mais firme, a fim de não se envolverem rapi-

[393] Marcos 4: 11.

damente novamente nos males em que estiveram envolvidos anteriormente, quando trataram com insolência as exigências da virtude e se dedicaram a coisas piores.

Aqueles então, que são ditos estarem *de fora* (manifestamente por comparação com os "de dentro"), não estando muito distantes dos "de dentro", enquanto estes "ouvem" claramente, eles próprios ouvem indistintamente, porque são interpelados por parábolas. Mas, mesmo assim, eles ouvem.

Outros ainda, daqueles *que são de fora*, chamados tírios[394], embora se soubesse que há muito tempo teriam se arrependido, se vestido de saco e cinzas, se o Salvador tivesse chegado perto de suas fronteiras, nem sequer ouvem as palavras que são ouvidas pelos *que são de fora*, sendo, como é provável, muito inferiores em mérito aos *de fora*, para que, em outro momento, depois de lhes ter sido mais tolerável do que aos que não receberam a palavra (entre os quais ele mencionou também os tírios), possam, ao ouvi-la,

[394] Cf. Mateus 11: 21 e 22. *Ai de ti, Corozaim! Ai de ti, Betsaida! Porque se tivessem sido feitos em Tiro e em Sidônia os milagres que foram feitos em vosso meio, há muito tempo elas se teriam arrependido sob o cilício e a cinza. Por isto vos digo: no dia do juízo, haverá menor rigor para Tiro e para Sidônia que para vós!*

em um tempo mais apropriado, obter um arrependimento mais duradouro.

Mas observe se, além do nosso desejo de investigar a verdade, não nos esforçamos, invés disto, para manter uma atitude de devoção em tudo o que diz respeito a Deus e ao Seu Cristo, visto que procuramos, por todos os meios, provar que, em assuntos tão grandes e tão peculiares no que diz respeito à variada Providência de Deus, Ele cuida da alma imortal.

Se, de fato, alguém se perguntasse a respeito das coisas que são contestadas, por que aqueles que viram maravilhas e ouviram palavras divinas não foram beneficiados, enquanto os tírios teriam se arrependido se tais feitos tivessem ocorrido e palavras divinas proclamadas entre eles e perguntasse e dissesse: “Por que o Salvador proclamou tais coisas a estas pessoas? Foi para seu próprio prejuízo, para que seu pecado lhes seja imputado como mais grave?”

Devemos dizer, em resposta a tal questionamento, que Aquele que compreende as disposições de todos aqueles que criticam Sua Providência — alegando que é por causa dela que não acreditaram, porque Ela não lhes permitiu ver o que possibilitou a outros contemplar e não providenciou para que ouvissem as palavras pelas quais outros, ao ouvi-

las, foram beneficiados — desejando provar que sua defesa não se fundamenta na razão, Ele concede as vantagens que aqueles que criticam Sua administração pediram, para que, depois de obtê-las, sejam, ainda assim, convencidos da maior impiedade por não terem se entregado a serem beneficiados e cessem de tal audácia e, tendo sido libertados a respeito deste ponto específico, aprendam que Deus, ocasionalmente, ao conceder benefícios a certas pessoas, demora e procrastina, não concedendo o favor de ver e ouvir aquelas coisas que, quando vistas e ouvidas, tornariam o pecado daqueles que não creram, após atos tão grandes e peculiares, mais pesado e mais grave.

Não depende daquele que quer, nem daquele que corre

18.

Vejamos agora a passagem: *A escolha não depende daquele que quer, nem daquele que corre, mas da misericórdia de Deus*[395].

De fato, aqueles que criticam dizem: "Se *não depende daquele que quer, nem daquele que corre, mas da miseri-*

[395] Romanos 9: 16.

córdia de Deus, a salvação não depende de nós mesmos, mas do plano daquele que nos formou como somos[396] ou do propósito daquele que usa de misericórdia quando lhe apraz”.

Ora, devemos fazer, a essas pessoas, as seguintes perguntas: Desejar o bem é virtuoso ou vicioso? E o desejo de correr para alcançar o objetivo na busca do bem é digno de louvor ou censura?

Se disserem que é digno de censura, darão uma resposta absurda, visto que os santos desejam e correm e manifestamente, ao agirem assim, não fazem nada de repreensível. Mas se disserem que é virtuoso desejar o bem e correr atrás do bem, perguntaremos a eles como uma natureza perecível deseja coisas melhores, pois seria como uma árvore má produzindo bons frutos, visto que é um ato virtuoso desejar coisas melhores.

Talvez eles deem uma terceira resposta: que desejar e correr atrás do que é bom é uma daquelas coisas indiferentes, nem boas e nem más.

Ora, a isto devemos dizer que, se desejar e correr atrás do que é bom é algo indiferente, então o oposto também é,

[396] Cf. Salmo 099: 003. *Sabei que o Senhor é Deus. Ele nos fez e não nós mesmos.*

ou seja, desejar o que é mau e correr atrás dele. Mas não é algo indiferente desejar o que é mau e correr atrás dele. Portanto, também, desejar o que é bom e correr atrás dele não é algo indiferente.

Tal então é a defesa que creio que podemos oferecer à afirmação de que *a escolha não depende daquele que quer, nem daquele que corre, mas da misericórdia de Deus.*

Se o Senhor não edificar a casa em vão trabalham os que a edificam

Salomão diz, no Livro dos Salmos, pois os Cânticos dos Degraus são dele, do qual citaremos as palavras: *Se o Senhor não edificar a casa em vão trabalham os que a edificam. Se o Senhor não guardar a cidade em vão vigia a sentinela*[397].

Ele não nos dissuade de construir, nem nos ensina a não vigiar para guardar a cidade em nossa alma, mas mostra que o que é construído sem Deus e não recebe Sua guarda é construído em vão e vigiado sem propósito, porque Deus poderia razoavelmente ser intitulado Senhor da cons-

[397] Salmo 126: 001.

trução, Governante de todas as coisas e o Soberano da guarda da cidade.

Assim, se disséssemos que tal construção não é obra do construtor, mas de Deus e que não foi devido ao esforço bem-sucedido do vigia, mas ao Deus que está acima de tudo, que tal cidade não sofreu danos de seus inimigos, não estaríamos errados, se entendendo que algo também foi feito por meios humanos, mas o benefício sendo atribuído, com gratidão, a Deus, que o tornou possível.

Assim, visto que o mero desejo humano não é suficiente para atingir o fim e que a corrida daqueles que são, por assim dizer, atletas, não lhes permite ganhar o prêmio do soberano chamado de Deus em Cristo Jesus, pois estas coisas se realizam com a ajuda de Deus, bem se diz que *a escolha não depende daquele que quer, nem daquele que corre, mas da misericórdia de Deus*.

Da mesma maneira, também deveríamos dizer o que está dito em relação à agricultura: *Eu plantei, Apolo regou, mas foi Deus quem fez crescer*. *Assim, nem o que planta é alguma coisa nem o que rega, mas só Deus, que faz crescer*[398]. Ora, não poderíamos afirmar piedosamente que a

[398] 1 Coríntios 3: 6 e 7.

produção de colheitas abundantes era obra do agricultor ou de quem regava, mas sim obra de Deus. Da mesma forma, nossa própria perfeição não é alcançada como se nada fizéssemos, pois não é completada por nós, mas Deus produz a maior parte dela.

E, para que esta afirmação seja mais claramente acreditada, tomaremos uma ilustração da arte da navegação, pois, em comparação com o efeito dos ventos, a suavidade do ar e a luz das estrelas, todos cooperando para a preservação da tripulação, que proporção poderia a arte da navegação ter para levar o navio ao porto?

Até mesmo os próprios marinheiros, por devoção, frequentemente não se atrevem a afirmar que salvaram o navio, mas atribuem tudo a Deus. Não como se nada tivessem feito, mas porque o que foi feito pela Providência foi infinitamente maior do que o que foi realizado pela arte deles.

E, no que diz respeito à nossa salvação, o que é feito por Deus é infinitamente maior do que o que fazemos por nós mesmos e por isto, creio eu, se diz que *não depende daquele que quer, nem daquele que corre, mas da misericórdia de Deus*. Pois, da maneira como eles imaginam, se tivermos de explicar a afirmação de que *não depende daquele que quer, nem daquele que corre, mas da misericór-*

dia de Deus, os mandamentos são supérfluos e foi em vão que o próprio Paulo repreendeu alguns por terem se desviado, aprovou outros por terem permanecido retos e estabeleceu leis para as Igrejas. É em vão também nos entregarmos ao desejo de coisas melhores e é em vão também tentarmos correr.

Mas não foi em vão que Paulo deu tais conselhos, censurando alguns e aprovando outros e nem é em vão que nos entregamos ao desejo de coisas melhores e à busca por aquilo que é preeminente. Consequentemente, eles não explicaram bem o significado da passagem.

É Deus quem realiza em vós o querer e o fazer

19.

Além disto, há a passagem: *É Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o fazer*[399].

Alguns afirmam que, *o querer e o fazer* são obra de Deus e se, quer queiramos o mal ou o façamos, esses movimentos nos vêm de Deus[400], então, se assim for, não possuímos livre-arbítrio. Mas, por outro lado, quando desejamos

[399] Filipenses 2: 13.
[400] Cf. 1 Coríntios 12: 6. *É Deus que opera tudo em todos*.

coisas melhores e fazemos coisas mais excelentes, visto que *o querer e o fazer* vêm de Deus, não somos nós que fizemos as coisas mais excelentes, mas apenas aparentamos realizá-las, enquanto que foi Deus quem as concedeu, de modo que, mesmo neste aspecto, não possuímos livre-arbítrio.

Ora, a isto temos que responder que a linguagem do Apóstolo não afirma que querer o mal é de Deus ou que querer o bem é dele e, similarmente, com relação a fazer o bem e o mal, mas que o querer de modo geral e o agir de modo geral vêm dele, pois, assim como recebemos de Deus a capacidade de sermos seres vivos e seres humanos, também recebemos a capacidade de querer em geral e, por assim dizer, a capacidade de nos movermos em geral.

E, assim como, possuindo a capacidade de vida e de movimento e de mover, por exemplo, estes membros, estas mãos ou estes pés, não poderíamos dizer corretamente que recebemos de Deus esta espécie de movimento, pela qual nos movemos para golpear, destruir ou tomar os bens de outrem, mas que recebemos d'Ele simplesmente o poder genérico do movimento, que empregamos para fins melhores ou piores, assim também, obtivemos de Deus o poder de agir em virtude de sermos seres vivos e o poder de querer do Criador, enquanto empregamos o poder da vontade, bem

como o da ação, para os objetivos mais nobres ou para o oposto.

Um vaso de uso nobre e outro de uso vulgar

20.

Ainda assim, a declaração do Apóstolo parecerá nos levar à conclusão de que não possuímos livre-arbítrio, na qual, objetando contra si mesmo ele diz: *Portanto, ele tem misericórdia de quem quer e endurece com quem quer. Dir-me-ás talvez: "Por que ele ainda se queixa? Quem pode resistir à sua vontade?" Mas quem és tu, ó homem, para contestar Deus? Porventura, o vaso de barro diz ao oleiro: "Por que me fizeste assim?" Ou o oleiro não tem poder sobre o barro para fazer, da mesma massa, um vaso de uso nobre e outro de uso vulgar?*[401]

De fato, dirão: "Se o *oleiro*, *da mesma massa*, faz alguns vasos para *uso nobre* e outros para *uso vulgar* e Deus forma, assim, algumas pessoas para a salvação e outras para a ruína, então a salvação ou a ruína não dependem de nós mesmos e nem possuímos livre-arbítrio".

[401] Romanos 9: 18-21.

Ora, devemos perguntar, a quem trata assim dessas passagens, se é possível conceber o Apóstolo como se estivesse se contradizendo. Presumo, porém, que ninguém se atreverá a dizer isto. Se então, o Apóstolo não profere contradições, como pode ele, segundo aquele que o entende dessa forma, razoavelmente encontrar falhas, censurando o indivíduo em Corinto, que havia cometido fornicação ou aqueles que haviam se desviado e não se arrependido da licenciosidade e impureza de que eram culpados?

E como pode ele abençoar aqueles que elogia por terem feito o bem, como faz com a casa de Onesíforo nestas palavras: *O Senhor conceda sua misericórdia à casa de Onesíforo, que muitas vezes me reconfortou e não se envergonhou das minhas cadeias! Pelo contrário, quando veio a Roma, me procurou com empenho e me encontrou. O Senhor lhe conceda a graça de obter misericórdia junto do Senhor naquele dia*[402]?

Não é coerente que o mesmo Apóstolo culpe o pecador como merecedor de censura e elogie aquele que havia feito o bem como merecedor de aprovação e, por outro lado, diga, como se nada dependesse de nós, que a causa estava no

[402] 2 Timóteo 1: 16 e 17.

Criador, por um *vaso* ter sido formado para *uso nobre* e o outro para *uso vulgar*.

E, como pode ser correta esta afirmação: *Teremos todos de comparecer diante do tribunal de Cristo. Ali cada um receberá o que mereceu, conforme o bem ou o mal que tiver feito enquanto estava no corpo*[403]? Visto que, aqueles que praticaram o mal chegaram a esse nível de perversidade porque foram criados *vasos de ira preparados para a perdição*[404], enquanto que, aqueles que viveram virtuosamente fizeram o bem porque foram criados, desde o princípio, *vasos de misericórdia, que, de antemão*, o Senhor *preparou para a glória*[405].

Novamente, como a afirmação feita em outro lugar não entra em conflito com a visão que essas pessoas extraem das palavras que citamos — que é culpa do Criador que um vaso esteja em honra e outro em desonra —, a saber, que, *numa grande casa não há somente utensílios de ouro e de prata, mas também de madeira e de barro. Aqueles, de fato, para honra; estes, por outro lado, para ignomínia. Quem, portanto, se purificar, será um utensílio nobre, san-*

[403] 2 Coríntios 5: 10.
[404] Romanos 9: 22.
[405] Romanos 9: 23.

tificado, útil ao seu possuidor, preparado para todo uso benéfico[406]?

De fato, se aquele que se purifica se torna um vaso *para honra* e aquele que se permite permanecer sem purificação se torna um vaso *para ignomínia*, então, no que diz respeito a estas palavras, o Criador não tem culpa alguma, pois o Criador faz vasos *para honra* e vasos *para ignomínia*, não desde o princípio segundo a Sua presciência, visto que Ele não condena nem justifica antecipadamente segundo ela, mas Ele transforma em vasos *para honra* aqueles que se purificaram e em vasos *para ignomínia* aqueles que se deixaram permanecer sem purificação, de modo que resulta de causas mais antigas que operaram na formação dos vasos *para honra* e *para ignomínia*, que um foi criado para a primeira condição e outro para a segunda.

Mas, se uma vez que admitimos que havia certas causas mais antigas em ação na formação de um vaso *para honra* e de um *para ignomínia*, que absurdo há em voltar ao assunto da alma e em supor que uma causa mais antiga para Jacó ser amado e para Esaú ser odiado[407] existisse em

[406] 2 Timóteo 2: 20 e 21.
[407] Malaquias 1: 2 e 3 e Romanos 9: 13. *Eu amava Jacó, mas Esaú, eu odiava*.

relação a Jacó antes de sua encarnação e em relação a Esaú antes de ser concebido no ventre de Rebeca?

Causas antecedentes dos destinos das almas

21.

Ao mesmo tempo, fica claramente demonstrado que, no que diz respeito à natureza subjacente, assim como existe um único pedaço de barro sob as mãos do oleiro, do qual são moldados vasos para *uso nobre* e para *uso vulgar*, assim também, a natureza única de cada alma está nas mãos de Deus e, por assim dizer, havendo apenas um único conjunto de seres racionais, certas causas de data mais antiga levaram à criação de alguns vasos para *uso nobre* e outros vasos para *uso vulgar*.

Mas, se a linguagem do Apóstolo transmite uma censura quando ele diz: *Mas quem és tu, ó homem, para contestar Deus?*, isto nos ensina que, aquele que tem confiança diante de Deus, é fiel e viveu virtuosamente não ouviria as palavras: *Quem és tu para contestar Deus?*

Uma pessoa como Moisés, por exemplo, já que *Moisés falava e Deus lhe respondia com uma voz*[408]. Assim como Deus *respondia* a Moisés, assim também Deus responde a um santo.

Mas aquele que não possui essa confiança manifestamente, seja porque a perdeu, seja porque não investiga essas questões a partir de uma perspectiva correta, por amor ao conhecimento, mas sim pelo desejo de encontrar falhas e quem, portanto, dissesse: *Por que ele ainda se queixa? Quem pode resistir à sua vontade?*[409] mereceria a linguagem da censura, que diz: *Mas quem és tu, ó homem, para contestar Deus?*[410]

Agora, àqueles que introduzem diferentes naturezas e que se valem da declaração do Apóstolo para apoiar seu ponto de vista, nossa resposta deve ser a seguinte: se eles sustentam que os que perecem e os que são salvos são formados de uma mesma massa e que o Criador dos salvos é também o Criador dos perdidos e se Ele é bom, pois cria não apenas naturezas espirituais, mas também terrenas, pois isso decorre de seu ponto de vista, é possível, no entan-

[408] Êxodo 19: 19.
[409] Romanos 9: 19.
[410] Romanos 9: 20.

to, que aquele que, em consequência de certos atos de justiça anteriores, se tornou um vaso de *uso nobre*, mas que não agiu, posteriormente, de maneira semelhante, nem praticou atos condizentes com um vaso de *uso nobre*, tenha sido convertido, em outro mundo, em um vaso de *uso vulgar*, assim como, por outro lado, é possível que aquele que, por causas mais antigas que a vida presente, seja aqui um vaso de *uso vulgar*, possa, após a reforma, se tornar, na nova criação, *um utensílio nobre, santificado, útil ao seu possuidor, preparado para todo uso benéfico*[411].

E talvez aqueles que agora são israelitas, por não terem vivido dignamente a sua descendência, sejam privados de sua posição, sendo transformados, por assim dizer, de vasos de *uso nobre* em vasos de *uso vulgar* e muitos dos atuais egípcios e idumeus que se aproximaram de Israel, quando tiverem frutificado em maior escala, entrarão na Igreja do Senhor, não sendo mais considerados egípcios e idumeus, mas se tornado israelitas, de modo que, segundo esta visão, é devido aos seus propósitos variados que alguns avançam de uma condição pior para uma melhor e outros caem de melhor para pior, enquanto outros, por sua vez,

[411] 2 Timóteo 2: 21.

são preservados em um caminho virtuoso ou ascendem do bem para o bem e outros, ao contrário, permanecem em um caminho do mal ou do mal se tornam piores, à medida que sua maldade se alastra.

A conciliação entre a vontade divina e a vontade humana

22.

Mas, visto que o Apóstolo, em certa passagem, não afirma que se tornar um vaso para *uso nobre* ou *uso vulgar* depende de Deus, mas atribui tudo a nós mesmos, dizendo: *Quem, portanto, se purificar, será um utensílio nobre, santificado, útil ao seu possuidor, preparado para todo uso benéfico* e, em outra passagem, nem sequer afirma que isto depende de nós mesmos, mas parece atribuir tudo a Deus, dizendo: *O oleiro tem poder sobre o barro para fazer, da mesma massa, um vaso de uso nobre e outro de uso vulgar*[412] e como suas declarações não são contraditórias, devemos conciliá-las e extrair uma declaração completa de ambas.

[412] Romanos 9: 18-21.

Nem o nosso próprio poder, à parte do conhecimento de Deus, nos obriga a progredir e nem o conhecimento de Deus o faz, a menos que nós mesmos também contribuamos com algo para o bom resultado. Nem o nosso próprio poder, à parte do conhecimento de Deus e do uso do poder que nos pertence dignamente, faz com que uma pessoa se torne um vaso para *uso nobre* ou *uso vulgar* e nem a vontade de Deus sozinha forma uma pessoa para *uso nobre* ou *uso vulgar*, a menos que Ele considere nossa vontade como algo que admite variação e que se inclina para uma conduta melhor ou pior.

E estas observações são suficientes sobre o tema do livre-arbítrio.

Capítulo 2. Sobre as potências oponentes.

O Diabo no Antigo Testamento

01.

Devemos agora observar, de acordo com as Escrituras, como os poderes opostos ou o próprio Diabo, contendem com o gênero humano, incitando e instigando as pessoas ao pecado.

Em primeiro lugar, no Livro do Gênesis, a serpente é descrita como tendo seduzido Eva. A respeito dela, na obra intitulada **A Ascensão de Moisés** (um pequeno tratado, mencionado pelo Apóstolo Judas em sua Epístola), o arcanjo Miguel, ao discutir com o Diabo a respeito do corpo de Moisés, diz que a serpente, inspirada pelo Diabo, foi a causa da transgressão de Adão e Eva.

Isto também é objeto de investigação por alguns, a saber, quem era *o anjo* que, falando *do céu* a Abraão, disse: *Agora eu sei que temes a Deus, pois não me recusaste teu próprio filho, teu filho único*[413], pois ele é claramente descrito como *um anjo* que disse que então soube que Abraão temia a Deus e não havia poupado seu filho amado, como declaram as Escrituras, embora não tenha dito que foi por causa de Deus que Abraão havia feito aquilo, mas por sua própria causa, ou seja, por causa daquele que disse: *não me recusaste teu próprio filho*.

Devemos também averiguar quem é aquele de quem se afirma no Livro do Êxodo que desejava matar Moisés porque este estava partindo para o Egito[414] e, posteriormen-

[413] Gênesis 22: 11 e 12.

[414] Cf. Êxodo 4: 24. *Estando Moisés a caminho, numa estalagem, o Senhor atacou Moisés, procurando matá-lo.*

te também, quem é aquele que é chamado de anjo destruidor, bem como aquele que, no Livro do Levítico, é chamado de *ἀποπομπαίῳ* (*apopompaío*), isto é, "o que afasta", sobre quem as Escrituras dizem: *Arão lançará sortes sobre os dois bodes : uma sorte para o Senhor e uma sorte para o Apopompaío*[415], isto é, "o que afasta".

No primeiro Livro de Samuel, também se diz que *Saul olhou Davi com maus olhos. No dia seguinte, se apoderou dele o mau espírito de Deus*[416] e, no primeiro Livro dos Reis, o Profeta Miquéias disse: *Eu vi o Senhor sentado no seu trono e todo o exército dos céus ao redor dele, à direita e à esquerda. O Senhor perguntou: "Quem seduzirá Acab, para que ele suba e pereça em Ramot de Galaad?" Um disse uma coisa e outro, outra. Então um espírito se adiantou e se apresentou diante do Senhor, dizendo: "Eu irei seduzi-lo". O Senhor perguntou: "De que modo?" Ele respondeu: "Irei e serei um espírito de mentira na boca de seus profetas". "É isto", replicou o Senhor. "Conseguirás seduzi-lo. Vai e faze como disseste". O Senhor pôs um espírito de*

[415] Levítico 16: 8.
[416] 1 Samuel 18: 09 e 10.

mentira na boca de todos os profetas aqui presentes, mas é a tua perda que o Senhor decretou[417].

Ora, por esta última citação, fica claro que *um* certo *espírito*, por sua própria vontade e escolha, decidiu enganar Acab e tramar uma mentira, para que o Senhor pudesse levar o rei à morte, pois ele merecia sofrer.

No primeiro Livro das Crônicas também está dito: *O Diabo, Satanás, se levantou contra Israel e incitou Davi a recensear o povo*[418].

Nos Salmos, além disto, se fala em *um esquadrão de anjos da desgraça*[419].

No Livro do Eclesiastes, Salomão também diz: *Se o espírito do governante se levantar contra você, não abandone o seu lugar, pois a retidão refreará muitas transgressões*[420].

No Livro do Profeta Zacarias, lemos: *O Senhor me mostrou Josué, o sumo sacerdote, em pé diante do anjo do Senhor e o Diabo estava à sua direita para se opor a ele*[421].

---

[417] 1 Reis 22: 19-23.
[418] 1 Crônicas 21: 1.
[419] Salmo 077: 042 e 049. *Esqueceram a obra de suas mãos, quando descarregou o ardor de sua ira, indignação, furor, tribulação, um esquadrão de anjos da desgraça*.
[420] Eclesiastes 10: 4.
[421] Zacarias 3: 1.

Isaías diz que *o Senhor ferirá, com sua espada pesada, grande e forte, Leviatã, o dragão fugaz, Leviatã, o dragão tortuoso e matará o monstro que está no mar*[422].

E o que direi de Ezequiel, que, em sua segunda visão, profetiza de forma inequívoca, a um tal *rei de Tiro*[423], a respeito de um poder opositor e a quem menciona que o dragão habita os rios do Egito?

Além disto, com o que mais se ocupa o conteúdo de toda a obra escrita a respeito de Jó, senão com as artimanhas do Diabo, que pede poder sobre tudo o que Jó possui, sobre seus filhos e até mesmo sobre a sua própria pessoa? E, no entanto, o Diabo é derrotado pela paciência de Jó. Neste livro, o Senhor, por meio de Suas respostas, transmitiu muitas informações a respeito do poder desse dragão que se opõe a nós.

Tais são, portanto, as declarações feitas no Antigo Testamento, até onde podemos recordar, sobre o tema de poderes hostis que são mencionados nas Escrituras ou que se diz que se opõem ao gênero humano e que, posteriormente, serão punidos.

---

[422] Isaías 27: 1.
[423] Ezequiel 28: 12-19.

O Diabo no Novo Testamento

Vejamos agora também o Novo Testamento, onde Satanás se aproxima do Salvador e o tenta. Nele também se afirma que espíritos malignos e demônios imundos, que haviam se apoderado de muitos, foram expulsos pelo Salvador dos corpos dos sofredores, que também são libertados por Ele.

Até mesmo Judas, quando o Diabo já havia lhe incutido o desejo de trair Cristo, posteriormente acolheu Satanás completamente em si, pois está escrito que, após o ato de engolir o pão, *Satanás entrou nele*[424].

E o Apóstolo Paulo nos ensina que não devemos ceder ao Diabo, mas sim vestirmos, *a armadura de Deus*, diz ele, para que possamos *resistir* às ciladas do Diabo, salientando que os santos não lutam *contra pessoas de carne e sangue, mas contra os Principados e Potestades, contra os príncipes deste mundo das trevas, contra as forças espirituais do mal espalhadas pelos ares*[425].

[424] João 13: 26 e 27.
[425] Efésios 6: 11 e 12.

Ele chega a dizer que o Salvador foi *crucificado* pelos príncipes *deste mundo*, que serão reduzidos a nada, pois a *sabedoria*[426] deles, diz ele, se reduz a nada.

Portanto, por tudo isto, as Sagradas Escrituras nos ensinam que existem certos inimigos invisíveis que lutam contra nós e contra os quais nos ordenam que nos armemos. Daí também a opinião dos mais simples entre os crentes no Senhor Cristo de que todos os pecados cometidos pelas pessoas são causados pelos esforços persistentes dessas forças opostas exercidas sobre a mente dos pecadores, porque, nessa luta invisível, essas forças se mostram superiores ao ser humano, pois, se, por exemplo, não houvesse o Diabo, nenhum ser humano se desviaria.

A parte da natureza e a parte do Diabo

02.

Nós, porém, que vemos a razão da coisa com mais clareza, não sustentamos esta opinião, levando em conta aqueles pecados que manifestamente se originam como consequência necessária de nossa constituição corpórea. Deve-

[426] 1 Coríntios 2: 8.

mos realmente supor que o Diabo é a causa de sentirmos fome ou sede?

Ninguém, creio eu, se atreverá a sustentar isto. Se então ele não é a causa de sentirmos fome e sede, onde reside a diferença quando cada indivíduo atinge a puberdade e esse período desperta os impulsos do calor natural?

Sem dúvida, se seguirá que, assim como o Diabo não é a causa de sentirmos fome e sede, também não é a causa daquele apetite que surge naturalmente na época da maturidade, ou seja, o desejo de relações sexuais. Ora, é certo que essa causa nem sempre é desencadeada pelo Diabo a ponto de sermos obrigados a supor que os corpos não possuiriam desejo por relações sexuais deste tipo se o Diabo não existisse.

Consideremos em seguida, se, como já mostramos, o alimento não é desejado pelos seres humanos por sugestão do Diabo, mas por uma espécie de instinto natural, se não houvesse o Diabo, seria possível à experiência humana demonstrar tal contenção no ato de comer que jamais se ultrapassariam os limites adequados, isto é, que ninguém comeria além do necessário ou mais do que a razão permitiria e assim resultaria que as pessoas, observando a devida medida e moderação na alimentação, jamais errariam.

Não creio, de fato, que as pessoas pudessem observar tamanha moderação, mesmo sem a instigação do Diabo, a ponto de nenhum indivíduo, ao comer, ultrapassar os limites e a contenção adequados, até que aprendesse a fazê-lo por meio do uso e da experiência.

Qual é então, a situação atual?

No que diz respeito à alimentação e à bebida era possível errarmos, mesmo sem qualquer instigação do Diabo, se fôssemos menos moderados ou menos cuidadosos do que deveríamos. E devemos supor então que, em nosso apetite por relações sexuais ou na contenção de nossos desejos naturais, nossa condição não seja algo semelhante?

Sou da opinião, aliás, de que o mesmo raciocínio deve ser aplicado a outros impulsos naturais, assim como aos de cobiça ou raiva ou tristeza ou todos aqueles vícios que, pelo vício da intemperança, ultrapassam os limites naturais da moderação.

As sementes do pecado e as oportunidades para os demônios

Há, portanto, razões manifestas para sustentar a opinião de que, assim como a vontade humana é, por ela só, fraca em realizar qualquer bem, pois é com a ajuda divina

que ela atinge a perfeição em tudo, também em coisas de natureza oposta, recebemos certos elementos iniciais e, por assim dizer, sementes de pecados, daquelas coisas que usamos de acordo com a natureza, mas, quando cedemos a elas além do que é apropriado e não resistimos aos primeiros impulsos à intemperança, então o poder hostil, se aproveitando da oportunidade dessa primeira transgressão, incita e nos pressiona de todas as maneiras, buscando estender nossos pecados a um campo mais amplo e nos fornecendo, seres humanos, oportunidades e princípios de pecados que esses poderes hostis espalham amplamente e, se possível, além de todos os limites.

Assim, quando as pessoas, a princípio, desejam pouco dinheiro, a cobiça começa a crescer à medida que a paixão aumenta e, finalmente, a queda na avareza ocorre. E, depois disto, quando a cegueira da mente sucede a paixão e os poderes hostis, por meio de suas sugestões, se precipitam sobre a mente, o dinheiro não é mais desejado, mas roubado e adquirido à força ou mesmo derramando sangue humano.

Finalmente, uma evidência confirmatória do fato de que vícios de tamanha enormidade procedem de demônios pode ser facilmente vista no fato de que aqueles indivíduos oprimidos por amor imoderado, raiva incontrolável ou tris-

teza excessiva não sofrem menos do que aqueles que são fisicamente atormentados por demônios, pois está registrado, em certas histórias, que alguns caíram na loucura por causa do amor, outros por causa da raiva, não poucos por causa da tristeza e até mesmo por causa da alegria excessiva, o que é resultado, creio eu, do fato de que esses poderes opostos, isto é, esses demônios, tendo conquistado um espaço em suas mentes que já lhes fora aberto pela intemperança, tomaram posse completa de sua natureza sensível, especialmente quando não há nenhum sentimento de glória da virtude para incitar à resistência.

As tentações e a Providência divina

03.

Que existem certos pecados, porém, que não procedem de forças opostas, mas têm origem nos impulsos naturais do corpo, é manifestamente declarado pelo Apóstolo Paulo na passagem: *As concupiscências da carne se opõem às do espírito e estas, às da carne, pois são contrárias umas às outras. É por isto que não fazeis o que quereríeis*[427].

[427] Gálatas 5: 17.

Se então, a *carne* luta contra o *espírito* e o *espírito* contra a carne, temos que lutar ocasionalmente contra *carne e sangue*, isto é, como pessoas que andam segundo a *carne* e não capazes de sermos tentados por forças maiores do que as tentações humanas, visto que é dito sobre nós: *Não vos sobreveio tentação alguma que ultrapassasse as forças humanas. Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças*[428].

De fato, assim como os presidentes dos jogos públicos não permitem que os competidores entrem nas listas indiscriminadamente ou por acaso, mas sim, após um exame cuidadoso, emparelhando, com a máxima imparcialidade, tanto em termos de tamanho quanto de idade este indivíduo com aquele, meninos com meninos, por exemplo, homens com homens, que sejam aparentados entre si em idade ou força, assim também, devemos entender o procedimento da Divina Providência, que organiza, segundo princípios imparciais, todos os que se lançam nas lutas desta vida humana, de acordo com a natureza do poder de cada indivíduo, conhecido somente por Aquele que contempla os corações humanos, de modo que um indivíduo luta contra

[428] 1 Coríntios 10: 13.

uma tentação da carne, outro contra uma segunda; um é exposto à sua influência por um determinado período de tempo e outro apenas por outro; um é tentado pela carne a esta ou aquela indulgência e outro a uma de natureza diferente; um tem de resistir a este ou aquele poder hostil e outro tem de combater dois ou três ao mesmo tempo; ou, num momento, a esta influência hostil e noutro, a outra; num determinado momento, tendo de resistir a um inimigo e noutro, a um diferente; sendo, após a prática de certos atos, exposto a um conjunto de inimigos e depois, a um segundo.

E observe se tal estado de coisas não é indicado pelas palavras do Apóstolo: *Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças*. Ou seja, cada um é tentado na proporção de sua força ou capacidade de resistência.

A tentação e a vitória

Ora, embora tenhamos dito que é pelo justo juízo de Deus que cada um é tentado segundo a medida de sua força, não devemos supor, portanto, que aquele que é tentado deva, a todo custo, sair vitorioso na luta, da mesma forma que aquele que luta em uma arena, embora emparelhado com seu adversário por um princípio justo de organização, não sairá necessariamente vitorioso.

Mas, a menos que as forças dos combatentes sejam iguais, o prêmio do vencedor não será justamente conquistado e nem a culpa recairá justamente sobre o vencido, porque Ele permite que sejamos tentados, mas não *além das vossas forças*, pois somos tentados na proporção de nossa força e não está escrito que, na tentação, Ele providenciará também um escape para que a suportemos, mas sim um escape para que sejamos capazes de suportá-la.

Mas depende de nós mesmos usar, com energia ou fraqueza, esse poder que Ele nos deu, pois não há dúvida de que, diante de toda tentação, tenhamos a capacidade de resistir, se empregarmos adequadamente a força que nos é concedida.

Mas não é a mesma coisa possuir o poder de vencer e ser vitorioso, como o próprio Apóstolo demonstrou com muita cautela, dizendo: *Com a tentação, ele vos dará os meios de suportá-la e sairdes dela*. *Os meios de suportá-la*, não a certeza *de suportá-la*, pois muitos não resistem à tentação, mas são vencidos por ela.

Ora, Deus não nos capacita para resistir à tentação, caso contrário, não haveria luta, mas nos dá *os meios de suportá-la*. Mas esse poder que nos é dado para nos capacitar a vencer pode ser usado, de acordo com nossa faculdade

de livre-arbítrio, tanto de maneira diligente e então provamos ser vitoriosos, quanto de maneira negligente e então somos derrotados, pois, se nos fosse dado um poder que nos obrigasse a ser vitoriosos a todo custo e jamais derrotados, que razão restaria para a luta naquele que não pode ser vencido? Ou que mérito há em uma vitória quando se perde o poder de resistir com sucesso?

Mas, se a possibilidade de conquistar for igualmente concedida a todos nós e se estiver em nosso poder usar essa possibilidade, seja com diligência ou preguiça, então os vencidos serão justamente censurados e o vencedor merecidamente louvado.

Ora, a partir destes pontos que discutimos, da melhor forma possível, fica, creio eu, evidente, que há certas transgressões que, de modo algum, cometemos sob a pressão de poderes malignos, enquanto que há outras, por sua vez, para as quais somos incitados, por instigação da parte deles, a excessos e indulgências imoderadas. Daí se segue que temos de indagar como esses poderes opostos produzem tais incitamentos em nós.

O conflito das sugestões diabólicas

04.

Com relação aos pensamentos que procedem do nosso coração ou à lembrança de coisas que fizemos ou à contemplação de quaisquer coisas ou causas, descobrimos que, às vezes, eles procedem de nós mesmos e, às vezes, são originados por forças opostas e, não raro, também são sugeridos por Deus ou pelos santos anjos.

Ora, tal afirmação pode parecer inacreditável, a menos que seja confirmada pelo testemunho das Sagradas Escrituras. Que então, os pensamentos surgem dentro de nós mesmos, Davi testemunha nos Salmos, dizendo: *O pensamento humano te confessará e o restante do pensamento te celebrará*[429].

Que isso, porém, também é provocado por forças opostas, é mostrado por Salomão no Livro do Eclesiastes e da seguinte maneira: *Se o espírito do governante se levantar contra ti, não abandones o teu lugar, porque a retidão refreia grandes transgressões*[430].

[429] Salmo 075: 011.
[430] Eclesiastes 10: 4.

O Apóstolo Paulo também testemunhará o mesmo ponto nas palavras: *Nós aniquilamos todo raciocínio e todo orgulho que se levanta contra o conhecimento de Deus e cativamos todo pensamento e o reduzimos à obediência a Cristo*[431].

Que se trata de um efeito devido a Deus, no entanto, é declarado por Davi, quando diz nos Salmos: *Bem-aventurado é aquele cuja ajuda vem de ti, Senhor. Ele preparou, em seu coração, os degraus para subir*[432].

E o Apóstolo diz que Deus colocou *no coração de Tito a mesma solicitude*[433] que havia no dele.

Que certos pensamentos são sugeridos aos corações humanos por bons ou maus anjos é demonstrado tanto pelo anjo que acompanhou Tobias, quanto pela linguagem do Profeta, onde ele diz: *E o anjo que falava em mim me disse*[434].

O **Livro do Bom Pastor** declara o mesmo, dizendo que cada indivíduo é acompanhado por dois anjos; que sempre que bons pensamentos surgem em nossos corações,

[431] 2 Coríntios 10: 5.
[432] Salmo 083: 006.
[433] 2 Coríntios 8: 16.
[434] Zacarias 1: 13 e 14.

são sugeridos pelo anjo bom, mas quando são contrários, são instigados pelo mau anjo[435].

O mesmo é declarado por Barnabé em sua Epístola, onde ele diz que há dois caminhos: um de luz e outro de trevas, sobre os quais afirma que certos anjos são colocados; os anjos de Deus sobre o caminho da luz e os anjos de Satanás sobre o caminho das trevas.

Não devemos, no entanto, imaginar que qualquer outro resultado decorra daquilo que é sugerido ao nosso coração, seja bom ou mau, a não ser uma mera perturbação mental e um incitamento que nos estimula ao bem ou ao mal, pois está ao nosso alcance, quando um poder maligno começa a nos incitar ao mal, rejeitar as sugestões perversas, resistir aos impulsos vis e não fazer nada que mereça censura. E, por outro lado, é possível, quando um poder divino nos chama para coisas melhores, não obedecer ao chamado. Em ambos os casos, se preserva a nossa liberdade de escolha.

De fato, dissemos nas páginas anteriores que certas lembranças de boas ou más ações nos foram sugeridas pela Providência Divina ou por poderes opostos, como se vê no

[435] Cf. *O Pastor de Hermas*, 6: 2.

Livro de Ester, quando Artaxerxes não se lembrava dos serviços prestados por Mardoqueu, o justo, mas, cansado de suas vigílias noturnas, teve a inspiração divina de pedir que lhe fossem lidos os anais de seus grandes feitos. Então, ao se lembrar dos benefícios recebidos de Mardoqueu, ordenou que seu inimigo Amã fosse enforcado, que lhe fossem concedidas esplêndidas honras e que toda a nação santa fosse poupada do perigo iminente.

Por outro lado, porém, devemos supor que foi pela influência hostil do Diabo que a sugestão foi introduzida nas mentes dos sumos sacerdotes e dos escribas, que a apresentaram a Pilatos, quando foram a ele e lhe disseram: *Senhor, lembramos que aquele enganador disse, enquanto ainda vivia: "Depois de três dias ressuscitarei"*[436].

O plano de Judas, também, a respeito da traição de nosso Senhor e Salvador, não se originou apenas da maldade de sua mente, pois as Escrituras testemunham que *o demônio já tinha lançado no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, o propósito de traí-lo*[437].

[436] Mateus 27: 63.
[437] João 13: 2.

E, portanto, Salomão ordenou corretamente, dizendo: *Acima de tudo, guarde o seu coração, pois dele procedem as fontes da vida*[438].

E o Apóstolo Paulo nos adverte: *É necessário prestarmos a maior atenção à mensagem que temos recebido, para não acontecer que nos desviemos do caminho reto*[439]. E quando ele diz: *Não deis espaço ao Diabo*[440], ele mostra, com esta ordem, que é por meio de certos atos ou de uma espécie de indolência mental, que se abre espaço para o Diabo, de modo que, se ele entrar em nosso coração, nos possuirá ou, no mínimo, contaminará a alma, se ele não obteve domínio completo sobre ela, lançando sobre nós seus *dardos inflamados*[441] e, por estes, às vezes, somos profundamente feridos e, outras vezes, apenas incendiados.

Raramente, de fato e apenas em alguns casos, esses dardos inflamados são apagados, de modo que não encontrem um lugar onde possam ferir, isto é, quando alguém está coberto pelo forte e poderoso *escudo da fé*[442].

---

[438] Provérbuos 4: 23.
[439] Hebreus 2: 1.
[440] Efésios 4: 27.
[441] Efésios 6: 16
[442] Efésios 6: 16.

A declaração, aliás, na Epístola aos Efésios: *Não é contra pessoas de carne e sangue que temos de lutar, mas contra os Principados e Potestades, contra os príncipes deste mundo das trevas, contra as forças espirituais do mal espalhadas pelos ares*[443], deve ser entendida como se ele quisesse dizer: "Eu, Paulo, vocês, efésios e todos os que não têm *de lutar contra pessoas de carne e sangue*".

De fato, estes têm de lutar *contra os Principados e Potestades, contra os príncipes deste mundo das trevas* e não como os coríntios, cuja luta ainda era *contra pessoas de carne e sangue* e que não haviam sido surpreendidos por nenhuma tentação senão aquelas comuns às pessoas.

O poder de Cristo para vencer

05.

Não devemos, porém, supor que cada indivíduo tenha que lutar contra todos esses adversários, pois é impossível, para qualquer pessoa, mesmo que fosse um santo, travar uma batalha contra todos eles ao mesmo tempo. Se isso de fato acontecesse, como certamente é impossível, a natureza

[443] Efésios 6: 12.

humana não poderia suportá-lo sem sofrer destruição completa.

Mas, assim como, por exemplo, se cinquenta soldados dissessem que estavam prestes a lutar contra outros cinquenta, não se entenderia que um deles teria que lutar contra os cinquenta, mas cada um diria corretamente que "a batalha era contra cinquenta", todos contra todos, assim também, se deve entender o significado do que disse o Apóstolo, que todos os atletas e soldados de Cristo têm que lutar e combater todos os adversários enumerados, a luta tendo, de fato, que ser travada contra todos, mas por indivíduos isolados, seja com poderes individuais, seja pelo menos da maneira que for determinada por Deus, que é o justo presidente da luta, pois sou da opinião de que há um certo limite para os poderes da natureza humana, embora possa haver um Paulo, de quem se diz: *Este homem é para mim um vaso de eleição*[444] ou um Pedro, *contra* quem *as portas do inferno não* prevalecem[445] ou um Moisés, o amigo de Deus.

[444] Atos 9: 15.
[445] Mateus 16: 18.

Contudo, nenhum deles poderia suportar, sem destruição própria, todo o ataque simultâneo desses poderes opostos, a menos que, de fato, operasse neles o poder d'Aquele que disse: *Coragem! Eu venci o mundo*[446].

Portanto, Paulo exclama com confiança: *Tudo posso naquele que me fortalece*[447] e ainda: *Trabalhei muito mais do que todos eles. Contudo, não eu, mas a graça de Deus que está comigo*[448].

Portanto, por causa desse poder, que certamente não é de origem humana, operando e falando nele, Paulo pôde dizer: *Estou convencido de que nem a morte, nem a vida, nem Anjos, nem Principados, nem Potestades, nem coisas presentes, nem coisas futuras, nem altura, nem profundidade, nem a força, nem qualquer outra criatura poderá nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor*[449].

De fato, não creio que a natureza humana, por ela só, possa sustentar uma contenda com anjos. Quando sente a presença do Senhor habitando nela, a confiança na ajuda

[446] João 16: 33.
[447] Filipenses 4: 13.
[448] 1 Coríntios 15: 10.
[449] Romanos 8: 38 e 39.

divina a levará a dizer: *O Senhor é a minha luz e a minha salvação. A quem temerei? O Senhor é a fortaleza da minha vida. De quem me recearei? Quando pessoas perversas se aproximaram de mim para comer a minha carne, meus perseguidores e meus inimigos perderam as forças e caíram. Mesmo que um exército estivesse acampado diante de mim, meu coração não temeria. Mesmo que a guerra se levantasse contra mim, minha esperança ainda estaria no Senhor*[450].

Disto infiro que uma pessoa talvez nunca fosse capaz, por ela só, de vencer um poder opositor, a menos que tivesse o benefício da assistência divina. Daí também se dizer que o anjo lutou com Jacó. Aqui, porém, entendo que o escritor quis dizer que não era a mesma coisa o anjo ter lutado com Jacó e ter lutado contra ele, mas o anjo que luta com ele é aquele que estava presente para garantir sua segurança, o qual, conhecendo também seu progresso moral, lhe deu ainda o nome de *Israel*[451]. Isto é, ele está "com" ele na luta e o auxilia na contenda, visto que havia, sem dúvida

[450] Salmo 026: 001-003.
[451] Gênesis 32: 28.

outro anjo “contra” quem ele contendia e “contra” quem tinha que travar uma contenda.

Finalmente, Paulo não disse que lutamos “com” príncipes ou “com” potestades, mas “contra” *Principados* e *Potestades*. E, portanto, embora Jacó tenha lutado, foi inquestionavelmente “contra” algum desses poderes que, declara Paulo, resistem e contendem com o gênero humano e, especialmente, com os santos.

Portanto e finalmente, a Escritura diz dele que *lutaste com Deus e com os homens e venceste*[452], de modo que a luta é sustentada pela ajuda do anjo, mas o prêmio do sucesso conduz o vencedor a Deus.

A permissão divina para as provações

06.

Nem devemos supor, de fato, que lutas desse tipo sejam travadas pelo exercício da força física e pelas artes da luta, mas espírito luta contra espírito, segundo a declaração de Paulo, que nossa luta é *contra Principados, Potestades e os príncipes deste mundo das trevas*.

[452] Gênesis 32: 28.

Além disto, o seguinte deve ser entendido como a natureza das lutas. Quando, por exemplo, perdas e perigos nos sobrevêm ou calúnias e falsas acusações são feitas contra nós, não sendo o objetivo dos poderes hostis que soframos apenas essas provações, mas que, por meio delas, sejamos levados a um excesso de raiva ou tristeza ou ao último grau de desespero ou, pelo menos, o que é um pecado maior ainda, sejamos forçados, quando fatigados e vencidos por quaisquer aborrecimentos, a fazer queixas contra Deus, como alguém que não administra a vida humana com justiça e equidade.

A consequência disto é que nossa fé pode ser enfraquecida, nossas esperanças frustradas ou podemos ser compelidos a desistir da veracidade de nossas opiniões ou sermos levados a nutrir sentimentos irreligiosos a respeito de Deus, pois algumas destas coisas estão escritas a respeito de Jó, depois que o Diabo pediu a Deus que lhe fosse dado poder sobre seus bens.

Com isto, também aprendemos que não é por ataques acidentais que somos atacados quando sofremos perdas materiais, nem que é por acaso que um de nós é feito prisioneiro ou quando as casas em que estão aqueles que nos são queridos caem em ruínas e eles são esmagados até a morte,

pois, com relação a todos esses acontecimentos, todo crente deveria dizer: *Não terias poder algum sobre mim, se de cima não te fora dado*[453].

Observe que a casa de Jó não caiu sobre seus filhos até que o Diabo primeiro tivesse recebido poder sobre eles, nem os cavaleiros teriam invadido em três grupos para levar seus camelos, seus bois e outros animais, a menos que tivessem sido instigados por aquele espírito ao qual se entregaram como servos de sua vontade. Nem aquele fogo, como parecia ser, ou raio, como foi considerado, teria caído sobre as ovelhas do patriarca, até que o Diabo dissesse a Deus: *Não cercaste como de uma muralha a sua pessoa, a sua casa e todos os seus bens? Abençoas tudo quanto ele faz e seus rebanhos cobrem toda a região. Mas estende a tua mão e toca em tudo o que ele possui. Juro-te que te amaldiçoará na tua face*[454].

[453] João 19: 11.
[454] Jó 1: 10 e 11.

Nada é operado diretamente por Deus e nada o é sem ele

07.

O resultado de todas as observações anteriores é mostrar que todos os acontecimentos no mundo que são considerados de natureza intermediária, sejam eles tristes ou não, não são causados por Deus, mas também não o são sem Ele, pois Ele não apenas não impede que os poderes ímpios e opositores que desejam provocar essas coisas alcancem seu propósito, mas até mesmo os permite, embora apenas em certas ocasiões e a certos indivíduos, como é dito a respeito do próprio Jó, que, por um certo tempo, foi subjugado pelo poder de outros e teve sua casa saqueada por pessoas injustas.

Portanto, as Sagradas Escrituras nos ensinam a receber tudo o que acontece como enviado por Deus, sabendo que, sem Ele, nenhum evento ocorre, pois, como podemos duvidar que tal seja o caso, ou seja, que nada acontece ao ser humano sem a vontade de Deus, quando nosso Senhor e Salvador declarou: *Não se vendem dois passarinhos por*

um asse? No entanto, nenhum cai por terra sem a vontade de vosso Pai[455].

Mas a necessidade do caso nos levou a uma longa digressão sobre o tema da luta travada pelas potências hostis contra os seres humanos e sobre os eventos mais tristes que acontecem à vida humana, isto é, suas tentações — segundo a declaração de Jó: *Não é toda a vida do ser humano sobre a terra uma provação?*[456] — para que a maneira como elas ocorrem e o espírito com que devemos encará-las fiquem claramente demonstrados.

Observemos agora como as pessoas caem no pecado do falso conhecimento ou com que objetivo as potências opositoras costumam instigar conflitos conosco a respeito de tais assuntos.

Capítulo 3. Sobre a sabedoria tríplice.

A sabedoria superior de Deus

01.

O santo Apóstolo, desejando nos ensinar alguma grande e oculta verdade a respeito da ciência e da sabedori-

[455] Mateus 10: 29.

a, diz, na primeira Epístola aos Coríntios: *O que pregamos entre os perfeitos é uma sabedoria. Não, porém, a sabedoria deste mundo, nem a sabedoria dos príncipes deste mundo, que se reduzem a nada. Mas falamos da sabedoria de Deus em mistério. Sim, da sabedoria oculta, que Deus preordenou antes dos séculos para nossa glória, a qual, nenhum dos príncipes deste mundo conheceu, porque, se a tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória*[457].

Nesta passagem, desejando descrever os diferentes tipos de sabedoria, ele aponta que existe uma *sabedoria deste mundo*, uma *sabedoria dos príncipes deste mundo* e outra *sabedoria de Deus*. Mas quando ele usa a frase *sabedoria dos príncipes deste mundo*, não creio que se refira a uma *sabedoria* comum a todos os *príncipes deste mundo*, mas sim, a uma peculiar a certos indivíduos entre eles.

E novamente, quando ele diz: *Mas falamos da sabedoria de Deus em mistério. Sim, da sabedoria oculta, que Deus preordenou antes dos séculos para nossa glória*, devemos indagar se o seu significado é que esta é a mesma

[456] Jó 7: 1.
[457] 1 Coríntios 2: 6-8.

sabedoria de Deus que esteve oculta em outros tempos e gerações e não foi revelada aos filhos dos homens, como agora foi revelada aos seus santos apóstolos e profetas e que era também a *sabedoria de Deus* antes da vinda do Salvador, por meio da qual Salomão obteve a sua sabedoria e em referência à qual a própria linguagem do Salvador declarou que o que Ele ensinou era maior do que Salomão, nestas palavras: *Eis que há mais do que Salomão aqui*[458], palavras que mostram que, aqueles que foram instruídos pelo Salvador, foram instruídos em algo superior ao conhecimento de Salomão, pois, se alguém afirmasse que o Salvador de fato possuía um conhecimento maior, mas não o comunicou a outros mais do que Salomão, como isto se conciliaria com a seguinte declaração: *No dia do juízo, a rainha do Sul se levantará contra esta raça e a condenará, porque veio das extremidades da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. Eis que há mais do que Salomão aqui*[459]?

Existe, portanto, uma *sabedoria deste mundo* e, provavelmente também, uma sabedoria própria de cada *príncipe deste mundo*. Mas, com respeito à *sabedoria de Deus*

[458] Mateus 12: 42.
[459] Mateus 12: 42.

somente, percebemos que isto indica que ela operava em menor grau nos tempos antigos e foi, posteriormente, mais plenamente revelada e manifestada por meio de Cristo.

Investigaremos, porém, a respeito da *sabedoria de Deus* no contexto apropriado.

A sabedoria do mundo

02.

Mas agora, visto que estamos tratando da maneira como os poderes opostos fomentam essas contendas, por meio das quais o falso conhecimento é introduzido nas mentes das pessoas e as almas humanas são desviadas, enquanto imaginam ter descoberto a sabedoria, considero necessário nomear e distinguir a *sabedoria deste mundo* e a dos *príncipes deste mundo*, para que, fazendo isto, possamos descobrir quem são os pais dessa sabedoria e, além disto, até mesmo desses tipos de sabedoria.

Sou da opinião, portanto, como já afirmei, de que existe outra sabedoria neste mundo, além daqueles diferentes tipos de sabedoria que pertencem aos *príncipes deste mundo*; sabedoria pela qual parecem ser entendidas e compreendidas as coisas que pertencem a este mundo.

Essa sabedoria, porém, não possui nela mesma nenhuma aptidão para formar qualquer opinião a respeito de coisas divinas, do plano de governo do mundo, de quaisquer outros assuntos importantes ou da preparação para uma boa ou feliz vida, mas é aquela que trata inteiramente da arte da poesia, por exemplo, ou da gramática ou da retórica ou da geometria ou da música, com as quais, talvez, a medicina também deva ser classificada.

Em todos estes assuntos, devemos supor que a *sabedoria deste mundo* esteja incluída. A *sabedoria dos príncipes deste mundo*, por outro lado, entendemos ser aquela que abrange segredos e ocultismo; a filosofia, como a chamam, dos egípcios e a astrologia dos caldeus e indianos, que professam o conhecimento de coisas elevadas e também a multiplicidade de opiniões que prevalece entre os gregos a respeito das coisas divinas.

Consequentemente, nas Sagradas Escrituras, encontramos que existem príncipes sobre nações específicas. Como em Daniel, onde lemos que havia um príncipe do reino da Pérsia e outro príncipe do reino da Grécia, que, pela na-

tureza da passagem, demonstram claramente não serem seres humanos, mas certos poderes[460].

Nas profecias de Ezequiel, também, o *príncipe de Tiro* é inequivocamente apresentado como uma espécie de poder espiritual[461].

Quando estes e outros do mesmo tipo, possuindo cada um a sua própria sabedoria e formando as suas próprias opiniões e sentimentos, viram o nosso Senhor e Salvador professando e declarando que viera ao mundo com o propósito de que todas as opiniões da ciência, falsamente assim chamadas, fossem destruídas, desconhecendo o que estava oculto dentro dele, imediatamente Lhe armaram uma cilada, pois, *os reis da terra se levantaram e os governantes se reuniram, contra o Senhor e o seu Cristo*[462].

Mas, tendo sido descobertas as suas armadilhas e os planos que haviam tentado executar se tornado manifestos quando crucificaram *o Senhor da glória*, o Apóstolo diz: *O que pregamos entre os perfeitos é uma sabedoria. Não, porém, a sabedoria deste mundo, nem a sabedoria dos príncipes deste mundo, que se reduzem a nada. Mas fala-*

[460] Cf. Daniel 10.
[461] Cf. Ezequiel 26.
[462] Salmo 002: 002.

mos da sabedoria de Deus em mistério. Sim, da sabedoria oculta, que Deus preordenou antes dos séculos para nossa glória, a qual, nenhum dos príncipes deste mundo conheceu, porque, se a tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória.

Os príncipes e as potestades espirituais deste mundo

03.

Devemos, de fato, procurar averiguar se a *sabedoria dos príncipes deste mundo*, com a qual eles se esforçam para imbuir as pessoas, é introduzida em suas mentes pelos poderes opostos com o propósito de enredá-los e prejudicá-los ou apenas com o propósito de enganá-los, ou seja, não com o objetivo de causar qualquer dano ao ser humano, mas, como esses *príncipes deste mundo* consideram tais opiniões verdadeiras, desejam transmitir aos outros o que eles próprios acreditam ser a verdade e esta é a visão que me inclino a adotar, pois, assim como, para dar um exemplo, certos autores gregos ou os líderes de alguma seita herética, depois de terem absorvido um erro doutrinário, invés da verdade e tendo chegado à conclusão, em suas próprias mentes, de que tal é a verdade, procedem em seguida,

a tentar persuadir os outros da correção de suas opiniões, assim, da mesma forma, devemos supor que seja o procedimento dos *príncipes deste mundo*, no qual, a certos poderes espirituais, foi atribuído o domínio sobre certas nações e que por isto são chamados de *príncipes deste mundo*.

Além desses *príncipes*, existem certas energias especiais deste mundo, isto é, poderes espirituais, que produzem certos efeitos que eles próprios, em virtude de seu livre-arbítrio, escolheram produzir e a esses pertencem os *príncipes* que praticam a *sabedoria deste mundo*; havendo, por exemplo, uma energia e um poder peculiares que inspiram a poesia; outro, a geometria e assim por diante; um poder separado para nos lembrar de cada uma das artes e profissões deste tipo.

Por fim, muitos escritores gregos opinaram que a arte da poesia não pode existir sem a loucura e daí também se relatam várias vezes em suas histórias que, aqueles a quem chamam de poetas, foram subitamente tomados por uma espécie de espírito de loucura.

E o que dizer também daqueles a quem chamam de adivinhos, dos quais, pela ação dos demônios que os dominam, são dadas respostas em versos cuidadosamente elaborados?

Essas pessoas também, a quem chamam de Magos ou Malévolos, frequentemente, invocando demônios sobre meninos de tenra idade, os fizeram repetir composições poéticas que eram a admiração e o espanto de todos.

Ora, devemos supor que esses efeitos são produzidos da seguinte maneira: assim como santas e imaculadas almas, depois de se dedicarem a Deus com toda afeição e pureza e depois de se manterem livres de toda contaminação de espíritos malignos e depois de serem purificadas por longa abstinência e imbuídas de treinamento santo e religioso, assumem, por este meio, uma porção da divindade e conquistam a graça da profecia e outros dons divinos, assim também, devemos supor que, aqueles que se colocam no caminho dos poderes opostos, isto é, que propositadamente admiram e adotam seu modo de vida e hábitos, recebem sua inspiração e se tornam participantes de sua sabedoria e doutrina. E o resultado disto é que eles são preenchidos pela ação desses espíritos a cujo serviço se submeteram.

Energias, sugestões e vontade livre

04.

Com relação àqueles que, de fato, ensinam a respeito de Cristo de maneira diferente do que as Escrituras permitem, não é tarefa fácil averiguar se foi por um propósito traiçoeiro que esses poderes opositores, em suas lutas para impedir a crença em Cristo, conceberam certas doutrinas fabulosas e ímpias ou se, ao ouvirem a palavra de Cristo e não sendo capazes de rejeitá-la do segredo de sua consciência, nem de retê-la pura e santa, introduziram, por meio de instrumentos convenientes a seu uso e, por assim dizer, por meio de seus profetas, vários erros contrários à regra da verdade cristã.

Ora, devemos supor, invés disto, que poderes apóstatas e refugiados, que se afastaram de Deus pela própria maldade de sua mente e vontade ou por inveja daqueles para quem está preparada, ao conhecerem a verdade, uma ascensão à mesma posição da qual eles próprios caíram, inventaram, a fim de impedir qualquer progresso dessa natureza, essas doutrinas, erros e ilusões de falsas doutrinas.

Fica então claramente estabelecido, por muitas provas, que, enquanto a alma humana existe neste corpo, ela

pode admitir diferentes energias, isto é, operações, de uma diversidade de espíritos bons e maus.

Ora, dos espíritos malignos há um modo duplo de operação. Ou seja, quando eles tomam posse completa e total da mente, de modo a não permitir que seus cativos tenham nem o poder de entender nem de sentir, como, por exemplo, é o caso daqueles comumente chamados de possuídos, que vemos serem privados da razão e insanos, como aqueles que, segundo o Evangelho, foram curados pelo Salvador ou quando, por suas sugestões malignas, depravam uma alma senciente e inteligente com pensamentos de vários tipos, a persuadindo ao mal, do qual Judas é uma ilustração, que foi induzido pela sugestão do Diabo a cometer o crime de traição, segundo a declaração das Escrituras, que *o demônio já tinha lançado no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, o propósito de traí-lo*[463].

Mas uma pessoa recebe a energia, isto é, a atuação de um bom espírito, quando é movido e incitado ao bem e inspirado pelas coisas celestiais ou divinas, como os santos anjos e o próprio Deus atuaram nos Profetas, os despertando e os exortando com suas santas sugestões a uma vida

[463] João 13: 2.

melhor, embora permanecesse, à vontade e ao discernimento do indivíduo, estar disposto ou não a seguir o chamado às coisas divinas e celestiais.

E, desta distinção manifesta, se vê como a alma é movida pela presença de um espírito melhor, isto é, se não encontra qualquer perturbação ou alienação mental diante da inspiração iminente, nem perde o livre controle de sua vontade. Como, por exemplo, é o caso de todos, sejam profetas ou apóstolos, que serviram às respostas divinas sem qualquer perturbação mental.

Ora, que, pelas sugestões de um bom espírito, a memória da pessoa é despertada para a recordação de coisas melhores, já demonstramos em exemplos anteriores, quando mencionamos os casos de Mardoqueu e Artaxerxes.

Causas antecedentes ao nascimento da alma no corpo

05.

Penso que também isto deve ser investigado a seguir, ou seja, quais são as razões pelas quais uma alma humana é influenciada, em um momento, por espíritos bons e em outro, por espíritos maus, cujas razões, suspeito, são mais antigas que o nascimento físico do indivíduo, como João Ba-

tista demonstrou ao saltar e exultar no ventre de sua mãe, quando a voz da saudação de Maria chegou aos ouvidos de sua mãe Isabel[464] e, como o Profeta Jeremias declara, que era conhecido por Deus antes de ser formado no ventre de sua mãe e antes de nascer foi santificado por Ele e ainda menino recebeu a graça da profecia[465].

E, por outro lado, está demonstrado, sem dúvida, que alguns foram possuídos por espíritos hostis desde o início de suas vidas. Isto é, alguns nasceram com um espírito maligno e outros, segundo relatos históricos confiáveis, praticaram a adivinhação desde a infância. Outros estiveram sob a influência do demônio chamado Píton, isto é, o espírito ventríloquo, desde o início de suas existências.

A todos esses casos, aqueles que sustentam que tudo no mundo está sob a administração da Divina Providência, como também é nossa crença, não podem, a meu ver, dar outra resposta, de modo a demonstrar que nenhuma sombra de injustiça paira sobre o governo divino, senão sustentando que houve certas causas da existência anterior, em consequência das quais, as almas, antes de seu nascimento

[464] Cf. Lucas 1: 41.
[465] Cf. Jeremias 1: 5 e 6.

no corpo, contraíram uma certa dose de culpa em sua natureza sensível ou em seus movimentos, razão pela qual foram julgadas dignas pela Divina Providência de serem colocadas nesta condição, pois uma alma sempre possui livre-arbítrio, tanto quando está no corpo quanto quando está fora dele e a liberdade de vontade está sempre direcionada para o bem ou para o mal.

Nem pode qualquer ser racional e senciente, isto é, uma mente ou alma, existir sem algum movimento, seja bom ou mau. E é provável que esses movimentos forneçam fundamentos para o mérito mesmo antes de realizarem qualquer coisa neste mundo, de modo que, em virtude desses méritos ou razões, eles são, imediatamente após o nascimento e até mesmo antes dele, por assim dizer, selecionados pela Providência Divina para a perseverança tanto no bem quanto no mal.

Que essas sejam então nossas opiniões a respeito dos eventos que parecem ocorrer às pessoas, seja imediatamente após o nascimento, seja mesmo antes de virem à luz.

Mas, quanto às sugestões que são feitas à alma, isto é, à faculdade do pensamento humano, por diferentes espíritos e que incitam as pessoas a boas ações ou ao contrário, mesmo neste caso devemos supor que, por vezes, existiram

certas causas anteriores ao nascimento corpóreo, pois, ocasionalmente, a mente, quando vigilante e rejeitando o mal, recorre ao bem ou se, ao contrário, é negligente e preguiçosa, abre espaço, por falta de cautela, para esses espíritos que, à espreita secretamente como ladrões, conseguem se infiltrar na mente das pessoas quando veem uma brecha criada pela preguiça, é como disse o Apóstolo Pedro: *Vosso adversário, o Diabo, anda ao redor de vós como o leão que ruge, buscando a quem devorar*[466].

Por esta razão, nosso coração deve ser guardado com todo cuidado, tanto de dia quanto de noite e nenhum espaço deve ser dado ao Diabo. Mas todo esforço deve ser feito para que os ministros de Deus — isto é, aqueles espíritos que foram enviados para ministrar àqueles que são chamados a serem herdeiros da salvação[467] — encontrem um lugar dentro de nós e se deleitem em entrar na câmara de nossa alma e, habitando em nós, nos guiem com seus conselhos,

[466] 1 Pedro 5: 8. Cf. Lucas 11: 24-26. *Quando um espírito imundo sai da pessoa, ele anda por lugares áridos, buscando repouso. Não o achando, diz: "Voltarei à minha casa, donde saí". Chegando, acha-a varrida e adornada. Vai então e toma consigo outros sete espíritos piores do que ele e entram e se estabelecem ali. E a última condição dessa pessoa vem a ser pior do que a primeira.*

[467] Cf. Hebreus 1: 14. *Não são, todos os anjos, espíritos ao serviço de Deus, que lhes confia missões para o bem daqueles que devem herdar a salvação?*

se, de fato, encontrarem a morada de nosso coração adornada pela prática da virtude e da santidade.

Mas que seja suficiente o que dissemos, da melhor maneira possível, a respeito desses poderes que são hostis ao gênero humano.

Capítulo 4. Sobre as tentações humanas.

Teorias sobre a natureza da alma

01.

E agora, o tema das tentações humanas não deve, em minha opinião, ser deixado de lado, pois elas têm sua origem, às vezes, na carne e no sangue ou na sabedoria da carne e do sangue, que se diz ser hostil a Deus.

E se a afirmação que alguns alegam é verdadeira, ou seja, que cada indivíduo tem como que duas almas, determinaremos depois de explicarmos a natureza daquelas tentações que se diz serem mais poderosas do que qualquer outra de origem humana, isto é, aquelas que sofremos por parte dos *Principados e Potestades, os príncipes deste mundo das trevas, as forças espirituais do mal espalhadas*

pelos ares[468] ou aquelas às quais somos submetidos por espíritos malignos e demônios imundos.

Ora, na investigação deste assunto, devemos, creio eu, indagar, segundo um método lógico, se existe em nós, seres humanos, compostos de corpo, alma e espírito vital, algum outro elemento que possua um estímulo próprio e que provoque um impulso em direção ao mal, pois, uma questão deste tipo costuma ser discutida por alguns desta maneira: se, por exemplo, como se diz, duas almas coexistem dentro de nós, uma mais divina e celestial e a outra inferior ou se, pelo próprio fato de habitarmos estruturas corporais que, segundo sua própria natureza, são mortas e totalmente desprovidas de vida (visto que é de nós, isto é, de nossas almas, que o corpo material deriva sua vida, sendo este contrário e hostil ao espírito), somos atraídos e seduzidos à prática dos males que são agradáveis ao corpo ou se, em terceiro lugar, (que era a opinião de alguns filósofos gregos), embora nossa alma seja una em substância, ela consiste de vários elementos e uma parte dela é chamada racional e outra irracional e aquela que é denominada irracional é ainda separada em duas afeições: a cobiça e a paixão.

[468] Efésios 6: 11 e 12.

Estas três opiniões a respeito da alma que mencionamos acima, encontramos sendo sustentadas por alguns, mas aquela que mencionamos como sendo adotada por certos filósofos gregos, a saber, segundo a ideia de que a alma é tripartida, não é amplamente confirmada pela autoridade das Sagradas Escrituras, enquanto que, em relação às duas partes restantes, se encontra um número considerável de passagens nas Sagradas Escrituras que parecem ser aplicáveis a elas.

A teoria das duas almas: uma celeste e outra terrena

02.

Agora, dentre estas opiniões, vamos discutir primeiro aquela defendida por alguns: que existe em nós uma alma boa e celestial e outra terrena e inferior e que a alma superior é implantada em nós vinda do céu, como aquela que, enquanto Jacó ainda estava no ventre materno, lhe deu o prêmio da vitória ao suplantar seu irmão Esaú e que, no caso de Jeremias, foi santificada desde o nascimento e no de João Batista, foi cheia do Espírito Santo desde o ventre.

Ora, aquilo que eles chamam de alma inferior é produzido, alegam, juntamente com o próprio corpo, a partir da

semente do corpo, razão pela qual dizem que não pode viver ou subsistir além do corpo, razão pela qual também dizem que é frequentemente chamada de carne, pois a frase: *As concupiscências da carne se opõem às do espírito*[469], eles não consideram aplicável à carne, mas a essa alma, que é propriamente a alma da carne.

Além disto, a partir destas palavras, eles se esforçam, apesar de tudo, para fazer cumprir a declaração de Levítico: *A alma de toda carne é o seu sangue, que é sua alma*[470]. Pois, partindo do princípio de que é a difusão do sangue por toda a carne que produz vida na carne, eles afirmam que essa alma, que se diz ser a vida de toda a carne, está contida no sangue.

Além disto, a afirmação de que a carne luta contra o espírito e o espírito contra a carne e a afirmação subsequente de que *a alma de toda carne é o seu sangue*, segundo esses autores, é simplesmente chamar a sabedoria da carne por outro nome, porque ela é uma espécie de espírito material que não está sujeito à lei de Deus, nem pode estar, porque tem desejos terrenos e anseios corporais.

[469] Gálatas 5: 17.
[470] Levítico 17: 14.

E é a respeito disto que eles pensam que o Apóstolo proferiu as palavras: *Sinto nos meus membros outra lei, que luta contra a lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros*[471].

E se alguém objetasse que estas palavras se referiam à natureza do corpo, que, de fato, de acordo com a peculiaridade de sua natureza, está morto, mas se diz que possui sensibilidade ou sabedoria que é hostil a Deus ou que luta contra o espírito ou se alguém dissesse que, em certo grau, a própria carne possuía uma voz que clamava contra a resistência à fome, à sede, ao frio ou a qualquer desconforto decorrente da abundância ou da pobreza, eles se esforçariam para enfraquecer e prejudicar a força de tais argumentos, mostrando que havia muitas outras perturbações mentais que não derivavam sua origem, de forma alguma, da carne e, ainda assim, o espírito lutava contra elas, como a ambição, a avareza, a rivalidade, a inveja, o orgulho e outras semelhantes e, vendo que a mente ou o espírito humano trava uma espécie de contenda com estas, eles atribuíam como causa de todos estes males nada mais do que essa alma corpórea, por assim dizer, da qual falamos acima e que é gera-

[471] Romanos 7: 23.

da a partir da semente, por um processo chamado traducianismo.

Eles também costumam citar, em apoio à sua afirmação, a declaração do Apóstolo: *Ora, as obras da carne são manifestas: fornicação, impureza, luxúria, idolatria, feitiçaria, inimizades, brigas, competição, ódio, rixa, discórdias, sectarismo, invejas, embriaguez, orgias e outras coisas semelhantes*[472], afirmando que todas estas coisas não derivam sua origem dos hábitos ou prazeres da carne, de modo que, todos estes movimentos devem ser considerados inerentes àquela substância que não tem alma, isto é, a carne.

A declaração, além disto: *Vede, irmãos, o vosso grupo de chamados. Não há entre vós muitos sábios, segundo a carne*[473], parece exigir ser entendida como se houvesse um tipo de sabedoria carnal e material e outro segundo o espírito, sendo que o primeiro não pode, de fato, ser chamado de sabedoria, a menos que haja uma alma carnal, que seja sábia em relação ao que se chama sabedoria carnal.

[472] Gálatas 5: 19-21.
[473] 1 Coríntios 1: 26.

E, além destas passagens, eles apresentam o seguinte: *As concupiscências da carne se opõem às do espírito e estas, às da carne, pois são contrárias umas às outras. É por isto que não fazeis o que quereríeis*[474].

O que são estas coisas a respeito das quais ele fala: *É por isto que não fazeis o que quereríeis*?

É certo, respondem eles, que não se trata do espírito, pois a vontade do espírito não sofre nenhum impedimento. Mas também não se trata da carne, porque, se ela não tem alma própria, certamente não pode possuir vontade.

Resta então que se trate da vontade desta alma que é capaz de ter vontade própria e que certamente se opõe à vontade do espírito. E, se este for o caso, fica estabelecido que a vontade da alma é algo intermediário entre a carne e o espírito, obedecendo e servindo, sem dúvida, àquele que escolheu obedecer. E se ela se entrega aos prazeres da carne, torna as pessoas carnais, mas quando se une ao espírito, produz pessoas de espírito, que por isto são chamadas "espirituais". E este parece ser o significado das palavras do

[474] Gálatas 5: 17.

Apóstolo: *Vós, porém, não estais mais na carne, mas no espírito*[475].

Temos, portanto, que averiguar o que é essa vontade intermediária entre a carne e o espírito, além daquela vontade que se diz pertencer à carne ou ao espírito, pois é considerado certo que tudo o que se diz ser obra do espírito é produto da vontade do espírito e tudo o que se chama obra da carne procede da vontade da carne.

O que mais então, além disto, é a vontade da alma que recebe um nome próprio e cuja vontade, o Apóstolo, se opondo à nossa execução, diz: *É por isto que não fazeis o que quereríeis*?

Com isto, parece estar implícito que ela não deve se apegar a nenhuma destas duas, isto é, nem à carne nem ao espírito. Mas, alguém dirá que, assim como é melhor para a alma executar a sua própria vontade do que a da carne, também, por outro lado, é melhor fazer a vontade do espírito do que a sua própria.

Como então, o Apóstolo diz: *É por isto que não fazeis o que quereríeis*?

[475] Romanos 8: 9.

Porque, nessa contenda que se trava entre a carne e o espírito, o espírito não tem, de forma alguma, certeza da vitória, sendo evidente que, em muitos indivíduos, a carne exerce domínio.

O perigo da tibieza

03.

Mas, visto que o assunto em discussão que abordamos é de grande profundidade e que é necessário considerá-lo em todos os seus aspectos, vejamos se não podemos determinar algo como isto: que, assim como é melhor para a alma seguir o espírito quando este vence a carne, também, se parecer pior para a primeira seguir a carne em suas lutas contra o espírito, quando este a reconduziria à sua influência, pode, no entanto, parecer mais vantajoso para a alma estar sob o domínio da carne do que permanecer sob o poder de sua própria vontade, pois, como se diz que ela não é nem quente nem fria, mas permanece numa espécie de estado tépido, encontrará, na conversão, uma tarefa lenta e um tanto difícil[476].

[476] Cf. Apocalipse 3: 15 e 16. *Conheço as tuas obras: não és nem frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente! Mas, como és morno, nem frio nem quente, vou te vomitar*.

Se, de fato, se apega à carne então, saciada enfim e repleta dos mesmos males que sofre pelos vícios da carne e como que cansada pelos pesados fardos do luxo e da luxúria, pode, por vezes, se converter, com maior facilidade e rapidez, da impureza da matéria ao desejo pelas coisas celestiais e ao gosto pelas graças espirituais.

E se deve supor que o Apóstolo tenha dito que: *As concupiscências da carne se opõem às do espírito e estas, às da carne, pois são contrárias umas às outras. É por isto que não fazeis o que quereríeis* (aquelas coisas, sem dúvida, que são designadas como estando além da vontade do espírito e da vontade da carne), significando (como se fôssemos expressar em outras palavras) que é melhor para o ser humano estar em um estado de virtude ou em um de maldade do que em nenhum dos dois, mas que a alma, antes de sua conversão ao espírito e sua união com ele, durante sua adesão ao corpo e sua meditação nas coisas carnais, não se encontra em uma condição boa nem manifestamente ruim, mas se assemelha, por assim dizer, a um animal.

É melhor, porém, que ela, se possível, seja espiritualizada pela adesão ao espírito, mas, se isto não for possível, é mais conveniente que ela siga até mesmo a maldade da car-

ne do que, sob a influência de sua própria vontade, manter a posição de um animal irracional.

Discutimos agora estes pontos, na nossa vontade de considerar cada opinião individual, com mais detalhes do que pretendíamos, para que não nos escapassem as opiniões geralmente apresentadas por aqueles que indagam se existe em nós alguma outra alma além desta celestial e racional que se opõe naturalmente a esta última e é chamada de carne ou sabedoria da carne ou alma da carne.

As concupiscências da carne e seu significado

04.

Vejamos agora qual a resposta geralmente dada a estas afirmações por aqueles que sustentam que existe em nós um único movimento e uma única vida, procedentes de uma mesma alma, cuja salvação e destruição são atribuídas a ela como resultado de suas próprias ações.

E, em primeiro lugar, observemos a natureza dessas comoções da alma que sofremos quando nos sentimos interiormente atraídos em diferentes direções; quando surge uma espécie de conflito de pensamentos em nossos corações e certas probabilidades nos são sugeridas, às quais nos

inclinamos, ora para um lado, ora para aquele outro e pelas quais somos, às vezes, convencidos do erro e, às vezes, aprovamos nossos atos.

Não é nada de extraordinário, porém, dizer, dos espíritos malignos, que eles têm um juízo variável e conflitante e em desarmonia com eles mesmos, visto que isto ocorre em todas as pessoas, sempre que, ao deliberarem sobre um evento incerto, se consultam, consideram e ponderam sobre qual deve ser escolhido como o melhor e mais útil caminho.

Não é surpreendente, portanto, que, se duas probabilidades se encontrarem e sugerirem pontos de vista opostos, elas conduzam a mente em direções contrárias. Por exemplo, se uma pessoa for levada, pela reflexão, a crer e temer a Deus, isto não significa que a carne contenda contra o espírito. Mas, em meio à incerteza do que pode ser verdadeiro e vantajoso, a mente é atraída para direções opostas.

Assim também, quando se supõe que a carne incita à indulgência da luxúria, mas os melhores conselhos se opõem a essas tentações, não devemos supor que seja uma vida resistindo à outra, mas sim a tendência da natureza do corpo, que anseia por esvaziar e purificar os locais repletos de umidade seminal.

Da mesma forma, não se deve supor que seja algum poder oposto ou a vida de outra alma que nos estimula a sede e nos impele a beber ou que nos faz sentir fome e nos leva a saciá-la. Mas, assim como é pelos impulsos naturais do corpo que o alimento e a bebida são desejados ou rejeitados, também o sêmen natural, acumulado ao longo do tempo nos diversos recipientes, anseia por ser expelido e descartado e está longe de ser jamais removido, a não ser pelo impulso de algum estímulo e que, às vezes, é até emitido espontaneamente.

Quando, portanto, se diz que "a carne luta contra o espírito", essas pessoas entendem a expressão como significando que o hábito ou a necessidade ou os prazeres da carne despertam a pessoa e a afastam das coisas divinas e espirituais, pois, devido à necessidade do corpo de ser satisfeita, não nos é permitido ter tempo livre para as coisas divinas, que são eternamente vantajosas.

Assim também, se diz que a alma, se dedicando às atividades divinas e espirituais e unida ao espírito, luta contra a carne, não permitindo que ela se acomode pela indulgência e se torne instável pela influência dos prazeres pelos quais sente um deleite natural.

Desta forma também, afirmam entender as palavras: *A mentalidade da carne é inimiga de Deus*[477], não que a carne realmente tenha uma alma ou uma sabedoria própria. Mas, como costumamos dizer, por abuso de linguagem, que a terra tem sede e deseja beber água, este uso do termo *concupiscências* não é apropriado, mas sim, é uma catacrese. É como se disséssemos que esta casa deseja ser reconstruída e muitas outras expressões semelhantes.

Assim também se entende a "sabedoria da carne" ou a expressão: *As concupiscências da carne se opõem às do espírito*. Geralmente, associam a isto a expressão: *A voz do sangue do teu irmão clama a mim desde a terra*[478], pois, o que clama ao Senhor não é propriamente o sangue derramado, mas se diz, impropriamente, que o *sangue* clama exigindo vingança daquele que o derramou.

A declaração do Apóstolo: *Sinto nos meus membros outra lei, que luta contra a lei do meu espírito*[479], é entendida como se ele tivesse dito: "Aquele que deseja se dedicar à palavra de Deus, por causa de suas necessidades e hábitos corporais, que, como uma espécie de lei, estão arraigados

[477] Romanos 8: 7.
[478] Gênesis 4: 10.
[479] Romanos 7: 23.

no corpo, é distraído, dividido e impedido, para que, se dedicando vigorosamente ao estudo da sabedoria, não seja capaz de contemplar os mistérios divinos".

Deus criou o que é hostil a ele mesmo?

05.

No entanto, com relação ao fato de as seguintes coisas serem classificadas entre as obras da carne, a saber, heresias, invejas, contendas ou outros vícios, eles entendem a passagem da seguinte maneira: a mente, se tornando mais grosseira em seus sentimentos, por ceder às paixões do corpo, por ser oprimida pela massa de seus vícios e por não possuir sentimentos refinados ou espirituais, é considerada como tendo se feito carne e deriva seu nome daquilo em que demonstra mais vigor e força de vontade.

Eles também fazem esta pergunta adicional: "Quem será encontrado ou quem será considerado o criador deste mau sentido, chamado de sentido da carne?" Porque defendem a opinião de que não há outro Criador da alma e da carne senão Deus.

E se afirmássemos que o bom Deus criou algo em Sua própria criação que fosse hostil a Ele mesmo, isto pareceria

um manifesto absurdo. Se então está escrito que *a mentalidade da carne é inimiga de Deus* e se isto for declarado como resultado da criação, Deus, Ele próprio parecerá ter formado uma natureza hostil a Ele mesmo, que não pode estar sujeita a Ele nem à Sua lei, como se fosse, supostamente, um animal do qual tais qualidades são inerentes.

E se esta visão for admitida, em que aspecto ela diferirá daquela daqueles que sustentam que almas de naturezas diferentes são criadas, as quais, de acordo com suas naturezas estão destinadas à perdição ou à salvação?

Mas esta é uma opinião exclusiva dos hereges, que, não sendo capazes de sustentar a justiça de Deus com base na devoção, criam invenções ímpias deste tipo.

E agora apresentamos, da melhor maneira possível, na pessoa de cada uma das partes, o que poderia ser apresentado como argumento a respeito das diversas visões e que o leitor escolha, dentre elas, aquela que lhe parecer mais adequada.

Capítulo 5. O mundo e seu início no tempo.

Criação e consumação do mundo

01.

E agora, visto que um dos artigos da Igreja se baseia principalmente na nossa crença na veracidade da nossa história sagrada, a saber, que este mundo foi criado e teve o seu início num determinado tempo e, em conformidade com o ciclo do tempo, decretado para todas as coisas, será destruído, por causa da sua corrupção, não parece absurdo rediscutir alguns pontos relacionados com este assunto.

E, no que diz respeito à credibilidade das Escrituras, as declarações sobre tal matéria parecem fáceis de comprovar. Mesmo os hereges, embora amplamente opostos em muitas outras questões, parecem estar de acordo neste ponto, se submetendo à autoridade das Escrituras.

Então, no que diz respeito à criação do mundo, que porção das Escrituras pode nos dar mais informações a respeito dela do que o relato que Moisés transmitiu sobre sua origem? E, embora abranja assuntos de significado mais profundo do que a mera narrativa histórica parece indicar e contenha muitas coisas que devem ser compreendidas espi-

ritualmente e empregue a letra como uma espécie de véu, ao tratar de assuntos profundos e místicos, a linguagem do narrador mostra que todas as coisas visíveis foram criadas em um determinado momento.

Mas, com relação à consumação do mundo, Jacó é o primeiro a dar alguma informação, se dirigindo a seus filhos com as palavras: *Reúnam-se a mim, filhos de Jacó, para que eu lhes diga o que acontecerá nos últimos dias*[480] ou "depois dos últimos dias".

Se então, houver *últimos dias* ou um período "depois dos últimos dias", os dias que tiveram um começo necessariamente chegarão ao fim.

Davi também declara: *No princípio, Senhor, lançaste os fundamentos da terra e os céus são obra das tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permanecerás. Sim, todos eles envelhecerão como uma roupa e, como uma roupa, os mudarás e eles serão mudados. Mas tu és o mesmo e os teus anos não terão fim*[481].

Nosso Senhor e Salvador, de fato, nas palavras: *O Criador, no princípio, fez o homem e a mulher*[482], Ele mesmo

[480] Gênesis 49: 1.
[481] Salmo 101: 26-28.
[482] Mateus 19: 4.

testemunha que o mundo foi criado e, novamente, quando diz: *O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras jamais passarão*[483], Ele indica que são perecíveis e devem chegar ao fim.

O Apóstolo, além disto, ao declarar que *a criatura foi sujeita à vaidade, não por sua própria vontade, mas por causa Daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criatura também será libertada da escravidão da corrupção para a gloriosa liberdade dos filhos de Deus*[484], anuncia, manifestamente, o fim do mundo, como também o faz quando diz, novamente: *A figura deste mundo passa*.

Ora, pela frase que emprega: *a criatura foi sujeita à vaidade*, ele mostra que houve um princípio para este mundo, pois, se *a criatura foi sujeita à vaidade* por causa de alguma esperança, certamente foi sujeita por uma causa e, visto que foi por uma causa, é porque, necessariamente, tudo teve um começo, pois, sem algum começo, *a criatura* não poderia *estar sujeita à vaidade*, nem poderia esperar ser libertada da escravidão da corrupção, que nem sequer começou a exercer.

---

[483] Mateus 24: 35.
[484] Romanos 8: 20 e 21.

Mas, qualquer um que deseje pesquisar com calma encontrará inúmeras outras passagens nas Sagradas Escrituras em que se diz que o mundo teve um começo e que se espera um fim.

Deus abrange todas as coisas com base no seu princípio

02.

Ora, se houver alguém que aqui se oponha à autoridade ou à credibilidade das nossas Escrituras, lhe perguntamos se afirma que Deus pode ou não compreender todas as coisas. Afirmar que Ele não pode seria manifestamente um ato de impiedade. Se então ele responder, como deve, que Deus compreende todas as coisas, se conclui, do próprio fato de elas serem passíveis de compreensão, que se entende que elas têm um começo e um fim, visto que aquilo que não tem começo algum não pode ser compreendido, pois, por mais que o intelecto se estenda bem longe, a faculdade de compreender é ilimitadamente limitada e removida quando se considera que não há começo.

A criação de múltiplos mundos

03.

Mas esta é a objeção que geralmente levantam, questionando: “Se o mundo teve seu início no tempo, o que Deus estava fazendo antes do início do mundo?”

É ao mesmo tempo ímpio e absurdo dizer que a natureza de Deus é inativa e imutável ou supor que a bondade, em algum momento, não fez o bem e que a onipotência, em algum momento, não exerceu seu poder. Tal é a objeção que costumam fazer à nossa afirmação de que este mundo teve seu início em um determinado momento e que, de acordo com nossa crença nas Escrituras, podemos calcular os anos de sua duração passada.

Considero que nenhum dos hereges pode facilmente dar uma resposta a estas proposições que esteja em conformidade com a natureza de suas opiniões. Mas podemos dar uma resposta lógica de acordo com o padrão da religião, quando dizemos que Deus não começou a agir pela primeira vez quando criou este mundo visível, mas, assim como haverá outro mundo após a sua destruição, também cremos que outros existiram antes do presente existir.

E ambas as posições serão confirmadas pela autoridade das Sagradas Escrituras, pois, que haverá outro mundo depois deste, é ensinado pelo Senhor, através do Profeta Isaías, quando ele diz: *Os novos céus e a nova terra que eu crio permanecerão diante de mim*[485].

E que, antes deste mundo, outros também existiram, é mostrado pelo Eclesiastes, nas palavras: *O que foi é o que será. O que acontece é o que há de acontecer. Não há nada de novo debaixo do sol. Se for encontrada alguma coisa da qual se diga: "Veja! Isto é novo!", ela já existia nos tempos passados*[486].

Por estes testemunhos se estabelece, tanto que houve eras antes da nossa, quanto que haverá outras depois dela. Não se deve, contudo, supor que vários mundos existiram ao mesmo tempo, mas que, após o fim deste mundo presente, outros terão seu início e, a respeito disto, é desnecessário repetir cada afirmação em particular, visto que já o fizemos nas páginas anteriores.

[485] Isaías 66: 22.
[486] Ecleiastes 1: 9 e 10.

A criação deste mundo como descida

04.

Este ponto, de fato, não deve ser ignorado levianamente. As Sagradas Escrituras chamaram a criação do mundo por um nome novo e peculiar, a denominando *καταβολή* (*katabolé*), que foi traduzido de forma muito inadequada para o latim como *constitutio*, pois, em grego, *καταβολή* (*katabolé*) significa, na verdade, *dejicere*, isto é, "lançar para baixo"[487], uma palavra que foi, como já observamos, traduzida de forma inadequada para o latim pela expressão *constitutio mundi*, como no Evangelho segundo João, onde o Salvador diz: *A tribulação será tão grande como nunca foi vista, desde o princípio do mundo*[488]. Nesta passagem, *καταβολή* (*katabolé*) é traduzido como *princípio* (*constitutio*), que deve ser entendido como explicado acima.

O Apóstolo também, na Epístola aos Efésios, empregou a mesma linguagem, dizendo: *Aquele que nos escolheu antes da fundação do mundo*[489] e, a esta fundação, ele cha-

[487] Ação de lançar os fundamentos, fundação, princípio, começo. (Bailly).
[488] Passagem 24: 21.
[489] Efésios 1: 4.

ma *καταβολή* (*katabolé*), para ser entendida no mesmo sentido de antes.

Parece então, pertinente, indagar o que significa este novo termo e eu sou, de fato, da opinião de que, como o fim e a consumação dos santos estarão naquelas *coisas que não se veem* e que *são eternas*[490], devemos concluir (como frequentemente apontado nas páginas anteriores), a partir da contemplação desse mesmo fim, que as criaturas racionais também tiveram um começo semelhante. E se elas tiveram um começo como o fim que esperam, elas existiram, sem dúvida, desde o princípio, naquelas *coisas que não se veem* e que *são eternas*.

E, se isto é assim, então houve uma "descida" de uma condição superior para uma inferior, não apenas por parte daquelas almas que mereceram a mudança pela variedade de seus movimentos, mas também por parte daquelas que, para servir ao mundo inteiro, foram trazidas daquelas esferas superiores e invisíveis para estas inferiores e visíveis, embora contra a vontade delas, porque *a criatura foi sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por vontade Da-*

[490] 2 Coríntios 4: 18.

quele que a sujeitou, todavia, com a esperança[491] de que o sol, a lua, as estrelas e os anjos pudessem cumprir seu dever para com o mundo e para com as almas que, devido às suas deficiências mentais extremas, necessitavam de corpos de natureza mais densa e sólida e, para o bem daqueles para quem essa providência era necessária, este mundo visível também foi criado.

Disto se depreende que o uso da palavra *καταβολή* (*katabolé*) parece apontar para uma "descida" de uma condição superior para uma inferior, compartilhada por todos.

A esperança de liberdade é, de fato, acalentada por toda a criação — de ser libertada da corrupção da escravidão — quando os filhos de Deus, que se desviaram ou foram dispersos, forem reunidos em um só corpo ou quando tiverem cumprido seus outros deveres neste mundo, conhecidos somente por Deus, o Ordenador de todas as coisas.

Devemos, de fato, supor que o mundo foi criado com tal qualidade e capacidade que contém não apenas todas as almas que foram determinadas a serem treinadas neste mundo, mas também todos os poderes que foram preparados para atendê-las, servi-las e auxiliá-las, pois está estabe-

[491] Romanos 8: 20 e 21.

lecido, por muitas declarações, que todas as criaturas racionais são de uma só natureza. Somente por este motivo, a justiça de Deus em todos os Seus tratos com elas poderia ser defendida, visto que cada um tem a razão nele mesmo para ter sido colocado nesta ou naquela posição na vida.

Presciência divina e destino humano

05.

Então, essa ordem das coisas, que Deus posteriormente estabeleceu (pois Ele, desde a origem do mundo, percebeu claramente as razões e causas que afetavam aqueles que, seja por deficiências mentais, mereciam entrar em corpos, seja aqueles que foram levados pelo desejo por coisas visíveis e também aqueles que, voluntária ou involuntariamente, foram compelidos *por vontade Daquele que* os *sujeitou, todavia, com esperança,* a prestar certos serviços àqueles que haviam caído nesta condição), não sendo compreendida por alguns, que não perceberam que foi devido a causas precedentes, originadas no livre-arbítrio, que essa variedade de ordem foi instituída por Deus, eles concluíram que todas as coisas neste mundo são dirigidas por movimentos fortuitos ou por um destino necessário e que nada

está sob o poder da nossa própria vontade. E, portanto, também foram incapazes de demonstrar que a Providência de Deus estava além do alcance da censura.

Cristo, restaurador da lei do governo do mundo

06.

Mas, como dissemos que todas as almas que viveram neste mundo necessitavam de muitos ministros, governantes ou auxiliares, assim também, nos últimos tempos, quando o fim do mundo já é iminente e próximo e todo o gênero humano está à beira da destruição final e quando não apenas aqueles que eram governados por outros foram reduzidos à fraqueza, mas também aqueles a quem foram confiados os cuidados do governo, não era mais essa ajuda ou esses defensores que eram necessários, mas a ajuda do próprio Autor e Criador era necessária para restaurar, a uns, a disciplina da obediência que havia sido corrompida e profanada e, a outros, a disciplina do governo.

E, portanto, o Filho Unigênito de Deus, que era a Palavra e a Sabedoria do Pai, quando possuía aquela *glória*

com o Pai que Ele tinha *antes que o mundo fosse criado*[492], *esvaziou a si mesmo* e, *assumindo a forma de servo*, se tornou *obediente até a morte*[493] e, *embora fosse Filho de Deus, aprendeu a obediência por meio dos sofrimentos que teve. E, uma vez chegado ao seu termo, se tornou autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem*[494].

Ele também restaurou as leis de governo e governança que haviam sido corrompidas, subjugando todos *os inimigos debaixo de seus pés*, para que, por este meio (*porque é necessário que ele reine, até que ponha todos os inimigos debaixo de seus pés* e destrua *o último inimigo*: *a morte*[495]), pudesse ensinar aos próprios governantes a moderação em seu governo.

Como Ele veio então para restaurar não apenas a disciplina do governo, mas também a obediência, como já dissemos, realizando n'Ele mesmo primeiro o que desejava que fosse realizado pelos outros, Ele se tornou *obediente* ao Pai, não apenas até a *morte na cruz*[496], mas também, no fim dos tempos, abrangendo n'Ele todos aqueles a quem Ele subme-

[492] João 17: 5.
[493] Filipenses 2: 8.
[494] Hebreus 5: 8 e 9.
[495] 1 Coríntios 15: 25 e 26.

te ao Pai e que, por meio d'Ele, chegam à salvação, Ele mesmo, juntamente com eles e neles, também é dito que *estará sujeito* ao Pai[497], já que t*odas as coisas subsistem nele*, sendo que *Ele é a Cabeça*[498] de todas as coisas e nele está a salvação e a plenitude daqueles que a alcançam.

E, consequentemente, é isto que o Apóstolo diz d'Ele: *E quando todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então o próprio Filho se sujeitará Àquele que lhe sujeitou todas as coisas, para que Deus seja tudo em todos*[499].

A sujeição do Filho ao Pai

07.

Eu não sei, na verdade, como os hereges, não compreendendo o significado das palavras do Apóstolo, consideram o termo "sujeição" degradante, quando aplicado ao Filho, pois, se a propriedade do título for questionada, isto pode ser facilmente constatado se fazendo uma suposição contrária. Porque, se não é bom estar em sujeição, se conclui que o oposto será bom, isto é, não estar em sujeição.

---

[496] Filipenses 2: 8.
[497] 1 Coríntios 15: 18.
[498] Colossenses 1: 17 e 18.
[499] 1 Coríntios 15: 28.

Ora, a linguagem do Apóstolo, segundo a visão deles, parece indicar, por estas palavras: *E quando todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então o próprio Filho se sujeitará Àquele que lhe sujeitou todas as coisas*, que aquele que agora não está sujeito ao Pai se sujeitará a ele, quando o Pai lhe tiver primeiro sujeito todas as coisas.

Mas fico perplexo como se pode conceber que este seja o significado: que Aquele que, enquanto nem todas as coisas lhe estão sujeitas, não está Ele mesmo em sujeição e deva estar sujeito a isto no momento em que todas as coisas lhe estiverem sujeitas e Ele se tornar Rei de todas as pessoas e exercer domínio sobre todas as coisas, se suponha então que Ele esteja sujeito, visto que Ele não estava anteriormente sujeito, pois tais pessoas não entendem que a submissão de Cristo ao Pai indica que nossa felicidade atingiu a perfeição e que a obra empreendida por Ele foi levada a uma conclusão vitoriosa, visto que Ele não apenas purificou o poder do governo supremo sobre toda a criação, mas também apresenta ao Pai os princípios da obediência e submissão do gênero humano em uma condição corrigida e aprimorada.

Se então essa submissão for considerada boa e salutar, pela qual se diz que o Filho está sujeito ao Pai, é uma infe-

rência extremamente racional e lógica deduzir que a submissão dos inimigos, que se diz ser feita ao Filho de Deus, também deve ser entendida como salutar e útil, assim como, quando se diz que o Filho está sujeito ao Pai, isto significa a restauração perfeita de toda a criação e também, quando se diz que os inimigos estão sujeitos ao Filho de Deus, se entende que nisto consistem a salvação dos vencidos e a restauração dos perdidos.

Os que se deixam ensinar e salvar

08.

Essa submissão, porém, será alcançada de certas maneiras, após certo treinamento e em certos momentos, pois não se deve imaginar que a submissão seja imposta pela pressão da necessidade (para que o mundo inteiro não pareça estar subjugado a Deus pela força), mas sim por meio da palavra, da razão e da doutrina, por um chamado a uma conduta melhor, pelos melhores sistemas de treinamento e também pelo emprego de ameaças adequadas e apropriadas, que recairão justamente sobre aqueles que desprezam qualquer cuidado ou atenção à sua salvação e utilidade.

Em suma, nós humanos, também ao treinarmos nossos empregados ou filhos, os restringimos por meio de ameaças e medo enquanto eles são, por causa de sua tenra idade, incapazes de usar a razão. Mas, quando começam a entender o que é bom, útil e honroso e o medo do castigo passa, eles aquiescem, por meio da persuasão de palavras e da razão, a tudo o que é bom.

Mas, como em consonância com a preservação do livre-arbítrio em todas as criaturas racionais, cada uma deve ser regulada, isto é, quem são aqueles a quem a palavra de Deus encontra e treina, como se já estivessem preparados e capazes dela; quem são aqueles a quem ela adia para um tempo posterior; quem são aqueles de quem ela está totalmente oculta e que estão em situação tal que não podem ouvi-la; quem são, ainda, aqueles que desprezam a palavra de Deus quando ela é revelada, conhecida e pregada a eles e que são conduzidos à salvação por uma espécie de correção e castigo e cuja conversão é, em certo grau, exigida e forçada; aqueles a quem certas oportunidades de salvação são oferecidas à sua fé, de modo que, às vezes, tendo comprovada apenas por uma resposta, eles inquestionavelmente obtêm a salvação, de que causas ou em que ocasiões esses resultados ocorrem ou o que a sabedoria divina vê neles ou

que movimentos de sua vontade levam Deus a assim organizar todas essas coisas, é conhecido somente por Ele e por Seu Filho Unigênito, por meio de quem todas as coisas foram criadas e restauradas e pelo Espírito Santo, por meio de quem todas as coisas são santificadas, que procede do Pai, a quem seja dada a glória para todo o sempre. Amém.

Capítulo 6. Sobre o fim do mundo.

Da imagem à semelhança de Deus

01.

Agora, com relação ao fim do mundo e à consumação de todas as coisas, declaramos, nas páginas anteriores, da melhor maneira possível, na medida em que a autoridade das Sagradas Escrituras nos permitiu, o que consideramos suficiente para fins de instrução e aqui acrescentaremos apenas algumas observações de advertência, visto que a ordem da investigação nos trouxe de volta ao assunto.

O bem supremo então, cuja conquista toda a natureza racional busca, que também é chamado de fim de todas as bênçãos, é definido por muitos filósofos da seguinte maneira: “O bem supremo é se tornar o mais semelhante possível a Deus”, dizem eles.

Mas considero esta definição não tanto como uma descoberta deles, quanto como uma visão derivada das Sagradas Escrituras, pois isto é apontado por Moisés, antes de todos os outros filósofos, quando descreve a primeira criação do ser humano nestas palavras: *Então Deus disse: "Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança"*[500] e então, ele acrescenta estas palavras: *Deus criou o ser humano à sua imagem; criou-o à imagem de Deus; homem e mulher, ele os criou*[501].

Ora, a frase: *Criou-o à imagem de Deus*, sem qualquer menção da palavra *semelhança*, não transmite outro significado senão este: "O *ser humano* recebeu a dignidade da *imagem* de Deus em sua criação, mas a perfeição de sua *semelhança* foi reservada para a consumação". Isto foi para que ele a adquirisse por ele mesmo pelo exercício de sua própria diligência na imitação de Deus, lhe sendo concedida a possibilidade de alcançar a perfeição desde o início, por meio da dignidade da *imagem* divina e a perfeita realização da *semelhança* divina sendo alcançada, por fim, pelo cumprimento das obras necessárias.

[500] Gênesis 1: 26.
[501] Gênesis 1: 27.

Ora, que tal é o caso, o Apóstolo João aponta mais clara e inequivocamente, quando faz esta declaração: *Caríssimos, desde agora somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque o veremos como ele é*[502].

Com esta frase, ele indica, com a máxima certeza, que não só se podia esperar o fim de todas as coisas, algo que, segundo ele, ainda lhe era desconhecido, mas também a *semelhança* com Deus, que será concedida em proporção à plenitude de nossos méritos.

O próprio Senhor, no Evangelho, não apenas declara que esses mesmos resultados são futuros, mas que serão alcançados por Sua própria intercessão, tendo Ele mesmo condescendido obtê-los do Pai para Seus discípulos, dizendo: *Pai, quero que, onde eu estiver, aqueles que me destes estejam também comigo e, assim como tu e eu somos um, que eles também sejam um em nós*[503].

Nisto, a própria *semelhança* divina já parece avançar, se assim podemos nos expressar e, de ser meramente seme-

[502] 1 João 3: 2.
[503] João 17: 24 e 22.

lhante, se tornar igual, porque, sem dúvida, na consumação ou fim, Deus será *tudo em todos*[504].

E, com referência a isto, alguns questionam se a natureza da matéria corpórea, embora limpa, purificada e tornada inteiramente espiritual, não parece oferecer um obstáculo para alcançar a dignidade da *semelhança* divina ou para a propriedade da unidade, porque uma natureza corpórea não pode parecer capaz de qualquer *semelhança* com uma natureza divina, que é, certamente, incorpórea e nem pode ser verdadeira e merecidamente designada como *um* com Ele, especialmente porque as verdades de nossa religião nos ensinam que aquilo que é único, ou seja, o Filho com o Pai, deve ser considerado como uma peculiaridade da natureza divina.

Nem todas as coisas estarão em Deus no final

02.

Visto então que é prometido que, no fim, Deus será *tudo em todos*, não devemos, logicamente, supor que os animais, sejam ovelhas ou outros animais, cheguem a esse fim, para que não se inferisse que Deus habita até mesmo

[504] 1 Coríntios 15: 28.

nos animais, sejam ovelhas ou outros animais e o mesmo se aplica a pedaços de madeira ou pedras, para que não se diga que Deus está também neles.

Assim, novamente, nada que seja perverso deve ser considerado como alcançando esse fim, para que, embora se diga que Deus está em todas as coisas, não se possa dizer também que Ele está em um vaso de maldade, pois, se agora afirmamos que Deus está em toda parte e em todas as coisas, com base no fato de que nada pode estar vazio de Deus, não estamos, contudo, dizendo que Ele é agora *tudo* naqueles em quem Ele está.

Portanto, devemos examinar com mais cuidado o que denota a perfeição da bem-aventurança e o fim das coisas, que não é apenas dito ser Deus em todas as coisas, mas também *tudo em todos*.

Vamos então investigar o que é esse *tudo* que Deus deve se tornar *em todos*.

Deus, *tudo em todos*

03.

Sou da opinião de que a frase pela qual se diz que Deus será *tudo em todos* significa que Ele é *tudo* em cada

indivíduo. Ora, Ele será *tudo* em cada indivíduo desta maneira: quando tudo o que qualquer intelecto racional, purificado de toda espécie de vício e completamente dissipado de toda nuvem de maldade puder sentir, compreender ou pensar, for inteiramente Deus e, quando não mais contemplar ou reter nada além de Deus, mas quando Deus for a medida e o padrão de todos os seus movimentos e assim Deus será *tudo*, pois não haverá mais distinção entre o bem e o mal, visto que o mal não existe em lugar algum, pois Deus é todas as coisas e para Ele nenhum mal está próximo, nem haverá mais o desejo de comer da *Árvore da Ciência do Bem e do Mal*[505], da parte daquele que sempre possui o bem e para quem Deus é *tudo*.

Então, quando o fim for restaurado ao princípio e o término das coisas comparado ao seu início, aquela condição das coisas será restabelecida, na qual a natureza racional se encontrava quando não precisava comer do fruto da *Árvore da Ciência do Bem e do Mal*, de modo que, quando todo sentimento de maldade for removido e o indivíduo for purificado e limpo, Aquele que é o único Deus bom se tornará "*tudo* para ele" e isto, não no caso de alguns indivíduos

[505] Gênesis 2: 9.

ou de um número considerável, mas Ele será mesmo *tudo em todos*.

E quando a morte não mais existir em lugar algum, nem *o aguilhão da morte*[506], nem qualquer mal, então, verdadeiramente, Deus será *tudo em todos*.

Mas alguns são da opinião de que a perfeição e a bem-aventurança das criaturas racionais ou naturezas só podem permanecer na mesma condição da qual falamos acima, isto é, que todas as coisas devem possuir Deus e Deus deve ser todas as coisas para elas, se elas não forem impedidas em nenhum grau por sua união com uma natureza corpórea. Caso contrário, eles pensam que a glória da suprema bem-aventurança é impedida pela mistura de qualquer substância material.

Mas, este assunto já discutimos mais detalhadamente, como pode ser visto nas páginas anteriores.

O *corpo espiritual* e a unidade de todas as coisas

04.

E agora, como o Apóstolo fala de um *corpo espiritual*[507], procuremos, da melhor maneira possível, entender o

que devemos pensar sobre isto. Até onde nosso intelecto permite, consideramos que um *corpo espiritual* é de tal natureza que deveria ser habitado não apenas por todas as santas e perfeitas almas, mas também por todas as criaturas que serão libertadas da escravidão da corrupção.

A respeito do corpo, o Apóstolo disse: *Sabemos, com efeito, que, ao se desfazer a tenda que habitamos neste mundo, recebemos uma casa preparada por Deus e não por mãos humanas; uma habitação eterna no céu*[508], isto é, nas moradas dos bem-aventurados. E, a partir desta afirmação, podemos conjecturar quão puras, refinadas e gloriosas são as qualidades desse corpo, se o compararmos com as daqueles que, embora sejam corpos celestes e de esplendor radiante, foram feitos por mãos humanas e são visíveis aos nossos olhos. Mas, desse corpo, é dito que é *uma casa preparada não por mãos humanas*, mas *eterna no céu*. Isto porque *as coisas que se veem são temporais e as que não se veem são eternas*[509].

---

[506] 1 Coríntios 16: 56.
[507] 1 Coríntios 15: 44.
[508] 2 Coríntios 5: 1.
[509] 2 Coríntios 4: 18.

Todos aqueles corpos que vemos na terra ou no céu, que podem ser vistos e foram feitos por mãos humanas, mas não são eternos, são amplamente superados em glória por aquilo que não é visível, nem feito por mãos humanas, mas é eterno. Desta comparação, se pode conceber quão grande é a formosura, o esplendor e o brilho de um *corpo espiritual* e quão verdadeiros são *os bens que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou* e *que Deus tem preparado para aqueles que o amam*[510].

Não devemos, contudo, duvidar que a natureza deste nosso corpo presente possa, pela vontade de Deus, que o fez como é, ser elevada a essas qualidades de refinamento, pureza e esplendor que caracterizam o corpo em questão, conforme a condição das coisas exigir e os méritos de nossa natureza racional demandarem.

Finalmente, quando o mundo exigiu variedade e diversidade, a matéria se entregou docilmente, em suas diversas aparências e espécies, ao Criador, como seu Senhor e Formador, para que Ele pudesse produzir dela as várias formas dos seres celestiais e terrestres. Mas, quando as coi-

[510] Isaías 64: 4 e 1 Coríntios 2: 9.

sas começaram a se apressar para a consumação, para que tudo seja um, assim como o Pai é um com o Filho, isto pode ser entendido como uma inferência racional de que, onde todos são um, não haverá mais diversidade.

A ressurreição da carne

05.

Além disto, se diz que o *último inimigo*, chamado *morte*, será destruído[511] para que não reste nada de lamentável quando a *morte* não existir e nem nada de adverso quando não houver *inimigo*.

A destruição do *último inimigo*, de fato, deve ser entendida não como se sua substância, formada por Deus, fosse perecer, mas porque sua mente e vontade hostil, que não vieram de Deus, mas dela mesma, serão destruídas. Sua destruição, portanto, não será sua inexistência, mas seu deixar de ser um *inimigo* e de ser *morte*, pois nada é impossível para o Onipotente, nem nada é incapaz de ser restaurado ao seu Criador, pois Ele fez todas as coisas para que existissem e as coisas que foram feitas para existir não podem deixar de existir.

Por esta razão também, elas admitem mudança e variedade, de modo a serem colocadas, de acordo com seus méritos, em uma posição melhor ou pior, mas nenhuma destruição de substância pode atingir as coisas que foram criadas por Ele, Deus, para o propósito da existência permanente.

Quanto às coisas que, de acordo com a opinião comum, são consideradas perecíveis, a natureza da nossa fé ou da verdade não nos permite supor que sejam destruídas.

Finalmente, os ignorantes e incrédulos supõem que nossa carne seja destruída após a morte, a tal ponto que não retenha nenhum vestígio de sua substância anterior. Nós, porém, que cremos em sua ressurreição, entendemos que a morte apenas produz uma mudança, mas que sua substância certamente permanece e que, pela vontade do seu Criador e no tempo determinado, ela será restaurada à vida e que uma segunda mudança ocorrerá nela, de modo que o que antes era carne formada a partir do solo terreno e que depois foi dissolvido pela morte e novamente reduzido a *pó* e cinzas (*porque és pó e pó hás de te tornar*[512], como está

[511] 1 Coríntios 15: 26.
[512] Gênesis 3: 19.

escrito), será novamente levantado da terra e, depois disto, de acordo com os méritos da alma que ali habita, ascenderá à glória de um *corpo espiritual*.

A identidade do corpo para a eternidade

06.

É para esta condição então que devemos supor que toda esta nossa substância corpórea será levada, quando todas as coisas forem restabelecidas em um estado de unidade e quando Deus for *tudo em todos*. E este resultado deve ser entendido como algo que não ocorrerá repentinamente, mas lenta e gradualmente, visto que o processo de emenda e correção se dará imperceptivelmente em cada indivíduo durante o transcurso de incontáveis e imensuráveis eras, com alguns ultrapassando outros e tendendo, por um curso mais rápido, à perfeição, enquanto outros os seguem de perto e alguns, novamente, muito atrás e assim, através das numerosas e incontáveis ordens de seres progressivos que estão sendo reconciliados com Deus, saindo de um estado de inimizade, o *último inimigo* é finalmente alcançado, aquele que é chamado de *morte*, para que ele também seja destruído e deixe de ser um *inimigo*.

Quando, portanto, todas as almas racionais tiverem sido restauradas a uma condição deste tipo, então a natureza deste nosso corpo sofrerá uma mudança para a glória de um *corpo espiritual*.

De fato, não vemos que seja o caso com as naturezas racionais, já que algumas delas têm vivido em condição de degradação, devido aos seus pecados, enquanto outras foram chamadas a um estado de felicidade, por causa de seus méritos.

Mas, assim como vemos que essas mesmas almas que antes eram pecadoras, após sua conversão e reconciliação com Deus, alcançaram um estado de felicidade, assim também, devemos considerar, com respeito à natureza do corpo, que aquele que agora usamos em estado de pequenez, corrupção e fraqueza, não é um corpo diferente daquele que possuiremos na incorrupção, em poder e em glória, mas que o mesmo corpo, quando tiver se livrado das enfermidades em que agora está enredado, será transmutado em uma condição de glória, se tornando *espiritual*, de modo que o que era um vaso *para ignomínia* possa, quando purificado,

se tornar um vaso *para honra*[513] e uma morada de bem-aventurança.

E, nesta condição também, devemos acreditar que, pela vontade do Criador, permanecerá para sempre sem qualquer mudança, como confirma a declaração do Apóstolo, quando ele diz: *Ao se desfazer a tenda que habitamos neste mundo, recebemos uma casa preparada por Deus e não por mãos humanas; uma habitação eterna no céu.*

De fato, a fé da Igreja não admite a visão de certos filósofos gregos de que, além do corpo composto de quatro elementos, existe um quinto corpo, diferente em todas as suas partes e diverso deste nosso corpo atual, visto que nem mesmo as Sagradas Escrituras podem apresentar a menor suspeita de evidência para tal opinião, nem qualquer inferência racional das coisas permite a sua aceitação, especialmente quando o santo Apóstolo declara, manifestamente, que não são novos corpos que são dados aos que ressuscitam dos mortos, mas que eles recebem aqueles idênticos aos que possuíam em vida, transformados de uma condição inferior para uma melhor, pois suas palavras são: *Semeado na corrupção, o corpo ressuscita incorruptível; semeado*

[513] 2 Timóteo 2: 20.

no desprezo, ressuscita glorioso; semeado na fraqueza, ressuscita vigoroso; semeado corpo animal, ressuscita corpo espiritual[514].

Assim como há, portanto, uma espécie de progresso no ser humano, de modo que, partindo de ser inicialmente um ser *animal*, sem compreender o que pertence ao Espírito de Deus, ele alcança, por meio da instrução, o estágio de se tornar um ser *espiritual* e de julgar *todas as coisas*, embora ele próprio *não* seja *julgado por ninguém*[515], assim também, com relação ao estado do corpo, devemos sustentar que este mesmo corpo que agora, por causa de seu serviço à alma, é chamado de *corpo animal*, por meio de um certo progresso, quando a alma, unida a Deus, tiver se tornado um só espírito com Ele (com o corpo já então servindo, por assim dizer, ao espírito), alcançará uma condição e qualidade espiritual, especialmente porque, como já apontamos diversas vezes, a natureza corpórea foi formada pelo Criador de modo a passar facilmente para qualquer condição que Ele desejasse ou que a natureza do caso exigisse.

[514] 1 Coríntios 15: 42-44.
[515] 1 Coríntios 2: 15.

Deus faz e refaz tudo de novo

07.

Todo este raciocínio então se resume a isto: Deus criou duas naturezas gerais; uma visível, isto é, corpórea e uma invisível, que é incorpórea. Ora estas duas naturezas admitem duas permutações diferentes. A natureza invisível e racional muda de mente e propósito, porque é dotada de livre-arbítrio e, por esta razão, às vezes se dedica à prática do bem e, outras vezes, à do oposto. Mas essa natureza corpórea admite uma mudança de substância. Daí também Deus, o organizador de todas as coisas, ter o serviço dessa matéria à Sua disposição na moldagem, fabricação ou retoque do que Ele desejar, de modo que a natureza corpórea possa ser transmutada e transformada em quaisquer formas ou espécies, conforme as necessidades das coisas exigirem, o que o Senhor evidentemente tinha em mente quando disse, através do seu Profeta: *Eis que faço coisas novas, que agora começam a acontecer*[516].

[516] Isaías 43: 19.

Os tempos da salvação

08.

E agora, o ponto a ser investigado é se, quando Deus for *tudo em todos*, toda a natureza corpórea, na consumação de todas as coisas, consistirá em uma única espécie e a única qualidade do corpo será aquela que brilhará na glória indescritível que deve ser considerada como a futura posse do *corpo espiritual*, pois, se entendermos corretamente a questão, esta é a declaração de Moisés no início de seu livro, quando ele diz: *No princípio, Deus criou os céus e a terra*[517].

De fato, este é o *princípio* de toda a criação e a este *princípio* deve se referir o fim e a consumação de todas as coisas, isto é, para que aquele céu e aquela *terra* sejam a habitação e o repouso dos justos, para que todos os santos e *os mansos* possam primeiro obter uma herança naquela *terra*, visto que este é o ensinamento da Lei, dos Profetas e do Evangelho[518].

---

[517] Gênesis 1: 1.

[518] Cf. Salmo 036: 011 (*Os mansos herdarão a terra e se deleitarão na abundância de paz*) e Mateus 5: 4 (*Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra*).

Nessa *terra*, creio eu, existem as formas verdadeiras e vivas daquele *culto* que Moisés transmitiu sob a *sombra* da Lei, do qual se diz que *é, aliás, apenas a imagem, sombra das realidades celestiais*[519].

A Moisés também foi dada a ordem: *Vocês deverão fazê-lo de acordo com o modelo que lhes foi mostrado na montanha*[520]. Disto me parece que, assim como nesta terra *a Lei* era uma espécie de *pedagogo* para aqueles que, por meio dela, seriam conduzidos *a Cristo*[521], para que, instruídos e treinados por ela, pudessem mais facilmente, após o treinamento da Lei, receber os princípios mais perfeitos de Cristo, assim também, outra terra, que acolhe todos os santos, pode primeiro imbuí-los e moldá-los pelas instituições da verdadeira e eterna Lei, para que possam mais facilmente tomar posse daquelas instituições perfeitas do céu, às quais, nada pode ser acrescentado e nas quais haverá, de fato, aquele *Evangelho* que é chamado *eterno*[522] e aquele Testamento, sempre novo, que jamais envelhecerá.

[519] Hebreus 8: 5.
[520] Êxodo 25: 40.
[521] Gálatas 3: 24.
[522] Apocalipse 14: 6. *Vi, então, outro anjo que voava pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para anunciar aos habitantes da terra e a toda nação, tribo, língua e povo.*

A consumação final

09.

Desta forma, portanto, devemos supor que, na consumação e restauração de todas as coisas, aqueles que fizeram um progresso gradual e ascenderam na escala de aprimoramento chegarão, em devida medida e ordem, àquela *terra* e àquela formação nela contida, onde poderão ser preparados para aquelas instituições superiores às quais nada mais pode ser acrescentado, pois, após Seus agentes e servos, o Senhor Cristo, que é Rei de todos, assumirá o reino. Isto é, após a instrução nas santas virtudes, Ele mesmo instruirá aqueles que forem capazes de recebê-Lo quanto à Sua sabedoria, reinando neles até que os tenha submetido ao Pai, que subjugou todas as coisas a Ele mesmo, ou seja, para que, quando forem capacitados a receber a Deus , Deus seja para eles *tudo em todos*. Então, como consequência necessária, a natureza corpórea alcançará aquela condição mais elevada à qual nada mais pode ser acrescentado.

Tendo discutido, até este ponto, a qualidade da natureza corpórea ou do *corpo espiritual*, deixamos ao critério do leitor determinar o que lhe parecer melhor.

E aqui podemos concluir o terceiro livro.

Livro 4

I - As Sagradas Escrituras

A superioridade de Moisés e de Cristo

01.[523]

Visto que, em nossa investigação de assuntos de tamanha importância, não satisfeitos com as opiniões comuns e com as claras evidências das coisas visíveis, tomamos, além disto, para comprovar nossas afirmações, testemunhos daquilo que cremos serem escritos divinos, a saber, o que é chamado de Antigo Testamento e o que é denominado de Novo Testamento e procuramos, pela razão, confirmar nossa fé e, como ainda não falamos das Escrituras como divinas, vamos, como que a título de resumo, tratar de alguns pontos a respeito delas, expondo as razões que nos levam a considerá-las como escritos divinos.

E antes de utilizarmos as palavras dos próprios escritos e as coisas que neles são apresentadas, devemos fazer a seguinte declaração a respeito de Moisés e Jesus Cristo, o legislador dos hebreus e o introdutor das doutrinas salvado-

ras segundo o cristianismo, pois, embora tenha havido muitos legisladores entre os gregos e bárbaros e mestres que anunciaram opiniões que professavam ser a verdade, não ouvimos falar de nenhum legislador capaz de incutir em outras nações o zelo pela recepção de suas palavras e, embora aqueles que professavam filosofar sobre a verdade tenham apresentado um grande aparato de aparente demonstração lógica, ninguém conseguiu imprimir o que considerava a verdade em outras nações ou mesmo em um número significativo de pessoas dignas de menção em uma única nação.

E, no entanto, não só os legisladores gostariam de impor as leis que pareciam boas, se possível, a todo o gênero humano, como também os mestres gostariam de difundir o que imaginavam ser a verdade por todo o mundo. Mas, como não conseguiam convocar pessoas de outras línguas e de muitas nações para observar suas leis e aceitar seus ensinamentos, nem sequer tentaram fazê-lo, considerando, não sem razão, a impossibilidade de tal resultado lhes ocorrer.

Enquanto toda a Grécia e a parte bárbara do nosso mundo contêm inúmeros fanáticos que abandonaram as

[523] Traduzido do grego até o parágrafo 23.

leis de seus pais e dos deuses estabelecidos, para a observância das leis de Moisés e o discipulado das palavras de Jesus Cristo, embora aqueles que se apegavam à Lei de Moisés fossem odiados pelos adoradores de imagens e aqueles que aceitavam as palavras de Jesus Cristo estivessem expostos, além disto, ao perigo de morte.

A extensão e a aceitação universal da mensagem cristã

02.

E, se observarmos quão poderosa a palavra se tornou em poucos anos, apesar de conspirações terem sido tramadas contra aqueles que reconheciam o cristianismo e alguns terem sido mortos por causa dele e outros terem perdido seus bens e apesar do pequeno número de seus pregadores, ela seria pregada em todo o mundo, de modo que gregos e bárbaros, sábios e tolos, se entregaram à adoração que é por meio de Jesus, não temos dificuldade em dizer que o resultado está além de qualquer poder humano, pois Jesus ensinou com toda autoridade e persuasão que Sua palavra não seria derrotada, de modo que podemos considerar como respostas oraculares aquelas Suas declarações, tais como: *Sereis por minha causa levados diante dos governadores e*

dos reis. Servireis assim de testemunho para eles e para os pagãos[524] e ainda: *Este Evangelho do Reino será pregado pelo mundo inteiro, para servir de testemunho a todas as nações*[525] e também: *Muitos me dirão nesse dia: "Senhor, Senhor, não pregamos nós em vosso nome e não foi em vosso nome que expulsamos os demônios e fizemos muitos milagres?" E, no entanto, eu lhes direi: "Nunca vos conheci. Retirai-vos de mim, operários maus!*[526]

Ora, talvez outrora fosse provável que, ao proferir estas palavras, Ele as tivesse falado em vão, de modo que não fossem verdadeiras, mas quando aquilo que foi entregue com tanta autoridade se cumpriu, fica demonstrado que Deus, tendo realmente se feito humano, entregou aos humanos as doutrinas da salvação.

As profecias sobre o Rei futuro

03.

E que necessidade há de mencionar também que foi predito, a respeito de Cristo, que os governantes de Judá desapareceriam e os líderes de entre as suas fileiras, quando

[524] Mateus 10: 18.
[525] Mateus 24: 14.

viesse Aquele para quem estava reservado o Reino e a esperança das nações habitasse a terra?

Pois é claramente manifesto pela história e pelo que se vê hoje, que desde os tempos de Jesus não havia mais ninguém que fosse chamado rei dos judeus. Todas aquelas instituições judaicas das quais eles se orgulhavam — refiro-me aos arranjos relativos ao templo e ao altar, à oferta do serviço e às vestes do sumo sacerdote — foram destruídas, pois se cumpriu a profecia que dizia: *Por muitos dias, os filhos de Israel ficarão sem rei e sem chefe, sem sacrifício nem monumento, sem efod e terafim*[527].

E empregamos estas previsões para responder àqueles que, em sua perplexidade quanto às palavras proferidas por Jacó a Judá no Livro do Gênesis, afirmam que o etnarca, sendo da linhagem de Judá, é o governante do povo e que não faltará nenhum de seus descendentes até o advento daquele Cristo que eles imaginam.

Mas se, *por muitos dias, os filhos de Israel ficarão sem rei e sem chefe, sem sacrifício nem monumento, sem efod e terafim* e se, desde a destruição do templo, não há

[526] Mateus 7: 22 e 23.
[527] Ozéias 3: 4.

mais sacrifício, nem altar, nem sacerdócio, é evidente que o governante deixou de existir em Judá e os líderes de entre as suas fileiras.

E, visto que a profecia declarava que os governantes de Judá desapareceriam e os líderes de entre as suas fileiras, quando viesse Aquele para quem estava reservado o Reino e a esperança das nações habitasse a terra, é evidente que já veio Aquele a quem pertence o que estava reservado e a esperança das nações. E isto fica claro pelo grande número de nações que acreditaram em Deus por meio de Jesus Cristo.

A eleição dos gentios

04.

E no cântico do Livro do Deuteronômio também é profeticamente revelado que, por causa dos pecados do povo anterior, haveria uma eleição de nações insensatas, a qual foi realizada por ninguém menos que Jesus.

Eles me fizeram sentir ciúmes daquilo que não é Deus. Eles me irritaram com seus ídolos e eu também os farei sentir ciúmes daquilo que ainda não é uma nação aos

meus olhos. Eu os irritarei com as graças que terei demonstrado a uma nação insensata[528], está escrito.

Agora é possível entender com toda clareza como os hebreus, que se diz terem provocado *ciúmes* em Deus por *aquilo que não é Deus* e o terem incitado à ira *com seus ídolos*, foram eles mesmos incitados a *sentir ciúmes daquilo que ainda não* era *uma nação*, *uma nação insensata*, isto é, que Deus escolheu com a vinda de Jesus Cristo e seus discípulos.

Diz o Apóstolo: *Vede, irmãos, o vosso grupo de chamados. Não há entre vós muitos sábios, segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos nobres. O que é estulto no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios e o que é fraco no mundo, Deus o escolheu para confundir os fortes e o que é vil e desprezível no mundo, Deus o escolheu, como também aquelas coisas que nada são, para destruir as que são*[529].

E que o Israel segundo a *carne*, que pelo Apóstolo é chamado de *carne*, não se glorie *diante de Deus*[530].

---

[528] Deuteronômio 32: 21.
[529] 1 Coríntios 1: 26-28.
[530] 1 Coríntios 1: 29.

A obra divina da extensão universal do Evangelho

05.

E o que devemos dizer a respeito das profecias sobre Cristo nos Salmos, havendo um certo cântico intitulado: *Um cântico para o amado*, cuja língua é descrita como *a cana de um escriba, escrevendo com delicadeza, mais belo que os filhos dos homens*, visto que *a graça transborda dos seus lábios*[531]?

De fato, uma prova de que *a graça transborda dos seus lábios* é esta: embora o período de Seus ensinamentos tenha sido curto — pois Ele ensinou por cerca de um ano e alguns meses — o mundo se encheu com Seus ensinamentos e com culto a Deus estabelecido por meio d'Ele, pois *em seus dias, a justiça* surgiu *com a plenitude da paz e perdurará até* a consumação, que foi chamada de *o desaparecimento da lua* e Ele continua reinando *de mar a mar e desde os rios até os confins da terra habitada*[532].

E, à casa de Davi foi dado um sinal, pois *uma Virgem* concebeu e deu *à luz um filho* que foi chamado de *Emanuel*,

[531] Salmo 044: 001-003.
[532] Salmo 071: 007 e 008.

que significa Deus conosco[533] e, como disse o mesmo Profeta, a profecia se cumpriu: *Deus está conosco. Saibam disto, ó nações e sejam derrotadas. Vocês que são fortes, sejam derrotados*[534], pois nós, dentre as nações, fomos derrotados e conquistados, nós que fomos alcançados pela graça do Seu ensino.

O local do Seu nascimento também foi predito nas profecias de Miquéias: *E tu, Belém, casa de Efrata, embora sejas pequena entre os milhares dos filhos de Judá, de ti me sairá um renovo, que será príncipe de Israel e as suas origens são desde o princípio, desde toda a eternidade*[535], diz ele.

E, segundo Daniel, *setenta semanas* se cumpriram até que fosse instaurada a *Justiça Eterna*[536], a vinda de Cristo, o *príncipe de Israel*.

E veio Aquele que, segundo Jó, subjugaria *o grande monstro marinho*[537] e que deu *poder*, aos Seus verdadeiros

[533] Isaias 7: 14 e Mateus 1: 23
[534] Isaías 8: 8 e 9.
[535] Miquéias 5: 1 e Mateus 2: 6.
[536] Daniel 9: 24.
[537] Jó 3: 8.

discípulos, para pisarem *serpentes, escorpiões e todo o poder do inimigo*[538], sem sofrerem nenhum dano.

E observemos também a difusão universal dos Apóstolos, que foram enviados por Jesus para anunciar o Evangelho e veremos que a tarefa estava além do poder humano e que o mandamento veio de Deus.

E, se examinarmos como as pessoas, ao ouvirem novas doutrinas e palavras estranhas, se entregaram a esses mestres, sendo vencidos, em meio ao próprio desejo de conspirar contra eles, por um poder divino que velava por esses mestres, não duvidaremos de que eles também tenham operado milagres, com Deus dando testemunho de suas palavras por meio de sinais, prodígios e diversos milagres.

A vinda de Cristo certifica a inspiração divina das Escrituras

06.

E enquanto demonstramos brevemente a divindade de Cristo e, ao fazê-lo, utilizamos as declarações proféticas a respeito dele, demonstramos, ao mesmo tempo, que os escritos que profetizaram sobre Ele foram divinamente inspi-

[538] Lucas 10: 19.

rados e que esses documentos que anunciaram a Sua vinda e a Sua doutrina foram promulgados com todo o poder e autoridade e que, por esta razão, obtiveram a eleição entre os gentios.

Devemos dizer também que a divindade das declarações proféticas e a natureza espiritual da Lei de Moisés resplandeceram após o advento de Cristo, pois, antes do advento de Cristo, não era totalmente possível apresentar provas manifestas da inspiração divina das antigas Escrituras, enquanto que a Sua vinda levou, aqueles que poderiam suspeitar que a Lei e os Profetas não eram divinos, à clara convicção de que foram compostos pela graça celestial.

E aquele que lê as palavras dos Profetas com cuidado e atenção, sentindo, pela própria leitura, os traços da divindade que nelas há, será conduzido, por suas próprias emoções, a acreditar que as palavras consideradas como sendo as palavras de Deus não são composições humanas.

Além disto, a luz contida na Lei de Moisés, mas que estivera oculta por um véu, resplandeceu com a vinda de Jesus, quando o véu foi removido e as bênçãos, cuja sombra estava contida na letra, vieram gradualmente ao conhecimento das pessoas.

A Providência divina

07.

Seria tedioso agora enumerar as profecias mais antigas a respeito de cada evento futuro, para que o incrédulo, impressionado por sua divindade, possa deixar de lado toda hesitação e distração e se dedicar, de corpo e alma, às palavras de Deus.

Mas se, em todas as partes das Escrituras, o elemento sobre-humano do pensamento não parece se apresentar ao não instruído, isto não é de todo surpreendente, pois, com relação às obras daquela Providência que abrange o mundo inteiro, algumas mostram, com a máxima clareza, que são obras da Providência, enquanto outras estão tão ocultas que parecem fornecer motivo para incredulidade a respeito daquele Deus que ordena todas as coisas com habilidade e poder indizíveis, pois o plano artístico de um Governante Providencial não é tão evidente nas coisas pertencentes à terra, como no caso do sol, da lua e das estrelas e não é tão claro no que se relaciona com os acontecimentos humanos, como o é nas almas e nos corpos dos animais, sendo o objeto e a razão dos impulsos, as fantasias e as naturezas dos

animais e a estrutura de seus corpos, cuidadosamente determinados por aqueles que se dedicam a essas coisas.

Mas, assim como a Providência não é, de modo algum, enfraquecida por causa dessas coisas que não são compreendidas aos olhos daqueles que uma vez a aceitaram honestamente, também a divindade das Escrituras, que se estende a toda ela, não se perde por causa da incapacidade de nossa fraqueza em descobrir, em cada expressão, o esplendor oculto das doutrinas veladas em uma fraseologia comum e pouco atraente, pois *temos este tesouro em vasos de barro, para que transpareça claramente que este poder extraordinário provém de Deus e não de nós*[539], que somos apenas seres humanos, pois, se os métodos banais de demonstração comuns entre as pessoas, contidos nos livros da Bíblia, tivessem sido bem-sucedidos em produzir convicção, então nossa fé seria corretamente considerada como baseada na sabedoria humana e não no poder de Deus.

Mas agora, é manifesto, a todo aquele que levanta os olhos, que *a palavra e a pregação* não prevaleceram na

[539] 2 Coríntios 4: 7.

multidão por *eloquência persuasiva da sabedoria*, mas pela *demonstração do Espírito e do poder divino*[540].

Portanto, visto que um poder celestial ou mesmo supracelestial nos obriga a adorar o único Criador, deixemos a doutrina do princípio de Cristo, isto é, os elementos e nos esforcemos para prosseguir rumo à perfeição, para que a sabedoria falada aos perfeitos possa ser falada também a nós, pois aquele que a possui promete falar uma sabedoria *entre os perfeitos*, mas uma sabedoria diferente da *sabedoria deste mundo* e *nem a dos grandes deste mundo, que são, aos olhos daquela, desqualificados*[541].

E essa *sabedoria de Deus, misteriosa e secreta, que Deus predeterminou antes de existir o tempo,para a nossa glória*[542], será distintamente impressa em nós e produzirá uma revelação do mistério que esteve oculto *antes de existir o tempo*, mas que agora foi revelado por meio das Escrituras proféticas e pela aparição de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, a quem seja dada a glória para todo o sempre. Amém[543].

---

[540] 1 Coríntios 2: 4.
[541] 1 Coríntios 2: 6.
[542] 1 Coríntios 2: 7.
[543] Cf. Romanos 16: 25-27 (*Àquele que é poderoso para vos confirmar, segundo o meu Evangelho, na pregação de Jesus Cristo - conforme a revelação do mistério, guardado em segredo*

A leitura incorreta da Bíblia

08.

Tendo falado brevemente sobre a inspiração divina das Sagradas Escrituras, é necessário prosseguir para a maneira como elas devem ser lidas e compreendidas, visto que numerosos erros foram cometidos em consequência do método pelo qual os documentos sagrados deveriam ser examinados. Erros esses que não foram descobertos pela multidão, pois, tanto os de coração endurecido quanto os ignorantes pertencentes à circuncisão não acreditaram em nosso Salvador, pensando que estão seguindo a linguagem das profecias a respeito dele e não percebendo, de maneira palpável aos seus sentidos, que Ele proclamou a liberdade aos cativos, nem que reconstruiu o que eles verdadeiramente consideram a cidade de Deus, nem destruiu *os carros de*

---

durante séculos, mas agora manifestado por ordem do eterno Deus e, por meio das Escrituras proféticas, dado a conhecer a todas as nações, a fim de levá-las à obediência da fé -, a Deus, único, sábio, por Jesus Cristo, glória por toda a eternidade! Amém), Colossenses 1: 25-27 (*Fui constituído ministro, em virtude da missão que Deus me conferiu de anunciar, em vosso favor, a realização da palavra de Deus, mistério este que esteve escondido, desde a origem, às gerações passadas, mas que agora foi manifestado aos seus santos. A estes, quis Deus dar a conhecer a riqueza e glória deste mistério entre os gentios: Cristo em vós, esperança da glória!*) e 2 Timóteo 1: 9 e 10 (*Deus nos salvou e chamou para a santidade, não em atenção às nossas obras, mas em virtude do seu desígnio, da graça que desde a eternidade nos destinou em Cristo Jesus e agora nos manifestou mediante a aparição de nosso Salvador Jesus Cristo*).

guerra na terra de Efraim e os cavalos de Jerusalém[544], nem comeu manteiga e mel e, antes de conhecer ou preferir o mal, escolheu o bem.

E, pensando além disto, que fora profetizado que *o lobo* — o animal quadrúpede — pastaria *com o cordeiro* e *o leopardo* se deitaria *ao pé do cabrito* e o bezerro, *o touro e o leão* pastariam *juntos*, sendo conduzidos por *uma criança* e que *o boi e o urso* pastariam *juntos*, com *seus filhotes* crescendo *juntos* e que *o leão* comeria *palha como o boi*[545]; não vendo nenhuma dessas coisas visivelmente cumprida durante a estadia Daquele que acreditamos ser o Cristo, eles não aceitaram nosso Senhor Jesus e, por ter se autodenominado Cristo indevidamente, segundo eles, o crucificaram.

As dificuldades de alguns textos bíblicos

E aqueles pertencentes a seitas heréticas, ao lerem esta declaração: *Um fogo se acendeu na minha ira e arderá no meio de vós*[546] e esta: *Eu sou um Deus zeloso que castiga os filhos pelos pecados de seus pais até a terceira e quarta*

[544] Zacarias 9: 10.
[545] Isaías 11: 6 e 7.
[546] Jeremias 15: 14.

geração[547] e esta: *Eu me arrependo de ter ungido Saul como rei*[548] e esta: *Eu sou um Deus que faz a paz e cria o mal*[549] e, entre outras, esta: *Haverá alguma calamidade na cidade que o Senhor não tenha cometido?*[550] e ainda esta: *Males desceram, da parte do Senhor, sobre os portões de Jerusalém*[551] e também: *Um espírito maligno, da parte do Senhor, afligia Saul*[552] e inúmeras outras passagens como estas, eles não se atreveram a desacreditá-las como Escrituras de Deus.

Mas, acreditando serem as palavras do demiurgo, a quem os judeus adoravam, pensaram que, como o demiurgo imperfeito e sem benevolência era um deus, o Salvador viera anunciar uma divindade mais perfeita e que, segundo eles, não é o mesmo demiurgo.

Os que têm opiniões divergentes a respeito do demiurgo e tendo se afastado dele, que é o único Deus incriado, se entregaram a ficções, inventando hipóteses segundo as

[547] Êxodo 20: 5 e Deuteronômio 5: 9.
[548] 1 Samuel 15: 11.
[549] Isaías 45: 7.
[550] Amós 3: 6.
[551] Miquéias 1: 12.
[552] 1 Samuel 16: 14.

quais imaginam que há coisas visíveis e outras invisíveis e tudo fruto da imaginação deles.

No entanto, os mais ingênuos dentre aqueles que professam pertencer à Igreja supõem que não há divindade maior que o demiurgo e eles têm razão, ao imaginarem a respeito dele coisas que nem mesmo acreditariam os mais selvagens e injustos da humanidade.

O sentido literal e o sentido espiritual

09.

Ora, a causa, em todos os pontos enumerados anteriormente, das falsas opiniões e das declarações ímpias ou ignorantes afirmações sobre Deus, parece ser nada mais do que a incompreensão das Escrituras segundo o seu significado espiritual, mas a sua interpretação de acordo com a mera letra.

Portanto, àqueles que creem que os livros sagrados não são composições humanas, mas que foram compostos por inspiração do Espírito Santo, de acordo com a vontade do Pai de todas as coisas por meio de Jesus Cristo e que chegaram até nós, devemos apontar os caminhos de interpretação que nos parecem corretos; a nós que nos apega-

mos ao estandarte da Igreja celestial de Jesus Cristo, segundo a sucessão dos apóstolos.

Ora, que existem certas economias místicas reveladas pelas Sagradas Escrituras, todos, até mesmo os mais simples daqueles que aderem à palavra, creem. Mas, quais são essas economias, indivíduos sinceros e modestos confessam que não sabem.

Se então, alguém ficasse perplexo pelo incesto de Lot com suas filhas, as duas esposas de Abraão, as duas irmãs casadas com Jacó e as duas servas que lhe deram filhos, eles não conseguem dar outra resposta senão a de que esses são mistérios que não compreendemos.

Além disto, quando se lê a descrição da construção do tabernáculo, acreditando que o que está escrito é uma figura, eles procuram adaptar o que podem a cada detalhe relatado sobre o tabernáculo, não estando errados quanto à sua crença de que o tabernáculo é uma figura de algo, mas errando às vezes ao adaptar a descrição daquilo que o tabernáculo representa a alguma coisa específica de uma maneira digna das Escrituras.

E toda a história que se considera narrar casamentos ou a geração de filhos ou guerras ou quaisquer outras histórias que circulem entre a multidão, eles declaram ser figu-

ras. Mas de quê, em cada caso individual, em parte devido aos seus hábitos não serem totalmente praticados e em parte também devido à sua precipitação, às vezes, mesmo quando um indivíduo é bem treinado e perspicaz, devido à excessiva dificuldade de descobrir as coisas por parte das pessoas, a natureza de cada particularidade, em relação a essas figuras, não está claramente determinada.

O sentido profundo das Escrituras

10.

E que necessidade há de falar das profecias, que todos sabemos estarem repletas de enigmas e ditos obscuros?

E se chegarmos ao Evangelho, a compreensão exata deste, como sendo a expressão do pensamento de Cristo, requer a graça que foi dada àquele que disse: *Nós, porém, temos o pensamento de Cristo, que nos dá a conhecer as graças que Deus nos prodigalizou e que pregamos numa linguagem que não nos foi ensinada pela sabedoria humana, mas pelo Espírito, que exprime as coisas espirituais em termos espirituais*[553].

[553] 1 Coríntios 2: 16 e 12.

E quem, ao ler as revelações feitas a João Evangelista, não se maravilharia com os mistérios indizíveis ali ocultos e que são evidentes mesmo para aquele que não compreende o que está escrito?

E a que pessoa, hábil em decifrar palavras, as Epístolas dos Apóstolos pareceriam claras e fáceis de entender, visto que, mesmo nelas, há inúmeras ideias profundíssimas, que, saindo como por uma abertura, não admitem uma compreensão rápida?

Portanto, visto que essas coisas são assim e visto que inúmeras pessoas cometem erros, não é seguro, ao ler as Escrituras, declarar que se compreende facilmente o que necessita da chave do conhecimento, a qual o Salvador declara estar com os *doutores da Lei*[554].

E que respondam aqueles que não admitem que a verdade estava com estes antes da vinda de Cristo, como *a chave da ciência*, segundo o nosso Senhor Jesus Cristo está com aqueles que, como alegam, não possuíam os livros que contêm os segredos do conhecimento e os mistérios perfeitos, pois as Suas palavras são estas: *Ai de vós, doutores da*

[554] Cf. Mateus 13: 52. *Todo escriba instruído nas coisas do Reino dos céus é comparado a um pai de família que tira de seu tesouro coisas novas e velhas*.

Lei, que tomastes a chave da ciência e vós mesmos não entrastes e impedistes aos que vinham para entrar[555].

O corpo, a alma e o espírito das Escrituras

11.

O modo então, como nos parece, pelo qual devemos lidar com as Escrituras e extrair delas o seu significado, é o seguinte, que foi constatado nas próprias Escrituras.

Em Provérbios, Salomão nos ensina uma regra semelhante a esta, relativa às doutrinas divinas das Escrituras: *Grave estas coisas de três maneiras na face do seu coração, na vontade e no conhecimento, para que possais responder com palavras de verdade àqueles que vierem à vossa presença*[556].

O indivíduo deve então, refletir sobre as ideias das Sagradas Escrituras *de três maneiras* em sua própria alma, para que a pessoa simples seja edificada pela "carne", por assim dizer, das Escrituras, pois assim chamamos o sentido óbvio, enquanto que aquele que ascendeu a um certo caminho seja edificado pela "alma", por assim dizer.

[555] Lucas 11: 52.
[556] Provérbios 22: 20 e 21.

A pessoa perfeita, por sua vez e aquele que se assemelha àqueles mencionados pelo Apóstolo, quando ele diz: *O que pregamos entre os perfeitos é uma sabedoria, porém não a sabedoria deste mundo nem a dos grandes deste mundo, que são, aos olhos daquela, desqualificados. Pregamos a sabedoria de Deus, misteriosa e secreta, que Deus predeterminou antes de existir o tempo, para a nossa glória*[557], pode receber edificação da Lei espiritual, que tem uma sombra das coisas boas que hão de vir, pois, assim como o ser humano consiste em corpo, alma e espírito, da mesma forma, são as Escrituras, que foram organizadas para serem dadas por Deus para a salvação humana.

E deduzimos isto também de um livro que é desprezado por alguns — **O Bom Pastor** — em relação à ordem dada a Hermas para escrever dois livros e, depois de fazê-lo, anunciar aos presbíteros da Igreja o que havia aprendido com o Espírito. As palavras são as seguintes: “Escreverás dois livros e darás um a Clemente e outro a Grapta. Grapta admoestará as viúvas e os órfãos e Clemente os enviará às

[557] 1 Coríntios 2: 6 e 7.

cidades estrangeiras, enquanto tu anunciarás aos presbíteros da Igreja”[558].

Ora, Grapta, que admoesta as viúvas e os órfãos, é a mera letra das Escrituras, que admoesta aqueles que ainda são crianças de alma e não podem chamar Deus de Pai e que, por isto, são chamados de órfãos e que admoesta, além disto, aquelas que já não têm um marido ilegítimo, mas que permanecem viúvas, porque ainda não se tornaram dignas do Esposo Celestial, enquanto Clemente, que já está além da letra, é dito enviar o que está escrito às cidades estrangeiras, como se fôssemos chamar a estas de almas que estão acima da influência de afetos corporais e ideias degradadas, sendo o próprio discípulo do Espírito ordenado a dar a conhecer, não mais por letras, mas por palavras vivas, aos presbíteros de toda a Igreja de Deus que se tornaram grisalhos pela sabedoria.

O sentido corpóreo

12.

Mas, como há certas passagens das Escrituras que não contêm o “sentido corpóreo”, como mostraremos nos pará-

[558] *O pastor de Hermas*. Visão II, 4, 3.

grafos seguintes, há também passagens onde devemos buscar apenas a “alma”, por assim dizer e “o espírito” das Escrituras.

Talvez por isto, os vasos de água contendo dois ou três cântaros cada, que são ditos como sendo para a purificação dos judeus, como lemos no Evangelho segundo João, com a expressão insinuando obscuramente, com respeito àqueles que são chamados secretamente de “judeus” pelo Apóstolo, que são purificados pela palavra das Escrituras, recebendo às vezes dois cântaros, isto é, por assim dizer, o “sentido psíquico” e o “espiritual” e, às vezes, três cântaros, visto que alguns têm, além dos já mencionados, também o “sentido corpóreo”, que é capaz de produzir a edificação.

E seis vasos de água são razoavelmente apropriados para aqueles que são purificados no mundo, que foi feito em seis dias, o número perfeito.

Que o primeiro “sentido”, portanto, é proveitoso a este respeito, que é capaz de transmitir edificação, é atestado pelas multidões de pessoas genuínas e crentes simples, enquanto que, quanto à interpretação que se refere à “alma”, há uma ilustração na primeira Epístola de Paulo aos Corín-

tios. A expressão é: *Não atarás a boca do boi que debulha*[559], ao que ele acrescenta: *Acaso, Deus tem dó dos bois? Não é, na realidade, em atenção a nós que ele diz isto? Sim! É por nós que está escrito. Quem trabalha deve trabalhar com esperança e igualmente quem debulha deve debulhar com esperança de receber a sua parte*[560]

E existem inúmeras interpretações, adaptadas à multidão, que circulam e que edificam aqueles que são incapazes de compreender significados mais profundos e que têm um caráter semelhante.

O sentido espiritual

13.

Mas a interpretação é "espiritual" quando se consegue mostrar de que coisas celestiais os judeus "segundo a carne" serviram de exemplo e sombra e de que bênçãos futuras a Lei contém uma sombra.

De modo geral, devemos investigar, segundo a promessa apostólica, *a sabedoria de Deus, misteriosa e secreta, que Deus predeterminou antes de existir o tempo, para*

[559] Deuteronômio 25: 4 e 1 Coríntios 9: 9.
[560] 1 Coríntios 9: 9 e 10.

a nossa glória, a glória dos justos, a qual, *os grandes deste mundo* desconheciam.

E o mesmo Apóstolo diz em uma passagem, depois de se referir a certos eventos mencionados como tendo ocorrido em Êxodo e Números: *Todas estas coisas lhes aconteceram figurativamente. Foram escritas, no entanto, para nossa correção; para nós que tocamos o final dos tempos*[561].

E ele dá uma oportunidade para verificarmos de que coisas essas coisas eram figuras, quando diz: *Todos beberam da mesma bebida espiritual, pois todos bebiam da Pedra espiritual que os seguia e aquela Pedra era Cristo*[562].

E, em outra Epístola, ao esboçar os vários assuntos relacionados ao tabernáculo, ele usou as palavras: *Olha, faze todas as coisas conforme o modelo que te foi mostrado no monte*[563].

Além disto, na Epístola aos Gálatas, como que repreendendo aqueles que pensam ler a Lei, mas não a compreendem, julgando que não a compreendem aqueles que não refletem sobre as alegorias contidas no que está escrito, ele

[561] 1 Coríntios 10: 11.
[562] 1 Coríntios 10: 4.
[563] Êxodo 25: 40 e Hebreus 8: 5.

diz: *Dizei-me, vós que quereis estar sujeitos a uma lei: não ouvis a Lei? A Escritura diz que Abraão teve dois filhos: um da escrava e outro da livre. O da escrava, filho da natureza e o da livre, filho da promessa. Nestes fatos há uma alegoria, visto que aquelas mulheres representam as duas alianças*[564].

Agora, devemos observar atentamente cada palavra empregada por ele. Ele diz: *Vós que quereis estar sujeitos a uma lei* e não : *Vós que* estais *sujeitos a uma lei* e: *Não ouvis a Lei?*, se entendendo "ouvir" como "compreender" e "conhecer".

E, na Epístola aos Colossenses, resumindo brevemente o significado de toda a legislação, ele diz: *Ninguém vos critique por causa de comida ou bebida ou por uma parte dos dias de festas ou de luas novas ou de sábados. Tudo isto não é mais que sombra do que devia vir*[565].

Além disto, na Epístola aos Hebreus, ao discorrer sobre os que pertencem à circuncisão ele escreve: *O culto que celebram é apenas a imagem, sombra das realidades celestiais*[566].

---

[564] Gálatas 4: 21-24.
[565] Colossenses 2: 16.
[566] Hebreus 8: 5.

Ora, é provável que, a partir destas ilustrações, aqueles que já manifestaram sua adesão ao Apóstolo não tenham dúvidas a respeito dos cinco livros de Moisés, reconhecendo-os como divinamente inspirados. Mas vocês querem saber, com relação ao restante da história, se isto também ocorreu como um padrão?

Devemos observar então, a expressão na Epístola aos Romanos: *Reservei para mim sete mil pessoas, que não dobraram o joelho diante de Baal*[567], citada do primeiro Livro dos Reis, que Paulo entendeu como equivalente, em significado, àqueles que são israelitas segundo a eleição, porque não apenas os gentios foram beneficiados com o advento de Cristo, mas também alguns do povo de Deus.

O Espírito Santo e a interpretação bíblica

14.

Sendo este o estado das coisas, temos de esboçar o que nos parecem ser as marcas da verdadeira compreensão das Escrituras.

Em primeiro lugar, é preciso salientar que o objetivo do Espírito (que, pela Providência de Deus, por meio do

Verbo que estava no princípio com Deus, iluminou os ministros da verdade, os Profetas e os Apóstolos) foi especialmente a comunicação de mistérios inefáveis concernentes aos assuntos dos seres humanos (e, por seres humanos, quero dizer aquelas almas que usam corpos), para que aquele que é capaz de instrução possa, por meio da investigação e da dedicação ao estudo das profundezas de significados contidas nas palavras, se tornar participante de todas as doutrinas do seu conselho.

Dentre esses assuntos que dizem respeito às almas, que não podem obter a perfeição de outra forma senão pela rica e sábia verdade de Deus, as doutrinas pertencentes a Deus e ao Seu Filho Unigênito são, necessariamente, estabelecidas como primárias, a saber, de que natureza Ele é e de que maneira Ele é o Filho de Deus e quais são as causas de Sua descida até a forma humana e de Sua plena humanidade e qual é, também, a operação deste Filho e sobre quem e quando ela é exercida.

E era necessário também que o tema dos seres afins e de outras criaturas racionais, tanto as divinas quanto as que caíram da bem-aventurança, juntamente com as razões de

[567] I Reis 19: 18 e Romanos 11: 4.

sua queda, estivesse contido no ensinamento divino e também o das diversidades das almas, da origem dessas diversidades, da natureza do mundo e a causa de sua existência.

Devemos aprender também a origem da grande e terrível maldade que se espalha pela terra e se ela se limita apenas a esta terra ou se prevalece em outros lugares.

Ora, enquanto estes e outros temas semelhantes estavam presentes ao Espírito que iluminava as almas dos santos ministros da verdade, havia um segundo objetivo para aqueles que não conseguiam suportar o cansaço de investigar assuntos tão importantes, a saber, ocultar a doutrina relativa aos assuntos mencionados anteriormente em expressões que continham uma narrativa que transmitia um anúncio concernente às coisas da criação visível e da criação do ser humano e os sucessivos descendentes dos primeiros seres humanos até se tornarem numerosos e outras histórias relatando os atos de pessoas justas e os pecados ocasionalmente cometidos por essas mesmas pessoas enquanto seres humanos e as perversas obras, tanto de impureza quanto de vício, cometidas por pessoas pecadoras e ímpias.

E, o mais notável é que, pela história das guerras, dos vencedores e dos vencidos, certos mistérios são indicados àqueles que são capazes de investigar essas afirmações. E,

ainda mais maravilhoso, as leis da verdade são preditas pela legislação escrita, com tudo isto sendo descrito em uma série conectada, com um poder que está verdadeiramente em consonância com a sabedoria de Deus, pois a intenção era que a cobertura das verdades espirituais — refiro-me à parte "corpórea" das Escrituras — não fosse inútil em muitos casos, mas fosse capaz de aprimorar a multidão, de acordo com sua capacidade.

O mistério oculto nas narrativas históricas e legislativas

15.

Mas, visto que, se a utilidade da legislação e a sequência e beleza da história fossem universalmente evidentes por elas mesmas, não creríamos que qualquer outra coisa pudesse ser entendida nas Escrituras, senão o que fosse óbvio, a Palavra de Deus providenciou que certos obstáculos, por assim dizer e ofensas e impossibilidades fossem introduzidos no meio da Lei e da história, para que não sejamos desviados em todas as direções pela natureza meramente atraente da linguagem ou nos afastemos completamente das verdadeiras doutrinas, por não aprendermos nada dig-

no de Deus ou, por não nos afastarmos da letra, não cheguemos ao conhecimento de nada mais divino.

E também devemos saber que o objetivo principal era anunciar a “conexão espiritual” naquilo que é feito e que deveria ser feito. Onde a Palavra constatou que as coisas feitas segundo a história podiam ser adaptadas a esses sentidos místicos, Ela as utilizou, ocultando da multidão o significado mais profundo. Mas onde, na narrativa do desenvolvimento das coisas suprassensoriais, não se seguiu a realização daqueles certos eventos, que já estavam indicados pelo significado místico, as Escrituras entrelaçam na história e no relato de algum evento que não ocorreu, às vezes, o que não poderia ter acontecido e, outras vezes, o que poderia, mas não aconteceu. Outras vezes também, algumas palavras são interpoladas e que não são verdadeiras em seu sentido literal e, às vezes, um número maior.

E uma prática semelhante também deve ser observada em relação à legislação, na qual, muitas vezes, se encontra o que é útil propriamente e apropriado para os tempos da legislação e, às vezes também, o que não parece ser útil e, outras vezes ainda, as impossibilidades são registradas para o benefício dos mais hábeis e inquisitivos, para que se dediquem ao trabalho de investigar o que está escrito e, assim,

alcancem uma convicção adequada da maneira pela qual um significado digno de Deus deve ser buscado em tais assuntos.

A inspiração do Novo Testamento

16.

Contudo, não foi apenas com as Escrituras compostas antes da vinda de Cristo que o Espírito agiu desta maneira, mas, sendo o mesmo Espírito e procedendo do único Deus, Ele fez o mesmo tanto com os Evangelistas quanto com os Apóstolos, visto que nem mesmo estes contêm, em sua totalidade, uma história pura dos eventos, que estão entrelaçados de acordo com a letra, mas que não ocorreram de fato.

As dificuldades do sentido literal

Nem mesmo a Lei e os mandamentos transmitem completamente o que é aceitável à razão, pois quem, em sã consciência, suporá que o primeiro, o segundo e o terceiro dia, a tarde e a manhã existiram sem sol, lua e estrelas? E que o primeiro dia foi, por assim dizer, também sem céu?

E quem é tão tolo a ponto de supor que Deus, à maneira de um lavrador, plantou um Paraíso no Éden, a leste e colocou nele uma Árvore da Vida, visível e palpável, de mo-

do que, aquele que provasse do fruto com os dentes corporais obtivesse a vida? E, novamente, aquele era um participante do bem e do mal por mastigar o que foi tirado da árvore?

E se Deus caminha pelo Paraíso ao entardecer e Adão se esconde debaixo de uma árvore, não creio que alguém duvide que essas coisas indiquem figurativamente certos mistérios, tendo a história ocorrido em aparência e não literalmente.

Caim também, ao sair da presença de Deus, certamente parece, às pessoas ponderadas, como algo que leva o leitor a indagar o que é a presença de Deus e qual o significado de sair da presença d'Ele.

E que necessidade há de dizer mais, visto que aqueles que não são totalmente cegos podem reunir inúmeros exemplos semelhantes registrados como tendo ocorrido, mas que não aconteceram literalmente?

Além disto, o próprio Evangelho está repleto deste tipo de narrativa. Por exemplo, o Diabo levando Jesus a uma alta montanha, a fim de lhe mostrar dali os reinos de todo o mundo e a sua glória, pois quem, entre aqueles que não leem tais relatos com descuido, não condenaria aqueles que pensam que, com o olho do corpo — que exige uma altura

elevada para que as partes imediatamente abaixo e adjacentes possam ser vistas —, os reinos dos persas, citas, indianos e partos foram observados e a maneira como seus príncipes são glorificados entre as pessoas?

E o leitor atento poderá notar, no Evangelho, inúmeras outras passagens como estas, de modo que se convencerá de que, nas histórias que são registradas literalmente, são inseridas circunstâncias que não ocorreram.

As incongruências e impossibilidades da Lei

17.

E se chegarmos à legislação de Moisés, muitas das leis manifestam a irracionalidade e outras, a impossibilidade de sua observância literal.

A irracionalidade nesta reside na proibição de o povo comer abutres, embora ninguém, mesmo nas mais terríveis fomes, tenha sido levado pela necessidade a recorrer a esta ave e na ordem de exterminar crianças de oito dias de idade, incircuncisas, do meio de seu povo, sendo necessário, para que a lei fosse cumprida literalmente em relação a elas, que seus pais ou aqueles com quem são criadas, fossem mortos. Ora, a Escritura diz: *Todo macho incircunciso que*

não for circuncidado até o oitavo dia será eliminado do meio do seu povo[568].

E se quiserem ver as impossibilidades contidas na legislação, observemos que o bode-cervo é um desses animais que não podem existir e, ainda assim, Moisés nos ordena oferecê-lo como sendo um animal puro. Ao passo que o grifo, que nunca foi domado por um ser humano, é proibido pelo legislador de ser comido.

Além disto, aquele que considerar cuidadosamente a famosa injunção relativa ao mandamento do "sábado", cada um de vocês deverá ficar sentado em sua casa, pois, no sétimo dia, ninguém deverá sair do seu lugar, será considerado impossível de ser observado literalmente, pois nenhum ser vivo é capaz de permanecer sentado durante todo o dia, sem se mover.

Portanto, aqueles que pertencem à circuncisão e todos os que desejam que nenhum significado seja apresentado exceto o literal, não investigam assuntos como os do bode-cervo, do grifo e do abutre, mas se entregam a conversas tolas sobre certos pontos, multiplicando palavras e apresentando tradições de mau gosto, como, por exemplo, com re-

[568] Gênesis 17: 14.

lação ao sábado, dizendo que dois mil côvados é o limite de cada um.

Outros ainda, entre os quais Dositeu, o samaritano, condenando tal interpretação, pensam que, na posição em que uma pessoa se encontra no dia de sábado, ela deve permanecer até o anoitecer.

Além disto, não carregar um fardo no dia de sábado é uma impossibilidade e, no entanto, os mestres judeus caíram em inúmeros absurdos, dizendo que um sapato de um tipo era um fardo, mas não um de outro tipo e que uma sandália com pregos era um fardo, mas não uma sem pregos e, da mesma forma, o que era carregado em um só ombro era uma carga, mas não o que era carregado em ambos.

O absurdo do sentido literal

18.

E, se recorrermos ao Evangelho e fizermos um exame semelhante, o que seria mais irracional do que interpretar literalmente a ordem: *A ninguém saudeis pelo caminho*[569], que pessoas ingênuas pensam que o Salvador ordenou aos Apóstolos?

Além disto, a ordem: *Se alguém te ferir a face direita, lhe oferece também a outra*[570] é inacreditável, visto que todos que batem, a menos que tenham algum defeito físico, batem na face esquerda com a mão direita.

E é impossível interpretar literalmente a afirmação no Evangelho: *Se teu olho direito é, para ti, causa de queda, arranca-o e lança-o longe de ti*[571], pois, admitindo a possibilidade de alguém se fazer "cair" por causa da visão, como, havendo dois olhos que enxergam, a culpa deveria recair sobre o *olho direito*?

E quem, se condenando por ter lançado *um olhar de cobiça para uma mulher*[572], transferiria racionalmente a culpa apenas para o *olho direito* e o descartaria?

O Apóstolo, além disto, estabelece a Lei, dizendo: *Alguém foi chamado estando circuncidado? Não desfaça a circuncisão*[573].

Em primeiro lugar, qualquer um verá que estas palavras estão fora do contexto, pois, estabelecendo preceitos

---

569 Lucas 10: 4.
570 Mateus 5: 39.
571 Mateus 5: 29.
572 Mateus 5: 28.
573 1 Coríntios 7: 18.

sobre casamento e pureza, como não parecerá que ele introduziu estas palavras aleatoriamente?

Mas, em segundo lugar, quem dirá que um homem está errado ao se esforçar para se tornar incircunciso, se isto fosse possível, por causa da desonra que a multidão considera estar associada à circuncisão?

Todas estas afirmações foram feitas por nós para mostrar que o propósito daquele poder divino que nos deu as Sagradas Escrituras é que não aceitemos apenas o que é apresentado pela letra — já que tais coisas, às vezes, não são verdadeiras em seu sentido literal, mas absurdas e impossíveis —, mas que certas coisas foram introduzidas na história real e na legislação que são úteis em seu sentido literal.

A realidade da história sagrada

19.

Mas, para que ninguém suponha que afirmamos em relação ao todo, que nenhuma história é real porque uma determinada não o é e que nenhuma lei deve ser observada literalmente porque uma determinada, entendida ao pé da letra, é absurda ou impossível ou que as declarações concernentes ao Salvador não são verdadeiras de uma maneira

perceptível aos sentidos ou que nenhum mandamento e preceito Seu deva ser obedecido, temos que responder que, com relação a certas coisas, é perfeitamente claro para nós que o relato histórico é verdadeiro.

Como o fato de Abraão ter sido sepultado na caverna dupla em Hebron, assim como Isaac e Jacó e as esposas de cada um deles e que Siquém foi dada como porção a José e que Jerusalém é a metrópole da Judeia, na qual o templo de Deus foi construído por Salomão e inúmeras outras declarações, pois as passagens que são verdadeiras em seu significado histórico são muito mais numerosas do que aquelas que são intercaladas com um significado puramente espiritual.

E, novamente, quem não diria que o mandamento que ordena: *Honra teu pai e tua mãe, para que teus dias se prolonguem sobre a terra*[574], é útil, independentemente de qualquer significado alegórico e deve ser observado, visto que o Apóstolo Paulo também empregou estas mesmas palavras?

[574] Êxodo 20: 12.

E que necessidade há de falar das proibições: *Não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não levantarás falso testemunho*[575]?

Além disto, há mandamentos contidos no Evangelho que não admitem dúvida se devem ser observados ao pé da letra ou não. Por exemplo, aquele que diz: *Mas eu vos digo: todo aquele que se irar contra seu irmão será castigado pelos juízes*[576]. E ainda: *Eu, porém, vos digo: não jureis de modo algum*[577].

E, nos escritos do Apóstolo, o sentido literal deve ser mantido: *Corrigi os desordeiros, encorajai os tímidos, amparai os fracos e tende paciência para com todos*[578], embora seja possível, para aqueles que ambicionam um significado mais profundo, sondar as profundezas da sabedoria de Deus, sem deixar de lado o mandamento em seu sentido literal.

O leitor cuidadoso, porém, estará em dúvidas quanto a certos pontos, pois não é possível demonstrar, sem longa investigação, se uma determinada história, assim conside-

[575] Êxodo 20: 13-16.
[576] Mateus 5: 22.
[577] Mateus 5: 34.
[578] 1 Tessalonicenses 5: 14.

rada, ocorreu literalmente ou não e se o significado literal dessa lei deve ser observado ou não.

Portanto, o leitor preciso deve, em obediência à injunção do Salvador: *Perscrutais as Escrituras*[579], averiguar cuidadosamente em que medida o significado literal é verdadeiro e em que medida é impossível e, na medida do possível, deduzir, por meio de afirmações semelhantes, o significado disperso nas Escrituras daquilo que não pode ser compreendido em seu sentido literal.

Princípios de interpretação

20.

Portanto, como ficará claro para aqueles que lerem, visto que a conexão tomada literalmente é impossível enquanto o sentido preferido não é impossível, mas até mesmo o verdadeiro, nosso objetivo deve ser apreender todo o significado que conecta o relato do que é literalmente impossível de maneira inteligível com o que não só não é impossível, mas também é historicamente verdadeiro e que é entendido alegoricamente em relação a não ter ocorrido literalmente, pois, com relação às Sagradas Escrituras, nos-

sa opinião é que a totalidade delas tem um “significado espiritual”, mas não a totalidade tem um “significado corpóreo”, porque o significado corpóreo é comprovado como impossível em muitos lugares.

E, portanto, o leitor cauteloso deve dedicar grande atenção aos livros divinos, como sendo escritos divinos e a maneira de compreendê-los, a nosso ver, é a seguinte: as Escrituras relatam que Deus escolheu uma certa nação na terra, que eles chamam por vários nomes, pois toda essa nação é chamada de Israel e também de Jacó. E quando foi dividida nos tempos de Jeroboão, filho de Nabat e as dez tribos que lhe eram súditas eram chamadas de Israel e as duas restantes, juntamente com a tribo de Levi, governadas pelos descendentes de Davi, eram chamadas de Judá. E todo o território que o povo desta nação habitava, lhes tendo sido dado por Deus, recebe o nome de Judá, cuja metrópole é Jerusalém, ou seja, uma metrópole de numerosas cidades, cujos nomes estão dispersos em muitas outras passagens das Escrituras, mas são enumerados juntos no Livro de Josué, filho de Num.

[579] João 5: 39.

O Israel espiritual e o carnal

21.

Sendo assim o estado das coisas, o Apóstolo, elevando nosso poder de discernimento acima da letra, diz, em certa passagem: *Considerai Israel segundo a carne*[580], como se houvesse um Israel "segundo o Espírito".

E, em outra passagem, ele diz: *Porque nem todos os que descendem de Israel são verdadeiros israelitas, como nem todos os descendentes de Abraão são filhos de Abraão*[581].

Não é verdadeiro judeu o que o é exteriormente, nem verdadeira circuncisão a que aparece exteriormente na carne. Mas é judeu o que o é interiormente e verdadeira circuncisão é a do coração, segundo o espírito da Lei e não segundo a letra[582].

De fato, se o juízo a respeito do "judeu interior" for adotado, devemos entender que, assim como existe um povo judeu "corporalmente", também existe um povo judeu

[580] 1 Coríntios 10: 18.
[581] Romanos 9: 8.
[582] Romanos 2: 28 e 29.

“interiormente”, tendo a alma adquirido esta condição por certas razões misteriosas.

Além disto, há muitas profecias que predizem, a respeito de Israel e Judá, o que está para lhes acontecer. E será que essas promessas que estão escritas a respeito deles, por serem pobres em expressão e não revelarem nenhuma elevação de pensamento, nem nada digno da promessa de Deus, não necessitam de uma interpretação mística?

E se as “promessas espirituais” são anunciadas por sinais visíveis, então aqueles a quem as promessas são feitas não são “corpóreos”.

E, sem nos determos na questão do judeu que é judeu “interiormente”, nem na do israelita segundo o “ser humano interior” — sendo estas afirmações suficientes para aqueles que não são desprovidos de intelecto —, retornamos ao nosso assunto e dizemos que Jacó é o pai dos doze Patriarcas e estes, dos governantes do povo e estes, por sua vez, dos outros israelitas.

Não remonta então, a descendência dos israelitas “corpóreos”, aos governantes do povo e os governantes do povo aos Patriarcas e os Patriarcas a Jacó e àqueles ainda mais acima? Enquanto que os israelitas “espirituais”, dos quais os israelitas “corpóreos” eram o modelo, não descen-

dem das famílias e as famílias, das tribos e as tribos, de um único indivíduo, cuja descendência não é "corpórea", mas de uma espécie superior — ele também nascido de Isaac e este, de Abraão — tudo remontando a Adão, a quem o Apóstolo declara ser o Cristo?

De fato, todo início das famílias que têm relação com Deus como Pai de todos teve seu começo em Cristo, que é o próximo de Deus e Pai de todos, sendo assim o Pai de toda alma, assim como Adão é o pai de todos os seres humanos.

E se Eva também é uma referência à Igreja, não é surpreendente que Caim, nascido de Eva e todos os que vieram depois dele, cuja descendência remonta a Eva, sejam tipos da Igreja, visto que, em um sentido preeminente, todos descendem da Igreja.

22.

Ora, se as declarações que nos foram feitas a respeito de Israel, suas tribos e suas famílias forem capazes de nos impressionar, quando o Salvador diz: *Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel*[583], não entendemos a frase como os ebionitas, que são pobres de entendi-

[583] Mateus 15: 24.

mento (cujo nome deriva da pobreza de seu intelecto, pois "ebion" significa "pobre", em hebraico), a ponto de supor que o Salvador veio especialmente aos "israelitas carnais", pois, *não são os filhos da carne que são filhos de Deus*[584].

Novamente, o Apóstolo ensina a respeito de Jerusalém o seguinte: *A Jerusalém lá do alto é livre e esta é a nossa mãe*[585]. E, em outra Epístola: *Vós, ao contrário, vos aproximastes da montanha de Sião, da cidade do Deus vivo, da Jerusalém celestial, das miríades de anjos, da assembleia festiva dos primeiros inscritos no Livro dos Céus*[586].

Se Israel está entre o conjunto de almas e se existe no céu uma cidade de Jerusalém, se conclui que as cidades de Israel tem como metrópole a *Jerusalém celestial* e, consequentemente, esta é a metrópole de toda a Judeia.

Portanto, tudo o que é predito sobre Jerusalém e dito a respeito dela, se ouvirmos as palavras de Paulo como sendo de Deus e de alguém que profere sabedoria, devemos entender as Escrituras como se referindo à cidade celestial e a todo o território incluído nas cidades da terra santa, pois talvez seja a essas cidades que o Salvador nos remete quan-

[584] Romanos 9: 8.
[585] Gálatas 4: 26.
[586] Hebreus 12: 22 e 23.

do, àqueles que obtiveram crédito por terem administrado bem seus "bens", Ele lhes atribui *o governo de cinco* ou *dez cidades*[587].

Se, portanto, as profecias relativas à Judeia, Jerusalém, Israel, Judá e Jacó, não sendo entendidas por nós em um "sentido carnal", indicam alguns desses mistérios, como já mencionado, seguir-se-á também que as predições concernentes ao Egito e aos egípcios, à Babilônia e aos babilônios, a Tiro e aos tírios, a Sidônia e aos sidônios ou às outras nações, não se referem apenas a esses "corpóreos" egípcios, babilônios, tírios e sidônios, mas também a seus "equivalentes espirituais", pois, se existem israelitas "espirituais", se conclui que também existem egípcios e babilônios "espirituais", pois, o que é relatado em Ezequiel a respeito do faraó, rei do Egito, não se aplica, de modo algum, ao caso de uma certa pessoa que governou ou que se dizia governar o Egito, como ficará evidente para aqueles que o analisarem cuidadosamente.

Da mesma forma, o que é dito sobre o governante de Tiro não pode ser entendido em relação a uma certa pessoa que governou Tiro. E, o que é dito em muitas passagens e

[587] Cf. Lucas 19: 16-19.

especialmente em Isaías, sobre Nabucodonosor, não pode ser explicado em relação a este indivíduo, pois Nabucodonosor não caiu do céu, nem era a estrela da manhã, nem surgiu na terra pela manhã.

Nem mesmo uma pessoa de intelecto interpretaria o que está dito em Ezequiel sobre o Egito — a saber, que em quarenta anos ele seria devastado, de modo que não se encontraria mais pegada humana nele e que os estragos da guerra seriam tão grandes que o sangue correria por toda parte, chegando até os joelhos[588] — como tal. O Egito, que fica ao lado dos etíopes, cujos corpos estão escurecidos pelo sol.

O tesouro oculto e escondido das Escrituras

23.

E talvez, assim como aqueles que aqui morrem segundo a morte comum a todos, em consequência dos atos praticados aqui, estejam dispostos de modo a obterem lugares diferentes de acordo com a proporção de seus pecados, caso sejam considerados dignos do lugar chamado Hades, assim também, aqueles que lá morrem, por assim dizer, descem a

este Hades, sendo julgados merecedores de diferentes moradas — melhores ou piores — por todo este espaço da terra e de descenderem de pais de diferentes tipos, de modo que um israelita possa, às vezes, cair entre citas e um egípcio descer à Judeia.

E, no entanto, o Salvador veio reunir *as ovelhas perdidas da casa de Israel*[589]. Mas muitos dos israelitas não se renderam aos Seus ensinamentos e aqueles dentre os gentios foram chamados.

E estes pontos, como supomos, foram ocultados nas histórias, pois, *o Reino dos Céus é também semelhante a um tesouro escondido num campo. Uma pessoa o encontra, mas o esconde de novo. E, cheio de alegria, vai, vende tudo o que tem para comprar aquele campo*[590].

Observemos então, se o significado aparente, superficial e óbvio das Escrituras não se assemelha a um *campo* repleto de plantas de todos os tipos, enquanto as coisas que nele jazem, invisíveis a todos, mas enterradas, por assim dizer, sob as plantas visíveis, são *os tesouros escondidos da*

[588] Cf. Ezequiel 29: 8-16, 30: 7-10 e 32: 5-15.
[589] Mateus 15: 24.
[590] Mateus 13: 44.

sabedoria e da ciência[591], os quais o Espírito, por meio de Isaías, chama de *tesouros enterrados e as riquezas escondidas*[592], sendo somente Deus capaz de arrebentar *os batentes de bronze* e arrancar *os ferrolhos de ferro*[593] que estão sobre os portões que os ocultam, para que todas as declarações no Livro do Gênesis sejam descobertas, as quais se referem às várias espécies genuínas e sementes, por assim dizer, de almas, que estão intimamente relacionadas a Israel ou distantes dele e à descida *ao Egito* das *setenta* almas, para que lá se tornem *tão numerosas quanto as estrelas do céu*[594].

Mas, como nem todos os que são de Israel são a luz do mundo — *porque nem todos os que descendem de Israel são verdadeiros israelitas*[595] — eles se tornam, a partir de *setenta* almas, *como as estrelas do céu e como a areia na praia do mar*[596].

[591] Colossenses 2: 3.
[592] Isaías 45: 3.
[593] Isaías 45: 2.
[594] Deuteronômio 10:22.
[595] Romanos 9: 8.
[596] Gênesis 22: 17.

O sentido místico do povo de Israel no deserto

24.[597]

Esta descida dos santos pais ao Egito aparecerá como concedida a este mundo pela Providência de Deus para a iluminação de outros e para a instrução do gênero humano, para que, por este meio, as almas de outros pudessem ser auxiliadas na obra de iluminação, pois a eles foi concedido, primeiramente, o privilégio de conversar com Deus[598], porque o seu é o único povo que se diz "ver a Deus", sendo este o significado, por interpretação, do nome "Israel"[599].

E agora se conclui que, de acordo com esta visão, se deve aceitar e explicar a afirmação de que o Egito foi flagelado com dez pragas para permitir que o povo de Deus partisse ou o relato do que foi feito com o povo no deserto ou da construção do tabernáculo por meio de contribuições de todo o povo ou do uso das vestes sacerdotais ou dos utensílios do serviço público, porque, como está escrito, eles verdadeiramente contêm, neles mesmos, *a imagem* e a *sombra*

[597] Traduzido do latim até o final.

[598] Cf. Romanos 3: 1 e 2. *Em que se avantaja o judeu? Principalmente porque lhes foram confiados os oráculos de Deus*.

[599] Cf. Gênesis 32: 29. *Não te chamarás mais Jacó, mas Israel será o teu nome, porque prevaleceste com Deus e foste poderoso com os homens*.

das realidades celestiais[600], como Paulo diz abertamente a respeito deles.

Além disto, nessa mesma Lei estão contidos os preceitos e instituições segundo os quais as pessoas devem viver na terra santa. Ameaças também são apresentadas como iminentes sobre aqueles que transgredirem a Lei. Diferentes tipos de purificações são prescritos para aqueles que necessitam de purificação, por serem pessoas propensas à poluição frequente, para que, por meio delas, possam finalmente alcançar aquela purificação após a qual nenhuma outra poluição será permitida.

O próprio povo é contado, embora não todos, pois as almas das crianças ainda não são suficientemente maduras para serem contadas segundo o mandamento divino[601]. Nem são contadas aquelas almas que não podem se tornar a cabeça de outra, mas são subordinadas a outras como a uma cabeça, que são chamadas "mulheres" e que, certamente, não estão incluídas na contagem ordenada por Deus, mas somente são contados aqueles que são chamados *va-*

[600] Romanos 8: 5.

[601] Cf. Números 1: 2. *Fazei o recenseamento de toda a assembleia dos filhos de Israel segundo suas famílias, suas casas patriarcais, contando nominalmente, por cabeça, todos os varões da idade de vinte anos para cima.*

rões, pelo que se pode demonstrar que as mulheres não podiam ser contadas separadamente, mas estavam incluídas entre os chamados *varões*.

Estes, porém, pertencem especialmente ao número sagrado, aqueles *israelitas aptos para o serviço das armas*[602], os israelitas que são capazes de lutar contra os inimigos públicos e privados que o Pai submete ao Filho, que se assenta à Sua direita para destruir todo Principado e Potestade e, por meio dessas tropas que, engajadas na guerra por Deus, não se envolvem em negócios seculares, Ele pode derrubar o reino do Seu adversário, por meio das quais os escudos da fé são portados e as armas da sabedoria brandidas e entre as quais também resplandece o capacete da esperança e da salvação e a couraça da luz fortalece o peito cheio de Deus.

Tais soldados me parecem indicados e preparados para guerras desse tipo entre as pessoas que, nos livros sagrados, são ordenadas por Deus a serem contadas. Mas, dentre essas, as mais perfeitas e distintas são aquelas de quem se diz que *até os fios de cabelo da cabeça estão contados*[603].

[602] Números 1: 3.
[603] Mateus 10: 30.

De fato, aqueles que foram punidos por seus pecados, cujos corpos caíram no deserto, parecem possuir uma semelhança com aqueles que, de fato, fizeram progressos consideráveis, mas que não conseguiram, por diversas razões, alcançar a perfeição, pois há relatos de que ou murmuraram ou adoraram ídolos ou cometeram a fornicação ou executaram alguma obra maligna que a mente nem deveria conceber.

Não considero que o seguinte esteja isento de algum significado místico, a saber, que certos israelitas, possuindo muitos rebanhos e animais, tomam posse antecipada de uma terra adequada para pastagem e criação de gado, que foi a primeira que a mão direita dos hebreus garantiu na guerra, pois, ao pedirem a Moisés para receberem esta região, são separados pelas águas do Jordão e separados de qualquer possessão na terra santa[604]. E este Jordão, segundo a forma das coisas celestiais, pode parecer saciar e irrigar almas sedentas e os sentidos que lhe são adjacentes.

Em relação a isto, não parece supérfluo que Moisés ouça de Deus o que é descrito no Livro do Levítico, enquanto que, no Livro do Deuteronômio, é o povo que ouve Moi-

[604] Cf. Números 32: 1-5.

sés e ficam sabendo, através dele, o que não podiam ouvir diretamente de Deus, pois o Deuteronômio é chamado, por assim dizer, de segunda lei, o que para alguns parecerá transmitir o significado de que, quando a primeira lei dada por meio de Moisés chegou ao fim, uma segunda legislação parece ter sido promulgada, transmitida especialmente por Moisés a seu sucessor Josué, que certamente é considerado uma representação de nosso Salvador, por cuja segunda lei — isto é, os preceitos do Evangelho — todas as coisas são levadas à perfeição.

As duas vindas de Cristo no Livro do Deuteronômio

25.

Precisamos, no entanto, verificar se este significado mais profundo não pode, talvez, estar implícito, a saber, que, assim como em Deuteronômio a legislação é apresentada com maior clareza e distinção do que nos livros que foram escritos primeiro, também por aquele advento do Salvador que Ele realizou em Seu estado de humilhação, quando assumiu a *forma de servo*, não se pode apontar para um segundo advento mais celebrado e renomado na glória de Seu Pai e, nele, os tipos de Deuteronômio podem se

cumprir, quando no Reino dos céus todos os santos viverão segundo as leis do Evangelho eterno e, assim como, em Sua vinda agora, Ele cumpriu aquela Lei que tem uma sombra de coisas boas por vir, também por aquele advento glorioso futuro se cumprirão e se aperfeiçoarão as sombras do advento presente, pois, assim falou o Profeta, a respeito disto: *O sopro de nossa vida, o ungido do Senhor, caiu em suas ciladas. De quem dizíamos: "À sua sombra viveremos entre as nações"*[605], no tempo, isto é, quando Ele transferir mais dignamente todos os santos de um Evangelho temporal para *um Evangelho eterno*[606], segundo a expressão empregada por João no Livro do Apocalipse.

As insondáveis riquezas de Deus

26.

Mas que nos baste, em todas estas questões, adaptar nosso entendimento à regra da religião e, assim, não pensar nas palavras do Espírito Santo como uma composição ornamentada de frágil eloquência humana, mas como algo que se sustenta, segundo a declaração bíblica, que *toda a*

[605] Lamentações 4: 20.
[606] Apocalipse 14: 6.

glória da filhado Rei é interior, adornada com uma profusão de franjas douradas e diversas decorações [607] e que o tesouro do significado divino está contido no frágil vaso da letra comum.

E, se algum leitor curioso ainda quiser uma explicação de pontos específicos, que venha e ouça, junto conosco, como o Apóstolo Paulo, buscando penetrar, com a ajuda do Espírito Santo, que *penetra tudo, mesmo as profundezas de Deus*[608], nas profundezas *da sabedoria* e *do conhecimento* divinos e, ainda assim, incapaz de chegar ao fim, por assim dizer e de alcançar um conhecimento completo, exclama em desespero e espanto: *Ó abismo de riqueza, de sabedoria e de ciência em Deus!*

Ora, que foi a partir do desespero por alcançar um entendimento perfeito que ele fez este desabafo, ouçam suas próprias palavras: *Quão impenetráveis são os seus juízos e inexploráveis os seus caminhos!*[609]

De fato, ele não disse que os *juízos* de Deus eram difíceis de descobrir, mas que eram totalmente *impenetráveis* e nem que era simplesmente difícil desvendar *os Seus cami-*

[607] Salmo 044: 014.
[608] 1 Coríntios 2: 10.
[609] Romanos 11: 33.

nhos, mas que eram totalmente *inexploráveis*, pois, por mais que uma pessoa avance em suas investigações e por maior que seja o progresso que ela possa fazer por meio de estudo incessante, auxiliada até mesmo pela graça de Deus e com a mente iluminada, ela não será capaz de alcançar o fim daquilo que é objeto de suas indagações.

O caráter progressivo do conhecimento e do mistério

Nem qualquer mente criada pode considerar possível, de qualquer forma, alcançar uma compreensão plena das coisas, mas, depois de ter descoberto certos objetos de sua pesquisa, ela vê novamente outros que ainda precisam ser buscados. E mesmo que consiga dominar estes, verá novamente muitos outros que os sucedem e que devem constituir o objeto de investigação.

E, por esta razão, portanto, Salomão, o mais sábio dos seres humanos, contemplando, pela sua *sabedoria*, a natureza das coisas, disse: *Eu examinei todas as coisas em minha sabedoria e disse: "Serei sábio". E a sabedoria se afastou de mim. Estava ainda mais distante do que antes. O abismo entre nós era profundo. Quem pode sondá-lo?*[610]

[610] Eclesiastes 7: 23 e 24.

Isaías também, sabendo que os princípios das coisas não podiam ser descobertos por uma natureza mortal e nem mesmo por aquelas naturezas que, embora mais divinas do que humanas, foram, no entanto, criadas ou formadas, sabendo então que, por nenhuma delas, o princípio ou o fim poderiam ser descobertos, disse: *Deixem que eles contem o que está por vir ou o que foi desde o princípio. Digam-nos, anunciem-nos as coisas do fim e reconheceremos que vocês são deuses*[611].

Meu mestre hebreu também costumava ensinar que, assim como o princípio ou o fim de todas as coisas não podiam ser compreendidos por ninguém exceto somente por nosso Senhor Jesus Cristo e o Espírito Santo, assim também, sob a forma de uma visão, Isaías falou de dois Serafins sozinhos que, com duas asas, cobrem o rosto de Deus e, com duas, os seus pés e, com duas, voam, chamando um ao outro alternadamente e dizendo: *Santo, santo, santo é o Senhor, Deus do universo! A terra inteira proclama a sua glória!*[612]

[611] Isaías 41: 22 e 23.
[612] Isaías 6: 3.

Que somente os Serafins têm ambas as asas sobre a face de Deus e sobre os Seus pés, ousamos declarar como significando que nem as hostes de santos Anjos, nem os sagrados Tronos, nem as Dominações, nem os Principados, nem as Potestades podem compreender plenamente o princípio de todas as coisas e os limites do universo.

Mas devemos entender que aqueles santos que o Espírito Santo inscreveu e as Virtudes, se aproximam muito desses mesmos princípios e atingem uma altura que os outros não podem alcançar e, no entanto, seja o que for que essas Virtudes tenham aprendido por meio da revelação do Filho de Deus e do Espírito Santo — e certamente serão capazes de aprender muito e, aqueles de posição mais elevada, muito mais do que os de posição inferior —, ainda assim é impossível para eles compreenderem todas as coisas, de acordo com a afirmação: *A maior parte das obras de Deus permanece oculta*[613].

E, portanto, também é desejável que cada um, segundo as suas forças, se esforce sempre por alcançar as coisas que estão à sua frente, *prescindindo do passado e* se a*ti-*

[613] Eclesiástico 16: 21.

rando ao que resta pela frente[614], para obras melhores e para uma compreensão e entendimento mais claros, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador, a quem seja dada a glória para sempre!

A questão das substâncias e a Trindade

27.

Que todo aquele que se preocupa com a verdade se preocupe pouco com as palavras e a linguagem, visto que, em cada nação, prevalece um uso diferente da fala. Mas que ele dirija sua atenção ao significado transmitido pelas palavras e não à natureza das palavras que transmitem o significado, especialmente em assuntos de tamanha importância e dificuldade.

Como, por exemplo, quando se investiga se existe alguma "substância" na qual, nem cor, nem forma, nem tato, nem magnitude possam ser entendidas como existentes e visíveis apenas à mente, que qualquer um nomeie como bem entender, pois os gregos chamam isso de *ἀσώματον* (*asómaton*), isto é, "incorpóreo", enquanto as Sagradas Escrituras declaram que é "invisível", pois Paulo chama Cristo

[614] Filipenses 3: 13.

de *a imagem do Deus invisível*[615] e diz ainda que, por Cristo, *foram criadas todas as coisas visíveis e invisíveis*[616].

E, por isto, se declara que existem, entre as coisas criadas, certas "substâncias" que são, segundo sua natureza peculiar, *invisíveis*. Mas, embora estas não sejam propriamente "corpóreas", elas, no entanto, fazem uso de corpos, embora sejam, elas mesmas, superiores a quaisquer substâncias corporais.

Mas aquela "substância" da Trindade, que é o princípio e a causa de todas as coisas, da qual todas as coisas existem, por meio da qual todas as coisas existem e na qual todas as coisas existem, não pode ser considerada nem um corpo nem estar em um corpo, mas é inteiramente incorpórea.

E agora, basta termos falado brevemente sobre estes pontos, embora em uma digressão, causada pela natureza do assunto, a fim de mostrar que há certas coisas cujo significado não pode ser desvendado por nenhuma palavra da linguagem humana, mas que são reveladas mais pela sim-

[615] Colossenses 1: 15.
[616] Colossenses 1: 16.

ples apreensão do que por quaisquer propriedades das palavras.

E, sob esta regra, deve ser submetido também o entendimento das Sagradas Escrituras, para que suas afirmações não sejam julgadas segundo a inutilidade da letra, mas segundo a divindade do Espírito Santo, por cuja inspiração foram escritas.

II - Resumo da doutrina concernente ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo e aos demais tópicos abordados nas páginas anteriores.

A eternidade do Filho

28.

Chegou agora o momento, após a rápida consideração que, da melhor forma possível, dedicamos aos tópicos discutidos, de recapitular, resumindo o que dissemos em diferentes lugares, os pontos individuais e, antes de tudo, reafirmar nossas conclusões a respeito do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Visto que Deus Pai é invisível e inseparável do Filho, o Filho não é gerado por "prolação"[617], como alguns supõem, pois, se o Filho fosse uma "prolação" do Pai (sendo o termo "prolação" usado para significar uma geração como a que ocorre com animais ou seres humanos) então, necessariamente, tanto Aquele que "prolatou" quanto Aquele que foi "prolatado" seriam corpóreos, pois não dizemos, como supõem os hereges, que alguma parte da substância de Deus foi convertida no Filho ou que o Filho foi procriado pelo Pai

a partir de coisas inexistentes, isto é, além de Sua própria substância, de modo que houve um tempo em que Ele não existia, mas, deixando de lado todas as concepções corpóreas, dizemos que o Verbo e a Sabedoria foram gerados a partir do invisível e incorpóreo, sem qualquer sentimento corpóreo, como se fosse um ato da vontade procedente do intelecto. Nem, visto que Ele é chamado de Filho do Seu amor, parecerá absurdo se, desta forma, Ele for chamado de Filho da Sua vontade.

Não, João também indica que *Deus é Luz*[618] e Paulo também declara que o Filho é o *esplendor da glória de Deus*[619]. Assim como a luz jamais poderia existir sem *esplendor*, também o Filho não pode ser entendido como existindo sem o Pai, pois Ele é chamado de *imagem do seu ser*[620] e *Força de Deus e a Sabedoria de Deus*[621].

Como então, se pode afirmar que houve um tempo em que Ele não era o Filho?

De fato, isto nada mais é do que dizer que houve um tempo em que Ele não era a Verdade, nem a Sabedoria, nem

---

[617] *Ato ou efeito de pronunciar; pronunciação, articulação*. (Houaiss).
[618] 1 João 1: 5.
[619] Hebreus 1: 3.
[620] Hebreus 1: 3.

a Vida, embora, em tudo isto, Ele seja considerado a essência perfeita de Deus Pai, pois estas coisas não podem ser separadas dele, nem mesmo de Sua essência.

E, embora se diga que essas qualidades são muitas em entendimento, em sua natureza e essência, elas são uma e nelas reside a plenitude da divindade.

Ora, esta frase que empregamos — "que nunca houve um tempo em que Ele não existisse" — deve ser entendida com uma ressalva, pois estas mesmas palavras "quando" ou "nunca" têm um significado que se relaciona ao tempo, enquanto que as afirmações feitas a respeito do Pai, do Filho e do Espírito Santo devem ser compreendidas como transcendendo todo o tempo, todas as eras e toda a eternidade, pois somente a Trindade excede a compreensão não apenas da inteligência temporal, mas também da eterna, enquanto outras coisas que não estão incluídas nela devem ser medidas pelos tempos e eras.

Este Filho de Deus então, que, *no princípio, era o Verbo, estava junto de Deus e era Deus*[622], ninguém logicamente suporá estar contido em qualquer lugar, nem em re-

[621] 1 Coríntios 1: 24.
[622] João 1: 1.

lação ao fato de Ele ser *Sabedoria* ou *Verdade* ou *Vida* ou *Justiça* ou *Santificação* ou *Redenção*, pois todas estas propriedades não requerem espaço para agir ou operar, mas cada uma delas deve ser entendida como significando aqueles indivíduos que participam de Sua virtude e obra.

Cristo formado nos crentes

29.

Ora, se alguém dissesse que, por meio daqueles que participam da Palavra de Deus ou de Sua Sabedoria ou de Sua Verdade ou de Sua Vida, a própria Palavra e Sabedoria pareciam estar contidas em algum lugar, teríamos que lhe responder que não há dúvida de que Cristo, por ser a Palavra ou a Sabedoria e todas as outras coisas, estava em Paulo e que, portanto ele disse: *Exigis a prova de que é Cristo que fala em mim*[623] e ainda: *Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim*[624].

Visto que Ele estava em Paulo, quem duvidará de que Ele estava de maneira semelhante em Pedro e em João e em

[623] 2 Coríntios 13: 3.
[624] Gálatas 2: 20.

cada um dos santos e não apenas naqueles que estão na terra, mas também naqueles que estão no céu?

É absurdo dizer que Cristo estava em Pedro e em Paulo, mas não em Miguel, o Arcanjo e nem em Gabriel. E disto se demonstra claramente que a divindade do Filho de Deus não estava encerrada em algum lugar, pois, do contrário, estaria presente apenas nele e não em outro.

Mas como, em conformidade com a majestade de sua natureza incorpórea, não está confinado a nenhum lugar, não se pode entender que esteja ausente em nenhum. Mas se entende que esta é a única diferença: embora Ele esteja em diferentes indivíduos, como dissemos — como Pedro ou Paulo, Miguel ou Gabriel — Ele não se manifesta da mesma forma em todos os seres, pois Ele está mais plena e claramente e, por assim dizer, mais abertamente, nos Arcanjos do que em outros santos.

E isto fica evidente na afirmação de que, quando todos os santos atingem o ápice da perfeição, se diz que se tornam *como os anjos de Deus no céu*[625] ou iguais a eles, conforme declarado no Evangelho. Daí se conclui que Cristo está, em

[625] Mateus 22: 30.

cada indivíduo, na medida em que seus méritos o permitem.

A obra e a encarnação do Filho

30.

Tendo então, reiterado brevemente estes pontos concernentes à natureza da Trindade, convém que observemos também, sucintamente, a afirmação de que, pelo Filho, *foram criadas todas as coisas nos céus e na terra; as criaturas visíveis e as invisíveis. Tronos, Dominações, Principados, Potestades. Tudo foi criado por ele e para ele. Ele existe antes de todas as coisas e todas as coisas subsistem nele. Ele é a Cabeça do corpo*[626].

Em conformidade com isto, João também diz em seu Evangelho: *Tudo foi feito por ele e, sem ele, nada foi feito*[627].

E Davi, insinuando que o mistério de toda a Trindade estava relacionado à criação de todas as coisas, diz: *Pela*

[626] Colossenses: 1: 16-18.
[627] João 1: 3.

Palavra do Senhor foram feitos os céus e, todo o seu exército, pelo sopro da sua boca[628].

Após estes pontos, lembraremos apropriadamente, ao leitor, o advento corpóreo e a encarnação do Filho Unigênito de Deus, em relação ao qual, não devemos supor que toda a majestade de Sua divindade foi confinada aos limites de Seu corpo esguio, de modo que toda a Palavra de Deus, Sua Sabedoria, Vida e Verdade essencial tenham sido separadas do Pai e restringidas e confinadas à estreiteza de Sua pessoa corpórea e não devem ser consideradas como tendo operado em nenhum outro lugar.

Mas o reconhecimento cauteloso de uma pessoa religiosa deve estar entre os dois extremos, de modo que não se deve acreditar que algo da divindade tenha faltado em Cristo e nem que tenha havido qualquer separação da essência do Pai, que está em toda parte.

Para alguns, este significado parece ser indicado por João Batista, quando disse à multidão, na ausência corpórea de Jesus: *No meio de vós está quem vós não conheceis. Esse é quem vem depois de mim e eu não sou digno de lhe*

[628] Salmo 032: 006.

desatar a correia do calçado[629]. De fato, certamente não se poderia dizer, daquele que estava ausente no que diz respeito à sua presença física, que estava no meio daqueles entre os quais o Filho de Deus não estava fisicamente presente.

Não há partes em Cristo

31.

Que ninguém, porém, suponha que, com isto, afirmamos que alguma porção da divindade do Filho de Deus estava em Cristo e que a porção restante estava em outro lugar ou em todo lugar, o que pode ser a opinião daqueles que ignoram a natureza incorpórea e invisível de uma essência, pois é impossível falar das partes de um ser incorpóreo ou fazer qualquer divisão delas, mas Ele está em todas as coisas, por meio de todas as coisas e acima de todas as coisas, da maneira como falamos acima, isto é, da maneira como Ele é entendido como Sabedoria ou a Palavra ou a Vida ou a Verdade; método de compreensão pelo qual qualquer confinamento de natureza espacial é indubitavelmente excluído.

[629] João 1: 26.

Cristo assumiu um corpo humano e uma alma humana

O Filho de Deus então, desejando para a salvação do gênero humano, aparecer aos humanos e habitar entre eles, assumiu não apenas um corpo humano, como alguns supõem, mas também uma alma semelhante à nossa em natureza, porém semelhante a Ele em vontade e poder e capaz de realizar infalivelmente todos os desejos e desígnios do Filho.

Ora, que Ele tinha uma alma, é demonstrado mais claramente pelo Salvador no Evangelho, quando disse: *Dou a minha alma para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou de mim mesmo, já que tenho o poder de dá-la, como tenho o poder de retomá-la*[630]. E ainda: *A minha alma está triste até à morte*[631]. E também: *Presentemente, a minha alma está perturbada*[632].

De fato, a Palavra de Deus não deve ser entendida como uma *triste* e *perturbada alma*, porque, com a autoridade da divindade, Ele diz: *Dou a minha alma para retomá-la, já que tenho o poder de dá-la, como tenho o poder de*

[630] João 10: 17 e 18.
[631] Mateus 26: 38.
[632] João 12: 27.

retomá-la. Nem afirmamos que o Filho de Deus estava naquela *alma* como estava na alma de Paulo ou Pedro e dos outros santos, nos quais se crê que Cristo fala como fala em Paulo. Mas, em relação a todos estes, devemos sustentar, como declara a Escritura: *Quem estará livre da impureza? Ninguém. Mesmo que sua vida na terra tivesse durado apenas um dia*[633].

Mas esta *alma* que estava em Jesus, *antes de conhecer o bem e o mal* escolheu *o bem*[634]. E, porque Ele amava *a justiça* e odiava *a iniquidade*, *Deus o ungiu com o óleo da alegria, mais do que a todos os seus companheiros*[635].

Ele é ungido então, *com o óleo da alegria* quando se une à Palavra de Deus em uma união imaculada e, somente por este meio, dentre todas as almas, se tornou incapaz de pecar, porque era capaz de receber plena e perfeitamente o Filho de Deus e, portanto, também é um com Ele e é nomeado por Seus títulos e é chamado Jesus Cristo, por quem se diz que *tudo foi feito*.

Desta alma, vendo que havia recebido em si toda a Sabedoria de Deus, a Verdade e a Vida, creio que o Apóstolo

[633] Jó 14: 4 e 5.
[634] Isaías 7: 16.
[635] Salmo 043: 008.

também disse isto: *Nossa vida está escondida com Cristo em Deus*. Mas, *quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também nós seremos manifestados com Ele em glória*[636].

De fato, que outro Cristo pode ser entendido aqui, que se diz estar "escondido *em Deus*" e que depois há de *se manifestar*, senão Aquele que é relatado como tendo sido ungido *com o óleo da alegria*, isto é, tendo sido essencialmente preenchido com Deus em quem agora se diz estar "escondido"? Pois é por isto que Cristo é apresentado como exemplo a todos os crentes, porque, como sempre, mesmo *antes de conhecer o bem e o mal*, Ele *escolheu o bem*, amou *a justiça* e odiou *a iniquidade* e, por isto, *Deus o ungiu com o óleo da alegria*.

Assim também, cada um deve, após um deslize ou pecado, se purificar de suas manchas, o tomando como exemplo e, o seguindo como guia em sua jornada, trilhar o caminho íngreme da virtude, para que, talvez por este meio, na medida do possível, o imitando, possamos nos tornar participantes da natureza divina, segundo as palavras da Escri-

[636] Colossenses 3: 3 e 4.

tura: *Aquele que afirma permanecer nele deve também caminhar como ele caminhou*[637].

Essa Palavra então e essa Sabedoria, pela qual nós dizemos que somos sábios ou seres racionais, se torna *tudo para todos, a fim de salvar a todos*[638] e, porque é enfraquecida, por isto se diz dela: *É verdade que ele foi crucificado por fraqueza, mas está vivo pelo poder de Deus*[639].

Finalmente, aos coríntios que eram fracos, Paulo declara: *Julguei não dever saber coisa alguma entre vós, senão Jesus Cristo e Jesus Cristo crucificado*[640].

Participantes na Trindade

32.

Alguns, de fato, gostariam que a seguinte linguagem do Apóstolo fosse aplicada à própria alma, assim que ela assumiu a forma humana por meio de Maria, a saber: *Sendo ele de condição divina, não julgou ser uma usurpação sua igualdade com Deus, mas esvaziou a si mesmo, assu-*

[637] 1 João 2: 6.
[638] 1 Coríntios 9: 22.
[639] 2 Coríntios 13: 4.
[640] 1 Coríntios 2: 2.

mindo a forma de servo[641], visto que, sem dúvida, Ele a restaurou à forma de Deus por meio de melhores exemplos e treinamento e a reconduziu à plenitude da qual Ele mesmo se despojou.

Assim como, pela participação no Filho de Deus, alguém é adotado como filho e, pela participação na sabedoria que há em Deus, se torna sábio, também pela participação no Espírito Santo, o ser humano se torna santo e espiritual, pois é uma e a mesma coisa participar do Espírito Santo, que é o Espírito do Pai e do Filho, visto que a natureza da Trindade é una e incorpórea.

E, o que dissemos a respeito da participação da alma deve ser entendido em relação aos anjos e às potestades celestiais de maneira semelhante à das almas, porque toda criatura racional necessita participar da Trindade.

Respeitando também o plano deste mundo visível — visto que uma das questões mais importantes geralmente levantadas é a da maneira de sua existência — falamos da melhor maneira possível nas páginas anteriores, para o bem daqueles que costumam buscar os fundamentos de sua crença em nossa religião e também para aqueles que levan-

[641] Filipenses 2: 6.

tam contra nós questões heréticas e que costumam usar palavras "sem fundamento", que eles ainda não conseguiram entender e sobre as quais, agora julgo necessário relembrar brevemente o leitor.

A natureza da matéria

33.

E, em primeiro lugar, é preciso observar que não encontramos em nenhum lugar das Escrituras canônicas, até o presente momento, a palavra "matéria" usada para aquela substância que se diz estar na base dos corpos, pois na frase de Isaías: *E ele devorará a matéria ὕλην (ýlin) como se fosse feno*[642], ao falar daqueles que estavam destinados a sofrer seus castigos, a palavra *matéria* foi usada invés de "pecados".

E se a palavra "matéria" porventura ocorrer em qualquer outra passagem, jamais será encontrada, em minha opinião, com o significado que agora buscamos, a menos, talvez, no livro chamado Sabedoria de Salomão, uma obra que certamente não é considerada de autoridade por todos.

[642] Isaías 10: 17.

Neste livro, porém, encontramos escrito o seguinte: *Pois, à tua mão onipotente, que fez o mundo de matéria informe, não faltaram meios para enviar, entre eles, uma multidão de ursos e leões ferozes*[643].

Muitos, de fato, são da opinião de que a matéria da qual as coisas são feitas é ela mesma mencionada na linguagem usada por Moisés, no início do Gênesis: *No princípio, Deus fez os céus e a terra e a terra era invisível e não estava organizada*[644], pois, com as palavras *invisível e não organizada*, Moisés parece querer dizer nada mais do que matéria informe.

Mas, se esta é verdadeiramente matéria, então fica claro que os elementos originais dos corpos não são incapazes de mudança, pois aqueles que postulavam "átomos" — sejam partículas incapazes de subdivisão, seja partículas subdivididas em partes iguais — ou qualquer elemento individual, como princípios das coisas corpóreas, não poderiam postular a palavra "matéria", no sentido próprio do termo, entre os primeiros princípios das coisas, pois, se eles defendessem que a matéria subjaz a todo corpo — uma substân-

643 Sabedoria 11: 17.
644 Gênesis 1: 1 e 2.

cia conversível, mutável ou divisível em todas as suas partes — não afirmariam, como é apropriado, que ela existe sem qualidades.

E concordamos com eles, pois negamos veementemente que a matéria deva ser considerada como "não gerada" ou "não criada", conforme nossas afirmações anteriores, quando apontamos que, da água, da terra, do ar ou do calor, diferentes tipos de frutos são produzidos por diferentes tipos de árvores ou quando mostramos que o fogo, o ar, a água e a terra se convertem, alternadamente, uns nos outros e que um elemento se resolve em outro por uma espécie de consanguinidade mútua e também quando se comprovou que a substância da carne é derivada dos alimentos, sejam eles de origem humana ou animal ou que a umidade das sementes naturais se converte em carne e ossos sólidos. Tudo isto demonstra que a substância do corpo é mutável e pode transitar de uma qualidade para todas as outras.

A matéria e suas qualidades

34.

Não obstante, não devemos esquecer que uma substância jamais existe sem uma qualidade e que é somente

por um ato do intelecto que essa substância que subjaz aos corpos e que é capaz de qualidade é descoberta como matéria.

Alguns, de fato, em seu desejo de investigar estes assuntos mais profundamente, ousaram afirmar que a natureza corpórea nada mais é do que qualidades, pois, se dureza e maciez, calor e frio, umidade e aridez são qualidades e se, quando estas ou outras qualidades deste tipo são eliminadas, nada mais resta, então todas as coisas parecerão ser qualidades.

Portanto, também aqueles que fazem essas afirmações se esforçaram para sustentar que, visto que todos os que dizem que a matéria não foi criada admitem que as qualidades foram criadas por Deus, se pode demonstrar, desta forma, que, mesmo segundo eles, a matéria não foi criada, uma vez que as qualidades constituem tudo e estas são declaradas por todos, sem contradição, como tendo sido criadas por Deus.

Aqueles que, por sua vez, defendem que as qualidades são sobrepostas externamente a uma determinada substância subjacente, utilizam ilustrações deste tipo. Por exemplo, Paulo, sem dúvida está em silêncio ou fala ou vigia ou dorme ou mantém uma certa postura corpórea, pois ele está

sentado ou em pé ou deitado, pois estes são “acidentes” inerentes às pessoas, sem os quais, quase nunca se encontram.

Contudo, nossa concepção do ser humano não estabelece nenhuma destas coisas como uma definição dele, mas o compreendemos e o consideramos por meio delas, de modo que não levamos em conta a razão de sua condição particular, seja em estado de vigília ou dormindo ou falando ou permanecendo em silêncio ou em qualquer outra ação que, necessariamente, ocorre às pessoas.

Se alguém então puder considerar Paulo como estando desprovido de todas estas coisas que são capazes de acontecer, da mesma forma também poderá compreender essa substância subjacente desprovida de qualidades.

Quando então, nossa mente afasta todas as qualidades de sua concepção e contempla, por assim dizer, apenas o elemento subjacente, mantendo sua atenção nele, sem qualquer referência à maciez ou dureza, ao calor ou frio, à umidade ou aridez da substância, então, por meio deste processo de pensamento um tanto simulado, ela parecerá contemplar a matéria livre de qualidades de qualquer tipo.

Argumentação bíblica

35.

Mas, talvez alguém pergunte se podemos obter das Escrituras algum fundamento para tal entendimento do assunto. Ora, creio que tal visão é indicada nos Salmos, quando o Profeta diz: “Meus olhos viram a tua imperfeição”[645]. Com isto, a mente do Profeta, examinando com olhar mais atento os primeiros princípios das coisas e separando em pensamento e imaginação apenas entre a matéria e suas qualidades, percebeu a imperfeição de Deus, que, certamente, é entendida como corrigida pela adição de qualidades.

Enoque também, em seu livro, fala o seguinte: “Caminhei até a imperfeição”[646]. Esta é uma expressão que considero poder ser entendida de maneira semelhante, ou seja, que a mente do Profeta prosseguiu em seu escrutínio e investigação de todas as coisas visíveis, até chegar àquele primeiro princípio em que contemplou a matéria imperfeita existente sem “qualidades”, pois, está escrito no mesmo Li-

[645] Cf. Salmo 138: 016. *Teus olhos me viram quando eu ainda era informe*.
[646] 1 Enoque 21: 1.

vro de Enoque: “Contemplei toda a matéria”[647], o que é entendido como se ele tivesse dito: “Vi claramente todas as divisões da matéria que se decompõem em cada espécie individual, seja de pessoas, de animais, do céu, do sol ou de todas as outras coisas deste mundo”.

Após estes pontos, provamos, da melhor maneira possível, nas páginas anteriores, que todas as coisas que existem foram feitas por Deus e que nada existe que não tenha sido criado, exceto a natureza do Pai, do Filho e do Espírito Santo e que Deus, que é bom por natureza, desejando ter aqueles a quem pudesse conceder benefícios e que pudessem se alegrar em recebê-los, criou criaturas dignas disto, isto é, capazes de recebê-Lo de maneira digna, que, segundo Ele, também foram geradas por Ele como Seus filhos.

Ele fez todas as coisas, além disto, *com medida, número e peso*[648], pois não há nada diante de Deus sem limite ou medida, pois, por Seu poder, Ele compreende todas as coisas e Ele mesmo não é compreendido pela força de nenhuma coisa criada, porque essa natureza é conhecida apenas por ela mesma, pois somente Deus Pai conhece o Filho

[647] 2 Enoque 40: 1.
[648] Sabedoria 11: 20.

e somente o Filho conhece o Pai e somente *o Espírito Santo penetra tudo, mesmo as profundezas de Deus*[649].

Todas as coisas criadas, portanto, isto é, tanto o *número* de seres racionais quanto a *medida* da matéria corpórea, são distinguidas por Ele como estando dentro de um certo *número* ou *medida*, visto que, como era necessário que uma natureza intelectual empregasse corpos e essa natureza se mostra mutável e conversível pela própria condição de sua criação (pois aquilo que não existia, mas começou a existir, é dito, por esta mesma circunstância, ser de natureza mutável), ela não pode ter nem bondade nem maldade como um atributo essencial, mas apenas como um atributo acidental de seu ser.

Visto então, como dissemos, que a natureza racional era mutável e conversível, de modo que fazia uso de uma cobertura corpórea diferente, de cada tipo de qualidade, de acordo com seus méritos, era necessário, como Deus previu que haveria diversidades nas almas ou nos poderes espirituais, que Ele criasse também uma natureza corpórea cujas qualidades pudessem ser alteradas no momento da criação, segundo a vontade do Criador em tudo o que era necessário.

[649] 1 Coríntios 2: 10.

E essa natureza corpórea deve durar enquanto existirem as coisas que a requerem como cobertura, pois sempre haverá naturezas racionais que precisam de uma cobertura corpórea e, portanto, sempre haverá uma natureza corpórea cujas coberturas devem necessariamente ser usadas por criaturas racionais, a menos que alguém seja capaz de demonstrar, por meio de argumentos, que uma natureza racional pode viver sem um corpo.

Mas, o quão difícil — aliás, o quão é quase impossível — isto é para a nossa compreensão, já mostramos nas páginas anteriores em nossa discussão dos tópicos individuais.

A imortalidade das criaturas racionais

36.

Não me parece contrário à natureza da nossa empreitada se reiterarmos, com a maior brevidade possível, as nossas opiniões sobre a imortalidade das naturezas racionais.

Todo aquele que participa de algo é, sem dúvida, da mesma essência e natureza daquele outro que participa da mesma coisa. Por exemplo, assim como todos os olhos participam da luz, todos os olhos que participam da luz são,

portanto, da mesma natureza. Mas, embora todo olho participe da luz e, na medida em que um vê mais claramente e outro mais obscuramente, nem todos os olhos participam igualmente da luz.

E, novamente, toda audição recebe voz ou som e, portanto, toda audição é da mesma natureza. Mas, cada um ouve mais rapidamente ou mais lentamente, conforme a qualidade da sua audição seja clara e nítida.

Passemos agora, destas ilustrações sensoriais, à consideração das coisas intelectuais.

Toda mente que participa da luz intelectual deve, sem dúvida, ser da mesma natureza que toda mente que participa, de maneira semelhante, da luz intelectual.

Se as virtudes celestiais, portanto, participam da luz intelectual, isto é, da natureza divina, porque participam da sabedoria e da santidade e se as almas humanas participam da mesma luz e sabedoria e assim, são mutuamente da mesma natureza e da mesma essência celestiais, então, visto que as virtudes são incorruptíveis e imortais, a essência da alma humana também será imortal e incorruptível.

E não apenas isto, mas, porque a natureza do Pai, do Filho e do Espírito Santo, cuja luz intelectual é a única que todas as coisas criadas compartilham, é incorruptível e e-

terna, é totalmente coerente e necessário que toda substância que participa dessa natureza eterna dure para sempre e seja incorruptível e eterna, de modo que a eternidade da bondade divina possa ser entendida também neste aspecto: aqueles que obtêm seus benefícios também são eternos.

Mas, assim como, nos casos referidos, se observou uma diversidade na participação da luz, quando o olhar do observador era descrito como mais opaco ou mais agudo, também se deve notar uma diversidade na participação do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que varia de acordo com o grau de zelo ou capacidade mental.

Se não fosse assim, teríamos que considerar se não pareceria um ato de impiedade dizer que a mente capaz de receber a Deus deveria admitir a destruição de sua essência, como se o próprio fato de ser capaz de sentir e compreender Deus não bastasse para sua existência perpétua, especialmente porque, mesmo que, por negligência, a mente se afaste de uma recepção pura e completa de Deus, ela ainda contém, nela mesma, certas sementes de restauração e renovação para uma melhor compreensão, visto que o “interi-

or", também chamado de "ser humano racional", é renovado à *imagem e semelhança*[650] de Deus, que o criou.

Portanto, o Profeta diz: *Todos os confins da terra se lembrarão e se converterão ao Senhor e todas as famílias das nações se prostrarão diante de ti*[651].

A imagem de Deus no ser humano

37.

Se alguém, de fato, se atrever a atribuir corrupção essencial Àquele que foi feito à *imagem e semelhança* de Deus, então, em minha opinião, essa acusação ímpia se estende até mesmo ao próprio Filho de Deus, pois Ele é chamado nas Escrituras de *imagem do Deus invisível*[652].

Ou aquele que sustenta esta opinião certamente impugnaria a autoridade das Escrituras, que dizem que o ser humano foi feito *à imagem* de Deus e nele se encontram, manifestamente, traços da *imagem* divina. Não por qualquer aparência do corpo, que é corruptível, mas pela sabedoria mental, pela justiça, moderação, virtude, sabedoria, disciplina, enfim, por todo o conjunto de virtudes que são

650 Gênesis 1: 26.
651 Salmo 021: 028.

inatas na essência de Deus e que podem entrar no ser humano pela diligência e imitação de Deus, como o Senhor também indica no Evangelho, quando diz: *Sede misericordiosos, como também o vosso Pai é misericordioso*[653] e *Sede perfeitos, como também o vosso Pai celeste é perfeito*[654].

Disto se demonstra claramente que todas essas virtudes estão perpetuamente em Deus e que jamais podem se aproximar ou se afastar d'Ele enquanto que, pelos seres humanos, são adquiridas apenas lentamente e uma a uma. E, portanto, também por estes meios, parecem ter uma espécie de relação com Deus e, visto que Deus conhece todas as coisas e nenhuma das coisas intelectuais em si mesmas pode escapar à Sua atenção — pois somente Deus Pai e Seu Filho Unigênito e o Espírito Santo, não só possuem o conhecimento das coisas que criaram, mas também deles mesmos —, o intelecto racional, avançando das coisas pequenas para as grandes e das coisas visíveis para as invisíveis, também pode alcançar um conhecimento mais perfeito, pois ele está situado no corpo e avança das próprias coisas sensíveis, que são corpóreas, para as coisas intelectuais.

652 Colossenses 1: 15.
653 Lucas 6: 36.
654 Mateus 5: 48.

Mas, para que nossa afirmação de que as coisas intelectuais não são cognoscíveis pelos sentidos não pareça inadequada, utilizaremos o exemplo de Salomão, que diz: *Então encontrarás o conhecimento de Deus*[655].

Com isto, ele mostra que as coisas intelectuais devem ser buscadas não por meio de um sentido corpóreo, mas por um outro sentido que ele chama *de Deus*. E, com este sentido, devemos considerar cada um dos seres racionais que enumeramos acima. Com este sentido, devem ser entendidas as palavras que proferimos e as declarações que registramos por escrito, que devem ser ponderadas, pois a natureza divina conhece até mesmo aqueles pensamentos que giram em silêncio dentro de nós.

E sobre aqueles assuntos dos quais falamos ou sobre outros que deles decorrem, segundo a regra acima estabelecida, devemos formar nossas opiniões.

[655] Provérbios 2: 5. *Se invocares a Sabedoria, se clamares por entendimento, se suplicares fervorosamente por discernimento, se a procurares como se procura prata e se a cavares como se procura um tesouro, então entenderás o temor ao Senhor e encontrarás o conhecimento de Deus*.

Índice

Créditos 2

Os Princípios 3

Prefácio 3

Abordagens dos temas a serem tratados 3

01 3

A regra de fé e a doutrina da Igreja 5

02. 5

O que é necessário crer e o que é necessário acreditar 6

03. 6

Os pontos essenciais da fé sobre Deus Pai, Cristo e o Espírito Santo 7

04. 7

A alma e sua liberdade 9

05 9

O Diabo e seus anjos 11

06. 11

A criação do nada no tempo 11

07 11

As Escrituras inspiradas divinamente 12

08. 12

O tema da incorporeidade de Deus 14

09. 14

Os anjos, ministros de Deus para a salvação humana 14

10. 14

Livro 1 16

Capítulo 1. Sobre Deus. 16

Deus não tem corpo em nenhum sentido 16
01. 16
Deus é fogo consumidor no sentido moral e espiritual 17
02. 17
O Espírito Santo não é um corpo 20
03. 20
Deus é espírito 21
04. 21
Deus é incompreensível e incomensurável 23
05 23
Deus é homogêneo e indivisível 24
06. 24
A mente como imagem intelectual de Deus 28
07. 28
A diferença entre ver e conhecer Deus 31
08. 31
Deus é visto e conhecido pela mente 33
09. 33
Capítulo 2. Sobre Cristo. 35
O exame da natureza de Cristo, Filho Unigênito de Deus 35
01. 35
Cristo não foi gerado no tempo, mas na eternidade 36
02. 36
Cristo, Verbo revelador de Deus 39
03. 39
Cristo é a razão de tudo o que existe 40
04. 40
A distinta geração das criaturas e do Filho 41

A confirmação das Escrituras..... 43
05.....43
Cristo, imagem do Deus invisível..... 44
06. 44
Deus luz e doador de luz..... 47
07.....47
Imagem da mesma pessoa ou substância de Deus 48
08. 48
O poder do poder 51
09. 51
O Pai e o Filho são um mesmo Deus..... 54
10.....54
A glória e o senhorio de Cristo 57
Luz da luz 59
11.....59
Cristo, espelho do Pai 60
12. 60
Bondade da bondade 62
13. 62
Capítulo 3. Sobre o Espírito Santo. 64
01. 64
A autoridade única e superior das Escrituras 64
O Espírito só é conhecido pelas Escrituras 66
02. 66
O Espírito Santo é incriado 67
03. 67
O Espírito sonda as profundezas de Deus 69
04. 69

As operações do Espírito 73
05.....73
Os participantes da natureza divina 74
06. 74
A participação no Espírito 77
07.....77
A graça especial e a graça geral da Trindade 80
Recapitulação e exortação 82
08. 82
Capítulo 4. Sobre a deserção ou o afastamento. 85
01. 85
02. 87
Capítulo 5. Sobre as naturezas racionais. 87
01. 87
Potestades e Dominações 88
O Diabo e seus anjos e a luta espiritual 89
02. 89
Criação, determinismo e liberdade..... 92
03. 92
O testemunho da autoridade das Escrituras 96
04. 96
As profecias de Ezequiel e a natureza dos poderes celestiais 97
05.....97
A profecia de Isaías sobre Lúcifer 101
06 101
Capítulo 6. Sobre o fim ou a consumação. 105
Preconceito, dogma e discussão.....105
01. 105

A submissão final a Cristo 106
Conhecer o princípio pelo final 108
02. 108
A unidade final 110
Especulação sobre a condenação e a salvação final 112
03. 112
A renovação e a conservação da matéria 114
04. 114
Capítulo 7. Sobre os seres incorpóreos e os corpóreos. 116
01. 116
A natureza astral é mutável 119
02. 119
As estrelas, criaturas vivas 121
03 121
Quando é criada a alma? 123
04. 123
A sujeição das criaturas 125
05. 125
Capítulo 8. Sobre os Anjos. 129
A função de cada Anjo 129
01. 129
Fábulas sobre distintos criadores e personalidades 131
02. 131
Toda natureza é capaz do bem e do mal 133
03. 133
A imparcialidade e a justiça de Deus 136
04. 136
Livro 2 141

Capítulo 1. Sobre o Mundo.....141
01. 141
A ordenação do mundo para a liberdade.....143
02. 143
Um corpo e muitos membros.....144
03. 144
A matéria não é incriada, mas criada 146
04. 146
A criação do nada.....150
05.....150
Capítulo 2. Sobre a perpetuidade da natureza corpórea. 151
Questões sobre a corporeidade 151
01. 151
Só a divindade é incorpórea 153
02. 153
Capítulo 3. A criação e sua renovação. 154
Sobre o início do mundo e suas causas.....154
01. 154
O corpo corruptível e a incorruptibilidade 156
02. 156
A matéria corpórea restabelecida e renovada 160
03. 160
Não há tempo cíclico e nem eterno retorno 162
04. 162
Cristo, consumador dos séculos passados e futuros 164
05.....164
Os distintos significados da palavra mundo.....166
06. 166

Ciclos novos e terra nova 173
07. 173
Capítulo 4. O Deus da Lei e dos Profetas e o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo é o mesmo Deus. 175
A identidade de Deus em ambos os Testamentos 175
01. 175
A identidade de Deus em ambas as dispensações 179
02. 179
Deus, invisível e imaterial 183
03. 183
Antropomorfismos e impassibilidade divina 187
04. 187
Capítulo 5. Sobre Justiça e Bondade. 188
A divisão herética entre o Deus bom e o Deus justo 188
01. 188
A letra e o significado interno 190
02. 190
A bondade e a justiça em Deus 192
Esperança no castigo 195
03. 195
A identidade da justiça e a bondade 198
Não há separação entre a bondade e a justiça em Deus 200
04. 200
Capítulo 6. Sobre a Encarnação de Cristo. 204
Perguntas sobre o como e o porque do Mediador 204
01. 204
O assombro da encarnação de Deus na fragilidade humana 207
02. 207

O mistério de duas naturezas em um mesmo ser 208
A alma de Cristo 210
03. 210
Uma alma pura e sem pecado 213
04. 213
Cristo não poderia pecar 215
05.....215
A união da alma humana de Cristo com a divindade 216
06. 216
Profecias sobre Cristo e sua "sombra" 218
07.....218
Capítulo 7. Sobre o Espírito Santo. 221
A unidade de Espírito em ambos os Testamentos 221
01. 221
O poder do Espírito alcança a todos no Evangelho 223
02. 223
Os erros sobre a natureza do Espírito Santo 225
03. 225
O Espírito de consolação 227
04. 227
Capítulo 8. Sobre a alma. 230
A alma sensível e móvel.....230
01. 230
A alma e o sangue de todos os seres vivos 231
A alma humana, a angélica e a divina..... 232
A alma é uma substância racional..... 234
02. 234
A alma deixará de existir? 236

03. 236
As condições quente e fria da alma 238
A conversão do intelecto em alma 242
04. 242
Cristo é a alma de Deus? 244
05..... 244
Capítulo 9. Sobre o mundo e os movimentos das criaturas racionais, sejam boas ou más e sobre as causas dos mesmos movimentos. 246
O número das criaturas criadas 246
01. 246
A liberdade das criaturas, primeira condição 248
02. 248
A diversidade das criaturas 250
03. 250
A sabedoria, a justiça e a diversidade de sortes na humanidade 252
04. 252
O problema teológico das diferenças humanas..... 254
05..... 254
O livre arbítrio e a causa da diversidade 257
06. 257
Não há injustiça no Criador, mas nas criaturas 259
07..... 259
O juízo e as obras 263
08. 263
Capítulo 10. Sobre a ressurreição, o juízo final, o fogo do inferno e as punições..... 265
O corpo da ressurreição..... 265

01. 265
Diferenças entre os corpos 268
02. 268
A transformação do corpo corruptível em incorruptível 270
03. 270
A natureza do fogo eterno e a recordação do próprio pecado 273
04. 273
O sofrimento da alma dilacerada 275
05. 275
A medicina e a purificação divina 277
06. 277
A parte que será deixada 279
07. 279
As *trevas exteriores* e o corpo de perdição 281
08. 281
Capítulo 11. Sobre contrapromessas. 283
As ocupações humanas 283
01. 283
Interpretação literal das promessas divinas 284
02. 284
Interpretação cristã das promessas eternas 287
03. 287
O desejo de saber implantado por Deus 289
04. 289
O presente esboço da imagem perfeita 291
O que falta por saber 292
05. 292
As moradas celestes 295

06. 295
O crescimento constante na visão de Deus 298
07. 298
Livro 3 301
Capítulo 1. Sobre o livre-arbítrio, com uma explicação e interpretação das passagens bíblicas que parecem anulá-lo. 301
O problema da liberdade da vontade 301
01. 301
A fantasia ou o instinto dos animais 302
02. 302
Os estímulos da natureza 303
03. 303
O poder de domínio da razão 304
04. 304
Causas externas e liberdade de decisão 305
05. 305
Prova bíblica da vontade livre 307
06. 307
Textos bíblicos contrários à vontade livre 311
07. 311
A resolução do problema 314
08. 314
Deus não pode ser acusado de injustiça 316
09. 316
A chuva de Deus 317
10. 317
As advertências de Deus ao faraó 319
11. 319

O valor educativo do castigo 321
12. 321
O tratamento curativo da alma 324
13. 324
O Grande Lavrador da humanidade 325
14. 325
É o ser humano que pede que Deus lhe retire o *coração de pedra* 328
15. 328
O propósito das parábolas para os *de fora* 331
16. 331
Os tempos de Deus para a salvação 333
17. 333
Não depende daquele que quer, nem daquele que corre 337
18. 337
Se o Senhor não edificar a casa em vão trabalham os que a edificam 339
É Deus quem realiza em vós o querer e o fazer 342
19. 342
Um vaso de uso nobre e outro de uso vulgar 344
20. 344
Causas antecedentes dos destinos das almas 348
21. 348
A conciliação entre a vontade divina e a vontade humana 351
22. 351
Capítulo 2. Sobre as potências oponentes. 352
O Diabo no Antigo Testamento 352
01. 352
O Diabo no Novo Testamento 357

A parte da natureza e a parte do Diabo 358
02. 358
As sementes do pecado e as oportunidades para os demônios 360
As tentações e a Providência divina 362
03. 362
A tentação e a vitória 364
O conflito das sugestões diabólicas..... 367
04. 367
O poder de Cristo para vencer..... 372
05.....372
A permissão divina para as provações..... 376
06. 376
Nada é operado diretamente por Deus e nada o é sem ele..... 379
07.....379
Capítulo 3. Sobre a sabedoria tríplice. 380
A sabedoria superior de Deus 380
01. 380
A sabedoria do mundo.....383
02. 383
Os príncipes e as potestades espirituais deste mundo.....386
03. 386
Energias, sugestões e vontade livre 389
04. 389
Causas antecedentes ao nascimento da alma no corpo 391
05.....391
Capítulo 4. Sobre as tentações humanas. 395
Teorias sobre a natureza da alma 395
01. 395

A teoria das duas almas: uma celeste e outra terrena..... 397
02. 397
O perigo da tibieza 403
03. 403
As concupiscências da carne e seu significado.....405
04. 405
Deus criou o que é hostil a ele mesmo? 409
05..... 409
Capítulo 5. O mundo e seu início no tempo. 411
Criação e consumação do mundo 411
01. 411
Deus abrange todas as coisas com base no seu princípio.....414
02. 414
A criação de múltiplos mundos.....415
03. 415
A criação deste mundo como descida 417
04. 417
Presciência divina e destino humano 420
05..... 420
Cristo, restaurador da lei do governo do mundo 421
06. 421
A sujeição do Filho ao Pai..... 423
07..... 423
Os que se deixam ensinar e salvar 425
08. 425
Capítulo 6. Sobre o fim do mundo. 427
Da imagem à semelhança de Deus..... 427
01. 427

Nem todas as coisas estarão em Deus no final.....430
02. 430
Deus, *tudo em todos* 431
03. 431
O *corpo espiritual* e a unidade de todas as coisas 433
04. 433
A ressurreição da carne 436
05..... 436
A identidade do corpo para a eternidade 438
06. 438
Deus faz e refaz tudo de novo.....442
07..... 442
Os tempos da salvação.....443
08. 443
A consumação final.....445
09. 445
Livro 4..... 446
I - As Sagradas Escrituras.....446
A superioridade de Moisés e de Cristo 446
01. 446
A extensão e a aceitação universal da mensagem cristã.....448
02. 448
As profecias sobre o Rei futuro 449
03. 449
A eleição dos gentios.....451
04. 451
A obra divina da extensão universal do Evangelho 453
05.....453

A vinda de Cristo certifica a inspiração divina das Escrituras 455
06. 455
A Providência divina..... 457
07.....457
A leitura incorreta da Bíblia 460
08. 460
As dificuldades de alguns textos bíblicos 461
O sentido literal e o sentido espiritual..... 463
09. 463
O sentido profundo das Escrituras 465
10. 465
O corpo, a alma e o espírito das Escrituras 467
11.....467
O sentido corpóreo 469
12. 469
O sentido espiritual.....471
13. 471
O Espírito Santo e a interpretação bíblica..... 474
14. 474
O mistério oculto nas narrativas históricas e legislativas.....477
15. 477
A inspiração do Novo Testamento 479
16. 479
As dificuldades do sentido literal..... 479
As incongruências e impossibilidades da Lei 481
17. 481
O absurdo do sentido literal 483
18. 483

A realidade da história sagrada 485
19. 485
Princípios de interpretação 488
20. 488
O Israel espiritual e o carnal 490
21. 490
22. 492
O tesouro oculto e escondido das Escrituras 495
23. 495
O sentido místico do povo de Israel no deserto 498
24. 498
As duas vindas de Cristo no Livro do Deuteronômio 502
25. 502
As insondáveis riquezas de Deus 503
26. 503
O caráter progressivo do conhecimento e do mistério 505
A questão das substâncias e a Trindade 508
27. 508
II - Resumo da doutrina concernente ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo e aos demais tópicos abordados nas páginas anteriores. 511
A eternidade do Filho 511
28. 511
Cristo formado nos crentes 514
29. 514
A obra e a encarnação do Filho 516
30. 516
Não há partes em Cristo 518
31. 518

Cristo assumiu um corpo humano e uma alma humana 519
Participantes na Trindade 522
32.....522
A natureza da matéria..... 524
33..... 524
A matéria e suas qualidades 526
34..... 526
Argumentação bíblica 529
35..... 529
A imortalidade das criaturas racionais 532
36.....532
A imagem de Deus no ser humano 535
37.....535
Índice 538